



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**UMA AVALIAÇÃO DA HIPÓTESE DE RELAÇÕES GENÉTICAS ENTRE O
GUATÓ E O TRONCO MACRO-JÊ**

ANDÉRBIO MÁRCIO SILVA MARTINS

**BRASÍLIA
2011**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

UMA AVALIAÇÃO DA HIPÓTESE DE RELAÇÕES GENÉTICAS ENTRE O
GUATÓ E O TRONCO MACRO-JÊ

ANDÉRBIO MÁRCIO SILVA MARTINS

ORIENTADOR:
PROF. DR. ARYON DALL'IGNA RODRIGUES

CO-ORIENTADORA:
PROFA. DRA. ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL

BRASÍLIA
2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

UMA AVALIAÇÃO DA HIPÓTESE DE RELAÇÕES GENÉTICAS ENTRE O
GUATÓ E O TRONCO MACRO-JÊ

ANDÉRBIO MÁRCIO SILVA MARTINS

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Doutor em Linguística.

BRASÍLIA
2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TESE DE DOUTORADO

UMA AVALIAÇÃO DA HIPÓTESE DE RELAÇÕES GENÉTICAS ENTRE O
GUATÓ E O TRONCO MACRO-JÊ

ANDÉRBIO MÁRCIO SILVA MARTINS

ORIENTADOR:
PROF. DR. ARYON DALL'IGNA RODRIGUES

CO-ORIENTADORA:
PROFA. DRA. ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues - UnB
Presidente

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis – Unicamp (membro externo)
Profa. Dra. Márcia Damaso Vieira – UFRJ (membro externo)
Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral – UnB (membro interno)
Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva – UnB (membro interno)
Profa. Dra. Dulce do Carmo Franceschini – UFU (suplente)

BRASÍLIA
2011

Dedico este trabalho a um dos grandes responsáveis pela construção do conhecimento das línguas indígenas brasileiras, o prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Quando no estudo de duas ou mais línguas se depara uma série de correspondências fonéticas, morfológicas e sintáticas, essas línguas são aparentadas, ou em linha reta, ou em linha colateral. Em ambos os casos o parentesco é de 1º, 2º ou mais graus, conforme a qualidade e a quantidade dos elementos que se comparam (GUÉRIOS, 1939).

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu orientador, o prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues, por quem tenho muito respeito, consideração e admiração. Muito obrigado por ter me aceitado como seu aluno e por ter acreditado em mim. Gostaria de deixar registrado aqui que o senhor é o exemplo de pesquisador que prezo; alguém em quem me inspiro todos os dias a fim de me tornar um estudioso cada vez mais preparado para lidar com os desafios de analisar e comparar línguas cujos registros não são tão convidativos para esse tipo de pesquisa.

Agradeço também à professora Ana Suelly Arruda Camara Cabral, por ter me ensinado a ser um estudante mais responsável, mais independente e pelos seus ensinamentos, que foram fundamentais para a consolidação deste trabalho.

Ao prof. Lyle Campbell, por todas as observações e sugestões que fizera após ter lido os resultados deste trabalho.

Aos professores Wilmar da Rocha D’Angelis, Márcia Damaso Vieira e Dulce Franceshini, por terem contribuído com sugestões pertinentes e críticas construtivas na seção de defesa desta tese.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística na pessoa da professora Heloísa Salles.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos que me concedeu para todo o período de realização da minha pesquisa (2008 a 2011).

Aos meus amigos do LALI. São tantos que tenho medo de me esquecer de alguém, por isso, faço um agradecimento geral, mas gostaria de destacar algumas pessoas por quem tenho enorme simpatia, consideração e admiração: ao Sanderson, que é um exemplo de pesquisador da nova geração de linguistas brasileiros; e a Suse, bons amigos, muito prestativos e estiveram sempre dispostos a me ajudar no que fosse possível.

Gostaria de deixar registrado aqui meus sinceros agradecimentos novamente ao prof. Aryon e à profa. Ana por me permitirem fazer parte da família LALI. Sinto-me honrado por ser um pesquisador vinculado a esse laboratório.

Aos meus pais, pelas palavras de ânimo e pela preocupação que tiveram por mim durante todas as etapas da minha vida. Agradeço muito a minha mãe, que sempre se lembra de mim em suas orações.

Aos meus irmãos Marcos e Tito, pelo apoio, por compreenderem as horas de ausência e a falta de tempo para colocarmos os papos em dia.

Preciso agradecer também a uma pessoa que nos últimos anos se tornou meu grande amigo. Muito obrigado, Branco, pela sua lealdade, por estar sempre disposto a me ajudar. Valeu, amigão!

Agradeço também à minha esposa, Ozeni, por compreender e aceitar os meus vários momentos de ausência e ter sofrido essa ausência em silêncio. Na verdade, não sei como lhe agradecer por estar comigo e por ter dedicado todo o seu tempo, nesses últimos anos, a tornar os meus dias mais agradáveis. Agradeço muito pelo seu amor, carinho e dedicação; prometo retribuir tudo isso a partir de agora, dedicando mais tempo da minha vida para te fazer feliz. Amo muito você.

Deixei para o fim os meus sinceros agradecimentos a Deus, não por achar que Ele seja menos importante do que as pessoas a quem já me referi, muito pelo contrário, mas essa é a forma que eu encontrei de demonstrar que Ele é a base, o alicerce de tudo. Ele é a minha fonte de vida, de conhecimento, de força e de amor. Muito obrigado, Deus, por colocar no meu caminho cada uma das pessoas aqui citadas. Tenho certeza de que o Senhor não fez isso por acaso, pois deve ter escolhido a dedo as pessoas que, com certeza, me ajudariam nessa caminhada. Obrigado, meu Deus, pela oportunidade que me concedeu de realizar este trabalho. Sinto-me na obrigação de declarar aqui o quanto o Senhor é importante na minha vida e que sem a sua permissão, nada disso teria ocorrido. Nunca me cansarei de lhe agradecer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	26
0.1 Introdução	26
0.2 Fundamentos metodológicos para a análise histórico-comparativa proposta neste trabalho	29
0.2.1 <i>Porque não adotamos a Glotocronologia neste trabalho.</i>	29
0.2.2 <i>Porque não adotamos a Comparação Multilateral neste trabalho</i>	35
0.2.3 <i>Metodologia adotada neste trabalho</i>	36
0.2.4 <i>Sobre a seleção dos dados utilizados neste trabalho</i>	38
0.3 Sobre as fontes etnográficas e linguísticas do Guató	39
0.4 Sobre a localização e demografia do povo Guató	40
0.5 Sobre a organização geral deste trabalho	41
CAPÍTULO 1 – O TRONCO MACRO-JÊ: UMA HIPÓTESE DE TRABALHO EM ANDAMENTO	44
1.1 Introdução	44
1.2 Estudos anteriores à classificação de um tronco Macro-Jê como conhecemos hoje	44
1.3 A constituição do tronco linguístico Macro-Jê	48
1.4 Estudos recentes sobre o tronco Macro-Jê	50
1.5 As doze famílias do tronco Macro-Jê na visão de Rodrigues (1999)	52
1.5.1 <i>Ramo I – família Jê</i>	52
1.5.2 <i>Ramo II – família Kamakã</i>	53
1.5.3 <i>Ramo III – família Maxakalí</i>	54
1.5.4 <i>Ramo IV – família Krenák</i>	54
1.5.5 <i>Ramo V – família Purí</i>	54
1.5.6 <i>Ramo VI – família Karirí</i>	55
1.5.7 <i>Ramo VII – família Yatê</i>	55
1.5.8 <i>Ramo VIII – família Karajá</i>	55
1.5.9 <i>Ramo IX – família Ofayé</i>	55
1.5.10 <i>Ramo X – família Boróro</i>	56
1.5.11 <i>Ramo XI – família Guató</i>	56
1.5.12 <i>Ramo XII – família Rikbáktsa</i>	56
1.6 Novos estudos histórico-comparativos envolvendo línguas do tronco Macro-Jê	56
1.7 Algumas reflexões sobre as hipóteses de constituição do tronco Macro-Jê	61

**CAPÍTULO 2 – O MÉTODO HISTÓRICO-COMPARATIVO:
UM RECURSO EFICAZ PARA A CLASSIFICAÇÃO GENÉTICA DE
LÍNGUAS**

2.1	Introdução	62
2.2	Breve relato sobre o desenvolvimento do Método Histórico-Comparativo	62
2.3	Contribuições para a consolidação do Método Histórico-Comparativo	64
2.4	Língua mãe	68
2.5	Diversificação linguística	69
2.6	Composição de famílias linguísticas	71
2.7	Funções do Método Histórico-Comparativo	73
2.8	Termos técnicos e conceitos usados em estudos histórico-comparativos	74
	<i>2.8.1 Língua e Dialeto</i>	<i>74</i>
	<i>2.8.2 Família linguística</i>	<i>74</i>
	<i>2.8.3 Línguas irmãs</i>	<i>75</i>
	<i>2.8.4 Subagrupamentos</i>	<i>75</i>
	<i>2.8.5 Língua isolada</i>	<i>75</i>
	<i>2.8.6 Proto-língua</i>	<i>76</i>
	<i>2.8.7 Formas Cognatas</i>	<i>76</i>
	<i>2.8.9 Conjunto de cognato</i>	<i>76</i>
	<i>2.8.10 Correspondências sonoras</i>	<i>76</i>
	<i>2.8.11 Reflexo</i>	<i>77</i>
2.9	Os procedimentos para a aplicação do Método Histórico-Comparativo	77
2.10	Sobre a reconstrução dos sons de uma proto-língua	79
2.11	Os critérios para classificação genética	81
2.12	Mudanças sonoras	85
	<i>2.12.1 Assimilação</i>	<i>86</i>
	<i>2.12.2 Dissimilação</i>	<i>87</i>
	<i>2.12.3 Reordenação de segmentos</i>	<i>87</i>
	<i>2.12.4 Apagamento e inserção de segmentos</i>	<i>87</i>
	<i>2.12.5 Fusão e cisão</i>	<i>88</i>
	<i>2.12.6 Duração das vogais</i>	<i>88</i>
	<i>2.12.7 Rotacismo</i>	<i>89</i>
	<i>2.12.8 Ditongação e Monotongação</i>	<i>89</i>
	<i>2.12.9 Ensurdecimento em posição final</i>	<i>89</i>
	<i>2.12.10 Vozeamento</i>	<i>89</i>
	<i>2.12.11 Palatalização</i>	<i>90</i>
	<i>2.12.12 Levantamento e abaixamento de vogal</i>	<i>90</i>
	<i>2.12.13 Enfraquecimento e Fortalecimento</i>	<i>90</i>
	<i>2.12.14 Geminação</i>	<i>91</i>
	<i>2.12.15 Africação</i>	<i>91</i>
	<i>2.12.16 Fricação</i>	<i>91</i>

2.12.17 <i>Mudanças em cadeia</i>	91
2.13 Sobre a investigação de relacionamento genético distante	92
2.13.1 <i>Vocabulário básico</i>	93
2.13.2 <i>Correspondências sonoras</i>	93
2.13.3 <i>Evidências gramaticais</i>	94
2.14 Algumas reflexões sobre o Método Histórico-Comparativo	94
CAPÍTULO 3 – FONOLOGIA DA LÍNGUA GUATÓ: BREVE DESCRIBÇÃO DOS TRABALHOS DE PALÁCIO (1984) E DE POSTIGO (2009)	96
3.1 Introdução	96
3.2 Informações sobre as primeiras fontes de dados da língua Guató	96
3.3 Sobre as análises fonológicas	97
3.3.1 <i>Sobre os fonemas consonantais</i>	97
3.3.2 <i>Sobre os fonemas vocálicos</i>	98
3.3.3 <i>Sobre os tons</i>	100
3.3.4 <i>Sobre as estruturas silábicas</i>	102
3.3.5 <i>Sobre os processos fonológicos</i>	102
3.3.5.1 <i>Sobre a assimilação</i>	103
3.3.5.2 <i>Sobre a epêntese</i>	104
3.3.5.3 <i>Sobre a elisão</i>	107
3.3.5.4 <i>Sobre a assilabação</i>	109
3.5 Algumas reflexões sobre o trabalho de Palácio (1984) e Postigo (2009)	109
CAPÍTULOS 4 - COMPARAÇÃO LEXICAL E FONOLÓGICA ENVOLVENDO DADOS DA LÍNGUA GUATÓ E DADOS DE LÍNGUAS DO TRONCO MACRO-JÊ: TESTANDO A HIPÓTESE DE RODRIGUES (1986)	112
4.1 Introdução	112
4.2 Sobre os critérios de seleção das línguas Macro-Jê para a análise comparativa com o Guató	114
4.2.1 <i>Critério 1: famílias de línguas com propostas existentes de reconstrução de proto-formas</i>	114
4.2.2 <i>Critério 2 – línguas que estão mais próximas geograficamente do Guató</i>	115
4.2.3 <i>Critério 3 – famílias linguísticas que compartilham com o Guató características que não são predominantes na maioria das línguas do tronco Macro-Jê</i>	115
4.2.4 <i>Critério 4 – acessibilidade facilitada aos dados adequados a um estudo histórico-comparativo</i>	116
4.2.5 <i>Objetivos da análise</i>	116
4.3 Conjuntos de prováveis cognatos do Guató com línguas do tronco Macro-Jê conforme Rodrigues (1986, 1999)	117
4.3.1 <i>Sistematização das correspondências sonoras encontradas em Guató</i>	121

<i>em comparação com outras línguas do tronco Macro-Jê segundo Rodrigues (1999)</i>	
4.4 Comparação lexical entre o Guató e o Proto-Kamakã	123
4.5 Comparação lexical entre o Guató e o Proto-Purí	125
4.6 Comparação lexical entre o Guató e o Proto-Jê	127
4.7 Comparação lexical entre o Guató e o Proto-Jê-Meridional	130
4.8 Algumas reflexões sobre os resultados das comparações dos dados do Guató com as formas reconstruídas para o Proto-Kamakã, Proto-Purí, Proto-Jê e Proto-Jê-Meridional	133
4.9 Comparação lexical entre o Guató e o Rikbáktsa	134
4.10 Comparação lexical entre o Guató e o Boróro	140
4.11 Comparação lexical do Guató com línguas da família Karirí	142
4.12 Possíveis cognatos entre o Guató e o Yatê	145
4.13 Comparação lexical entre o Guató e o Maxakalí	146
4.14 Algumas reflexões sobre a possibilidade de conexão genética entre o Guató e o tronco Macro-Jê	148
CAPÍTULO 5 - MARCAS DE CONTIGUIDADE E NÃO-CONTIGUIDADE DA LÍNGUA GUATÓ: UM ESTUDO HISTÓRICO-COMPARATIVO ATRAVÉS DO TRONCO LINGUÍSTICO MACRO-JÊ	152
5.1 Introdução	152
5.2 A marca de contiguidade (CNT) de um determinante segundo Rodrigues (1999)	154
5.3 Marcação de concordância no verbo: possíveis vestígios das flexões de contiguidade e não-contiguidade em línguas do tronco Macro-Jê	158
5.4 Algumas considerações sobre o trabalho de Rodrigues (1999)	161
5.5 A flexão Relacional no tronco linguístico Macro-Jê conforme Rodrigues (2001)	161
5.5.1 <i>A flexão relacional em Panará e em Timbira</i>	162
5.5.2 <i>A flexão relacional em Kaingáng (dialeto do Paraná)</i>	164
5.5.3 <i>A flexão relacional em Xavante</i>	164
5.5.4 <i>A flexão relacional em Ofayé</i>	172
5.5.5 <i>A flexão relacional em Karajá</i>	173
5.5.6 <i>A flexão relacional em Maxakalí</i>	177
5.5.7 <i>A flexão relacional em Karirí</i>	178
5.5.8 <i>Flexão relacional em Boróro</i>	183
5.6 Algumas considerações sobre o trabalho de Rodrigues (2001)	186
5.7 A epêntese de [j] e [dʒ] como um processo fonológico em Guató conforme Palácio (1984) e Postigo (2009)	186
5.8 De segmento epentético a marcador de não-contiguidade em Guató: o caso do [j]	189
5.8.1 <i>O i- como marcador de não-contiguidade em Guató</i>	189
5.8.2 <i>De segmento epentético a marcador de contiguidade em Guató: o caso do [dʒ]</i>	199

5.8.3 <i>Revedo o paradigma de marcação de pessoas proposto por Palácio (1984)</i>	207
5.9 Reapresentação das marcas de contiguidade e não-contiguidade em línguas do tronco Macro-Jê	212
5.9.1 <i>Flexões relacionais do Panará (RODRIGUES, 2001)</i>	212
5.9.2 <i>Flexões relacionais do Timbira (RODRIGUES, 2001)</i>	212
5.9.3 <i>Flexões relacionais do Pré-Kaingáng (RODRIGUES, 2001)</i>	213
5.9.4 <i>Flexões relacionais do Pré-Xavante (RODRIGUES, 2001)</i>	213
5.9.5 <i>Flexões relacionais do Ofayé (RODRIGUES, 2001)</i>	213
5.9.6 <i>Flexões relacionais do Karajá (RODRIGUES, 2001, p. 225)</i>	213
5.9.7 <i>Flexões relacionais do Maxakalí (RODRIGUES, 2001)</i>	214
5.9.8 <i>Flexões relacionais do Kipeá (RODRIGUES, 2001)</i>	214
5.9.10 <i>Possíveis flexões relacionais do Boróro (RODRIGUES, 2001)</i>	214
5.9.11 <i>Flexões relacionais do Guató</i>	215
5.9.12 <i>Análise comparativa dos marcadores de contiguidade da classe I: temas iniciados por consoante</i>	215
5.9.13 <i>Análise comparativa dos marcadores de contiguidade da classe II: temas iniciados por vogal</i>	216
5.9.14 <i>Análise comparativa dos marcadores de não-contiguidade da classe I: temas iniciados por consoante</i>	217
5.9.15 <i>Análise comparativa dos marcadores de não-contiguidade da classe II: temas iniciados por vogal</i>	219
5.10 Proposta preliminar de reconstrução dos marcadores de contiguidade e não-contiguidade do tronco Macro-Jê	220
5.11 O Guató no tronco Macro-Jê: algumas reflexões	220
CAPÍTULO 6 – VESTÍGIOS DA MARCA DE ERGATIVIDADE NA LÍNGUA GUATÓ: UM ESTUDO HISTÓRICO-COMPARATIVO ATRAVÉS DO TRONCO MACRO-JÊ	222
6.1 Introdução	222
6.2 A ergatividade em línguas do tronco Macro-Jê	223
6.3 A expressão pessoal nos verbos em Guató	227
6.3.1 <i>A expressão pessoal do sujeito em verbos transitivos em Guató</i>	228
6.3.2 <i>A expressão pessoal de sujeito em verbos intransitivos e descritivos em Guató</i>	229
6.3.3 <i>A expressão de marcas pessoais de objeto em verbos transitivos em Guató</i>	230
6.4 O uso da marca de terceira pessoa singular em sentenças intransitivas	232
6.5 Partículas interrogativas em Guató: resquícios de um sistema ergativo/absolutivo?	233
6.6 O <i>ε</i> em Guató: de partícula ergativa a marcador de terceira pessoa do singular?	236
6.7 O Guató e o tronco Macro-Jê: algumas reflexões	240

CAPÍTULO 7 - A MARCAÇÃO DE PLURAL NA LÍNGUA GUATÓ: UM ESTUDO HISTÓRICO-COMPARATIVO ATRAVÉS DO TRONCO MACRO-JÊ	242
7.1 Introdução	242
7.2 A questão do número em Macro-Jê	243
7.2.1 <i>O plural em Pykobyê e em Apinajé (ramo setentrional da família Jê)</i>	243
7.2.2 <i>O plural em Xavánte (ramo central da família Jê)</i>	243
7.2.3 <i>O plural em Kaingáng e em Xokléng (ramo meridional da família Jê)</i>	244
7.2.4 <i>O plural em Ofayé (família Ofayé)</i>	246
7.2.5 <i>O plural em Rikbáktsa (família Rikbáktsa)</i>	247
7.2.6 <i>O plural em Maxakalí (família Maxakalí)</i>	247
7.2.7 <i>O plural em Boróro (família Boróro)</i>	248
7.2.8 <i>O plural em Guató (família Guató)</i>	249
7.3 A marcação de plural em Guató: uma possível herança genética?	251
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 253
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 256
 ANEXOS	 263
ANEXO A – Vocabulário da língua Guató (PALÁCIO, 1984)	264
ANEXO B – Vocabulário da língua Guató (POSTIGO, 2009)	275
ANEXO C – Vocabulário comparativo da língua Guató usado neste estudo	283
ANEXO D – Vocabulário comparativo de Guérios (1939)	298
ANEXO E – Proposta de reconstrução de Davis (1966) para o Proto-Jê	303
ANEXO F – Vocabulário comparativo de Davis (1968)	311
ANEXO G – Vocabulário comparativo de Gudschinsky (1971)	315
ANEXO H – Vocabulário comparativo de Boswood (1973)	319
ANEXO I – Vocabulário comparativo de Rodrigues (1999)	322
ANEXO J – Vocabulário comparativo de Cabral & Rodrigues (2007)	332
ANEXO K – Proposta de reconstrução de Martins (2007) para o Proto-Kamakã	342
ANEXO L – Proposta de reconstrução de Silva Neto (2007) para o Proto-Purí	353
ANEXO M – Vocabulário comparativo de Martins (2008)	356
ANEXO N – Vocabulário comparativo Cabral et al. (2010)	357
ANEXO O – Proposta de reconstrução de Jolkesky (2010) para o Proto-Jê-Meridional	362
ANEXO P – Vocabulário comparativo de Ribeiro & Van der Voort (2010)	413

LISTA DE ABREVIATURAS

1	primeira pessoa
1sg	primeira pessoa do singular
1pl (incl.)	primeira pessoa do plural inclusiva
1pl (excl.)	primeira pessoa do plural exclusiva
1du (incl)	primeira pessoa dual inclusiva
1non-sg	primeira pessoa não-singular
2	segunda pessoa
2sg	segunda pessoa do singular
2sg/pl	segunda pessoa singular/plural
2pl	segunda pessoa do plural
2O	segunda pessoa/Objeto
3	terceira pessoa
3sg	terceira pessoa do singular
3sgA	terceira pessoa do singular/Agente
3Suj	terceira pessoa/Sujeito
3sgO	terceira pessoa do singular/Objeto
=3sg.ERG	forma dependente da terceira pessoa do singular/Ergativo
=3sg.ABS	forma dependente da terceira pessoa do singular/Absolutivo
3 CORR	terceira correferencial
3pl	terceira pessoa do plural
3 REC	terceira pessoa recíproca
A	agente
ABS	absolutivo
ASPECT	aspecto
AUM	aumentativo
AUX	verbo auxiliar
C	consoante
CNT	contiguidade
COL	coletivo
CONJ	partícula conjuntiva
CV	consoante e vogal
DET	determinante
DIM	diminutivo
DN	verbo descritivo não-dimensional
ENF	enfático
EP	epêntese
ERG	ergativo
ERG.PAST	ergativa/passado
EST	estativo
EVID	evidencial
FUT	futuro
FEM	feminino
GEN	generalizador
HAB	habitual
HH	tons altos

HL	tons alto e baixo, respectivamente
IND	indicativo
IMPF	imperfectivo
INTR	Intransitivizador
LH	tons baixo e alto, respectivamente
LL	tons baixos
MASC	masculino
MED	mediador de posse
NCNT	não-contiguidade
NEG	negação
NP	sintagma nominal
NZR	nominalizador
O	objeto
P.ABS	padrão absoluto
P. ERG	padrão ergativo
PERF	perfectivo
PHI	possuidor humano indefinido
PL	partícula pluralizadora
PROG	progressivo
POT	potencial
R¹	prefixo relacional 1
R²	prefixo relacional 2
S	sujeito
V	vogal

LISTA DE TABELAS

INTRODUÇÃO

Tabela 0.1	Vocabulário básico segundo Swadesh (cf. CAMPBELL, 1998)	30
Tabela 0.2	Fontes das línguas consultadas para a comparação lexical	38
Tabela 0.3	Fontes das línguas utilizadas para a comparação das marcas de flexão relacional	38
Tabela 0.4	Fontes das línguas utilizadas para a comparação das marcas de ergatividade	39
Tabela 0.5	Fontes das línguas utilizadas para a comparação das formas de expressão de plural	39

CAPÍTULO 1

O tronco Macro-jê: uma hipótese de trabalho em andamento

Tabela 1.1	Proposta de classificação de Von den Steinen (1886) para o grupo Tapuia (cf. RODRIGUES, 2002)	45
Tabela 1.2	Proposta de classificação de Ehrenreich (1891) para os Jê primitivos (cf. RODRIGUES, 2002)	45
Tabela 1.3	Proposta de classificação de Ehrenreich (1891) para os Jê derivados (cf. RODRIGUES, 2002)	46
Tabela 1.4	Proposta de classificação de Paul Rivet (1924) para a família Jê (cf. RODRIGUES, 2002)	46
Tabela 1.5	Proposta de classificação de Schmidt (1926) para as línguas Jê (cf. RODRIGUES, 2002)	47
Tabela 1.6	Proposta de classificação de Mason (1950) para as línguas Jê da seção Noroeste (cf. RODRIGUES, 2002)	48
Tabela 1.7	Proposta de classificação de Mason (1950) para as línguas Jê da seção Central (cf. RODRIGUES, 2002)	48
Tabela 1.8	Proposta de classificação de Swadesh para línguas indígenas americanas (1959) (cf. RODRIGUES, 2002)	49

CAPÍTULO 2

O Método Histórico-Comparativo: um recurso eficaz para a classificação de línguas

Tabela 2.1	Classificação das línguas Indo-europeias (cf. PORTZIG, 1954 apud CAMARA, 1990)	63
Tabela 2.2	Família Tupí-Guaraní (cf. CABRAL e RODRIGUES, 2002)	73
Tabela 2.3	Comparação lexical: Tupí Antigo e Guarani Antigo (cf. RODRIGUES, 1986)	84
Tabela 2.4	Correspondências sonoras entre T e GA (cf. RODRIGUES, 1986)	84

CAPÍTULO 3
Fonologia da língua Guató: breve descrição dos trabalhos de
Palácio (1984) e de Postigo (2009)

Tabela 3.1	Fonemas consonantais do Guató (PALÁCIO, 1984)	110
Tabela 3.2	Fonemas vocálicos (PALÁCIO, 1984)	111

CAPÍTULO 4
Comparação lexical e fonológica envolvendo dados da língua
Guató e dados de línguas do tronco Macro-jê: testando a hipótese
de Rodrigues (1986)

Tabela 4.1	Algumas evidências que unem as línguas do tronco Macro-Jê (cf. RODRIGUES, 1986)	118
Tabela 4.2	Amostra de formas gramaticais cognatas (cf. RODRIGUES, 1986)	119
Tabela 4.3	Possíveis evidências de relação genética entre o Guató e línguas do tronco Macro-Jê (cf. RODRIGUES, 1999)	121
Tabela 4.4	Comparação lexical: Guató e Proto-Kamakã de Martins (2007)	124
Tabela 4.5	Correspondências sonoras: Guató e Proto-Kamakã de Martins (2007)	124
Tabela 4.6	Comparação lexical: Guató e Proto-Purí de Silva Neto (2007)	125
Tabela 4.7	Correspondências sonoras: Guató e Proto-Purí de Silva Neto (2007)	125
Tabela 4.8	Pares possivelmente cognatos: Guató e Proto-Purí de Silva Neto (2007)	126
Tabela 4.9	Comparação lexical: Guató e Proto-Jê de Davis (1966)	128
Tabela 4.10	Correspondências sonoras: Guató e Proto-Jê de Davis (1966)	128
Tabela 4.11	Correspondências lexicais e fonológicas: Guató e Proto-Jê de Davis (1966)	129
Tabela 4.12	Pares possivelmente cognatos: Guató e Proto-Jê de Davis (1966)	129
Tabela 4.13	Comparação lexical: Guató e Proto-Jê-Meridional de Jolkesky (2010)	131
Tabela 4.14	Correspondências sonoras: Guató e Proto-Jê-Meridional de Jolkesky (2010)	131
Tabela 4.15	Pares possivelmente cognatos: Guató e Proto-Jê-Meridional de Jolkesky (2010)	133
Tabela 4.16	Comparação lexical: Guató e Rikbáktsa	135
Tabela 4.17	Correspondências sonoras: Guató e Rikbáktsa	136
Tabela 4.18	Possíveis casos de harmonização vocálica em Rikbáktsa	138
Tabela 4.19	Pares possivelmente cognatos: Guató e Rikbáktsa	140
Tabela 4.20	Comparação lexical: Guató e Boróro	141
Tabela 4.21	Correspondências sonoras: Guató e Boróro	141
Tabela 4.22	Possíveis empréstimos: Guató e Boróro	141
Tabela 4.23	Possíveis cognatos: Guató e Boróro	142
Tabela 4.24	Comparação lexical: Guató e línguas da família Karirí	143
Tabela 4.25	Possíveis cognatos entre o Guató e línguas da família Karirí	144
Tabela 4.26	Comparação lexical: Guató e Yatê	145
Tabela 4.27	Correspondências sonoras: Guató e Yatê	145
Tabela 4.28	Pares possivelmente cognatos: Guató e Yatê	146
Tabela 4.29	Comparação lexical: Guató e Maxakalí	147
Tabela 4.30	Correspondências sonoras: Guató e Maxakalí	147

Tabela 4.31	Forma possivelmente cognata: Guató e Maxakalí	148
Tabela 4.32	Novos possíveis cognatos: Guató e o tronco Macro-Jê	149

CAPÍTULO 5

Marcas de contiguidade e não-contiguidade da língua Guató: um estudo histórico-comparativo através do tronco Macro-jê

Tabela 5.1	Afixos pessoais nos verbos em Guató	160
Tabela 5.2	Relacionais em Panará e em Timbira (RODRIGUES, 2001)	162
Tabela 5.3	Possíveis relacionais em Pré-Kaingáng (RODRIGUES, 2001)	164
Tabela 5.4	Prováveis processos de transição de um morfema a um fonema	171
Tabela 5.5	Possíveis relacionais do Pré-Xavante (RODRIGUES, 2001)	172
Tabela 5.6	Relacionais do Ofayé (RODRIGUES, 2001)	173
Tabela 5.7	Relacionais do Karajá (RODRIGUES, 2001, p. 225)	176
Tabela 5.8	Relacionais do Maxakalí (RODRIGUES, 2001)	178
Tabela 5.9	Exemplos das declinações do Kirirí propostas por Mamiani (RODRIGUES, 2001)	178
Tabela 5.10	Relacionais do Kipeá (RODRIGUES, 2001)	182
Tabela 5.11	Prefixos pessoais do Boróro (RODRIGUES, 2001)	183
Tabela 5.12	A 3sg do Boróro e o relacional de não-contiguidade do Timbira (RODRIGUES, 2001)	184
Tabela 5.13	Possíveis flexões relacionais do Boróro (RODRIGUES, 2001)	185
Tabela 5.14	Distribuição dos marcadores de não-contiguidade do Guató	199
Tabela 5.15	Distribuição da flexão relacional do Guató	206
Tabela 5.16	Distribuição dos marcadores pessoais dos nomes em Guató (PALÁCIO, 1984)	207
Tabela 5.17	Distribuição da terceira pessoa nos nomes e nos VT em Guató	207
Tabela 5.18	Nova proposta de distribuição dos marcadores pessoais dos nomes em Guató	208
Tabela 5.19	Línguas comparadas	215
Tabela 5.20	Distribuição dos morfemas de contiguidade de temas da classe 1 em línguas Macro-Jê	215
Tabela 5.21	Distribuição dos morfemas de contiguidade de temas da classe 2 em línguas Macro-Jê	216
Tabela 5.22	Distribuição dos morfemas de não-contiguidade de temas da classe 1 em línguas Macro-Jê	217
Tabela 5.23	Distribuição dos morfemas de não-contiguidade de temas da classe 2 em línguas Macro-Jê	219
Tabela 5.25	Proposta preliminar de reconstrução das flexões relacionais do tronco Macro-Jê	220

CAPÍTULO 6

Vestígios da marca de ergatividade na língua Guató: um estudo histórico-comparativo através do tronco Macro-Jê

Tabela 6.1	Flexão pessoal dos verbos em Guató (PALÁCIO, 1984)	231
Tabela 6.2	Expressão de ergatividade em línguas do tronco Macro-Jê	240

CAPÍTULO 7
A marcação de plural na língua Guató: um estudo histórico-comparativo através do tronco Macro-Jê

Tabela 7.1	O número em Pykobyê (AMADO, 2004)	243
Tabela 7.2	O número em Apinajé (KOOPMAN, et. al., 1979)	243
Tabela 7.3	O número em Xavánte (RODRIGUES, 1999)	244
Tabela 7.4	O número em Kaingáng (CAVALCANTE, 1987 apud RODRIGUES, 1999)	244
Tabela 7.5	O número em Xoklém I (GAKRAN, 2005)	245
Tabela 7.6	O número em Xoklém II (GAKRAN, 2005)	245
Tabela 7.7	A partícula <i>mẽ</i> em Xoklém (GAKRAN, 2005)	245
Tabela 7.8	O número em Ofayé I (GUDSCHINSKY, 1974)	246
Tabela 7.9	O número em Ofayé II (OLIVEIRA, 2006)	246
Tabela 7.10	O número em Rikbáktsa (BOSWOOD, 2007)	247
Tabela 7.11	O número em Maxakalí (ARAÚJO, 2000)	247
Tabela 7.12	O número em Boróro I (CROWELL, 1979)	248
Tabela 7.13	O número em Boróro II (CROWELL, 1979)	248
Tabela 7.14	O número em Boróro III (CROWELL, 1979)	248
Tabela 7.15	O número em Boróro IV (CROWELL, 1979)	249
Tabela 7.16	O número em Boróro V (CROWELL, 1979)	249
Tabela 7.17	Possíveis formas cognatas dos marcadores de plural em Macro-Jê	251

LISTA DE SÍMBOLOS

>	resulta em
<	provém de
C #	consoante em final de palavra
:	corresponde a
-	forma presa
[]	fone
/ /	fonema
/ ___ V	em ambiente seguido por um segmento vocálico
/ V ___	em um ambiente precedido por um segmento vocálico
´	tom alto
-	tom médio
`	tom baixo
˘	tom ascendente
˙	tom descendente
~	variação fonética
*	forma reconstruída / forma hipotética
∅	Ausência de forma fonológica

LISTA DE RAMOS E SUB-RAMOS DO TRONCO MACRO-JÊ SEGUNDO RODRIGUES (1999)

I	Família Jê
Ia	Jê do nordeste
Ib	Jê setentrional
Ic	Jê central
Id	Jê meridional
II	Família Kamakã
III	Família Maxakalí
IV	Família Krenák
V	Família Purí
VI	Família Karirí
VII	Família Yatê
VIII	Família Karajá
IX	Família Ofayé
X	Família Boróro
XI	Família Guató
XII	Família Rikbáktsa

LISTA DE LÍNGUAS E PROTO-LÍNGUAS

Bo	Boróro
Gu	Guató
Ka	Família Karirí
Ka	Karajá
Kg	Kaingáng
Ki	Kirirí ou Kipeá
Mx	Maxakalí
Of	Ofayé
Pa	Panará
PJ	Proto-Jê
PJM	Proto-Jê-Meridional
PK	Proto-Kamakã
Rk	Rikbáktsa
Ti	Timbira
Xa	Xavánte
Ya	Yatê

RESUMO

O propósito desta pesquisa foi o avaliar a consistência da hipótese levantada por Rodrigues (1986) sobre a possibilidade de a língua Guató ser um membro do tronco Macro-Jê, sendo este constituído por doze famílias linguísticas: Jê, Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e Rikbáktsa. Este trabalho se justificou pela necessidade de ampliar os indícios que possam sustentar ou refutar a hipótese em andamento. Trata-se de um estudo fundamentado nos dois requisitos básicos requeridos pelo Método Histórico-Comparativo: (1) identificação de correspondências sonoras regulares em palavras pertencentes ao vocabulário básico e (2) identificação de características gramaticais compartilhadas entre as línguas para as quais se postula uma origem comum. Dessa forma, realizamos a comparação dos dados disponíveis do Guató com línguas de diferentes famílias linguísticas pertencentes ao tronco Macro-Jê. Como resultados de nossa análise, encontramos novos indícios fonológicos, lexicais, morfológicos e funcionais que favorecem a hipótese de Rodrigues (1986) de que a língua Guató constitui sozinha uma família linguística, e esta representa uma das ramificações do agrupamento genético conhecido como tronco Macro-Jê.

Palavras-chave: Guató. Tronco Macro-Jê. Método Histórico-Comparativo.

ABSTRACT

The main purpose of this dissertation was to evaluate the consistency of Rodrigues hypothesis (1986) on the possibility of the Guató language to be a member of the Macro-Jê stock, which is constituted of eleven other families: Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Boróro, e Rikbáktsa, according to Rodrigues (1999). This study was motivated by the necessity of strengthening the proofs favoring or disfavor the referred hypothesis. This study is founded on two of the main Historical Comparative Method's requirements for establishing genetic relations: (1) the identification of systematic sound correspondences across basic vocabulary of the languages being compared, (2) the identification of grammatical characteristics shared by languages presupposed to behave a common origin. We have then compared the available data from the Guató language with data from different languages of the Macro-Jê families. We have found new phonological, lexical and morphosyntactic indications which favors Rodrigues Hypothesis of a genetic relation between Guató and the Macro-Jê languages.

Keywords: Guató. Macro-Jê stock. Historical Comparative Method.

INTRODUÇÃO

0.1 Introdução

No presente trabalho, desenvolvemos um estudo histórico-comparativo com o objetivo de avaliar, com base no Método Histórico-Comparativo, a consistência da hipótese de Rodrigues (1986) sobre a possibilidade de o Guató¹ ser um membro do tronco Macro-Jê², constituído por doze famílias linguísticas: Jê, Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e Rikbáktsa, como propõe Rodrigues (1999).

Sabe-se que o tronco Macro-Jê, assim proposto, é considerado pelo seu próprio proponente, ainda uma hipótese de trabalho em andamento (ver também RODRIGUES, 1986, 1999, 2001) e que, portanto, precisa de mais estudos comparativos para testar a sua consistência por meio da identificação de um conjunto maior de evidências linguísticas que ajudem a consolidar esse agrupamento, assim como já foi feito para o tronco Tupí (cf. RODRIGUES, 1986).

Como, muitas vezes, a ideia do que vem a ser uma hipótese de trabalho tem sido mal interpretada, remetemos aqui a definição de hipótese científica dada por Gil (2002):

Uma solução possível, mediante uma proposição, ou seja, uma expressão verbal suscetível de ser declarada verdadeira ou falsa. A essa proposição dá-se o nome de hipótese. Assim, a hipótese é a proposição testável que pode vir a ser a solução do problema (GIL, 2002, p. 31).

Partimos, então, do pressuposto de que a inclusão do Guató no tronco Macro-Jê passou a ser, conseqüentemente, um problema de investigação, visto que as evidências de afinidade genética deste com outras línguas também incluídas no tronco são tão ínfimas a ponto de levantar suspeitas sobre a possibilidade de um possível relacionamento genético, mesmo que distante. Logo, o propósito deste trabalho é o de reunir um conjunto de provas linguísticas que consistam em fundamentos para avaliar

¹ Sobre o povo Guató e sua situação linguística, apresentamos algumas informações extraídas de Palácio (1984) e Postigo (2009) no tópico 0.3 deste capítulo.

² No capítulo 1 desta tese, historiamos o tronco Macro-Jê e apresentamos as propostas de constituição desse tronco ao longo dos anos. Enfatizamos, contudo, que a proposta de constituição mais aceita atualmente é a de Rodrigues (1986, 1999).

possíveis conexões genéticas entre o Guató e o tronco linguístico Macro-Jê. Entendemos, portanto, que “*toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema, ou indagação [...] sendo este uma questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento*” (GIL, 2002, p. 23).

Voltando à proposta de agrupamento genético que inclui o Guató, e considerando os critérios³ para a formulação de hipóteses, verificamos que Rodrigues (1986) segue a sua *intuição*, baseando-se inicialmente na sua larga experiência em classificação de línguas para comparar dados do Guató com dados de línguas consideradas componentes do tronco Macro-Jê. Em seguida, partindo das pistas iniciais encontradas na *observação* de algumas similaridades lexicais guardadas entre as línguas comparadas, reuniu quatro etimologias que incluíam dados do Guató, os quais ele considerou como prováveis cognatos entre essa língua e as línguas selecionadas para a comparação (cf. RODRIGUES, 1986). Após mais alguns anos de estudo, Rodrigues (1999) ampliou a lista de indicações lexicais por meio de mais *resultados de outros estudos* comparativos. A partir daí, fundamentou a sua hipótese na *teoria* de que as línguas mudam com o passar do tempo e que as diferenças entre línguas aparentadas são cada vez maiores, à medida que a profundidade temporal de sua separação aumenta (cf. RODRIGUES, 1984/1985). Com isso, Rodrigues (1999) justifica, em parte, a pequena quantidade de cognatos encontrados para sustentar a sua hipótese, sendo esta mantida até o dado momento⁴.

Sabendo disso, sentimos a necessidade de aprofundar os estudos comparativos, pois estamos cientes de que:

a prática científica pode ser vista como um processo composto de três fases: a criação, a validação e a incorporação de conhecimentos, que correspondem à geração de hipóteses, aos testes a que a hipótese é sujeita e ao processo social de aceitação e registro do conhecimento científico [...]

uma vez formulada a hipótese, torna-se necessária, em seguida, a sua confirmação. Duas vias são possíveis. A confirmação positiva e a negativa. No entanto, há que ter presente que o processo de confirmação positiva nada nos diz sobre a verdade da hipótese, já que esta pode ser falsa, mas confirmada. Porém uma sistemática e persistente confirmação positiva pode ajudar a tornar o trabalho científico mais apoiado e fazer progredir o programa de investigação a ele associado (HODSON, 1988 apud CACHAPUZ; GIL-PÉREZ; PRAIA, 2002, p. 254).

³ Sobre a formulação de hipótese, ver Gil (2002, pp. 35 e 36).

⁴ A outra justificativa apresentada por Rodrigues (1986) é centrada na falta de dados disponíveis e adequados para a produção de estudos histórico-comparativos.

Sendo assim, considerando a hipótese de Rodrigues (1986), julgamos importante identificar e explicar mudanças fonológicas e gramaticais que poderiam ter ocorrido no Guató depois de sua separação das línguas do tronco, a partir da comparação de dados lexicais, morfológicos e morfossintáticos do Guató com dados correspondentes de algumas línguas de famílias linguísticas incluídas no tronco Macro-Jê.

Por fim, cabe ressaltar aqui a importância da hipótese de Rodrigues (1986, 1999) para o aprimoramento da pesquisa e a ampliação do conhecimento das conexões genéticas que inter-relacionam línguas cuja existência se dá especificamente em território brasileiro, como é o caso das línguas do tronco Macro-Jê (cf. RODRIGUES, 1999). Foi pensando dessa forma que resolvemos adotar a hipótese de Rodrigues (op. cit), já que ela tornou-se, no âmbito dos estudos Macro-Jê, um desafio importante para avaliação desse agrupamento genético, sendo sua hipótese, portanto, norteadora, delimitadora, interpretativa, argumentativa, complementadora, multiplicadora e unificadora⁵.

Consideramos a hipótese de Rodrigues (1986) como *norteadora*, porque nos deu uma direção à pesquisa, fixando finalidades relacionadas a etapas que foram cumpridas durante o processo de desenvolvimento deste estudo, que implicou na seleção dos procedimentos metodológicos específicos adotados aqui. É também *delimitadora* devido ao fato de nos ajudar a restringir o campo desta pesquisa, comparando o Guató apenas com membros representantes de diversas famílias do tronco Macro-Jê. Consideramos ainda a hipótese de Rodrigues (1986) como *interpretativa*, visto que ela nos possibilitou pensar em uma solução possível para o problema investigado nesta tese e, através de sua hipótese, conseguimos desenvolver um conjunto de inferências que funcionou como pontos de partida para nossas deduções, possibilitando a identificação de uma série de *argumentos* que sustentam a nossa proposta de análise sobre a possível situação do Guató com relação ao tronco Macro-Jê. A sua função *complementadora* é validada por preencher uma lacuna do conhecimento das línguas indígenas brasileiras, propondo explicações provisórias sobre a possibilidade de relacionamento genético do Guató com as línguas do tronco Macro-Jê. Já a função multiplicadora que demos à hipótese de Rodrigues é justificada pelo fato de ela ser potencialmente generalizável, permitindo uma aplicabilidade adaptada a

⁵ Sobre as funções da hipótese para o avanço do conhecimento científico, ver Barros (2008).

outras pesquisas, como foi o caso aqui, possibilitando o avanço e o enriquecimento do conhecimento da situação linguística de parte das línguas indígenas brasileiras. Por fim, a função unificadora da hipótese de Rodrigues a respeito da constituição de um tronco Macro-Jê e a inclusão do Guató nesse agrupamento hipotético é reconhecida por nos permitir organizar e unificar os conhecimentos já adquiridos, inclusive através de generalizações construídas a partir de “*uniformidades empíricas*” que tenham sido eventualmente verificadas em outras pesquisas.

0.2 Fundamentos metodológicos para a análise histórico-comparativa proposta neste trabalho

Como havíamos dito, o trabalho comparativo que desenvolvemos nesta tese está fundamentado no Método Histórico-Comparativo, cujos requisitos e procedimentos requeridos por ele podem ser apreciados no capítulo dois. Aproveitamos, então, esse espaço para apresentar os outros métodos que têm sido usados na comparação e classificação de línguas, mas que têm sido rejeitados pela maioria dos comparativistas por não apresentarem resultados confiáveis. Dessa forma, justificamos também porque, em nosso trabalho, não fizemos uso destes métodos questionáveis: Glotocronologia e Comparação Multilateral.

0.2.1 Porque não adotamos a Glotocronologia neste trabalho

A Glotocronologia foi formulada por Morris Swadesh (1950). Na ocasião, ele havia postulado a hipótese de que era possível determinar perdas lexicais amplas, envolvendo mudanças dentro de uma família linguística. Dessa forma, esse linguista americano considerou que as perdas lexicais seriam constantes dentro de uma família linguística, e a taxa de mudança também seria a mesma em todas as línguas de uma mesma família. Essas afirmações constituem, por assim dizer, uma das concepções básicas do método que, por sua vez, é rigorosamente criticado e rejeitado pela maioria dos linguistas (cf. CAMPBELL, 1998).

Segundo Campbell (1998), há quatro concepções básicas nessa metodologia, a saber: vocabulário básico, taxa constante de retenção lexical ao longo do tempo, taxa

constante de perda lexical e cálculo da data de separação das línguas comparadas para as quais se postulam uma origem em comum.

Em se tratando do vocabulário básico, Swadesh havia começado com um conjunto de 500 palavras, depois reduziu para 205 e, por fim, chegou a 100 itens lexicais. Em seu ponto de vista, haveria um vocabulário principal que seria universal, pois não estaria relacionado a uma cultura específica, por isso, estaria menos sujeito à substituição quando comparado a outros tipos de vocabulário. Reproduzimos, a seguir, a lista de 100 palavras considerada por Swadesh como o vocabulário básico das línguas.

Tabela 0.1 – Vocabulário básico segundo Swadesh (cf. CAMPBELL, 1998)

Nº	Conceito	Nº	Conceito	Nº	Conceito	Nº	Conceito
1.	'eu'	26.	'raiz'	51.	'peito'	76.	'chuva'
2.	'você'	27.	'casca'	52.	'coração'	77.	'pedra'
3.	'nós'	28.	'pele'	53.	'fígado'	78.	'areia'
4.	'isso'	29.	'corpo'	54.	'beber'	79.	'terra'
5.	'que'	30.	'sangue'	55.	'comer'	80.	'nuvem'
6.	'o que'	31.	'osso'	56.	'morder'	81.	'fumaça'
7.	'quem'	32.	'ovo'	57.	'ver'	82.	'fogo'
8.	'não'	33.	'gordura'	58.	'ouvir'	83.	'cinza'
9.	'todos'	34.	'chifre'	59.	'saber'	84.	'queimar'
10.	'muitos'	35.	'rabo'	60.	'dormir'	85.	'caminho'
11.	'um'	36.	'pena'	61.	'morrer'	86.	'montanha'
12.	'dois'	37.	'cabelo'	62.	'matar'	87.	'vermelho'
13.	'grande'	38.	'cabeça'	63.	'nadar'	88.	'verde'
14.	'longo'	39.	'ouvido'	64.	'voar'	89.	'amarelo'
15.	'pequeno'	40.	'olho'	65.	'acordar'	90.	'branco'
16.	'mulher'	41.	'nariz'	66.	'vir'	91.	'preto'
17.	'homem'	42.	'boca'	67.	'mentir'	92.	'noite'
18.	'pessoa'	43.	'dente'	68.	'sentar'	93.	'quente'
19.	'peixe'	44.	'língua'	69.	'levantar'	94.	'frio'
20.	'pássaro'	45.	'garra, pata'	70.	'dar'	95.	'falar'
21.	'cachorro'	46.	'pé'	71.	'dizer'	96.	'bom'
22.	'piolho'	47.	'joelho'	72.	'sol'	97.	'novo'
23.	'três'	48.	'mão'	73.	'lua'	98.	'redondo'
24.	'semente'	49.	'barriga'	74.	'estrela'	99.	'seco'
25.	'folha'	50.	'pescoço'	75.	'água'	100.	'nome'

Para aplicar a Glotocronologia, traduções mais neutras de cada um dos 100 conceitos semânticos são reunidas e comparadas em duas ou mais línguas que aparentam ser relacionadas. Em seguida, as formas que são foneticamente semelhantes da lista comparativa recebem uma marca para indicá-las como prováveis cognatos; e, como próximo passo, é calculada a data de quando as línguas comparadas se separaram,

tomando como base os possíveis cognatos que as línguas compartilham (cf. CAMPBELL, 1998). Ainda, conforme observa Campbell (op. cit), alguns estudiosos defendem que o método deve ser restrito apenas a formas conhecidas de pesquisa de linguística histórica, para considerar somente os cognatos reais e não aqueles que aparentam ser cognatos, como se tem visto na prática.

No entanto, o que os estudos comparativos têm mostrado é que há sérios problemas sobre a concepção desse vocabulário básico proposto por Swadesh, visto que muitos dos itens da lista não correspondem a conceitos neutros, universais, pois muitos são emprestados por razões culturais em um grande número de línguas. O que Campbell (1998) afirma a respeito disso é que boa parte dos termos incluídos nesse vocabulário básico podem ser emprestados: no inglês, por exemplo, é possível encontrar empréstimos para os seguintes conceitos: (18) *person* ‘pessoa’ (do francês), (28) *skin* ‘pele’ (do escandinavo), (32) *egg* ‘ovo’ (do escandinavo), (33) *grease* ‘gordura’ (do francês) e (86) *mountain* ‘montanha’ (do francês), entre outros. Com isso, Campbell chega à conclusão de que empréstimos são um sério problema para a concepção da existência de um vocabulário básico relativamente livre do ponto de vista cultural; divergindo, assim, do que havia sido proposto por Swadesh. Contudo, acreditamos na existência de um conjunto de palavras que seja menos passível de empréstimo, mas não conseguimos determinar a extensão desse conjunto.

Outro problema é que a glotocronologia admite que deva haver uma *correspondência de um para um* entre cada conceito numerado na lista de 100 palavras, na procura de formas cognatas nas línguas comparadas. Entretanto, isso não é o caso mais comum; posto que, para muitos dos itens dessa lista, as línguas normalmente apresentam mais de um termo equivalente. Por exemplo, para (1) ‘eu’, muitas línguas do sudeste da Ásia apresentam diversas formas, todas significando ‘eu’, cujo uso depende do *status* relativo da pessoa que fala (cf. CAMPBELL, 1998). Há também casos em que é possível a verificação do oposto, pois existem línguas que não fazem distinção entre dois itens separados na lista, por exemplo, (17) ‘homem’ e (18) ‘pessoa’ são homônimos em muitas línguas. Muitas línguas também não distinguem (27) ‘casca’ de (28) ‘pele’ ou (36) ‘pena’ de (37) ‘cabelo’. Onde ‘casca’ é apenas ‘a pele da árvore’, e ‘pena’ é ‘o cabelo do passarinho’. Algumas línguas indígenas americanas não distinguem (26) ‘raiz’ de (37) ‘cabelo’, onde ‘raiz’ é equivalente a ‘cabelo da árvore’, etc. (cf. CAMPBELL, 1998).

Diante disso, nos exemplos onde uma língua apresenta mais de um equivalente por item da lista de vocabulário básico ou onde o mesmo termo cobre mais de um item da lista, os resultados podem, naturalmente, ser distorcidos. Conforme afirma Campbell (idem), duas línguas parecerão menos semelhantes do que de fato elas são se ambas possuírem, por exemplo, dois equivalentes para *'quente'*, mas o primeiro significando *'quente'* de tempo, e outro *'quente'* de comida. Da mesma forma, se línguas relacionadas geneticamente não fazem distinção entre *'pena, plumagem'* e *'cabelo'*, então a mesma palavra será marcada duas vezes na lista, como equivalentes para aqueles dois itens tratados separadamente na lista, fazendo as línguas, aparentemente, compartilharem mais itens; portanto, parecerem ser mais semelhantes do que poderiam ser se somente itens distintos fossem comparados. Logo, esse tipo de distorção é um sério problema para o método.

Além disso, de acordo com Campbell (1998), alguns itens do vocabulário básico parecem mudar mais facilmente por razões culturais, por exemplo, o termo para (38) *'cabeça'* em várias línguas: no Proto-Indo-Europeu **kaput* 'cabeça' deu no Proto-Germânico **haubidam/*haubudan* (assim no inglês antigo *heafod** > *head*) e Proto-Romance **kaput*. Contudo, diversas línguas germânicas e românicas nem de longe apresentam cognatos desses termos como formas básicas para se referir à 'cabeça humana'. Por exemplo, alemão *kopf* 'cabeça' originalmente significa *'taça, vasilha'*, o cognato de **kaput* é *haupt*, que agora significa basicamente 'principal', 'chefe', como em *hauptbahnhof* 'estação principal/central'. O francês *'tête'* e italiano *'testa'*, ambos significam originalmente 'testa', o cognato francês do latim **kaput* é *chef*, mas significa agora 'principal, diretor, chefe', não uma 'cabeça humana'. O cognato italiano *capo* agora significa 'topo, chefe, líder'. Além disso, tem-se apontado que tabu resulta em substituição considerável de vocabulário. Um exemplo é o caso da palavra para 'ovo' em espanhol *'huevo'* que também significa *'testículo'*, muitos espanhóis do interior estão substituindo *'huevo'* por *'branquillo'* 'pequena coisa branca', no mesmo significado de 'ovo'. Como Campbell (1998) enfatiza, fatos como esses demonstram que não há um vocabulário tão universal, um vocabulário tão livre culturalmente, para os quais haja tradução equivalente de um para um em todas as línguas.

Quanto à concepção da taxa constante de retenção lexical ao longo do tempo, na perspectiva de Swadesh, seria esperado que uma língua retivesse cerca de 86 por cento das palavras pertencentes ao vocabulário básico a cada 1000 anos (vocabulário este inicialmente constituído pelas 100 palavras apresentadas na tabela 0.1). Para a

concepção da taxa constante de perda lexical através das línguas, seria esperado que a taxa de perda do vocabulário básico fosse aproximadamente a mesma para todas as línguas. Admitir-se-ia, portanto, que quaisquer línguas perdem cerca de 14 por cento da lista de 100 palavras a cada 1000 anos (cf. CAMPBELL, 1998).

Em se tratando desse assunto, Campbell (op. cit) argumenta que não há nada inerente na natureza do vocabulário (ou na organização do léxico) que poderia nos levar a supor que exista alguma espécie de mudança lexical regular padrão no vocabulário básico, tão pouco uma taxa padrão de retenção de itens lexicais através das línguas. Segundo o autor, estudos pós-Swadesh demonstram que não há taxa constante de retenção do vocabulário ao longo do tempo nas línguas do mundo, ou seja, nem existe taxa de retenção constante através do tempo e essa nem seria a mesma para todas as línguas.

Ainda, com respeito à afirmação de uma perda lexical constante ao longo do tempo de 14 por cento para cada 1000 anos, a única documentação escrita que existe para mais de 1000 anos está restrita a poucas línguas. Alguns estudiosos argumentam que é possível que as circunstâncias possam ter sido tão diferentes no passado mais remoto que a perda do vocabulário e a retenção pode ter se comportado diferentemente nos 1000 anos anteriores do período dos 1000 anos posteriores. Portanto, não é possível provar que exista uma taxa constante de perda lexical nas línguas do mundo (cf. CAMPBELL, 1998).

Para o cálculo da data de separação das línguas geneticamente relacionadas (quarta concepção básica da glotocronologia), usa-se a seguinte fórmula:

$$t = \frac{\log C}{2 \log r}$$

Onde t 'é a profundidade temporal' em milênio (períodos de 1000 anos), C 'é a porcentagem de cognatos' e r 'é a constante (a porcentagem de cognatos admitida para permanecer após 1000 anos, isto é, 86 por cento da lista de 100 palavras). *Log* significa 'logarítimo de'. Logo, tanto o número de cognatos da lista do vocabulário compartilhado pelas línguas comparadas, quanto o número de séculos desde que as línguas cindiram de um ancestral comum poderiam ser computados.

Entretanto, para a maioria dos comparativistas, a ideia de atingir uma data precisa para as diversificações graduais parece ser irreal, visto que é difícil datar uma cisão linguística. Um dos motivos dessa impossibilidade é o fato de que o contato

subsequente entre as línguas irmãs, após uma cisão, é bastante comum; e o método não faz nenhum esforço para distinguir empréstimos que resultam desses contatos recentes, sendo possível a ocorrência de cognatos herdados diretamente, distorcendo o resultado final do cálculo (cf. CAMPBELL, 1998).

Ainda, na visão de Campbell (1998), embora a Glotocronologia e a Léxico-estatísticas sejam termos geralmente usados intercambiavelmente, alguns fazem uma distinção. A Glotocronologia é definida como um método com o objetivo de atribuir uma data para a cisão de algumas línguas consideradas irmãs, enquanto que para a léxico-estatística é dada a definição da manipulação estatística de material lexical por inferências históricas (não necessariamente associada a datas).

Nesse último procedimento, é também enfatizada a existência de um vocabulário básico (uma lista com 100 palavras) cujas correspondências encontradas nas línguas comparadas são convertidas em porcentagem para saber se os dados comparados entre os sistemas linguísticos vão corresponder a um dialeto de uma língua (80% de cognatos); a línguas co-existentes de uma mesma subfamília (70% decognatos); ou a línguas de diferentes subfamílias (60% de cognatos) e que, abaixo disso, pode-se concluir que são línguas de diferentes famílias no mesmo tronco (cf. DAVIS, 1968).

Com o que vimos até aqui, podemos perceber que a Glotocronologia é um método bastante rejeitado por muitos linguistas, pois não serve, em princípio, para testar relações genéticas. Além disso, nesse método, usa-se apenas o vocabulário básico proposto por Swadesh para demonstrar relacionamento genético distante, sem considerar a possibilidade de mudanças nesse vocabulário ao longo do tempo, tornando-se um obstáculo para detectar o compartilhamento do vocabulário original entre as línguas comparadas.

Conforme Campbell (op. cit), o principal uso da glotocronologia tem sido na organização dos subagrupamentos de famílias linguísticas, pois os cálculos glotocronológicos de cisões fornecem meios rápidos e fáceis de chegar a uma classificação interna de uma família linguística sem a necessidade de tomar o caminho mais difícil e que consome mais tempo para determinar o subagrupamento, baseando-se nas inovações compartilhadas. Entretanto, pelo fato de a Glotocronologia não ser um método confiável, muitos linguistas históricos aconselham a não substituir o método tradicional de subagrupamento.

Por outro lado, alguns têm usado a Glotocronologia como um ponto inicial de uma classificação de famílias maiores, tais como Austronésia, com o número grande de línguas (cerca de 800). Dessa forma, a fim de evitar dificuldades no trabalho de comparar todas as línguas de famílias grandes com cada uma das línguas para determinar inovações compartilhadas entre todas elas, alguns sugerem que uma aplicação preliminar da Glotocronologia possa dar uma ideia das hipóteses mais promissoras que podem, então, por último serem checadas pelos meios tradicionais. Deve-se lembrar, contudo, que a Glotocronologia usada para esses fins não encontra ou demonstra relações genéticas de subagrupamentos linguísticos, mas meramente aponta para direções onde outros tipos de pesquisa podem ser realizados com sucesso (cf. CAMPBELL, 1998).

0.2.2 Porque não adotamos a Comparação Multilateral neste trabalho

Não utilizamos o método de comparação defendido por Greenberg por não ser um método confiável, segundo a maioria dos comparativistas, visto que esse tipo de metodologia se baseia na comparação de muitas línguas a partir de poucas palavras (cf. CAMPBELL, 1998).

Trata-se de um método cujas semelhanças lexicais determinadas por uma inspeção visual superficial, que são compartilhadas entre muitas línguas, são tomadas imediatamente como evidências de relação genética distante. Conforme Campbell (op. cit), essa abordagem encerra a análise no passo inicial de um estudo comparativo mais rigoroso, que é justamente na reunião de similaridades lexicais; uma vez que as semelhanças identificadas devam ser analisadas posteriormente para determinar o porquê de elas existirem, se ocorrem devido à herança de um ancestral comum (o resultado de uma relação genética a distância) ou por causa de outros fatores, tais como empréstimo, coincidência, onomatopéia, etc. Em suma, nenhuma técnica que confia somente em similaridades inspecionais de um vocabulário comparado é adequada para estabelecer relações genéticas entre famílias linguísticas.

0.2.3 Metodologia adotada neste trabalho

O primeiro passo da análise comparativa foi selecionar as línguas cujos dados lexicais deveriam ser identificados para serem, posteriormente, comparados aos dados disponíveis do Guató. Assim, postulamos quatro critérios que justificassem a escolha das línguas dentre todas que estão incluídas no tronco Macro-Jê, como propõe Rodrigues (1999), para desenvolvermos este estudo: (1) famílias linguísticas com propostas de reconstruções lexicais, (2) proximidade geográfica com o Guató, (3) compartilhamento de características linguísticas com o Guató que não são encontradas na maior parte do tronco e (4) acessibilidade facilitada aos dados. Dessa forma, a nossa comparação lexical se desenvolveu a partir das seguintes combinações: (a) Guató e Proto-Kamakã; (b) Guató e Proto-Purí; (c) Guató e Proto-Jê; (d) Guató e Proto-Jê-Meridional; (e) Guató e Boróro; (f) Guató e Rikbáktsa; (g) Guató e Kirirí; (h) Guató e Dzubukuá; (i) Guató e Yatê e (j) Guató e Maxakalí.

Como pode ser visto, tivemos o cuidado de fazer a comparação aos pares, pois a ideia era a de verificar possíveis cognatos do Guató com cada uma das línguas individualmente e, só depois, reunir todo o resultado em uma única tabela e realizar uma avaliação geral.

O segundo passo da análise comparativa que desenvolvemos consistiu na identificação das formas comparáveis nos materiais disponíveis sobre as línguas comparadas. Por formas comparáveis, compreendem-se as que apresentam correspondências sonoras e de significados. Depois de feita a identificação, foram estabelecidas as etimologias que permitiram a descrição das correspondências sonoras sistemáticas através das línguas.

Durante a comparação, os itens lexicais encontrados nos documentos que não corresponderam aos demais itens dessas etimologias foram excluídos. Procurou-se, ainda, sempre por meio da análise comparativa, requerida pelo Método Histórico-Comparativo, identificar indicações lexicais e fonológicas de proximidade genética do Guató com as línguas comparadas aqui.

Em outra etapa do estudo comparativo, analisamos algumas das prováveis mudanças fonológicas ocorridas nas línguas em relação às formas reconstruídas para estágios anteriores do desmembramento das famílias em agrupamentos independentes.

Nossa pretensão também foi a de comparar alguns aspectos gramaticais da língua Guató com línguas de famílias distintas, mas todas pertencentes ao tronco Macro-Jê, na tentativa de identificar morfemas e padrões morfossintáticos comuns às línguas comparadas, de forma a acrescentar evidências gramaticais ao conjunto de critérios usados por Rodrigues (1986) para fundamentar nossa avaliação a respeito de sua hipótese no que diz respeito aos graus de parentesco genético entre o Guató e as línguas selecionadas nesta tese para a comparação.

Com o trabalho que desenvolvemos no mestrado com a família linguística Kamakã (ver MARTINS, 2007), também pertencente ao tronco Macro-Jê, percebemos o muito que ainda há que ser feito, a partir da hipótese genética de um tronco linguístico Macro-Jê proposta por Rodrigues (1999). No caso da família Kamakã proposta por Loukotka (1932), embora tenhamos conseguido testar a validade de sua consistência interna, inclusive propondo algumas reformulações para esta, não nos foi possível comparar as formas linguísticas que consideramos mais conservadoras nessa família com formas mais conservadoras de outras famílias, como as famílias Maxakalí e Karajá, pela ausência de estudos reconstitutivos. Rodrigues (1986), que é o autor da hipótese de um tronco Macro-Jê constituído de 12 famílias, é o primeiro a observar que várias das hipóteses levantadas por ele para fundamentar esse tronco ainda precisam ser reavaliadas e testadas, como mencionamos anteriormente.

Contudo, ainda que seja necessária a ampliação dos estudos descritivos sobre as línguas Macro-Jê, os estudos existentes sobre elas já permitem o aprofundamento de hipóteses reconstitutivas de estágios anteriores de suas respectivas histórias individuais e da história dos ramos a que essas línguas pertencem. Concordamos com a ideia de Rodrigues (2002), segundo a qual o conhecimento produzido na subárea da Língua Histórica é um conhecimento da pré-história de uma parte do Brasil, pois nos permite compreender os processos migratórios dos índios que, em princípio, tiveram um ponto de origem em comum e conseqüentemente uma única língua que foi se diversificando com o passar do tempo, devido a fatores linguísticos – mudanças internas – e fatores sociais – mudanças externas à língua.

0.2.4 Sobre a seleção dos dados utilizados neste trabalho

Consultamos os seguintes trabalhos para selecionar os dados utilizados no capítulo referente à comparação lexical:

Tabela 0.2 – Fontes das línguas consultadas para a comparação lexical

Ramo⁶	Língua	Fontes consultadas
Ib	Proto-Jê	Davis (1966)
Ib	Proto-Jê-Meridional	Jolkesky (2010)
II	Proto-Kamakã	Martins (2007)
III	Maxakalí	SIL (2005)
V	Proto-Purí	Silva Neto (2007)
VI	Kirirí	Rodrigues (1942)
VI	Dzubukuá	Queiroz (2008)
VII	Yatê	Sá (2000)
X	Boróro	Albisetti e Venturelli (1962)
XI	Guató	Palácio (1984) e Postigo (2009)
XII	Rikbáktsa	SIL (2007)

Para a identificação dos marcadores de contiguidade e não-contiguidade do Guató, revimos alguns dos dados disponíveis tanto em Palácio (1984) quanto em Postigo (2009). Em seguida, comparamos as formas encontradas no Guató com aquelas identificadas nas seguintes línguas:

Tabela 0.3 – Fontes das línguas utilizadas para a comparação das marcas de flexão relacional

Ramo	Língua	Fontes consultadas
Ib	Panará	Rodrigues (1999, 2001)
Ib	Timbira	Rodrigues (1999, 2001)
Ic	Xavante	Rodrigues (2001)
Id	Kaingáng	Rodrigues (1999, 2001)
III	Maxakalí	Rodrigues (2001)
VI	Kipeá	Rodrigues (1999, 2001)
VIII	Karajá	Rodrigues (1999, 2001)
IX	Ofayé	Rodrigues (1999, 2001)
X	Boróro	Rodrigues (2001)

⁶ A numeração referente a cada ramo a que as línguas comparadas pertencem está de acordo com a organização do tronco Macro-Jê proposta por Rodrigues (1999).

Com relação ao estudo comparativo que propomos sobre as marcas de ergatividade presentes em línguas do tronco Macro-Jê, usamos as seguintes fontes:

Tabela 0.4 – Fontes das línguas utilizadas para a comparação das marcas de ergatividade

Ramo	Língua	Fontes consultadas
Ib	Panará	Dourado (2001) apud Camargos (2010)
Ib	Timbira	Rodrigues (1999)
Ib	Xikrín	Rodrigues, Cabral e Costa (2004) apud Camargos (2010)
Ic	Xavánte	Santos (2008)
III	Maxakalí	Rodrigues (1999)
VI	Kipeá	Rodrigues (1999)
X	Boróro	Camargos (2010)
XI	Guató	Palácio (1984)

Para a análise comparativa das formas de marcação de plural encontradas em Guató e em algumas línguas do tronco Macro-Jê, recorreremos às seguintes fontes:

Tabela 0.5 – Fontes das línguas utilizadas para a comparação das formas de expressão de plural

Ramo	Língua	Fontes consultadas
Ic	Pykobyê	Amado (2004)
Ic	Apinajé	Koopman (1979)
Ic	Xavánte	Rodrigues (1999)
Id	Kaingáng	Cavalcante (1987) apud Rodrigues (1999)
Id	Xoklég	Gakran (2005)
III	Maxakalí	Araújo (2000)
IX	Ofayé	Gudschinsky (1974) e Oliveira (2006)
X	Boróro	Crowell (1979) apud Rodrigues (1999)
XI	Guató	Palácio (1984)
XII	Rikbáktsa	Boswood (2007)

0.3 Sobre as fontes etnográficas e linguísticas do Guató

São poucas as fontes que fazem referência ao povo Guató, menos ainda são os trabalhos referentes à língua, como pode ser visto ao longo desta seção.

Conforme Palácio (1984), informações sobre os Guató são encontradas em Cabeza de Vaca (1955); Castelnau (1851); Florence (1875); Schmidt (1905, 1912, 1914, 1922, 1929, 1942b, 1974) e Metráux (1942, 1946).

Sobre a língua especificamente, há uma lista de 164 palavras registrada por Castelnau (1851), reproduzida por Martius (1867), copiada em parte por Moutinho (1869) e reeditada por Schmidt (1905); uma lista de 507 palavras disponíveis em Schmidt (1942a), além de 39 orações e algumas observações sobre a fonologia e a estrutura da palavra; 85 palavras registradas por Rondon (1938); 106 palavras e quatro pequenas narrativas documentadas por Schmidt (1942b); 201 palavras transcritas foneticamente disponível em Wilson (1959)⁷ (cf. POSTIGO, 2009).

O trabalho linguístico mais completo de que temos conhecimento é o de Palácio (1984), no qual a autora apresenta uma descrição da fonologia, da morfologia e da sintaxe da língua Guató.

Em 2009, 25 anos depois da tese de Palácio (1984), um novo trabalho descritivo foi produzido dessa língua; no entanto, somente o nível fonológico foi revisto. Trata-se de uma dissertação de mestrado, desenvolvida por Postigo.

0.4 Sobre a localização e demografia do povo Guató

De acordo com Palácio (1984), os Guató habitavam nas margens do rio Paraguai, no estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira com o estado de Mato Grosso e a Bolívia:

O domínio dos Guató estendia-se desde o norte da cidade de Corumbá, nas proximidades da lagoa Mandioré e do Porto do Amolar, e subindo o Paraguai, até acima da cidade de Cáceres. Habitavam ainda o afluente do Paraguai, Rio São Lourenço, hoje Rio Cuiabá; o afluente do São Lourenço, Rio Caracará e Lagoas Gaíba e Uberaba (PALÁCIO, 1984, p. 11).

O povo Guató foi considerado extinto a partir do final da década de 30 do século passado, segundo Palácio (1984, p. 10). E somente muito tempo depois sua identidade foi reconhecida e sua terra demarcada, conforme Postigo (2009, p. 27):

⁷ Todas as listas de palavras citadas aqui estão disponíveis em Postigo (2009), bem como alguns comentários sobre as formas de registros utilizadas na transcrição desses itens lexicais em cada uma das fontes.

Após a demarcação da área indígena em 1998 [...] Desde então, o povo Guató vive na Aldeia Uberaba, situada na Ilha Ínsua, banhada pelas lagoas Uberaba, Gaíva (ou Gaíba) e rio Paraguai, no alto Pantanal sul-mato-grossense. A Ilha (conhecida também por Bela Vista do Norte) está localizada a aproximadamente 340 km do município de Corumbá-MS, na região de fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso e a Bolívia.

Atualmente, a população Guató da Aldeia Uberaba está estimada em 370 indígenas, sendo 37 famílias registradas (cf. POSTIGO, 2009).

Segundo Palácio (1984), apenas 10 ou 15 famílias faziam uso da língua Guató, mas viviam longe umas das outras e poucas vezes tinham a oportunidade de se encontrarem; portanto, a língua já se encontrava em um estado de obsolescência praticamente irreversível. Na ocasião, Palácio (1984) informou que somente cerca de 220 pessoas restavam da nação Guató e apenas 50 deles sabiam a língua, mas apenas 20 ou 30 faziam uso ativamente desse sistema linguístico e já não havia indígenas monolíngues em Guató, ou eram bilíngues ou monolíngues em português.

Postigo (2009, p. 27), sobre a situação linguística atual do povo Guató, afirma que eles se tornaram *“monolíngues em português e após algumas iniciativas da Secretaria de Educação e da Funai, estão utilizando saudações e algumas palavras em Guató, pois apenas alguns idosos são bilíngues em Português e Guató”*.

0.5 Sobre a organização geral deste trabalho

Este trabalho está dividido em sete capítulos. No capítulo 1, fizemos uma breve exposição sobre a constituição do tronco linguístico Macro-Jê. Incluímos ainda, no mesmo capítulo, breves descrições dos trabalhos histórico-comparativos desenvolvidos recentemente.

No capítulo 2, fizemos uma explanação sobre o surgimento e o desenvolvimento do Método Histórico-Comparativo, visto que se trata do método adotado nesta tese para analisar comparativamente os dados lexicais e gramaticais do Guató com os de algumas línguas previamente selecionadas do tronco Macro-Jê. Consideramos importante descrever, nesse capítulo, os requisitos e procedimentos requeridos pelo Método Comparativo.

No capítulo 3, apresentamos e discutimos alguns dos resultados encontrados por Palácio (1984) e Postigo (2009) sobre os aspectos fonológicos da língua Guató.

No capítulo 4, apresentamos e discutimos os resultados de nossa análise comparativa que envolveu dados lexicais do Guató e dados de diversas línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê.

No capítulo 5, reproduzimos os dados que Palácio (1984) e Postigo (2009) consideraram como casos de epênteses e desenvolvemos uma nova análise desses dados, argumentando em favor da existência de flexões relacionais em Guató. Em seguida, comparamos esses morfemas marcadores de contiguidade e não-contiguidade com aqueles identificados por Rodrigues (2001) em algumas línguas do tronco Macro-Jê.

No capítulo 6, discutimos a possibilidade de as estruturas ergativas encontradas em Guató serem vestígios de um padrão ergativo dessa língua em um estágio anterior. Postulamos também a existência de um morfema que marcaria o agente, mas que tenha sobrevivido apenas na terceira pessoa singular em sentenças transitivas; funcionando, contudo, como marca de concordância no estado atual da língua. Consideramos ainda a possibilidade de que esse morfema seja uma forma cognata das marcas de ergatividade encontradas em algumas línguas do tronco Macro-Jê.

No capítulo 7, avaliamos a possibilidade de as expressões de plural encontradas em Guató serem formas cognatas de morfemas encontrados em algumas línguas consideradas Macro-Jê.

Nas considerações finais, reunimos os resultados alcançados em cada um dos capítulos, somados às evidências identificadas por Rodrigues (1999), e fizemos uma avaliação sobre a possibilidade de o Guató estar geneticamente relacionado às línguas que constituem um agrupamento genético maior, denominado Macro-Jê, como é postulado por Rodrigues (1986). Após as considerações finais, seguem as referências bibliográficas.

Em anexo, encontram-se (a) as listas de palavras do Guató extraídas dos trabalhos de Palácio (1984) e de Postigo (2009); (b) a lista utilizada para a comparação lexical desenvolvida no quarto capítulo deste estudo, que se trata, na verdade, de uma seleção dos dados encontrados nas duas listas anteriormente citadas (de Palácio, 1984; e de Postigo, 2009); (c) o vocabulário comparativo de Guérios (1939), envolvendo dados do Boróro, do Timbira e do Cayapó; (d) a lista de itens reconstruídos para o Proto-Jê por Davis (1966); (e) o vocabulário comparativo de Davis (1968), envolvendo dados do Maxakalí e Karajá; (f) o vocabulário comparativo de Gudschinsky (1971), envolvendo o Proto-Jê de Davis e o Ofayé; (g) o vocabulário comparativo de Boswood (1973),

envolvendo o Proto-Jê de Davis e o Rikbáktsa; (h) lista produzida por Rodrigues (1999) de formas possivelmente cognatas, envolvendo representantes das doze famílias linguísticas consideradas por ele como prováveis membros do tronco Macro-Jê; (i) ampliação da lista de Rodrigues (1999) por Cabral & Rodrigues (2007); (j) lista de palavras reconstruídas para o Proto-Kamakã, proposta por Martins (2007); (k) lista de palavras reconstruídas para o Proto-Purí, proposta por Silva Neto (2007); (l) vocabulário comparativo de Martins (2008), envolvendo dados do Proto-Kamakã, Proto-Purí e Proto-Jê; (m) ampliação da lista de possíveis cognatos entre membros do tronco Macro-Jê por Cabral et. al. (2010); lista de palavras reconstruídas para o Proto-Jê-Meridional, proposta por Jolkesky (2010) e, por fim, o vocabulário comparativo de Ribeiro e Van der Voort (2010), envolvendo o Proto-Jabutí e o Proto-Jê.

CAPÍTULO 1

O TRONCO MACRO-JÊ: UMA HIPÓTESE DE TRABALHO EM ANDAMENTO

1.1 Introdução

No presente capítulo, apresentamos um breve histórico da construção das hipóteses sobre a constituição do tronco Macro-Jê. Para isso, tomamos como base o trabalho de Rodrigues (2002) onde ele apresenta as propostas iniciais de classificação sugeridas por diversos pesquisadores. Em seguida, disponibilizamos as informações sobre a constituição do tronco Macro-Jê assim como ele é compreendido por Rodrigues (1999).

Por fim, fizemos um relato sobre os principais trabalhos histórico-comparativos que foram desenvolvidos nos últimos anos. Incluímos, aqui, a proposta de Ribeiro e van der Voort (2010) sobre a inclusão da família Jabutí no tronco Macro-Jê.

A construção deste capítulo, portanto, teve como objetivos (a) historiar o tronco Macro-Jê; (b) apresentar o tronco Macro-Jê assim como ele é concebido por Rodrigues (1999); (c) informar sobre o teor dos principais trabalhos histórico-comparativos que foram produzidos na última década e (d) apresentar a proposta de Ribeiro e van der Voort sobre a inclusão da família Jabutí no tronco Macro-Jê.

1.2 Estudos anteriores à classificação de um tronco Macro-Jê como conhecemos hoje

Rodrigues (2002) apresenta um levantamento dos principais estudos classificatórios que contribuíram progressivamente para o estabelecimento da família linguística Jê e do tronco linguístico Macro-Jê. Para tanto, o autor menciona a importância dos trabalhos desenvolvidos por diversos pesquisadores: Martius (1863, 1867), Von den Steinen (1886), Ehrenreich (1891), Brinton (1891), Rivet (1924),

Schmidt (1926), Loukokta (1930, 1931, 1932, 1935, 1939, 1942, 1968), Guérios (1939), Mason (1950), Swadesh (1959), Davis (1968), Hamp (1969) além de fazer menção a seus próprios trabalhos: Rodrigues (1970, 1972, 1986 e 1999) e Kaufman (1990, 1994).

Segundo Rodrigues (2002), podemos considerar que os estudos sobre as línguas relacionadas ao tronco Macro-Jê, partiram das observações feitas por Carl Friedrich Philipp Von Martius (1863 e 1867), estudioso que contribuiu para etnografia e a linguística da América, inclusive do Brasil. Foi ele que criou o termo classificatório *Gez* ou *Crans* devido à frequência dessas sílabas em final de diversos nomes de povo Jê: Apinagez, Crengesz, Aponigrans, Capucrans.

Após Martius (1867), Von den Steinen (1886) propôs um grupo Tapuia para incluir os Jê, os Botocudos (ou Krenák) e os Goitacás (que, para ele, eram os Makoní, os Kumanaxó e os Panháme); além de subdividir os Jê em três grupos:

Tabela 1.1 – Proposta de classificação de Von den Steinen (1886) para o grupo Tapuia (cf. RODRIGUES, 2002)

Jê do norte e do oeste	Jê central	Jê oriental
Karajá	Akroá-mirim	Kotoxó
Suyá	Xerénte	Kamakã
Apinajé	Xavánte	Masakarã
Aponejikrã	Xikriabá	
Kayapó	Maxakalí	
Kraô		

Outro estudioso – Paul Ehrenreich (1891) – também contribuiu com uma tentativa de agrupamento linguístico. A classificação que ele sugeriu é a que mais se aproxima da atual, no que diz respeito à família Jê (cf. RODRIGUES, 2002).

Ehrenreich classificou os Jê em dois grupos: Jê primitivos – com dois ramos (tabela 1.2) – e Jê derivados – com três ramos (tabela 1.3):

Tabela 1.2 – Proposta de classificação de Ehrenreich (1891) para os Jê primitivos (cf. RODRIGUES, 2002)

Ramo setentrional	Ramo meridional
Botocudo	Kamé
Kamakã	Kaingang
Pataxó	Bugre (= Xoklég)

Tabela 1.3 – Proposta de classificação de Ehrenreich (1891) para os Jê derivados (cf. RODRIGUES, 2002)

Akroá	Kayapó	Akuén
Jaikó	Kayapó do norte (Mebengokré, Xicrím, etc.)	Xavante
Gogué (sem registro)	Kayapó do sul (Panará)	Xerénte
	Suyá	Xakriabá
	Apinajé	
	Krinkatí	

Seguindo as informações apresentadas por Rodrigues (2002), a outra proposta de agrupamento foi feita por Brinton em 1891 (mesmo ano de publicação de Ehrenreich). Em seu trabalho, Brinton afirma reconhecer um tronco linguístico Tapuya; no entanto, sua classificação segue simplesmente a ordenação das línguas Jê seguida do Botocudo, do Kamakã, do Korerú, do Kumanaxó, do Waitaká, do Malalí, do Masakará e do Purí.

Com respeito à posição geográfica, Brinton 1891 (apud RODRIGUES, 2002) ensaia uma série de localizações equivocadas. O Waitaká foi considerado por ele como um sub-ramo que incluía o Kapoxó, o Koropó, o Kumanaxó, o Maxakalí, o Makuní, o Monoxó, o Panhame e o Pataxó. Também se referiu às línguas Tukáno como sendo um outro sub-ramo do Tapuya.

O próximo pesquisador a quem Rodrigues (2002) faz menção é Paul Rivet. Em sua obra, Rivet (1924) classificou as línguas da América do Sul e das Antilhas em 77 famílias. Ainda em seu estudo, ele propôs a divisão da família linguística Jê em quatro grupos:

Tabela 1.4 – Proposta de classificação de Paul Rivet (1924) para a família Jê (cf. RODRIGUES, 2002)

Jê oriental	Jê setentrional	Jê meridional	Jê central
Botocudo	Timbira	Kaingáng	Kayapó
Kamakã		Ingaín	Akuém
Panháme			
Coroado			
Purí			

Na sequência apresentada por Rodrigues (2002), o próximo é Wilhelm Schmidt (1926), que elaborou um novo agrupamento, o qual chamou de línguas Ges-Tapuya, dividindo em três conjuntos: línguas Jê, Botocudo ou Borun e Goytacá; sendo que para

as línguas Jê, ele estabeleceu três conjuntos, dando ênfase a informações de cunho geográfico:

Tabela 1.5 – Proposta de classificação de Schmidt (1926) para as línguas Jê (cf. RODRIGUES, 2002)

Do norte e do oeste	Do sul	Do leste
As línguas kayapó (suyuá, Kayapó, Krahô, Apinajé, Aponejikrã, Kapiekrã, Timbira, Canela e Krenjés.	Línguas do interior (Bugre de S. Catarina, Kaingang do rio Ivaí e Kamé).	Uma parte do norte (Kamakã, Meniën, Kotoxó e Masakarã).
Akué (Xavánte, Xerénte, Xikriabá, Jaikó e Akroá-mirim).	Uma língua da costa (Malalí).	Uma parte do sul (Maxakalí, Kapoxó, Kumanaxó, Panháme, Pataxó e Makoní).

Ainda conforme Rodrigues (2002), antes da proposta de Mason (1950), um pesquisador importante para os estudos de famílias linguísticas supostamente relacionadas ao tronco Macro-Jê foi Chestmir Loukotka (1931, 1932, 1935, 1939, 1942, 1944). Em seu estudo, Loukotka excluiu da família Jê as línguas Jê orientais de Von den Steinen (Kotoxó, Kamakã, Masakarã) e de Paul Rivet (Botocudo, Kamakã, Panháme, Coroadó e Purí). Além disso, excluiu também as línguas do ramo setentrional dos Jê primitivos de Ehrenreich (Botocudo, Kamakã, Pataxó), com as quais constituiu as famílias Maxakalí (LOUKOTKA, 1931), Kamakã (LOUKOTKA, 1932), Coroadó (LOUKOTKA, 1937), Botocudo (LOUKOTKA, 1942) e Pataxó (LOUKOTKA, 1942), mas manteve o Kaingáng e línguas mais estreitamente afins a este dentro da família Jê (cf. RODRIGUES, 2002).

No entanto, em 1935, Loukotka reviu sua classificação e decidiu separar também o Kaingáng das línguas afins, passando a formar a família Kaingáng. A partir de seus estudos e dos estudos anteriores, em 1942, na sua classificação das línguas da América do Sul, considerou um tronco formado por oito famílias: Jê, Ofayé, Kaingáng, Purí, Maxakalí, Pataxó, Krenák e Kamakã, nomeando o tronco por Tapuya-Jê. Rodrigues (2002) ressalta que essa classificação é a primeira proposta mais clara da existência do que hoje chamamos de tronco Macro-Jê.

Rodrigues (2002) destaca também a contribuição de Mansur Guérios, pois foi um dos primeiros a realizar estudos de linguística histórica comparativa no Brasil. O autor afirma que Guérios (1939) procurou correspondências lexicais entre a língua

Boróro e duas línguas Jê setentrionais, o Timbira (Merrime) e o Kayapó, em seu estudo intitulado “*O nexu linguístico bororo-merrime-caiapó*”⁸.

1.3 A constituição do tronco linguístico Macro-Jê

Mason (1950) propôs o nome Macro-Jê para um conjunto de línguas faladas no Brasil que, na época, ele acreditava estarem relacionadas à família Jê. No entanto, sabemos que antes da denominação Macro-Jê dada por Mason, Schimdt (1926) empregou o nome Ges-Tapuya; e Loukotka (1942, 1944), o nome Tapuya-Jê sempre com o mesmo sentido: línguas que tinham traços em comum com as já conhecidas línguas Jê (cf. RODRIGUES, 1999).

A proposta de Mason incluía nove famílias: Jê, Kaingáng, Kamakã, Maxakalí, Purí, Pataxó, Malalí, Koropó e Botocudo. Tal classificação diferencia-se da de Loukotka (1942), pois Mason excluiu o Ofayé e apresentou como duas famílias o Purí e o Koropó (ambos da família Coroadó de Loukotka), além disso, considerou o Maxakalí e o Malalí como sendo línguas de famílias diferentes (ambas consideradas por Loukotka como fazendo parte da família Maxakalí).

Em relação à família Jê, Mason (1950) estabeleceu três seções principais: Noroeste, Central e Nordeste. Na seção Noroeste distinguiu três grupos: Timbira, kayapó e Suyá:

Tabela 1.6 – Proposta de classificação de Mason (1950) para as línguas Jê da seção Noroeste (cf. RODRIGUES, 2002)

Timbira	Kayapó	Suyá
Timbira Ocidental	Kayapó do Norte	Suyá
Timbira Oriental	Kayapó do Sul	

Na seção Central, Mason distinguiu dois grupos: Akwén e Akroá:

Tabela 1.7 – Proposta de classificação de Mason (1950) para as línguas Jê da seção Central (cf. RODRIGUES, 2002)

Akwén	Akroá
Xakriabá	Akroá do norte
Xavánte	Akroá do sul
Xerénte	Gogué

⁸ Segue em anexo a esta tese o vocabulário comparativo de Guérios (1939).

Na seção Nordeste, Mason inseriu somente a língua Jaikó.

Essa possível relação genética entre tais línguas é uma das hipóteses de um tronco Macro-Jê, que tem variado muito de pesquisador para pesquisador (cf. RODRIGUES, 1999).

Nimuendajú (1945) apud Rodrigues (1999) considerou o Malalí uma família independente, ao contrário de Mason (1950) que incluiu o Malalí ao Macro-Jê, assim como a língua Koropó, embora, em sua classificação tenha deixado de fora as línguas Ofayé e Yatê, sendo que esta também foi excluída por Loukotka (1942) do suposto tronco Macro-Jê.

Em 1959, Maurício Swadesh – o idealizador da Glotocronologia – publicou uma classificação das línguas americanas distribuídas por zonas geográficas:

Tabela 1.8 – Proposta de classificação de Swadesh para línguas indígenas americanas (1959) (cf. RODRIGUES, 2002)

Zona sueste	Zona sul	Zona sudoeste
Complexo Kaingáng-Jê	Macro-Coroado (Coroado ou Purí, Fulnió ou Yatê e Maxakalí)	Ofayé que está no complexo macro-Samuko.
Boróro-chiquito	Complexo Macro-Karíb (Karíb, Tarumá e Hirahara)	
As famílias Aimoré (Krenák)	A família Karirí e a língua Guató	

Rodrigues (2002) relata que Swadesh (1959), além de não classificar o Pataxó, toda a sua análise teve como base as suas explorações léxico-estatísticas e glotocronológicas.

Uma das grandes contribuições aos estudos comparativos dentro do tronco Macro-Jê foi a de Davis⁹ (1966, 1968). Em seu primeiro estudo, Davis (1966) comparou 112 itens lexicais entre cinco línguas: Apinajé, Canela, Suyá, Xavánte e Kaingáng. Através desse estudo, ele constatou que o Kaingáng faria parte da família Jê, desconsiderando a hipótese de que este formaria, sozinho, uma família linguística.

O outro trabalho importante de Davis é o de 1968. Nesse estudo, ele estabelece uma análise comparativa de itens lexicais do Maxakalí e do Karajá, comparando com o resultado da reconstrução de itens lexicais produzidos no trabalho de 1966 sobre a

⁹ Os vocabulários comparativos de Davis (1966 e 1968) seguem anexos a esta tese.

família Jê. Davis (1968) demonstra que 67 itens lexicais de sua lista de 1966 possuem aproximação genética com as línguas Maxakalí e Karajá. Davis (1968) demonstrou ainda que Jê, Maxakalí e Karajá, através de correspondências fonológicas regulares, compartilhavam de características em comum entre elas e também entre o Boróro, o Yatê e o Tupí.

Dando continuidade à breve apresentação dos estudos comparativos, podemos citar o trabalho de Gudschinsky¹⁰ (1971), no qual compara o Ofayé com a reconstrução do proto-Jê de Davis (1966), sugerindo que o Ofayé seja realmente uma língua do tronco Macro-Jê.

Em 1973, Boswood¹¹ publica um estudo demonstrando a possibilidade de inclusão do Rikbáktsa no tronco Macro-Jê. Seu trabalho pauta-se na comparação do Rikábktsa (língua falada no extremo norte do Mato Grosso) com o proto-Jê de Davis (1966). Através de algumas evidências no campo do léxico (46 cognatos), Boswood sugere a inclusão do Rikbáktsa no tronco Macro-Jê.

Dois pontos do estudo de Boswood devem ser ressaltados aqui. O primeiro é o fato de utilizar, assim como Davis, o método da léxico-estatística criado por Swadesh. Com esse recurso, Boswood (1973) demonstra que há apenas 38% de correspondências entre os itens lexicais do Rikbáktsa com os 112 itens lexicais reconstruídos por Davis (1966) para o proto-Jê. O segundo ponto, refere-se ao fato de Boswood considerar os cognatos do Rikbáktsa como reflexos das proto-formas sugeridas por Davis. Tal análise força a interpretação de que o Rikbáktsa teria derivado da família Jê em uma maior profundidade temporal.

1.4 Estudos recentes sobre o tronco Macro-Jê

Rodrigues (1986) incluiu no tronco Macro-Jê o Karirí e o Guató, além de propor a inserção do Pataxó na família Maxakalí e não mais considerá-lo como uma língua que formaria sozinha uma família, como havia sido proposto por Loukotka (1942, 1944). A família Maxakalí, segundo a proposta de Rodrigues (1986), recebeu ainda mais um membro – o Malalí – a qual havia sido excluída por Nimuendaju (1945) do tronco, mas havia sido incluída no tronco por Mason (1950) como sendo uma família.

¹⁰ O vocabulário comparativo de Gudschinsky (1971) segue anexo a esta tese.

¹¹ O vocabulário comparativo de Boswood (1973) segue anexo a esta tese.

Rodrigues, partindo dos estudos já produzidos anteriormente sobre a proposta de um tronco Macro-Jê, apresentou a sua concepção desse tronco em 1970 no livro “*Índios do Brasil*” de Júlio César Mellatti e em 1972 na “*grande Enciclopédia Delata-Larousse*”, além da publicação de algumas indicações sobre regularidades nas correspondências fonológicas em 1986 no livro “*Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*” (cf. RODRIGUES, 2002).

No capítulo destinado ao Macro-Jê do livro organizado por Dixon e Aiklenvald, em 1999, Rodrigues apresenta características fonológicas e gramaticais de línguas das famílias que, na sua hipótese, formariam o tronco. As doze famílias consideradas por Rodrigues são as seguintes: Jê, Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yathê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e Rikbáktsa.

No seu estudo, Rodrigues (1999) disponibiliza 39 comparações lexicais, demonstrando regularidades nas correspondências fonológicas entre todas as famílias supracitadas. Os resultados preliminares de seu trabalho apontam para a probabilidade de um efetivo relacionamento genético entre todas essas famílias.

Em 1987, Greenberg (apud RODRIGUES, 1999, 2002) considerou que todas as línguas ou famílias linguísticas mencionadas nos estudos acima, com exceção do Karirí, fariam parte do tronco Macro-Jê. Greenberg (1987) ainda acrescentou ao tronco as línguas Chiquito, Otí e Jabutí, mesmo não havendo dados suficientes na época para atestar isso.

Na última década do século XX, Terence Kaufman (1990) se dispôs a fazer uma classificação das línguas nativas da América do Sul para o atlas das línguas do mundo organizado por R. E. Asher e C. Moseley. Em seu ensaio classificatório, ele distribuiu as línguas em doze seções, das quais IX e X se referem às línguas orientais e do nordeste do Brasil. Na seção IX, estão quase todas as línguas do tronco Macro-Jê: Jê, Boróro, Kamakã, Maxakalí, Purí, o complexo linguístico Aimoré (Krenák), a área linguística Karajá e as línguas Rikbáktsa, Jaikó, Yatê, Ofayé e Guató. Na seção X, colocou o Karirí (cf. RODRIGUES, 1999).

1.5 As doze famílias do tronco Macro-Jê na visão de Rodrigues (1999)

Rodrigues (1999) deixa claro que o tronco Macro-Jê ainda é uma hipótese (ou um conjunto de hipóteses inter-relacionadas) e que as tentativas de classificação requerem um trabalho mais detalhado; contudo, afirma também que a pouca documentação de determinadas línguas e a ausências de dados de outras dificultam, e muito, o trabalho histórico-comparativo.

Em seu trabalho, Rodrigues (op. cit) propôs uma distribuição das línguas do tronco Macro-Jê em 12 ramos, informou também a distribuição geográfica das línguas que constituem cada ramo do tronco em questão. Além disso, informa quais línguas encontram-se hoje mortas e indica a margem de falantes para as línguas que ainda hoje possuem representantes. Reproduzimos a seguir as informações disponíveis em Rodrigues (1999) a respeito das doze famílias consideradas por ele como membros do tronco Macro-Jê.

1.5.1 Ramo I – família Jê

O Ramo I é o maior do tronco Macro-Jê formado pelas línguas da família Jê que é dividida em quatro subgrupos conforme sua distribuição regional: o primeiro subgrupo (atualmente extinto), situado no nordeste do Brasil, é formado pela língua Jaikó, que era falada possivelmente no sudeste do Piauí.

O segundo subgrupo, os Jê do norte, é constituído por cinco línguas: a primeira é a língua Timbira e seus dialetos falados nos estados do Maranhão, Pará, Tocantins, totalizando 2.800 falantes; a segunda língua é o Apinajé, falada no norte do Tocantins e possui cerca de 720 falantes; a terceira é o Kayapó, juntamente com suas variações dialetais, as quais são faladas na parte oriental (lado oeste) do Mato Grosso e sudeste do Pará com aproximadamente 5.000 falantes; a quarta língua considerada nesse ramo é o Panará cujos falantes, cerca de 160, estão distribuídos na área indígena do Panará, no norte do Mato Grosso e no sudoeste do estado do Pará; a quinta e última língua desse subgrupo é o Suyá, cujo povo situa-se no Parque Indígena do Xingu no Mato Grosso; sendo que 213 falam Suyá e 58 Tapajuna, variação dialetal da língua Suyá.

O terceiro subgrupo, considerado os Jê central, constitui-se de quatro línguas, sendo duas extintas: o Xakriabá e o Akroá. Esta se situava em Minas Gerais e aquela na parte oriental de Goiás e sul do Maranhão; e duas vivas: Xavánte e Xerénte. A língua Xavánte é falada no sudeste de Mato Grosso e nos lados oeste e norte de Goiás com cerca de 9.000 falantes, e a língua Xerénte, com aproximadamente 1.550, falada em Tocantins.

As línguas que representam o quinto grupo da família Jê situam-se no Sudeste do Brasil: o Kaingáng, o Xoklém e o Ingaín (esta, atualmente morta). O Kaingáng é falado em São Paulo, Paraná e Santa Catarina (aproximadamente 20.000 falantes); e o Xoklém é falado em Santa Catarina por cerca de 1.650 utentes.

1.5.2 Ramo II – família Kamakã

Conforme Rodrigues (1999), o ramo II é representado pela família linguística Kamakã, uma família cujos membros estão todos mortos. Segundo Rodrigues (1986), não há nenhum falante dessas línguas desde os anos 30 do século passado.

Recentemente, desenvolvemos um estudo histórico-comparativo da família Kamakã¹² (pesquisa orientada por Cabral, ver MARTINS, 2007), no sentido de atestar as relações genéticas entre as línguas que a compõem. A partir da análise, propusemos uma revisão da família, a qual era formada por cinco línguas, conforme Loukotka (1932). Em nossa revisão, apresentamos um quadro comparativo no qual demonstra que o Mongoyó e o Kotoxó não seriam línguas distintas e sim variações dialetais de uma mesma língua, consideramos, então, a constituição da família em quatro línguas: Kamakã, Kotoxó, Meniém e Masakará e não cinco, como havia sido proposta por Loukotka (1932).

Basicamente, os falantes dessas línguas situavam-se no sudeste da Bahia e Norte do Espírito Santo (cf. RODRIGUES, 1986).

¹² O vocabulário comparativo de Martins (2007) segue anexo a esta tese.

1.5.3 Ramo III – família Maxakalí

A família Maxakalí corresponde ao ramo III do tronco Macro-Jê, conforme a classificação de Rodrigues (1999). Atualmente, a única língua falada dessa família é aquela de mesmo nome – Maxakalí. Os Maxakalí habitam hoje a região nordeste de Minas Gerais e Norte do Espírito Santo (cf. RODRIGUES, 1999).

As outras línguas que constituem a família Maxakalí e que hoje estão extintas são o Kapoxó, o Monoxó, o Makoní, o Malalí e o Pataxó, sendo que as quatro primeiras eram faladas no nordeste de Minas Gerais; e a última, no sudeste da Bahia, onde ainda hoje existem índios dessa etnia, mas que, infelizmente, não são mais usuários da língua.

1.5.4 Ramo IV – família Krenák

O ramo IV é representado pela família linguística Krenák. Ela é composta por duas línguas, o Krenák e o Guerén. A língua Krenák, conhecida também pela língua dos Botocudos, era falada nas regiões nordeste de Minas Gerais; nordeste e centro do Espírito Santo e sudeste da Bahia. Segundo Rodrigues (1999), o total de falantes que resta dessa língua não ultrapassa 10 falantes. A segunda língua, o Guerén, era falada no sudeste da Bahia.

1.5.5 Ramo V – família Purí¹³

A família Purí é uma das que se encontra hoje extinta, conforme Rodrigues (1999). Ela é constituída por três línguas: Purí, Koropó e Coroadó, sendo que a primeira era falada no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, nordeste de São Paulo e sudeste de Minas Gerais, enquanto que as duas últimas eram faladas somente no Espírito Santo.

¹³ Sobre mais informações a respeito da família linguística Purí, pode-se consultar Silva Neto (2007). No entanto, o vocabulário comparativo utilizado por ele segue anexo a esta tese.

1.5.6 Ramo VI – família Karirí

Conforme Rodrigues (1999), nenhuma das quatro línguas dessa família está viva. As línguas mortas que compõem essa família são Kipeá ou Kirirí, cujos falantes habitavam o nordeste da Bahia e Sergipe; o Dzubukuá, o qual era falado nas ilhas do rio São Francisco e no norte da Bahia; o Sabuyá falado na região central da Bahia; e o Kamurú localizado no lado oeste do estado da Bahia.

1.5.7 Ramo VII – família Yatê

É uma família de uma língua só – Yatê. Os falantes da língua Yatê se autodenominam Fulniô, eles também são conhecidos como Carnijó. Estão localizados em Pernambuco e somam cerca de três mil indígenas (cf. RODRIGUES, 1999).

1.5.8 Ramo VIII – família Karajá

Assim como a família Yatê, a família Karajá forma um conjunto unitário, subdividida em suas variações dialetais: Karajá do Sul, Karajá do Norte, Javaé e Xambiwá faladas por cerca de 2.900 índios. Os índios Karajá habitam a parte oriental de Mato Grosso e a parte ocidental de Tocantins (cf. RODRIGUES, 1999).

1.5.9 Ramo IX – família Ofayé

Essa família é formada apenas por uma língua de mesmo nome – Ofayé. Também conhecida como Ofayé-Xavánte, localizada na região oriental de Mato Grosso do Sul (idem).

1.5.10 Ramo X – família Boróro

A família é composta por quatro línguas: o Boróro Oriental, o Boróro Ocidental, o Umutina e o Otúke, sendo que apenas a primeira ainda possui falantes nativos, os quais estão localizados no sul do Mato Grosso (cf. RODRIGUES, 1999).

1.5.11 Ramo XI – família Guató

É uma família de uma língua só. O Guató é falado no sudeste de Mato Grosso. A estimativa é que existem apenas cinco falantes dessa língua (cf. RODRIGUES, 1999).

1.5.12 Ramo XII – família Rikbáktsa

Baseando-se ainda nas informações de Rodrigues (1999), a família Rikbáktsa possui apenas uma língua – o Rikbaktsá, que é falada na região norte de Mato Grosso por cerca de 990 indígenas.

1.6. Novos estudos histórico-comparativos envolvendo línguas do tronco Macro-Jê

Em Rodrigues & Cabral¹⁴ (2007, p. 114) é acentuado que “*A hipótese da origem comum de todas as famílias linguísticas reunidas sob o rótulo Macro-Jê ainda está longe de uma comprovação cabal*”.

Em 2010, Cabral et. al. Ressalta que os desafios que essa hipótese representa são de naturezas distintas. Por um lado, há falta de documentação das línguas em questão, como acentuado por Rodrigues e Cabral (2007), por outro lado, trata-se muito provavelmente de um tronco cujo desmembramento teria se dado durante uma história com maior profundidade temporal do que a dos grandes agrupamentos consolidados como o tronco Tupí, a família Karíb e a família Aruák.

¹⁴ O vocabulário comparativo utilizado por Rodrigues e Cabral (2007) segue anexo nesta tese.

Há ainda a possibilidade de possíveis efeitos de contato desses povos com outros de origens genéticas distintas, dada a separação geográfica em que se encontram na atualidade e que refletem longas migrações em raios que somam até mais de 3.500 km de extensão, como é o caso de uma única família, a família Jê, cujos representantes localizam-se em pontos distantes como no extremo norte do estado do Maranhão, no estado do Pará, no estado Tocantins, no Estado do Mato-Grosso, no estado de Goiás e nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul (CABRAL et al., 2010). Sabe-se que migrações em grandes áreas como essas propiciam normalmente encontros em que as línguas em contato podem não só receber os mais diferentes tipos de interferência como podem ser a fonte de interferências em outras línguas, e os dois casos são possibilidades que não podem ser descartadas em se tratando das várias famílias propostas como sendo do tronco Macro-Jê. Há ainda o grave problema causado pela falta de documentação de línguas extintas e que foram minimamente documentadas.

Para postular um tronco Macro-Jê, os estudiosos, já citados neste capítulo, notaram semelhanças no âmbito da fonologia, do léxico e alguns aspectos morfossintáticos entre as línguas que supostamente pertencem a esse tronco; no entanto, o conjunto de trabalho produzido até os dias de hoje ainda é pouco para cientificamente justificarmos a existência de um tronco Macro-Jê como propõe Rodrigues (1999)¹⁵. Isso ocorre porque das muitas línguas, ainda vivas, não se têm uma boa descrição; das extintas, pouquíssimos são os registros e quando estes existem, boa parte foi mal documentada, isto é, não são informações adequadas para desenvolver um bom estudo comparativo, salvo algumas exceções, (RODRIGUES, 1986, 1999).

Recentemente, temos visto alguns trabalhos cujos autores buscaram identificar relações genéticas entre línguas que anteriormente já teriam sido classificadas dentro de uma única família, como é o caso das famílias Boróro (RODRIGUES¹⁶, 2007), Kamakã (MARTINS, 2007) e Purí (SILVA NETO, 2007).

Além desses, outros trabalhos para identificar possíveis afinidades genéticas entre famílias linguísticas do tronco Macro-Jê foram desenvolvidos como, por exemplo, Rodrigues (2001) sobre a flexão relacional no tronco Macro-Jê. Além desse, Cabral & Rodrigues (2007) apresentam dados comparativos de um projeto que visa à revisão e à

¹⁵ O vocabulário comparativo de Rodrigues (1999) segue anexo a esta tese.

¹⁶ Trata-se de uma republicação do trabalho de Rodrigues (1962). O vocabulário comparativo utilizado por Rodrigues entre as línguas Umutína e Boróro segue anexo a esta tese.

coordenação dos resultados de estudos ou observações anteriores, tanto em famílias particulares quanto sobre o tronco Macro-Jê como um todo, e uma nova comparação de dados antigos e novos em busca de evidências lexicais. Nesse trabalho, Cabral & Rodrigues (2007) amplia a quantidade de prováveis cognatos de 39 (RODRIGUES, 1999) para 46.

Sobre o trabalho de Martins (2007), já citado em outra oportunidade, vale frisar que houve um desenvolvimento de uma revisão da família linguística Kamakã, proposta por Chestmir Loukotka (1932). Com essa revisão, realizada à luz do Método Histórico-Comparativo, foram reorganizados os dados existentes, visando à demonstração das correspondências lexicais e fonológicas entre as línguas comparadas, que não foram tratadas sistematicamente no trabalho de Loukotka. Esse estudo permitiu por um lado confirmar a validade da proposta de Loukotka e, por outro lado, por em evidência as correspondências lexicais e fonológicas entre o Masakará e as demais línguas, por ela ser mais diferenciada em relação às outras. Finalmente, o estudo permitiu a elaboração de um modelo arbóreo para a família linguística Kamakã.

Em 2007, foi apresentada também uma revisão da família linguística Purí (SILVA NETO, 2007). Foi nesse estudo que obtivemos a normalização dos dados existentes das línguas Purí, Coroado e Koropó e, além de atestar a validade da classificação apresentada por Loukotka (1937). Foi verificado também que a língua Koropó é um parente distante das outras línguas que compõem a família.

Em 2008, apresentamos os resultados de estudos comparativos sobre as famílias Kamakã (MARTINS, 2007) e Purí (SILVA NETO, 2007) com o propósito de identificar as formas correlatas e determinar as correspondências fonológicas e semânticas entre elas. Nesse trabalho, discutimos também em que medida os estudos comparativos recentes realizados sobre as duas famílias contribuem para a hipótese de um tronco linguístico Macro-Jê, para tanto, realizamos uma comparação com a reconstrução do proto-Jê de Davis (1966)¹⁷.

Em 2009, Ribeiro desenvolve um estudo no qual identifica relações genéticas entre as famílias Kamakã, Purí e Krenák.

Ainda em 2009, Camargos; Costa; Martins & Miranda (2009, 2010) desenvolvem uma análise comparativa de construções causativas das línguas Boróro (família Boróro), Krahô, Apinajé, Xikrín (família Jê, ramo setentrional) e Rikbáktsa

¹⁷ O vocabulário comparativo de Martins (2008) segue anexo a esta tese.

(família Rikbáktsa). Na ocasião, foram apresentadas as construções causativas dessas línguas e foram identificadas as características semelhantes entre elas no que diz respeito à forma do morfema causativo e o seu funcionamento nas línguas comparadas. Os resultados da análise revelaram que as línguas em questão possuem formas cognatas de um mesmo morfema causativo de possível origem verbal, e que em algumas línguas co-existem os dois reflexos, o morfológico e o lexical, já em outras apenas o morfológico e, ainda, em outras, apenas o lexical. Esse estudo mostrou também que as similaridades compartilhadas por línguas de famílias bastante diferenciadas, como a Rikbáktsa e a Jê, reforçam a hipótese de parentesco genético entre elas.

Em 2010, Cabral et al. apresentaram, como amostra do trabalho que vem sendo realizado, alguns conjuntos de possíveis cognatos propostos com base nas semelhanças de forma fonológica e de significado e buscaram identificar regularidade nas correspondências fonéticas. As línguas fontes dos dados utilizados naquela ocasião para a comparação de natureza histórica foram o Rikbáktsa, o Boróro e o Kaingáng. Vale ressaltar que esse trabalho comparativo possibilitou a ampliação de cognatos entre algumas das línguas do tronco Macro-Jê que eram de 46 (CABRAL & RODRIGUES, 2007) para 75 cognatos¹⁸.

Ainda em 2010, houve a defesa de uma dissertação de mestrado, na qual o autor apresenta uma proposta de reconstrução fonológica e lexical com base na análise comparativa de dados das línguas que formam o sub-ramo meridional da família Jê: Xoklég, Kaingáng, Kaingáng Paulista e Ingaín (cf. JOLKESKY, 2010)¹⁹.

Para a realização de seu estudo, Jolkesky (op. cit) fez uso de materiais anteriormente publicados por diversos estudiosos sobre as quatro línguas comparadas, além de dados coletados pelo próprio autor em sua pesquisa de campo. Para a sistematização fonológica dos dados utilizados na comparação, o autor produziu uma análise sincrônica das línguas baseando-se numa abordagem estruturalista, seguindo as ideias de Trubetzkoy (1939).

Após a sistematização dos dados, o autor prosseguiu com uma análise comparativa fundamentada no Método Histórico-Comparativo. Dessa análise, Jolkesky apresenta cerca de 1100 itens lexicais reconstruídos para o Proto-Jê Meridional.

Também em 2010, foi publicado na revista IJAL (outubro de 2010) um estudo comparativo produzido por Eduardo Rivail Ribeiro juntamente com Hein van der

¹⁸ O vocabulário comparativo de Cabral et al.(2010) segue anexo a esta tese.

¹⁹ O vocabulário comparativo de Jolkesky (2010) segue anexo a esta tese.

Voort²⁰. Trata-se de uma análise comparativa à luz do Método Histórico-Comparativo, envolvendo as formas reconstruídas por van der Voort (2007) para o Proto-Jabutí e as formas reconstruídas do Proto-Jê por Ribeiro (uma reanálise das proto-formas reconstruídas por Davis, 1966).

Nesse artigo, Ribeiro e van der Voort (2010) defendem a proposta de inclusão da família Jabutí (constituída pelas línguas Arikapú e Djeoromitxí) dentro do tronco Macro-Jê. Tal proposta, como os próprios autores relatam, já havia sido sugerida por Nimuendajú (2000, [1935]) e foi mantida por Greenberg (1987). Contudo, pelo fato de os estudos comparativos feitos até então terem sido baseados em pequenas listas de palavras, com poucas evidências de aproximação genética com línguas do tronco Macro-Jê, tal inclusão não foi aceita pela maioria dos americanistas, especialistas em classificação das línguas indígenas americanas. Porém, Ribeiro e van der Voort (2010) apresentam novas evidências de correspondências lexicais fonológicas regulares entre o Proto-Jabutí e o Proto-Jê, além de alguns aspectos gramaticais em comparação com línguas da família Jê. O trabalho comparativo de Ribeiro e Van der Voort (2010) toma como base para a comparação dos itens lexicais, a lista sugerida por Swadesh (1950) composta por palavras consideradas como pertencentes ao vocabulário básico (universal).

Por fim, os autores chegam à seguinte conclusão: embora as correspondências apresentadas possam requerer mais refinamentos, elas trazem evidências que sugerem a inclusão da família Jabutí no tronco Macro-Jê, pois há um considerável grau de correspondências regulares que são recorrentes, incluindo um número de elementos gramaticais e um possível caso de *shared aberrancy*. Concluindo, então, que a hipótese Jabutí/Macro-Jê, primeiro levantada por Curt Nimuendajú, é válida e que mais investigações sobre as línguas Jabutí, poderão enriquecer o campo de estudos do tronco Macro-Jê.

Cabe ressaltar aqui que, nesse mesmo trabalho, Ribeiro e van der Voort (2010) sugerem que a língua Guató seja excluída do tronco Macro-Jê (por falta de maiores evidências de sua permanência no tronco) e parecem ser a favor da inclusão do Chiquitano, visto que novas evidências para isso tenham sido apresentadas por Santana (2006) e Adelaar (2008).

²⁰ O vocabulário comparativo de Ribeiro e van der Voort (2010) segue anexo a esta tese.

1.7 Algumas reflexões sobre as hipóteses de constituição do tronco Macro-Jê

Como vimos, o tronco linguístico Macro-Jê teve várias configurações ao longo dos anos, desde a sua primeira proposta. Sendo assim, é fácil supor que muitas classificações divergentes só reforçam a ideia de que esse tronco ainda é uma hipótese de trabalho em andamento.

Verificamos, ao recontar a história de classificação, inclusão e exclusão de línguas nesse tronco, que os esforços empreendidos, até o dado momento, não foram suficientes para o estabelecimento de uma hipótese única sobre a constituição do tronco Macro-Jê, uma vez que há informações que convergem e outras que divergem a respeito desse agrupamento genético. A falta de mais estudos comparativos e a ausência de dados para realizá-los se apresentam como grandes obstáculos para a possibilidade de avanço de qualquer hipótese. Aliado a isso, estamos certos de que a profundidade temporal que separa as línguas desse tronco é relativamente maior do que aquela esperada para o tronco Tupí, tornando o trabalho de comparação de línguas e comprovação de qualquer relacionamento genético mais difícil de ser produzido.

Diante do exposto, e cientes das dificuldades, consideramos importante reavaliar as conexões genéticas dúbias estabelecidas para o tronco Macro-Jê; por isso, buscamos nesta tese reunir indícios linguísticos que nos deem base para entender melhor a real situação do Guató dentro do tronco.

CAPÍTULO 2

O MÉTODO HISTÓRICO-COMPARATIVO: UM RECURSO EFICAZ PARA A CLASSIFICAÇÃO GENÉTICA DE LÍNGUAS

2.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos uma breve apreciação do Método Histórico-Comparativo e do seu aprimoramento ao longo dos dois últimos séculos, focalizando sua importância para o conhecimento da pré-história dos diferentes povos.

Nossos objetivos aqui são (a) recontar um pouco da trajetória da construção do Método Histórico-Comparativo; (b) apresentar alguns dos principais requisitos necessários para uma análise comparativa de línguas supostamente relacionadas geneticamente; (c) enfatizar os três critérios utilizados pelos comparativistas para propor possíveis relações genéticas entre as línguas comparadas: vocabulário básico, correspondências fonológicas e evidências gramaticais e, por fim, (d) esclarecer os motivos que nos levaram a escolher o Método Histórico-Comparativo para avaliar a hipótese de Rodrigues (1986) sobre a possibilidade de o Guató pertencer ao tronco linguístico Macro-Jê.

2.2 Breve relato sobre o desenvolvimento do Método Histórico-Comparativo

O Método Histórico-Comparativo teve o seu desenvolvimento reconhecido no século XIX. Durante esse período, deu-se início aos estudos comparativos mais sistemáticos sobre as semelhanças entre línguas como, por exemplo, o latim e o sânscrito. Estudos como esse, desenvolvidos ao longo dos séculos XIX e XX, ajudaram a estabelecer graus de parentesco entre línguas indo-europeias e a postular reconstruções de estágios anteriores de uma língua hipotética ou proto-língua (proto-indo-europeu), da qual se originaram as línguas que hoje compreendemos como fazendo parte do tronco Indo-Europeu (HOCK, 1991).

Conforme Meillet (1950), todas as línguas chamadas indo-europeias provêm de uma proto-língua, que deve ter vigorado até uns 3000 anos a. C. numa região meridional da atual Rússia. E que o motivo de sua expansão estaria ligado a movimentos migratórios que a levou da Ásia para a Europa; sendo que a evolução linguística, de par com o contato com outros povos, determinou uma intensa diferenciação em múltiplas línguas cognatas. Tais informações, então, só ratificam o que Leibniz (1710) disse a respeito das línguas históricas: *“nenhuma língua histórica é a fonte das línguas do mundo, uma vez que deve ser derivada de uma proto-língua”* (apud CÂMARA Jr., 1990).

De acordo com Portizig (1954) apud Câmara Jr. (1967), o tronco Indo-Europeu está dividido inicialmente em doze 12 famílias, e estas estão divididas em dois grupos, conforme o espaço geográfico que ocupam:

Tabela 2.1 – Classificação das línguas Indo-europeias (cf. PORTZIG, 1954 apud CÂMARA JR., 1990)

1º grupo – Europa Ocidental	2º Grupo – Ásia e Europa Oriental
I. Celta	VI. Indo-irânico
II. Latim	VII. Báltico
III. Osco-umbro	VIII. Esloveno
IV. Germânico	IX. Grego
V. Ilírico	X. Armênio
	XI. Trácio
	XII. Frígio

A aplicação do Método Histórico-Comparativo mostrou que línguas aparentadas apresentam correspondências sistemáticas entre itens lexicais – cognatos (formas que apresentam semelhanças tanto de som quanto de significado). Mostrou também que tais correspondências são regulares.

Com o passar do tempo, baseando-se nos resultados de estudos comparativos entre diversas línguas, algumas concepções sobre mudanças, principalmente fonológicas, foram sendo formuladas e reformuladas, e o método passou por um processo de refinamento, como veremos ao abordarmos a evolução da Linguística Histórica assim como os estudiosos que, de alguma forma, ajudaram a desenvolver o Método Histórico-Comparativo.

2.3 Contribuições para a consolidação do Método Histórico-Comparativo

O primeiro a se destacar nessa fase foi William Jones, o qual apresentou, em 1786, uma comunicação à Sociedade Asiática de Bengala, indicando semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego. Sequencialmente, dicionários e gramáticas do sânscrito foram publicados (CAMPBELL e POSER, 2008). No entanto, antes de William Jones, outros estudiosos durante o século XVII e início do século XVIII já faziam um esforço para comparar as línguas e classificá-las de acordo com suas semelhanças. Ludolf (1702), por exemplo, já afirmava que o reconhecimento das afinidades das línguas deve depender antes das semelhanças gramaticais do que do vocábulo; e que nas correspondências de vocabulário, a ênfase deve ser dada nas palavras simples como os nomes para as partes do corpo (apud CÂMARA Jr., 1990). Contudo, foi William Jones que, ao perceber semelhanças entre o sânscrito, o grego e o latim, emitiu uma opinião nesse sentido, e sua ideia acabou repercutindo.

O segundo destaque é Friedrich Schlegel, que publicou, em 1808, um estudo sobre a língua e o conhecimento dos hindus. Nessa obra, ele reforça a tese de William Jones (1786) em relação às semelhanças entre o sânscrito, o latim, o grego com o germânico e o persa. Em seu estudo, Schlegel (1808) tomou como base as raízes lexicais e estruturas gramaticais. Foi ele o primeiro a empregar o termo '*gramática comparativa*', defendendo uma comparação sistemática de todas aquelas línguas. Contudo, F. Schlegel não possuía muito conhecimento sobre mudanças fonéticas, por isso suas comparações eram limitadas aos vocábulos de sons idênticos com discrepâncias facilmente explicáveis por evidentes estágios intermediários (cf. CÂMARA Jr., 1990).

Ainda sobre Schelegel, sabemos que ele procurou também dar uma ideia das estruturas linguísticas. Para isso, dividiu-as em duas classes, uma que abrangia o sânscrito e as línguas com ele relacionadas; e a outra, correspondente a todas as outras línguas. Com as línguas da primeira classe, ele insistiu sobre o aspecto flexional; na verdade, foi o primeiro a empregar o termo *flexão* no estudo linguístico, que era entendido como a capacidade de uma palavra mudar internamente com o crescimento da raiz (idem).

Franz Bopp deu sequência aos estudos comparativistas da época ao publicar, em 1816, um livro que tinha como tema principal "*o sistema de conjugação da língua*

sânscrito”, comparando esse sistema com o das línguas grega, latina, persa e germânica. Foi através dessa comparação, basicamente morfológica, que ele identificou correspondências sistemáticas entre as línguas, possibilitando a comprovação de que tais semelhanças não se deram ao acaso, pois tantas similaridades só poderiam ser explicadas por possuírem a mesma origem (idem).

Com isso, Franz Bopp, a partir de 1833, deu continuidade aos seus estudos, estendendo a comparação com a língua celta, o eslavo e o armênio, publicando mais tarde uma gramática comparativa do sânscrito, persa, grego, latim, lituano, gótico e alemão. No entanto, o objetivo principal de Bopp era estabelecer relações genéticas entre essas línguas, não se preocupando com as explicações das mudanças ao longo do tempo, sendo esta a preocupação de Jacob Grimm. Para Bopp, importava apenas descobrir a origem das formas gramaticais, pois seu propósito era o de ter uma ideia da língua pré-histórica desaparecida da qual as línguas por ele consideradas deviam ter-se derivado. Por esse motivo, não deu a devida importância à fonética, preocupou-se apenas com a morfologia ao realizar um estudo estrutural da palavra (idem).

Outro estudioso que ajudou a lançar os fundamentos do que foi considerado como sendo a abordagem histórica da linguagem foi Jacob Grimm. Ele publicou, em 1819, uma gramática alemã (reeditada em 1822), contendo explicações sobre as mudanças fonéticas que deviam ter ocorrido nas línguas germânicas ao longo do tempo.

Uma contribuição importante de Grimm ao desenvolvimento dos estudos comparativos é a ideia de correspondências sistemáticas parciais entre os sons de palavras equivalentes em diferentes línguas, em vez de lidar apenas com a noção vaga de semelhança entre palavras.

Em 1822, Grimm, depois do linguista dinamarquês Rasmus Rask, observou que as línguas germânicas tinham frequentemente [f] onde outras línguas indo-europeias tinham [p]; e [p] correspondendo a [b] em outras línguas; [th] correspondendo a [t] em outras línguas; tinha [t] correspondendo em outras línguas [d]. A partir disso, Grimm chega à conclusão de que a alteração fonética dá-se na maioria dos casos, mas nunca se opera completamente em cada caso particular; algumas palavras mantêm a forma da época anterior; pois, por algum motivo, a corrente da inovação passou sem afetá-las (LYONS, 1979).

Antes da publicação de Grimm em 1819 e depois de Bopp (1816), Ramus Rask, linguista dinamarquês, publicou em 1818 um importante trabalho comparativo no qual envolvia as línguas nórdicas, as demais línguas germânicas, o grego, o latim, o lituano,

o eslavo e o armênio; no entanto, sua obra não teve grande repercussão já que a língua utilizada para divulgação científica da época não foi a mesma utilizada por ele em seu trabalho. Vale ressaltar aqui que Rask foi o primeiro estudioso a fazer progressos na técnica de comparação histórica entre línguas, visto que ele defendia a importância de se fazer comparações gramaticais em vez de aproximar palavras cuja concordância era incerta, por poderem passar facilmente de uma língua para outra. Seu estudo é apoiado também na concordância entre as palavras que ele considerava mais fundamentais (cf. CÂMARA Jr., 1990).

August Pott (1833-6) foi também uma figura importante no cenário do desenvolvimento dos estudos da Linguística Histórica. Seu trabalho ficou concentrado nos interesses etimológicos no campo das línguas indo-germânicas, sendo que o maior mérito dele foi o fato de ter dado ênfase à fonética e à derivação vocabular (idem).

Outro que se destacou por contribuir com o desenvolvimento de estudos comparativos foi Friedrich Diez, ao publicar, entre 1836 a 1844, uma gramática histórico-comparativa das línguas originárias do latim (filologia românica) e, em 1854, um dicionário etimológico dessas línguas (cf. CÂMARA Jr., 1990).

Com os trabalhos comparativos produzidos acerca das línguas Indo-Europeias, surgiu, então, a necessidade de representar, de forma mais sistemática, as relações genéticas entre línguas aparentadas. Foi assim que August Schleicher propôs uma classificação genealógica para as línguas e utilizou um sistema de representação comum em estudos de evolução biológica, influenciado por sua formação – botânico – e pela teoria darwiniana (teoria evolucionista). Nessa representação, Schleicher fez uma divisão das línguas indo-europeias em ramos (teoria da árvore genealógica) e que ainda hoje é utilizada para a representação das famílias linguísticas (idem).

De acordo com a classificação de Schleicher, as línguas ramos nascem da uma língua-mãe; das línguas-ramo nascem ramos menores e, desses ramos menores, surge uma série de dialetos. Finalmente, temos o tronco da árvore ou a proto-língua. Além disso, escreveu uma gramática comparada das línguas indo-europeias (1861), na qual desenvolveu uma tentativa de reconstrução de formas lexicais a partir de correspondências sistemáticas, sintetizando, assim, os saberes acumulados na área da comparação de línguas até aquele momento (idem).

Schleicher, no entanto, através de suas reflexões acerca do desenvolvimento da linguagem humana, afirma que cada língua é o produto da ação de um complexo de substâncias naturais de cérebro e no aparelho fonador. Para ele, estudar uma língua era,

portanto, uma abordagem indireta a esse complexo de matérias. Dessa forma, ele foi levado a concluir que a diversidade das línguas depende da diversidade dos cérebros e órgãos fonadores dos homens, de acordo com as suas raças. E associou, equivocadamente, a língua à raça. Com isso, ele advogou que a língua é o critério mais adequado para se proceder à classificação das raças humanas (idem).

Muitos outros ainda poderiam ser citados aqui, tais como Max Müller, William Whitney, Augusto Fick. O primeiro dessa série, por exemplo, ateve-se à ideia de que as raízes desenvolvidas pela análise da gramática comparativa do indo-europeu devem ter sido as verdadeiras palavras da língua primitiva, e tentou reduzir o número delas (cerca de 500) a fim de ter uma ideia do pobre sistema isolante da linguagem no despertar da vida humana (cf. CAMPBELL & POSER, 2008).

Já William Whitney estava convencido do papel dominante da aglutinação na estrutura da palavra, por isso, levou até as últimas consequências, a explanação sobre afixos e desinências como antigas raízes que perderam seus significados primitivos e se tornaram, através da aglutinação, meros elementos formais. Por fim, Augusto Fick, alemão, sanscritista, filólogo, deixa claro em seus estudos que a divisão de uma língua originalmente uniforme é feita sempre em dois grupos (idem).

Dando continuidade à apreciação dos estudos comparativistas, podemos citar as contribuições dos neogramáticos na construção de um método mais rigoroso para o estabelecimento de relações genéticas entre sistemas linguísticos. Além disso, diferente do objetivo de seus antecessores, os neogramáticos, representados inicialmente por Osthoff (1847-1909) e Brugmann (1849-1919), estavam interessados em traçar explicações para as mudanças que ocorriam de forma sistemática de uma língua para outra, isto é, a investigação se pautava na descoberta dos princípios gerais do movimento histórico das línguas. O maior pressuposto defendido por eles era que as mudanças sonoras ocorriam de forma sistemática e absolutamente regular, não admitindo exceções, conforme também considerava Leskien (1840-1916). Caso houvesse alguma exceção, utilizavam, como últimos recursos, o processo da analogia ou a reformulação do princípio da regularidade, adicionando a este o fato de que um som pode sofrer alteração devido ao ambiente fonético no qual está inserido (a lei de Verner²¹). No caso da analogia, os neogramáticos acreditavam que mudanças fonéticas

²¹ Karl Verner (1875), linguista dinamarquês, demonstrou que correspondências do tipo gót. d = lat. t (fadar : pater) eram perfeitamente regulares, desde que a lei fonética de Grimm fosse modificada para explicar a posição do acento nas palavras sânscritas correspondentes: as aspiradas surdas resultantes da lei

eram decorrentes de uma tentativa de ajuste de formas gramaticais, ou seja, mudança por analogia era entendida como uma interferência do plano gramatical no plano fônico. Uma outra concepção dos neogramáticos, a qual aparece não só em Osthoff, Brugmann, Leskien, mas também em Herman Paul (1880) é a de que mudanças sonoras seriam desencadeadas por fatores psíquicos e físicos (cf. CÂMARA Jr., 1990).

Enfim, é inegável a contribuição dos estudos comparativistas dos neogramáticos para o aprimoramento do Método Histórico-Comparativo, contudo, há algumas críticas no que diz respeito às concepções defendidas por essa corrente. Dentre elas, o fato de que a mudança linguística fosse absoluta, ou seja, ocorreria ao mesmo tempo e em todos os lugares. O que sabemos hoje é que as mudanças são paulatinas e graduais e que não necessariamente afetam todo o sistema ao mesmo tempo nem todos os ambientes (CÂMARA Jr., 1967).

Como já vimos, a abordagem histórica da linguagem começou, oficialmente, no século XVIII por um esforço em comparar e classificar as línguas de acordo com sua origem hipotética. Nesse esforço, a linguagem veio a ser vista nitidamente através de uma linha histórica de desenvolvimento, na qual uma língua antiga dá origem a uma ou várias línguas novas. Esta concepção está subjacente à linguística histórico-comparativa que se desenvolveu no século XIX. No entanto, o que intrigou a muitos durante muito tempo não foram apenas as mudanças sofridas pelas línguas ao longo dos séculos, mas também a curiosidade em saber qual língua deu origem a todas as outras línguas do mundo. Com isso, surgem outras questões como, por exemplo, de que forma as línguas se diversificam e o que ocasiona essa diversificação? Os tópicos subsequentes trazem algumas elucidações a respeito.

2.4 Língua mãe

De acordo com Campbell & Poser (2008), uma forte motivação para análise comparativa de sistemas linguísticos é a certeza de que as línguas que compartilham semelhanças no nível lexical, fonológico e morfossintático sejam originárias de uma língua em comum. Segundo Robins (1990) apud Campbell & Poser (2008), existiu, há

de Grimm (f, th, h) conservavam-se a sílaba precedente era acentuada, mas se não acentuada, sonorizavam-se (LYONS, 1979).

muito tempo, a suposição de que todas as línguas originaram-se a partir do hebraico (tradição bíblica). Durante o terceiro e o décimo sétimo século foi essa concepção que prevaleceu. Para Konrad Gesner (1555), todas as línguas tinham uma relação de proximidade com o hebraico; pois, conforme Peters (1947), todas as línguas tinham palavras do hebraico (cf. CAMPBELL & POSER, 2008).

No entanto, não temos evidências de qual seria a língua que deu origem a todas as línguas do mundo, as quais somam hoje cerca de 6 mil línguas (cf. CAMPBELL, 1998). Estudos nesse sentido não são fáceis de serem produzidos e comprovados cientificamente, já que, como sabemos também, através da história, muitos povos desapareceram e com eles seus sistemas de comunicação, pois foi somente a partir do século XIX que começamos a fazer, de forma sistemática, estudos comparativos com o intuito de verificar graus de parentesco entre línguas e propor constituições de famílias e agrupamentos maiores aos quais são chamados de troncos.

2.5 Diversificação linguística

De acordo com Campbell (1998), línguas geneticamente relacionadas umas com as outras pertencem à mesma família linguística. Isso significa que essas línguas relacionadas derivam (ou descendem) de uma simples língua original, chamada de proto-língua. A ideia explicitada por ele é que, no decorrer do tempo, dialetos da proto-língua desenvolvem-se através de mudanças linguísticas em diferentes regiões onde a língua original foi falada, mas como todas as línguas mudam constantemente, mais tarde, por meio de muitas mudanças, os dialetos tornam-se línguas distintas.

Hockett (1958) diz que línguas distintas, mas parecidas, são meramente uma continuação tardia do que foram, há muito tempo, dialetos de uma simples língua. Dessa forma, pensando sobre a diversificação das línguas, Campbell e Poser (2008) levantaram as seguintes questões: a) o que controla a diversificação linguística?; b) por que as línguas cindem e tornam-se famílias de línguas aparentadas?; c) o que explica a expansão de uma língua para um novo território? Sabemos, contudo, que algumas explicações podem ser dadas ao fenômeno da diversificação de línguas, tais como: migrações, guerras e conquistas, comércio, isolamento geográfico, cessação de comunicação, fatores sociais e organização econômica.

Rodrigues (1986) informa que os sistemas linguísticos por estarem sujeitos a fatores de instabilidade e variação tendem constantemente a sofrer alterações. Entretanto, tais alterações são equilibradas pelos próprios falantes no intuito de cumprir a função básica da língua (a comunicação). Porém, a partir do momento em que os ajustes, para efeito comunicativo, já não são mais necessários, as diferenças linguísticas aumentam. Isso se dá mediante a diminuição de contato entre uma comunidade por conta da divisão desta em duas ou mais comunidades:

Se as novas comunidades, resultantes da divisão do que foi antes uma só comunidade com uma só língua, distanciam-se no espaço geográfico e perdem de todo o contato entre si, desaparece inteiramente a necessidade de ajuste comunicativo entre elas. Nesse caso, as alterações linguísticas que ocorrem em cada comunidade não serão mais reajustadas em comum, por descoincidirem, em muitos casos, vão constituir diferenças entre suas falas. Estas se tornarão línguas diferentes, cada vez mais diferentes, na medida em que o correr do tempo expuser uma e outra, independentemente, às circunstâncias mais variadas (RODRIGUES, 1986, p. 18).

Sobre a ideia de mutação linguística, Câmara Jr. (1967) enumera três forças que determinam a mudança linguística e conseqüentemente resulta numa diversidade. A primeira força está relacionada com a necessidade de sincronizar a língua com a evolução da cultura. Já a segunda, é simplesmente uma intenção emotiva, que introduz o intento estético na formulação linguística, que é a essência do estilo. A terceira força determinante tem a ver com o fato de o sistema linguístico não está nunca estruturado de uma maneira pronta e suficiente, pois, segundo Cohen (1955 apud CÂMARA Jr., 1967), *“a língua tem suas forças internas de coesão, por um lado, e, por outro lado, de desequilíbrio. Em outros termos, os seus elementos se acham num equilíbrio instável, e as suas articulações têm inúmeros pontos fracos e até falhas”*.

A diversidade linguística pode se dá por diversos fatores. Por isso, temos que lidar com as diversificações como um fenômeno natural e que ocorre necessariamente ao longo do tempo: *“o maior ou menor grau de diferenciação observável entre as línguas em dado momento é basicamente uma função do tempo decorrido entre o início do processo – a cisão da comunidade original – e o momento da observação”* (RODRIGUES, 1984/1985).

É exatamente o fator tempo que motivou o surgimento de termos dentro da linguística histórica para representar o grau de profundidade temporal que separa gradativamente uma língua de outra, tais como proto-língua, família, tronco e filo:

Esses termos implicam, portanto, diferentes profundidades temporais entre o momento da observação e a língua comum original tomada em consideração. Essa língua comum em cada caso considerado é o que se chama de proto-língua. A proto-língua de um filo tem profundidade temporal maior que a de um tronco, a profundidade temporal da proto-língua de um tronco é maior que a da proto-língua de uma família, e a profundidade temporal da proto-língua de uma família é maior que a da proto-língua de um grupo de dialetos (RODRIGUES, 1984/1985).

Além de a diversificação linguística resultar dos fatores acima mencionados, Rodrigues (1985) nos chama a atenção para o fato de que muitas línguas novas surgem a partir do contato com outras línguas. Essa interação de duas línguas em uma mesma comunidade pode ser reduzida a uma só, tomando características da língua dominante, mas também com propriedades da outra.

No entanto, além de explicarmos o porquê da diversidade linguística e como as línguas se diversificaram, temos que explicar por que muitas delas desaparecem. Conforme Rodrigues (1986), o desaparecimento de línguas está intrinsecamente relacionado com a redução dos povos que as falam. Muitos são os motivos que desencadearam o processo de extinção de línguas no mundo como, por exemplo, o extermínio dos falantes resultante de doenças contagiosas, redução de território e assimilação de culturas majoritárias. Felizmente, no Brasil, mesmo com a eliminação de centenas de línguas nativas ocasionada pelos fatores descritos acima, ainda temos línguas e famílias de línguas que nos ajudam a entender os processos de constituição de novos sistemas linguísticos provocados por mudanças ao longo do tempo.

2.6 Composição de famílias linguísticas

Como já foi citado, Schleicher (1871) criou a concepção da família linguística como uma espécie de árvore genealógica. Essa hipótese pressupõe sucessivas cisões de estágios anteriores homogêneos, um período de desenvolvimento durante o qual mudanças podem ocorrer, e mais cisões. Através de recorrências regulares de uma série de eventos, famílias linguísticas proliferam-se. É admitido que depois da cisão de uma língua ancestral, outras cisões possam ocorrer com as línguas filhas, como afirma Rodrigues (1986, p. 29):

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm origem em comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior.

A ideia de parentesco linguístico genético e de proto-língua é expressa também em Rodrigues (1984/1985):

Duas ou mais línguas são consideradas geneticamente aparentadas quando compartilham propriedades estruturais e lexicais tais e tantas, que, em seu conjunto, não se possam explicar nem como conseqüências independentes de princípios universais da linguagem, nem como resultado de um processo de aquisição pelos falantes de uma língua em eventual interação social como os falantes de outra; a hipóteses que se põe, então é a de que as línguas em questão sejam manifestações diferenciadas do que foi no passado uma mesma língua e que as propriedades compartilhadas sejam a herança comum conservada sem diferenciação ou apenas com diferenciações menos profundas.

A dúvida é, conforme Campbell e Poser (2008), como as línguas se mostram relacionadas uma com as outras? Como são estabelecidas as famílias linguísticas?

Pensando em responder a essas perguntas, algumas estratégias foram criadas na tentativa de estabelecer famílias linguísticas; contudo, esses mecanismos, de acordo com Campbell e Poser (2008), incluíam consistentemente evidências de três formas: vocabulário básico, correspondências sonoras e evidência gramatical entre as línguas comparadas.

Para Hockett (1958), o Método Histórico Comparativo é o mais poderoso das técnicas em pré-história linguística, pois é aplicado quando nos deparamos com duas ou mais línguas claramente distintas com as quais guardam alguma relação. Então, para compor uma família linguística e relacionar uma família a outras é necessário comparar as línguas e verificar se elas compartilham de semelhanças entre si, utilizando-se do Método Histórico-Comparativo.

Sendo assim, a disciplina de Linguística Comparativa envolve a identificação, enumeração e avaliação de similaridades interlinguísticas, através de uma inspeção do vocabulário e da estrutura das línguas em investigação. Com isso, os comparativistas podem propor agrupamentos de línguas que mostram uma relação de proximidade maior uma com as outras (Mc MAHON, 1994).

Segundo Campbell (1998), há cerca de 250 famílias linguísticas estabelecidas no mundo, e um dos critérios geralmente aceito para um subagrupamento é o compartilhamento de inovações. Presume-se que a partilha de uma inovação é o resultado de uma mudança que teve lugar em uma língua da qual se desenvolveram outras línguas e que, posteriormente, essas línguas herdariam os resultados da mudança, sendo que essa mudança é compartilhada por descendentes desses parentes intermediários, mas não é compartilhado pelas línguas dos outros subgrupos da mesma família e por outras famílias. Dessa forma, Rodrigues (1984/1985) reuniu evidências que pudessem indicar a existência de subagrupamentos que constituem a família Tupí-Guaraní, por exemplo. E Cabral & Rodrigues (2002) ampliaram as evidências dessas subdivisões propostas inicialmente por Rodrigues (1984/1985), adicionando também novas línguas e excluindo outras ao conjunto anteriormente estabelecido:

Tabela 2.2 – Família Tupí-Guaraní (cf. CABRAL e RODRIGUES, 2002)

Ramo I	Ramo II	Ramo III	Ramo IV	Ramo V	Ramo VI	Ramo VII	Ramo VIII
Guarani Antigo	Guarayo	Tupí, (LGP)	Tapirapé	Araweté, Ararandewára- Amanajé, Anambé do Cairarí	Kayabí, Apiaká	Kamayurá	Wayampí, Wayampípunkú, Emérrillon, Jo'e
Kaiowá, Ñandéva, Guarani Paraguai Paraguai	Sirionó,Horá	Tupinambá, (LGA)	Asurini do Tocantins, Parakanã, Suruí	Asurini do Xingu	Parintintín, Tupí- Kawahíb		Urubu- Ka'apór, Anambé de Ehrenreich
Xetá			Avá- Canoeiro		Juma		Guajá
Mbyá			Tembé, Guajajára, Turiwára				Aweré e Awrá
Tapieté, Chiriguano, Izoceño Guayakí							Takunhapé

2.7 Funções do Método Histórico-Comparativo

Conforme Campbell (1998, p. 108), o Método Histórico-Comparativo serve (a) para remontar a história linguística de línguas; (b) classificar geneticamente as línguas comparadas; (c) conhecer a pré-história linguística; (d) identificar relações genéticas distantes; (e) reconstruir, o quanto possível, a língua ancestral (a proto-língua) a partir de uma comparação das línguas descendentes; e (f) determinar quais mudanças ocorreram nas várias línguas que se desenvolveram da proto-língua.

Sobre a última finalidade do Método Comparativo apresentada acima, Campbell (1998) observa que o trabalho de reconstrução geralmente inicia-se com a fonologia, na tentativa de reconstruir o sistema sonoro. Conseqüentemente, isso pode levar à reconstrução do vocabulário e da gramática da proto-língua. No entanto, para comparar o que as línguas irmãs herdaram de sua ancestral, propõem-se reconstruções dos traços linguísticos que a proto-língua possuía. Logo, a ideia é reconstruir uma proto-língua com as características que provavelmente ela teria na época em que foi falada. Campbell (op. cit) ressalta que o sucesso de uma reconstrução dependerá da quantidade de evidências dos traços originais que foram preservados nas línguas descendentes e que foram identificadas na comparação. Vale lembrar que as línguas podem sofrer sucessivas mudanças linguísticas que fazem com que elas se tornem muito diferentes do que possivelmente tenha sido a proto-língua.

2.8 Termos técnicos e conceitos usados em estudos histórico-comparativos

2.8.1 Língua e Dialeto

Podemos definir língua como qualquer entidade linguística (variedade) que não seja mutuamente inteligível com outros sistemas linguísticos. Quanto a dialeto, denomina-se a variedade (regional ou social) de uma língua, que é mutuamente inteligível com outros dialetos da mesma língua. O termo '*dialeto*' não é usado na Linguística Histórica por significar um conhecimento pequeno ou minoritário de uma língua, também não é utilizado para se referir a uma língua filha de uma família linguística, embora a palavra tenha sido geralmente utilizada nesse sentido (cf. CAMPBELL, 1998).

2.8.2 Família linguística

É um grupo de línguas relacionadas geneticamente, isto é, línguas que compartilham um formato linguístico em virtude de terem se desenvolvido a partir de um ancestral comum. Contudo, as famílias linguísticas podem ser de diferentes magnitudes, isto é, elas podem envolver profundidades temporais distintas, tanto que algumas em larga escala incluem famílias em menor escala entre os seus membros ou

ramos (cf. CAMPBELL, 1998), como é o caso da família Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES, 1986).

Um número de termos tem sido também usado para postular um nível mais alto que inclui famílias (proposta de relação genética distante). Entre esses termos, são utilizados '*tronco*', '*filo*', e o elemento que compõe o nome é '*macro*', como em Macro-Jê.

2.8.3 Línguas irmãs

Línguas que são relacionadas umas com as outras por virtude de terem descendido do mesmo ancestral comum (proto-língua) são consideradas irmãs, conseqüentemente, pertencem à mesma família linguística (cf. CAMPBELL, 1998).

2.8.4 Subagrupamentos

O que Campbell (1998) considera como subagrupamentos diz respeito aos subramos de uma família, nos quais se colocam as línguas irmãs mais próximas geneticamente uma da outra. Trata-se, portanto, da classificação interna de línguas de dentro de uma família linguística. Logo, o objetivo do subagrupamento é determinar que línguas pertençam aos ancestrais intermediários. Para tanto, o único critério geralmente aceito para reunir um conjunto de línguas e formar um subagrupamento é o compartilhamento de inovações, sendo que uma inovação compartilhada é uma mudança linguística que mostra uma inovação a partir de alguns traços da proto-língua e essa é compartilhada por um subconjunto das línguas filhas, mas não por línguas de um outro subgrupo da família.

2.8.5 Língua isolada

É a língua para a qual não se tem conhecimento de relação genética com outras línguas, ou seja, uma família com apenas um membro (cf. CAMPBELL, 1998).

2.8.6 Proto-língua

Segundo Campbell (1998), a proto-língua é uma língua ancestral da qual as línguas filhas descendem. Geralmente, trata-se de um sistema linguístico reconstruído conforme os requerimentos do Método Histórico-Comparativo.

Quando uma Proto-língua se diversifica, ela desenvolve línguas filhas. Uma língua filha, por exemplo, pode sofrer cisões, desenvolvendo novas línguas a partir dela, então, os seus descendentes constituirão membros de um subgrupo, sendo que a língua filha original, conseqüentemente tenha se tornado uma proto-língua intermediária (um ancestral dos seus próprios descendentes intermediários), mas também, ao mesmo tempo, um descendente da sua proto-língua original (cf. CAMPBELL, 1998).

2.8.7 Formas Cognatas

O que se denomina como formas cognatas são palavras (ou morfema) de línguas diferentes que se assemelham em forma e em significado, desde que se consiga provar que tais semelhanças sejam evidências de que essas palavras tiveram a mesma origem (cf. CAMPBELL, 1998).

2.8.9 Conjunto de cognato

Conforme Campbell (1998), um grupo de palavras que são relacionadas geneticamente uma com as outras entre as línguas irmãs forma um conjunto de cognatos, conhecido também como etimologia.

2.8.10 Correspondências sonoras

Correspondências sonoras são sons que se correspondem em palavras possivelmente cognatas de línguas geneticamente relacionadas. Trata-se de sons oriundos de um som ancestral comum. Normalmente, é através da análise das correspondências sonoras que se propõe a reconstrução do proto-som original (cf. CAMPBELL, 1998).

2.8.11 Reflexo

Segundo Campbell (1998), o descendente em uma língua filha de um som da proto-língua é considerado um reflexo do som original.

2.9 Os procedimentos para a aplicação do Método Histórico-Comparativo

Campbell (1998) sugere sete passos para o estabelecimento de uma comparação lexical e fonológica entre línguas suspeitas de serem aparentadas. Apresentamos aqui, de forma breve e objetiva, cada um desses passos mencionados por ele.

O primeiro passo é encontrar e reunir os cognatos em potencial nas línguas para as quais há razão de suspeitar de que elas possuem alguma afinidade genética. Em seguida, organizar os dados disponíveis em uma tabela²².

O segundo passo é estabelecer as correspondências sonoras encontradas nas palavras comparadas (formas que possuem forma e significado semelhantes)²³. Deve-se avaliar, contudo, se as correspondências ocorrem em outros conjuntos de cognatos.

O terceiro passo é reconstruir o proto-som a partir dos reflexos encontrados nas línguas comparadas. Acredita-se que os diferentes sons (um para cada língua comparada no conjunto de correspondência sonora) refletem um simples som da proto-língua que foi herdado pelas diferentes línguas filhas²⁴.

²² Campbell (1998) sugere que a comparação deve ser iniciada com palavras do vocabulário básico: nomes de partes do corpo, termos de parentesco, números baixos, termos geográficos comuns, elementos da natureza; visto que esses tipos de vocabulários são mais resistentes a empréstimos do que outros tipos. Deve-se, portanto, eliminar todos os outros conjuntos de palavras semelhantes que não são herança de um ancestral comum, tal como aqueles que exibem similaridades entre as línguas por causa de empréstimo e coincidência, por exemplo.

²³ Como Campbell (1998) observa, é importante evitar correspondências sonoras em potencial que devem ter ocorrido ao acaso, pois as línguas podem compartilhar de palavras semelhantes sem nenhum motivo aparente. É também necessário avaliar se as formas semelhantes encontradas não são decorrentes de empréstimo ou substituição lexical. Mas, não se pode esquecer que empréstimos não costumam exibir os mesmos tipos de correspondências sonoras sistemáticas encontradas na comparação de palavras nativas entre línguas relacionadas. Por isso, é preciso realizar muitas comparações, principalmente, envolvendo vocabulário básico, visto que palavras desse conjunto são menos passíveis de empréstimo.

²⁴ Para Campbell (1998), normalmente, o som que é refletido não muda em algumas línguas filhas; contudo, ele geralmente sofre mudanças sonoras em alguma das línguas filhas que ocorre diferentemente do proto-som original. Portanto, reconstrói-se o proto-som para postular qual som na proto-língua muito provavelmente foi a base das propriedades fonéticas dos sons descendentes nas várias línguas no conjunto de correspondências. Sobre os princípios que fundamentam a reconstrução dos sons, apresentamos nesta tese um tópico específico para descrevê-los.

O quarto passo é determinar o *status* dos conjuntos de correspondências semelhantes, pois Campbell (1998) afirma que algumas mudanças sonoras, particularmente as mudanças sonoras condicionadas, podem resultar em um proto-som estando associado com mais de um conjunto de correspondência. Nesse caso, é necessário determinar se eles refletem dois proto-sons separados ou apenas um que cindiu em mais um som em uma ou mais línguas, ou seja, verificar os possíveis casos de fusão e cisão que devem ter ocorrido na história das línguas comparadas²⁵.

O quinto passo é checar a plausibilidade do som reconstruído a partir da perspectiva do inventário fonológico geral da proto-língua. Campbell (op. cit) advoga que as línguas tendem a ter um sistema sonoro simétrico e com padrões congruentes. Por isso, na reconstrução de sons para as correspondências sonoras individuais, nós podemos reconstruir cada som da proto-língua, considerando como esses sons podem relacionar um com o outro e, em seguida, rever as reconstruções com o intuito de verificar se eles juntos formam, de fato, um sistema coerente²⁶.

O sexto passo é checar a plausibilidade da reconstrução sonora da perspectiva dos universais linguísticos e das expectativas tipológicas, posto que certos inventários sonoros sejam encontrados com mais frequência entre as línguas do mundo, do que outros, além de alguns não poderem, de forma alguma, serem encontrados. Portanto, quando as reconstruções postuladas são checadas, deve-se ter certeza de que a proposta de reconstrução dos sons não seja aquela que nunca ou muito raramente é encontrada nas línguas do mundo²⁷.

O sétimo e último passo é reconstruir morfemas individuais. Campbell (1998) afirma que é possível reconstruir itens lexicais e morfemas gramaticais após a reconstrução que foi proposta para os sons.

Ainda sobre os procedimentos de reconstrução de um som, uma palavra ou porções largas de uma proto-língua, Campbell (1998) chama a atenção para o fato de que tudo isso é uma hipótese (ou um conjunto de hipóteses interconectadas) concernente ao que esses aspectos da proto-língua deve ter sido. Portanto, os aspectos

²⁵ Conforme Campbell (1998), nesse caso, tenta-se explicar os dois reflexos de um proto-som na língua a partir do condicionamento do ambiente em que eles ocorrem. Caso essa explicação não seja adequada, reconstroem-se dois proto-sons e informa que houve a fusão desses sons nas línguas em que apenas um reflexo ocorre.

²⁶ Geralmente, no passo 5, quando se considera a mais ampla visão dos sons no contexto do inventário como um todo, é possível refinar e corrigir propostas anteriores de reconstrução (cf. CAMPBELL, 1998).

²⁷ Campbell (1998) informa, por exemplo, que nunca foram encontradas línguas que não tenham vogais ou línguas que tenham somente consoantes glotalizadas, ou mesmo línguas que possuem somente vogais nasais, sem a contraparte oral.

da reconstrução postulada devem ser testados e podem, às vezes, ser comprovados como errados, ou podem ser modificados, baseado em novos dados, pois esses dados podem envolver novas interpretações daqueles disponíveis anteriormente. É possível também que a descoberta de um membro, antes desconhecido da família, possa fornecer novas evidências como, por exemplo, um testemunho diferente dos eventos históricos que ocorreram entre a proto-língua e suas descendentes e, através disso, pode ser modificada parte ou totalidade de uma estrutura e/ou o conteúdo da proto-língua.

2.10 Sobre a reconstrução dos sons de uma proto-língua

De acordo com Campbell (1998), dentre os princípios básicos que fundamentam as reconstruções sonoras estão (a) a direcionalidade das mudanças; (b) o reflexo mais recorrente nas línguas comparadas; (c) o compartilhamento de traços nos reflexos das línguas comparadas e (d) a economia em termos de explicação das mudanças ocorridas de uma língua para outra.

Conforme Campbell (op. cit), conhecer as direções mais comuns das mudanças sonoras é um elemento importante para a reconstrução. Portanto, entende-se por *direcionalidade* algumas mudanças sonoras que ocorrem independentemente em línguas geneticamente relacionadas e que vão tipicamente para uma direção ($A > B$), mas normalmente não são encontrados na direção oposta ($B > A$).

Sabe-se também que algumas mudanças ocorrem com mais naturalidade, com maior facilidade e com mais frequência nas línguas do que outras como, por exemplo, a mudança de $s > h$, mas a mudança na outra direção $h > s$ é praticamente desconhecida; a mudança de $k > f$ é muito mais plausível do que $f > k$, pode-se até pensar em um estágio intermediário $k > tf > f$; oclusivas surdas em ambiente intervocálico tendem a sofrer sonorização. Cabe ressaltar aqui o fato de que a mudança sonora normalmente tem alguma motivação fonética.

Outro princípio colocado por Campbell (1998) é que se todos os sons são equivalentes em uma etimologia, há menos evidência do contrário, tende-se, então, a considerar na reconstrução do proto-som, o som particular no conjunto de correspondência que se apresenta no maior número de línguas filhas, pois é mais provável que uma língua tenha sofrido uma mudança sonora, enquanto que as outras

preservaram a forma original, do que diversas línguas terem sofrido independentemente a mesma mudança. No entanto, Campbell (op. cit) chama a atenção para o fato de que, ao reconstruir uma forma baseado no princípio “*a maioria ganha*”, (a) algumas mudanças sonoras são tão comuns que diversas línguas podem sofrer um dos tipos de mudanças independentemente uma da outra, por exemplo, a perda de vogal átona, nasalização de vogais antes de consoantes nasais, entre outras; (b) é possível que somente uma das línguas filhas tenha preservado imutável o som original, enquanto que as outras todas podem ter mudado na mesma direção; (c) pode ser que todas as línguas filhas tenham sofrido várias mudanças de tal forma que nenhuma reflète o proto-som sem mudança. Diante dessas situações, não se pode considerar mais relevante o princípio da “*maioria ganha*”.

Ainda sobre esse princípio, Campbell (1998) observa que ele pode não funcionar se algumas das línguas são mais estreitamente relacionadas a umas e não a outras. Esse é o caso de algumas línguas que pertencem a um mesmo sub-ramo da família, então, elas têm um ancestral mais imediato que também é uma filha da proto-língua. Essa língua imediata pode ter sofrido uma mudança e, então, mais tarde uma cisão em outras línguas filhas, e cada uma dessas poderia herdar a mudança sonora que o ancestral comum delas possa ter sofrido.

O terceiro princípio que fundamenta a reconstrução sonora é o *compartilhamento de traços fonéticos comuns*. Segundo Campbell (1998), deve-se verificar quais traços fonéticos são compartilhados entre os reflexos vistos em cada uma das línguas filhas na correspondência sonora. Após a determinação dos traços fonéticos comuns aos reflexos das línguas filhas, reconstrói-se o som baseando-se nos traços fonéticos compartilhados entre os reflexos. É importante, para isso, verificar qual é o traço predominante em todos os reflexos do som nas línguas comparadas.

O quarto princípio é a *economia*: quando múltiplas alternativas estão disponíveis, aquela que requer o menor número de mudanças independentes é a que tem maior probabilidade de estar correta. Dessa forma, na comparação de quatro línguas, se três delas apresentam o mesmo som como reflexo, deve-se, então, explicar apenas a mudança da quarta. Se o contrário é postulado, deve-se encontrar uma explicação independente para cada uma das três línguas que apresentam o mesmo reflexo (cf. CAMPBELL, 1998).

2.11 Os critérios para classificação genética

Como já sabemos, línguas comparadas que possuem semelhanças entre si podem descender de uma língua ancestral comum. E para que se demonstre essa descendência, durante o desenvolvimento dos estudos comparativos, os comparativistas foram estabelecendo critérios que justificassem os agrupamentos linguísticos.

O Método Histórico Comparativo, assim como este é definido e caracterizado por linguístas como Rodrigues (1986), Kaufman (1990), Hock (1991) e Campbell (1998), trata-se de um método de natureza indutiva cuja aplicação na identificação de relações genéticas entre línguas se dá mediante análise comparativa de dados linguísticos da mesma natureza – lexical, fonológica, morfológica e morfossintática. Os princípios que caracterizam esse método são bem definidos e fundamentados pelo conhecimento acumulado sobre o porquê e o como de as línguas mudarem, e sobre os tipos e direções das mudanças linguísticas que ocorrem ao longo da história de cada língua em particular ou de um grupo de línguas aparentadas.

Entre os requisitos do Método Histórico Comparativo que o fazem ser um método eficiente para o diagnóstico de parentesco genético entre línguas, citamos aqui os seguintes:

- (a) as línguas mudam com o passar do tempo (CAMPBELL, 1998);
- (b) a proto-língua sofre mudanças linguísticas nas diferentes regiões onde a língua é falada, e os dialetos iniciam o processo de diferenciação das línguas (idem);
- (c) há mudanças regulares e isso nos capacita a fazer correspondências sistemáticas entre línguas, tornando possível a reconstituição da história da língua (cf. HOCK, 1991);
- (d) os sons mudam em uma certa direção, e isso pode ser constatado através de uma análise comparativa entre as línguas que possuem relação genética (idem);
- (e) o proto-fonema é postulado a partir da análise dos fonemas encontrados nas línguas irmãs, e por isso deve ser reconstruído de maneira que seja possível explicar as mudanças ocorridas nas línguas, já que a reconstrução deve estar pautada nas amostras encontradas nas línguas comparadas (CAMPBELL, 1998);

- (f) precisa-se ter cuidado com o empréstimo linguístico, pois trata-se de uma verdadeira fonte de similaridades que pode trazer complicações na identificação de verdadeiros cognatos; portanto, deve-se eliminar os empréstimos da comparação (cf. CAMPBELL, 1998);
- (g) há certas partes do vocabulário de uma língua, como os nomes de partes do corpo humano e os pronomes pessoais, entre outros, que são menos sujeitos a empréstimos (idem);
- (h) deve-se também eliminar palavras que são formadas a partir da imitação de sons (onomatopéias), posto que formas dessa natureza podem ser semelhantes em diferentes línguas; sem ser, contudo, oriundas de um ancestral comum das línguas comparadas (idem);
- (i) formas pronunciadas por bebê geralmente são semelhantes entre línguas não-aparentadas, portanto, não podem ser usadas na comparação de línguas (idem);
- (j) é incoerente apresentar formas semelhantes foneticamente com significados diferentes como evidência potencial de relação genética remota sob a concepção de que mudanças semânticas ocorrem (idem);
- (k) palavras monossilábicas podem ser verdadeiros cognatos, mas eles são tão curtos que a similaridades delas com as formas em outras línguas poderiam também facilmente ser devido à coincidência; portanto, têm mais peso, em um diagnóstico sobre parentesco genético, formas longas do que formas breves (HOCK, 1991);
- (l) similaridades ou correspondências não devem ser reduzidas a poucos itens, mas recorrentes em um amplo conjunto de outros dados linguísticos (idem);
- (m) acidente é outra possível explicação das similaridades entre línguas comparadas e necessita ser evitada em questões de relações genéticas entre famílias separadas em um alto grau de profundidade temporal (CAMPBELL, 1998);
- (n) somente comparações que envolvem tanto som quanto significado juntos são aceitos, pois somente semelhanças sonoras ou somente significados semelhantes não são confiáveis (idem);
- (o) um estudo comparativo reunindo apenas informações linguísticas como evidências de relações genéticas é o suficiente, já que as afinidades

linguísticas podem ser independentes de conexões culturais e biológicas (cf. GREENBERG, 1963, apud CAMPBELL, 1998);

- (p) seria importante conhecer a história individual de cada língua comparada, pois não é incomum, em propostas de relações genéticas distantes, encontrar formas de uma língua que exibam similaridades de formas com outra língua onde essas semelhanças são conhecidas devido a mudanças recentes na história individual de uma das línguas (CAMPBELL, 1998);
- (q) quando palavras comparadas são analisadas como sendo compostos de mais de um morfema, é necessário mostrar que os morfemas segmentados (raízes e afixos), de fato, existem no sistema gramatical (idem).

Como podemos ver, e como é afirmado por Hockett (1958), a comparação exige que escolhamos palavras que possuem som e significado similares, no entanto essa semelhança pode ser ocasionada por acidente, por empréstimo ou por herança genética. Ainda a esse respeito, Campbell e Poser (2008) reafirmam que as línguas podem compartilhar características mesmo que estas não sejam heranças de um ancestral comum (língua geneticamente relacionada), isto é, elas podem se assemelhar por (a) acidente (coincidência); (b) devido a empréstimos (situação de contato); (c) onomatopéia; (d) simbolismo sonoro; (e) formas produzidas por bebê; (f) traços universais e (g) traços tipologicamente comuns.

Sabendo disso, Campbell e Poser (2008) e outros linguistas históricos aqui já mencionados, para comprovar se as línguas comparadas possuem relações genéticas, nos aconselham a fazer um estudo cuja análise nos possibilite eliminar todas as outras formas de explicações a cerca das semelhanças entre as línguas.

Para Jeffers & Lehiste (1979), o Método Histórico-Comparativo é baseado em duas hipóteses: uma é a hipótese genética, a outra é a hipótese da regularidade. A primeira tenta explicar similaridades óbvias entre palavras que pertencem a línguas diferentes por assumir que esses sistemas linguísticos sejam aparentados, isto é, que tais línguas descendem de uma língua ancestral comum (proto-língua). A segunda aceção ajuda a reconstruir a proto-língua baseando-se no fato de que as mudanças ocorridas nas línguas obedecem a uma certa regularidade. Isso implica dizer que cada som de uma dada língua muda semelhantemente em todas as suas ocorrências nas mesmas circunstâncias. Um exemplo disso pode ser visto em Rodrigues (1986, p. 30) em que o

autor estabelece um quadro comparativo entre Tupí Antigo e Guaraní Antigo e que nos mostra claramente as correspondências regulares entre tais línguas.

Tabela 2.3 – Comparação lexical: Tupí Antigo e Guaraní Antigo (cf. RODRIGUES, 1986)

Nº	Glosa	Tupí Antigo	Guaraní Antigo
1.	'pedra'	itá	itá
2.	'tatu'	tatú	tatú
3.	'mão dele'	i-pó	i-pó
4.	'mão dele mesmo'	o-pó	o-pó
5.	'pé dele'	ipý	ipý
6.	'pé dele mesmo'	o-pý	o-pý
7.	'eu e ele dormimos'	oro-kér	oro-ké
8.	'eu dormi'	a-kér	a-ké
9.	'eu e ele dissemos'	oro-'é	oro-'é
10.	'eu disse'	a-'é	a-'é
11.	'eu o quis'	a-i-potár	a-i-potá
12.	'você o quis'	ere-i-potár	ere-i-potá
13.	'eu fiquei'	a-pytá	a-pytá
14.	'você ficou'	ere-pýtá	ere-pytá
15.	'eu e ele ficamos'	oro-pytá	oro-pytá
16.	'eu sarei'	apweráb	akwerá
17.	'eu o ultrapassei'	aiopwán	aiokwã
18.	'eu corri'	aián	aiã
19.	'eu o escutei'	asenúb	ahenú
20.	'eu o experimentei'	asa'áng	aha'ã

Tabela 2.4 – Correspondências sonoras entre T e GA (cf. RODRIGUES, 1986)

TA	GA	Exemplos
<i>t</i>	: <i>t</i>	1, 2, 11, 13
<i>p</i>	: <i>p</i>	3, 6, 11, 13
<i>r</i>	: <i>r</i>	7, 12
<i>C #</i>	: \emptyset	7, 11, 16, 17, 19, 20
<i>pw</i>	: <i>kw</i>	16, 17
<i>s</i>	: <i>h</i>	19, 20

O Método Comparativo consiste, então, no exame de palavras com significados semelhantes nas línguas suspeitas de descenderem de uma proto-língua em comum, na esperança de descobrir correspondências sonoras e reconstruir a proto-língua (JEFFERS & LEHISTE, 1979).

Ao apontarmos os critérios de análise comparativa, supomos que as línguas em estudo sofreram modificações ao longo do tempo. Dentre as modificações que supostamente ocorreram (fonético-fonológicas, léxico-semânticas, morfossintáticas), destacamos nos próximos tópicos as mudanças sonoras das quais temos estudos que formalizaram os tipos de transformações que podem ocorrer durante a existência de uma língua.

2.12 Mudanças sonoras

Segundo Câmara Jr. Jr. (1967), é a evolução fonética que desempenha, em geral, o papel de impulso inicial para a evolução de todo o sistema linguístico. Para ele, só a evolução fonética elimina séries de morfemas, que de outro modo persistiriam pela simples aderência do automatismo linguístico aos padrões formais. Em consequência da eliminação fonética de certos morfemas, Câmara Jr. Jr. (1967) afirma que isso conduz a uma reestruturação da frase, isto é, a uma evolução sintática.

Conforme Jeffers e Lehiste (1979), a investigação da natureza e os tipos de mudanças que afetam os sons de uma língua é o estudo melhor desenvolvido na área de mudança linguística. Segundo os mesmos estudiosos, o termo mudança sonora é usado para se referir a alterações nas formas fonéticas de segmentos e de traços suprasegmentais que resultam da operação de processos fonológicos.

De acordo com Jeffers e Lehiste (op. cit) existem duas classes de mudanças fonéticas: as não-condicionadas e as condicionadas. As primeiras afetam o som em todos os ambientes em que estes aparecem; já as condicionadas restringem às transformações sonoras a ambientes específicos em que eles ocorrem. Nesse último caso, podemos falar de quatro tipos de mudança: assimilação, dissimilação, reordenação de segmentos, inserção ou apagamento de segmentos.

Classificam-se também as mudanças em fonêmicas e não-fonêmicas. A primeira altera o inventário fonológico da língua, a segunda não produz nenhum efeito sobre o inventário fonológico de uma língua (ocorrência de alofones) (cf. CAMPBELL, 1998).

Para Campbell (1998), a concepção básica e mais importante da linguística histórica é que a mudança sonora é regular. Dizer que uma mudança é regular significa que a mudança ocorre onde o som ou os sons que sofrem a mudança são encontrados em circunstâncias ou ambientes que condicionam a mudança. Isso é chamado de

princípio da regularidade. Nos próximos tópicos, apresentamos as mudanças sonoras mais comuns identificadas nos estudos históricos de diversas línguas do mundo.

2.12.1 Assimilação

É o processo que ocorre entre dois sons que acabam se tornando mais parecidos um com o outro, devido ao fato de estarem no mesmo nível sintagmático e linear. Consoantes podem assimilar-se a outras consoantes ou a vogais. A assimilação pode ser completa ou parcial. Sendo completa, significa dizer que um som tornou-se igual ao outro. Sendo parcial, apenas contraiu alguns traços de um outro som, conforme Bloomfield (1935), Antilla (1972), Jeffers e Lehiste (1979).

A assimilação pode ocorrer em duas direções. A primeira é aquela em que um som pode assimilar outro que o segue; e a segunda, o som que o precede. Conforme Jeffers e Lehiste (1979), chama-se de assimilação progressiva quando um som assimila o que o segue e de assimilação regressiva quando um som assimila o que o precede. Se o segmento condicionante é imediato, temos, então, uma assimilação adjacente, caso o segmento condicionante da assimilação não seja imediato, a essa chamamos de assimilação distante.

Outros dois casos de assimilação, mas que ocorrem exclusivamente com vogal são o *umlaut* (termo utilizado especificamente para descrever a assimilação regressiva de vogal, isto é, quando a vogal condicionante segue a vogal que sofre uma mudança na sua qualidade) e a harmonia vocálica (ocorre quando a vogal condicionante precede o segmento vocálico que sofre a mudança – assimilação progressiva) (cf. JEFFERS & LEHISTE, 1979).

Conforme Campbell (1998), um tipo muito comum de assimilação é a nasalização. Segundo o autor, é extremamente comum que consoantes nasais assimilem o ponto de articulação de oclusivas que as seguem; sendo que, em algumas línguas, isso ocorre com qualquer consoante que segue uma consoante nasal.

Normalmente também, vogais são nasalizadas em ambientes de consoantes nasais. Em alguns casos, a consoante nasal nasaliza a vogal precedente e em seguida sofre elisão (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.2 Dissimilação

Conforme Jeffers e Lehiste (1979), dissimilação é o fenômeno que descreve a situação na qual um som tornou-se menos parecido com o seu vizinho, mas nem todas sequências de sons são responsáveis pela dissimilação de outros.

2.12.3 Reordenação de segmentos

O caso mais comum é o da metátese (descreve uma situação nas quais a mudança de ordem afeta segmentos adjacentes). Pode ser esporádica ou regular e geralmente resulta em mudança linguística.

A metátese ocorre, na maior parte das vezes, em sílabas que incluem uma sibilante e uma oclusiva, bem como em sequências de líquidas e vogais. O outro caso, não muito comum, é chamado de esponerismo (refere-se a tais mudanças quando os segmentos envolvidos aparecem em diferentes sílabas, ou mais comumente, em diferentes palavras), é um fenômeno esporádico, um erro de produção (cf. ANTILLA, 1972).

2.12.4 Apagamento e inserção de segmentos

Conforme Jeffers e Lehiste (1979), a perda é comumente associada com o desenvolvimento de um sistema acentual inovador ou com uma mudança na posição do acento²⁸. São classificadas em três tipos, basicamente:

- a) aférese: perda de som no início da palavra;
- b) apócope: perda de som no final da palavra;
- c) síncope: perda de som no interior da palavra.

No caso de acréscimo ou inserção de vogais, tal fenômeno ocorre buscando facilitar a pronúncia. Também são de três tipos:

- a) epêntese: desenvolvimento de um som entre dois segmentos sonoros;
- b) prótese: desenvolvimento de um som em início de palavra;
- c) paragoge: desenvolvimento de um som em final de palavra.

²⁸ Línguas de substrato e adstrato causam, muitas vezes, mudança no padrão acentual (D'ANGELIS, comunicação pessoal).

De acordo com Jeffers e Lehiste (op. cit), um outro caso de perda de segmentos é chamado de haplogogia. Nesse tipo, ocorre a queda de uma sílaba em uma sequência envolvendo uma duplicação de sílabas.

Em relação ao acréscimo de consoantes, temos o caso chamado de consoantes excrescentes: desenvolvimento de uma consoante de forma imprevisível. Exemplos: vendré (espanhol) < venire (latim)

Estre (francês) < essere (latim)

Hombre (espanhol) < hominem (latim)

Umerum > omro > ombro.

Perdas de consoantes ocorrem geralmente em contexto intervocálico, sendo comumente o último resultado de uma série de processos. Em muitos casos, a perda de uma consoante é precedida por uma aspiração ou mesmo um glide (cf. JEFFERS & LEHISTE, 1979).

Um outro processo existente é o chamado *sandhi* que é a perda, introdução, ou alteração de um som em um contexto de uma transição de uma palavra para outra (cf. JEFFERS & LEHISTE, 1979).

2.12.5 Fusão e cisão

Considera-se fusão quando dois sons distintos fundem em um só, deixando muito menos sons distintivos no inventário fonológico do que havia antes da mudança. Considera-se cisão quando um som se divide em dois, ampliando o conjunto de sons distintivos de uma língua (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.6 Duração das vogais

Basicamente, dois tipos de processos envolvem a mudança da duração de vogais: alongamento de vogais curtas e o encurtamento de vogais longas, ambos em contextos específicos. Pode ser também que algumas perdas de som sejam compensadas com o alongamento de outro, geralmente, uma vogal. A esse fenômeno dá-se o nome de *alongamento compensatório* (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.7 Rotacismo

Conforme Campbell (1998), refere-se à mudança em que um *s* (ou *z*) torna-se *r*. Normalmente ocorre entre vogais ou glides, alguns admitem que, muitas vezes, os casos de rotacismo ocorrem por meio de estágio intermediário de *-s- > -z- > -r-*, onde o *s* é primeiro vozeado e, então, transformado em *r*.

2.12.8 Ditongação e Monotongação

Ditongação é qualquer mudança em que uma simples vogal muda para uma sequência de dois segmentos vocálicos, que juntos ocupam o núcleo de uma sílaba. Enquanto que a monotongação é a mudança de um ditongo para uma simples vogal (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.9 Ensurdimento em posição final

Segundo Campbell (1998), uma mudança muito comum é o ensurdimento de oclusivas e obstruintes em final de palavra. Algumas línguas também ensurdecem as sonorantes (*l*, *r*, *w*, *j* e nasais), e algumas ensurdecem vogais finais. É possível também que em outras línguas, o ensurdimento ocorre tanto em final de palavra quanto em final de sílaba.

2.12.10 Vozeamento

São muito comuns vários sons se tornarem vozeados entre vogais. Isso afeta apenas oclusivas em algumas línguas, fricativas e obstruintes em outras. Geralmente, o vozeamento não ocorre apenas em contexto intervocálico, mas também pode ocorrer entre os glides *w* e *j*. Campbell (1998) afirma que muitas línguas também sonorizam oclusivas (algumas também outras consoantes) após nasais ou após qualquer som vozeado. Algumas também sonorizam qualquer som quando eles vêm antes de sons vozeados (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.11 Palatalização

De acordo com Campbell (1998), a palatalização ocorre geralmente antes ou depois de *i* e *j*, ou antes de outras vogais anteriores, dependendo da língua. Contudo, a palatalização não-condicionada também pode ocorrer. Um exemplo comum de palatalização é a mudança de uma velar ou alveolar para uma palato-alveolar, como em $k > tʃ$; $t > tʃ$; $s > ʃ$.

2.12.12 Levantamento e abaixamento de vogal

O levantamento de vogal é a mudança de vogais baixas para vogais médias (ou altas), ou de vogais médias para vogais mais altas. Campbell (1998) observa que vogais longas ou tensas frequentemente sofrem esse tipo de mudança e que o levantamento de vogal normalmente ocorre em final de palavra. Já o abaixamento vocálico é uma mudança oposta: abaixam-se vogais altas, mudando-as para médias ou baixas; e as vogais médias mudam para vogais baixas. Normalmente, ocorre o abaixamento de vogais antes de consoantes uvulares ou faringais, ou quando uma vogal mais baixa ocorre na próxima sílaba. Além disso, o abaixamento de vogais nasais ocorre com muita frequência (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.13 Enfraquecimento e Fortalecimento

O enfraquecimento, de um lado, corresponde a uma articulação mais fraca de um som. Geralmente, são incluídas nesse tipo de mudança (a) o caso das oclusivas e africadas que mudam para fricativas; (b) o caso de duas consoantes que mudam para uma; (c) o caso de consoantes que mudam para glide (*j* ou *w*); ou (d) o caso de consoantes surdas que mudam para sonoras em diversos ambientes. Cabe ressaltar aqui que o enfraquecimento de um som pode levar à sua perda.

O fortalecimento, por outro lado, é a produção mais forte de um som mais fraco do ponto de vista articulatório (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.14 Geminção

Chama-se de geminação o redobro de consoantes, ou seja, a mudança que produz uma sequência de duas consoantes idênticas a partir de uma simples consoante. Vale lembrar que um fenômeno inverso também pode acontecer: uma sequência de duas consoantes idênticas é reduzida a uma simples ocorrência (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.15 Africação

Refere-se a mudanças em que um som, normalmente uma oclusiva, algumas vezes uma fricativa, torna-se uma africada. Por exemplo: $t > ts / ___ i$, e $k > tʃ / ___ i$, são muito comuns (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.16 Fricção

Um som africado pode enfraquecer e se tornar uma fricativa, assim como uma oclusiva pode também se tornar uma fricativa. Uma situação oposta, às vezes, pode ocorrer: uma fricativa pode se tornar uma africada (cf. CAMPBELL, 1998).

2.12.17 Mudanças em cadeia

Conforme Campbell (1998), diversas mudanças sonoras parecem estar relacionadas, causando um impacto maior no sistema fonológico de uma língua, visto que essas mudanças não acontecem de forma isolada uma da outra, mas aparecem conectadas. A esse tipo de fenômeno dá-se o nome de mudança em cadeia '*chain shifts*'.

Acredita-se que os sons de um sistema sonoro estejam integrados dentro de um todo, cujas partes estão tão interconectadas que uma mudança em qualquer uma das partes desse sistema pode ter implicações para as outras partes. A ideia geral, além das mudanças em cadeia, é que sistemas sonoros tendem a ser simétricos ou naturais, e aqueles que não são, isto é, aqueles que possuem uma lacuna no inventário, tendem a mudar por si mesmos precipitando outras mudanças a fim de refrear os efeitos, como uma reação em cadeia (cf. CAMPBELL, 1998).

De acordo com Campbell (1998), as mudanças em cadeia são classificadas em dois tipos: *pull chains* ou *drag chains* e *push chains*. Em um *drag chain*, a mudança pode criar uma assimetria (uma lacuna) no padrão fonêmico. Essa mudança é seguida

por outra que preenche a lacuna por “puxar” algum som de qualquer lugar no sistema e mudando o som de lugar para satisfazer as necessidades de simetria/natural preenchendo a lacuna, e se o som que mudou para preencher o espaço original deixar um novo espaço em qualquer lugar no sistema sonoro, então algumas outras mudanças podem “puxar” alguns outros sons para preencher a lacuna (idem).

O *push chain* é a noção de que línguas querem manter diferenças entre sons no sistema a fim de facilitar o entendimento. Se um som inicia mudanças ao se mover dentro do espaço articulatorio de outro som, na visão do *push chain*, isso pode precipitar uma mudança onde o som move para outro lugar a fim de manter importantes distinções para o significado. Com isso, ele empurra o som que era produzido em um determinado espaço articulatorio, resultando numa reação em cadeia; posto que a língua trabalha para que sejam perceptíveis as diferenças sonoras. Por exemplo, se uma língua tem somente três vogais esperamos que elas ocupem espaços articulatorios bem diferenciados (i, u, a) ou (i, o, a); e se uma língua tem quatro oclusivas, esperamos que elas ocupem pontos de articulação diferenciados, ou seja, nada de elas serem todas labiais (p, b, ph, p^j) (idem).

2.13 Sobre a investigação de relacionamento genético distante

Segundo Campbell (1998), o trabalho de investigação de relacionamento genético distante deve seguir as mesmas exigências de uma comparação entre línguas irmãs. Por isso, é aconselhável, para esse fim, fazer uso do Método Histórico-Comparativo para que não se produza resultados duvidosos em relação à possibilidade de relacionamento genético de línguas que não pertencem à mesma família linguística.

Portanto, é necessária (a) a realização de uma comparação lexical, incluindo principalmente itens do vocabulário básico; (b) encontrar, como resultados da comparação, correspondências sonoras regulares; e, por fim, (c) identificar evidências gramaticais através das línguas comparadas.

Sobre a comparação de palavras, Campbell (1998) informa que esse procedimento tem sido o principal método utilizado para evidenciar graus de relações genéticas de famílias linguísticas e de relacionamento genético distante. No entanto, neste último caso, devido a uma pequena coleção de prováveis cognatos que serão encontrados, como podemos determinar se eles são realmente resíduos de origem comum e não pura coincidência ou outro fator? Para responder a esse questionamento,

detalhamos e enfatizamos ao longo deste capítulo a importância de desenvolver o estudo comparativo tendo como base o rigor dos procedimentos requerido pelo Método Histórico-Comparativo.

2.13.1 Vocabulário básico

Muitos estudiosos insistem que o vocabulário básico deve ser parte do suporte de evidência apresentada em favor de qualquer relação genética distante; no entanto, o vocabulário básico não é definido rigorosamente, mas geralmente inclui termos para partes do corpo, nomes de grau de parentesco, nomes de aspectos naturais e números baixos. Considera-se que as palavras desses campos semânticos, em geral, sejam mais resistentes a empréstimo. Portanto, as similaridades encontradas na comparação envolvendo itens do vocabulário básico são provavelmente heranças de um ancestral comum. Porém, cabe ressaltar que mesmo os itens do vocabulário básico de uma língua podem também ser emprestados, embora isso ocorra com menos frequência (cf. CAMPBELL, 1998).

2.13.2 Correspondências sonoras

Correspondências sonoras regulares são fortes evidências para afinidade genética (cf. JEFFERS & LEHISTE, 1979; RODRIGUES, 1984/1985; HOCK, 1991; CAMPBELL, 1998; CAMPBELL & POSER, 2008).

Acredita-se que correspondências sonoras sejam fundamentais para determinar famílias linguísticas e relacionamento de línguas geneticamente distantes. Mas, deve-se lembrar que, em uma proposta de relação genética remota, correspondências sonoras não necessariamente envolvem similaridades sonoras, visto que as possíveis palavras cognatas já devem ter sido tão modificadas que os cognatos não são mais tão aparentes (cf. CAMPBELL, 1998).

Ainda sobre correspondências sonoras, Campbell (1998) afirma que elas podem também ser encontradas em empréstimos, embora isso seja uma coisa rara; contudo, se tais correspondências sejam encontradas em itens do vocabulário básico, podemos supor que os cognatos provavelmente sejam legítimos; no entanto, mesmo nesses casos, devemos ter cuidado para não tirar conclusões precipitadas.

Correspondências sonoras podem também ocorrer ocasionalmente, por acidente. É fácil também encontrar palavras semelhantes foneticamente, mas sem correspondência semântica na comparação de línguas. Esse tipo de palavras deve ser descartado da análise (cf. CAMPBELL, 1998).

2.13.3 Evidências gramaticais

Uma maneira de ampliar as evidências de relação genética distante é encontrar características gramaticais compartilhadas entre as línguas comparadas; no entanto, esse reforço só é validado se antes tiverem sido identificadas correspondências sonoras regulares no conjunto de cognatos pré-estabelecidos mediante os critérios de seleção, análise e comparação de itens lexicais conforme os procedimentos exigidos pelo Método Histórico-Comparativo.

Segundo Campbell (1998), um dos indícios fortes de relacionamento genético de línguas separadas por uma grande profundidade temporal é a identificação de peculiaridades morfológicas, associações arbitrárias ou traços submersos (*shared aberrancy*) entre as línguas comparadas; contudo, deve-se ter o cuidado de observar se não há razão fonética para a inserção de um som em determinado ambiente, além de verificar se a ocorrência não é resultado de empréstimo ou acidente. Para isso, é necessário verificar se as características gramaticais encontradas na comparação se estendem para outras línguas da mesma família ou do mesmo tronco. Portanto, a identificação de irregularidades formais entre as línguas comparadas somada à identificação de correspondências sonoras regulares são provas cabais que evidenciam graus de relacionamento genético distante.

2.14 Algumas reflexões sobre o Método Histórico-Comparativo

Como vimos, há duas evidências fundamentais para atestar o relacionamento genético: correspondências sonoras regulares em palavras pertencentes ao vocabulário básico e evidências gramaticais. Entretanto, conforme Campbell (1998), são vários os fatores que devem ser avaliados para não chegarmos a resultados equivocados. Como pode ser visto, descrevemos neste capítulo aqueles que consideramos os principais,

tendo em vista um maior esclarecimento sobre a seleção de dados utilizados na comparação que nos propusemos a realizar envolvendo a língua Guató com línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê, objetivando avaliar a consistência da hipótese de Rodrigues (1986) sobre a possibilidade de o Guató ser um membro desse tronco.

Vimos também que os princípios metodológicos e procedimentos envolvidos na investigação de possíveis relações genéticas são extremamente importantes. Entre as mais importantes, há a confiabilidade nas correspondências sonoras regulares encontradas em palavras pertencentes ao vocabulário básico e evidência de padrões gramaticais (morfológicos) envolvendo *'shared aberrancy'* ou *'submerged features'*, com atenção cuidadosa para eliminar outras possíveis explicações para as similaridades observadas no material comparado como, por exemplo, empréstimo, onomatopéia, coincidência, formas produzidas por bebê, entre outros.

Por fim, compreendemos que pesquisas sobre relações genéticas distantes que não seguirem as recomendações metodológicas e cuidados propostos por Hock (1991) e Campbell (1998) dentre outros, ressaltados neste capítulo, provavelmente permanecerão inconclusivas.

CAPÍTULO 3

FONOLOGIA DA LÍNGUA GUATÓ: BREVE DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS DE PALÁCIO (1984) E DE POSTIGO (2009)

3.1 Introdução

O presente capítulo busca apresentar as contribuições de Palácio (1984) e Postigo (2009) para o melhor entendimento a respeito do sistema fonológico da língua Guató. Foi inevitável, é claro, comparar o primeiro capítulo da tese de Palácio (1984, pp. 26-43), que trata da Fonologia Guató, com todo o trabalho de Postigo (2009), que discute o mesmo assunto, mas sob uma outra abordagem.

Percebe-se, a partir da comparação dos resultados da análise fonológica proposta por Palácio (1984) e por Postigo (2009), que aquela desenvolveu um excelente trabalho mesmo quando as condições de seu tempo não favorecessem, pois seus resultados são, de uma maneira geral, ratificados por Postigo. Já Postigo (2009) demonstra uma análise mais refinada, pois conta com uma análise fonológica já disponível e com um programa de computador (*Praat*) que ajudou a tornar mais precisa a sua análise fonética, bem como sua própria análise fonológica que se constitui de identificação de fonemas, tons, padrões silábicos e processos fonológicos.

3.2 Informações sobre as primeiras fontes de dados da língua Guató

No que se refere aos registros anteriores da língua Guató, Palácio (1984, p. 16 e 17) informa a existência dos trabalhos de Castelnau (reproduzido por Martius, 1897), de Schmidt (que republicou a lista de Castelnau em 1905 e comparou com seu próprio levantamento de 507 itens lexicais e 39 frases em seu trabalho publicado em 1942a, além de uma outra lista de 106 palavras e quatro contos disponíveis no trabalho de 1942b). Palácio também menciona as listas de Rondon (85 palavras registradas em

1938) e de Wilson (201 itens lexicais transcritos foneticamente em 1959, a qual não chegou a ser publicada).

Sobre essas listas, Postigo (2009) apresenta um estudo interpretativo dos tipos de registros utilizados por esses pesquisadores, com o intuito de esclarecer sobre qual som cada letra representa nesses trabalhos anteriores. Para isso, ela tomou como base sua própria análise fonológica dos dados que coletou nos seus dois estudos de campo que realizou nos períodos de 17-07-2007 a 02-08-2007 e de 07/01 a 31/01 de 2008).

3.3 Sobre as análises fonológicas

Partindo para a análise dos dados fonológicos, Palácio fez uso da abordagem estruturalista-distribucional, distinguindo contraste e oposição de acordo com Jakobson e Halle (1967), enquanto que Postigo fez uso do modelo da “Geometria de traços” proposta por Clements; Hume (1995). Embora fazendo uso de modelos teóricos distintos, o objetivo foi o mesmo: identificação dos fonemas da língua, bem como os padrões silábicos e os processos fonológicos que pudessem ser captados a partir dos dados disponíveis. O que se acrescenta no modelo escolhido por Postigo (2009) é a representação das classes naturais dos fonemas por meio da descrição geométrica de cada um deles.

Através da técnica de comutação de segmentos contrastantes para estabelecer ambientes opositivos e análogos, Palácio (1984) encontrou 30 fonemas segmentais, sendo 17 consoantes e 13 vogais, além de dois fonemas prosódicos, que ele denomina de tons alto e baixo (cf. PALÁCIO, 1984, p. 26).

3.3.1 Sobre os fonemas consonantais

No que diz respeito ao sistema consonantal, Postigo (2009, pp. 81-82) chega à mesma conclusão de Palácio. Temos, então, as seguintes consoantes para o Guató: /p/ e /b/; /t/ e /d/; /tʃ/ e /dʒ/; /k/ e /g/; /k^w/ e /g^w/; /f/ e /v/; /h/; /t/; /j/; /m/ e /n/.

3.3.2 Sobre os fonemas vocálicos

Enquanto Palácio (1984, p. 27) considera a existência de 13 fonemas vocálicos, sendo oito orais e cinco nasais; Postigo (2009) considera apenas a existência das oito vogais orais, e informa que aquelas nasais propostas por Palácio (1984) ocorrem devido ao processo de assimilação do traço de nasalidade: “[...] em Guató, temos oito vogais orais [...] e a realização de apenas cinco vogais foneticamente nasais, são elas: [ĩ], [ẽ], [ã], [ĩ̃] e [ũ̃]” (POSTIGO, 2009, p. 124). Postigo ainda afirma não encontrar as vogais posteriores [o] e [ɔ] e a anterior [ɛ] com o traço nasal, tal qual Palácio (1984).

Suas justificativas para não considerar a existência de vogais fonologicamente nasais são: (a) a ausência de pares mínimos, nos dados disponíveis, que apresentem a oposição entre oral e nasal, exceto para o caso do par [i] e [ĩ] como em [mákĩ] ‘carcará (pássaro)’ e [mákĩ̃] ‘remo’; (b) a nasalidade das vogais não precisa ser totalmente especificada na representação subjacente, visto que se pode interpretar a nasalidade como a realização de um suprasegmento que não se realiza na coda silábica e, por isso, é manifestada no núcleo silábico, representado, então, por /N/; (c) nos exemplos em que aparecem as vogais nasalizadas, elas ocorrem sempre antes de uma consoante nasal foneticamente realizada.

Sobre o que afirma Postigo (2009), podemos fazer as seguintes ponderações: (a) em alguns dados apresentados pela própria autora, há casos em que a vogal nasal aparece sem preceder uma consoante nasal, assim como alguns dos dados apresentados por Palácio (1984); portanto, a assimilação regressiva de que fala Postigo não consegue explicar esses casos, pelo menos não sincronicamente, como em: [gĩ] ‘água’ (POSTIGO, p. 118) e [ègẽtĩ] ‘peixe’ (p. 119); [màhĩ] ‘lá’ e [gõjëkĩ] ‘rio’ (PALÁCIO, 1984, p. 31), por exemplo.

Além disso, acreditamos que, embora não tenham sido encontrados ambientes idênticos para contrastar as vogais orais e nasais, os contrastes em ambientes análogos apresentados por Palácio (1984, pp. 31-33) sejam suficientes, por ora, para supormos a existência de vogais fonologicamente nasais.

- (3.1) /mahĩ/ [màhĩ] 'lá'
/mēhẽ/ [mèhè] 'partícula pluralizadora'
- (3.2) /godzékĩ/ [gòdzékì] 'rio'
/g^wadzékã/ [g^wàdzékà] 'melancia'
- (3.3) /mákí/ [mákí] 'anzol'
/makí/ [màkí] 'cabelo, pena'
- (3.4) /godzékĩ/ [gòdzékì] 'rio'
/g^wadzékã/ [g^wàdzékà] 'melancia'
- (3.5) /natʃédzĩ/ [nàtʃédzì] 'tudo estragado'
/náotʃegĩ/ [náòtʃègì] 'ele cozinha'
- (3.6) /nɛkĩ/ [nèkì] 'corta'
/nɛkũ/ [nèkú] 'ouve'
- (3.7) /mémẽ/ [mémé] 'mãe'
/nanã/ [nãnã] 'canoa'
- (3.8) /makú/ [màkú] 'pedra'
/nɛkũ/ [nèkú] 'ouve'
- (3.9) /mídze/ [mídzè] 'acuri'
/dídzé/ [dídzé] 'como é o nome?'
- (3.10) /opatʃíróka/ [òpàtʃírókà] 'feijão'
/g^wadzékã/ [g^wàdzékà] 'melancia'

Por conseguinte, temos as seguintes vogais em Guató: /i/ e /ĩ/; /ɨ/ e /ĩ/; /u/ e /ũ/; /e/ e /ẽ/; /o/, /ɛ/, /a/ e /ã/ (cf. PALÁCIO, 1984, p. 27).

3.3.3 Sobre os tons

Em se tratando das manifestações prosódicas, Palácio identificou dois tons (um baixo e um alto) e exemplificou a ocorrência desses tons em ambientes idênticos (cf. PALÁCIO, 1984, p. 33 e 34). Postigo (1984) chega à mesma conclusão que Palácio apresenta em sua tese (1984). No entanto, traz informações mais detalhadas sobre a realização dos tons em Guató como, por exemplo, que foneticamente existem cinco tons (alto [´], médio [¯], baixo [`], ascendente [ˇ] e descendente [^]) e informa os ambientes em que eles são realizados (cf. POSTIGO, pp. 99-100):

(3.11)	/i.pó/	[ĩpó] ~ [ĩpó]	'barriga dele(a)'
(3.12)	/à.kí.rù/	[àkírù] ~ [ākírù] ~ [àkírū]	'meu cabelo'
(3.13)	/ì.ró.gà/	[ĩrógà] ~ [ĩrógà] ~ [ĩrógā] ~ [ĩrógā]	'joelho dele(a)'
(3.14)	/vâi/	[vâi]	'metal'
(3.15)	/já/	[arèjádíjù]	'meu primo'

Além disso, Postigo também realizou um estudo que identificou seis tipos de oposições tonais²⁹ encontrados em palavras mono e dissilábicas, em ambientes idênticos (POSTIGO, 2009, p. 100), mas os exemplos apresentados pela pesquisadora são somente com palavras dissilábicas:

a) HH vs HL:

HH	Glosa	vs	HL	Glosa
/óí/	'idioma'		/óî/	'piranha'
/héká/	'patrão'		/héká/	'pressa'

b) HH vs LH:

HH	Glosa	vs	LH	Glosa
/íkí/	'panela'		/íkí/	'esteira'
/mádá/	'jararacuçu'		/mádá/	'árvore'

²⁹ Postigo representa o tom alto por H (*high*) e o tom baixo por L (*low*).

c) HH vs LL:

HH	Glosa	vs	LL	Glosa
/mábó/	'juriti'		/mábò/	'pé'
/mátá/	'chifre'		/màtà/	'fogo'

d) HL vs LL:

HL	Glosa	vs	LL	Glosa
/mák ^w ò/	'macaco'		/màk ^w ò/	'machado'
/mákì/	'carcará'		/màkì/	'cabelo, pena'

e) HL vs LL:

HL	Glosa	vs	LL	Glosa
/gógì/	'água'		/gògì/	'banha'
/mákì/	'carcará'		/màkì/	'capivara'

f) LH vs LL:

LH	Glosa	vs	LL	Glosa
/mábó/	'fumo'		/mábò/	'pé'
/màgí/	'planta'		/màgì/	'banha'

Postigo (2009, p. 102) conseguiu verificar também a realização do acento, considerando-o como um fenômeno fonético e percebeu a sua realização em três situações: (a) quando as palavras possuem os tons alto e baixo, o acento coincide com o tom alto – exemplos (3.16) e (3.17); (b) quando as palavras possuem mais de um tom alto, o acento ocorre na última sílaba – exemplos (3.18) e (3.19); (c) quando palavras não possuem tom alto, o acento ocorre na primeira sílaba – exemplos (3.20) e (3.21):

(3.16)	/ídžì/	[í'džì]	'acuri'
(3.17)	/àt'j'ó/	[à't'j'ó]	'anhuma'
(3.18)	/bé'hé/	[bé'hé]	'açúcar'
(3.19)	/é'ví/	[é'ví]	'bem-te-vi'
(3.20)	/tògà/	[tògà]	'arara amarela'
(3.21)	/kàrì/	[kàrì]	'cílio'

Uma outra contribuição do estudo de Postigo é a apresentação de alguns espectrogramas de palavras pronunciadas por homens e mulheres guató, para isso, a pesquisadora fez uso do programa *Praat*. Dessa forma, por meio da análise acústica, Postigo (2009) tece alguns comentários a respeito da realização dos tons na fala masculina e feminina, chegando à seguinte conclusão:

Temos, portanto, na língua Guató, um padrão aproximado de oscilação de *pitch* entre a fala masculina e feminina. Embora os valores frequenciais obtidos em nossos dados ultrapassem os propostos por Laver³⁰ (1994, apud FOX, 2002), esses não são aleatórios, pois mantém uma oscilação de *pitch* suficiente para garantir dois níveis tonais na fala masculina e feminina (POSTIGO, 2009, p. 106).

3.3.4 Sobre as estruturas silábicas

Em se tratando da constituição e distribuição das sílabas nas palavras, Postigo (2009, p. 111) chega ao mesmo resultado apresentado por Palácio (1984, p. 34), mas representa tais resultados por meio da fonologia autosegmental, que pressupõe uma hierarquia na constituição da sílaba³¹. Abordagens teóricas a parte, o fato é que Guató possui dois padrões silábicos: V e CV, sendo este mais produtivo que aquele.

3.3.5 Sobre os processos fonológicos

Por fim, quanto aos processos fonológicos apresentados por ambas as pesquisadoras, os mais produtivos em Guató são: assimilação, epêntese e elisão. A esse conjunto de processos fonológicos, Palácio (1984, p. 40) adiciona a assilabação. Palácio ainda estabelece uma divisão entre regras fonológicas e regras morfofonológicas para explicar os condicionamentos dos processos fonológicos.

Para Postigo (2009), todos os processos são condicionados fonologicamente. Apresentamos a seguir o que cada autora traz a respeito desses processos.

³⁰ Segundo Postigo (2009, pp. 104-106), Laver (1994 apud FOX, 2002) previa uma mudança em torno de 50 a 250 Hz na comparação dos tons baixo e alto na fala masculina, e os dados de Postigo apontam para uma oscilação entre 300 a 600 Hz. Enquanto que na fala feminina, a oscilação prevista por Laver (idem) era de 120 a 489 Hz, mas nos dados analisados por Postigo, foi encontrada a oscilação de *pitch* dos tons baixo e alto em cerca de 300 a 1000 Hz.

³¹ Postigo trabalha com o modelo *Binary branching with rime* que se baseia em Pike (1947), Kurylowicz (1948), Fudge (1969), Halle; Vergnaud (1978), Selkirk (1982) e outros (cf. POSTIGO, p. 110).

3.3.5.1 Sobre a assimilação

Sobre a assimilação, Palácio (1984, p. 39) informa que se trata de um processo que envolve a assimilação do traço de nasalidade, podendo ser progressiva ou regressiva, e atinge geralmente as vogais que precedem consoantes nasais:

- (3.22) /goma/ [gõmà] ‘mandioca’
 (3.23) /tʃúmu/ [tʃúmù] ‘três’
 (3.24) /nakíni/ [nàkĩnì] ‘ele dorme’
 (3.25) /dúni/ [dúnì] ‘dois’

Palácio apresenta ainda o caso da consoante /y/ que assimila o traço de nasalidade de vogais nasais que a precedem (PALÁCIO, 1984, p. 40):

- (3.26) /nógógĩyo/ [nógógĩ̀nù] ‘eu bebo água’
 (3.27) /marogĩyo/ [màrògĩ̀nù] ‘eu comi’

Postigo (2009, p. 125) apresenta outros exemplos que reforçam esse mesmo processo já descrito por Palácio (1984):

- (3.28) /ò.k^h.á.nà/ [òk^hánà] ‘mutum’
 (3.29) /ì.tú.nù/ [ìtũ̀nù] ‘umbigo dele(a)’
 (3.30) /gò.mà/ [gõmà] ‘mandioca’
 (3.31) /tʃú.mù/ [tʃúmù] ‘três’

A mesma pesquisadora ainda traz um exemplo de assimilação nasal em fronteira de morfemas e levanta duas hipóteses para explicar o fenômeno (POSTIGO, 2009, pp. 126-127):

- (3.32) gùN -jó ì- k^hó [gũ̀núk^hó] ~ [gũ̀júk^hó]
 matar -1sg 3sg- jacaré
 ‘eu matei o jacaré’

1ª hipótese: trata-se de assimilação nasal progressiva, que ocorre com a aproximante palatal [j], que assimila o traço nasal /N/ da vogal antecedente, mantendo o ponto de articulação palatal e realizando-se como [j] ou [ɲ]. [...] desse modo, temos em seguida a assimilação regressiva do traço nasal da consoante na direção da vogal antecedente, fazendo com que [u] se realize como [ũ] (POSTIGO, 2009, p. 126).

A segunda hipótese é “primeiramente, o traço nasal /N/ realiza-se na vogal antecedente como um processo de assimilação regressiva, da mesma forma como ocorre internamente com as palavras sem a consoante nasal. [...] em seguida, o traço nasal da vogal espalha-se para a consoante [j], que se realizará como [ʃ] ou [ɲ]” (idem, p. 127).

3.3.5.2 Sobre a epêntese

No que se refere à epêntese, Palácio (1984) apresenta esse processo duas vezes, uma como se o processo estivesse relacionado a uma regra fonológica e a outra como se esse processo fosse motivado por uma regra morfofonológica. Sobre a epêntese condicionada a uma regra fonológica, Palácio (1984) afirma o seguinte: “a inserção de um segmento, um glide palatal, ocorre pelo processo de epêntese entre as vogais /ɛ/ e /o/” (1984, p. 40). Os exemplos que Palácio apresenta são:

- (3.33) /nɛóki/ [nɛyóki] ‘ele bebe’
 (3.34) /nɛóg^wa/ [nɛyóg^wa] ‘ele lava’
 (3.35) /nɛókoro/ [nɛyókòrò] ‘ele coça’

Para o processo de epêntese condicionado a uma regra morfofonológica, Palácio (1984) apresenta o caso do fonema /dz/ que é inserido na fronteira morfofonológica de temas compostos ou derivados (PALÁCIO, 1984, p. 41). A seguir reproduzimos os exemplos utilizados por ela:

- (3.36) /áhɔ/ + /épagu/ > /áhɔdʒépagu/ [áhòdʒépàgù] ‘caçar onça’
- (3.37) /mitʃétʃiga/ + /ayé/ > /mitʃétʃigadʒayé/ [mìtʃétʃìgàdʒàyé] ‘peru’
- (3.38) /magáre/ + /ayé/ > /mitʃétʃigadʒayé/ [màgàrèdʒàyé] ‘galinha’
- (3.39) /áhɔ/ + /ók^{wé}/ > /ákɔdʒók^{wé}/ [áhòdʒók^{wé}] ‘caçar bugio’
- (3.40) /móto/ + /épagu/ > /mótodʒépagu/ [mótòdʒépàgù] ‘cavalo’
- (3.41) /móto/ + /égítí/ > /mótodʒégítí/ [mótòdʒégìtí] ‘jaú’
- (3.42) /módí/ + /árótʃa/ > /módídʒárótʃa/ [módídʒárótʃà] ‘gatinho’
- (3.43) /goka/ + /éví/ > /gokadʒéví/ [gòkàdʒévì] ‘mulherada’

O processo de epêntese é tratado em Postigo (2009, pp. 113-116 e 122-123) como uma das formas³² de preservar o padrão silábico mais produtivo da língua Guató (CV). Ela afirma ainda que esse processo é bastante recorrente em Guató, embora se limite a apresentar os mesmos dados selecionados por Palácio (1984), com um único acréscimo [tèdʒábò] ‘unha do pé’, sendo tè- ‘unha’ e ábò ‘pé’ (POSTIGO, 2009, p. 114).

Em sua explicação, Postigo (2009) argumenta que a consoante epentética [j] ocorre apenas em sintagmas verbais (p. 122):

- (3.44) n- è -j- ó.kì
 IND- 3sg -ep- beber
 ‘ele bebe’

- (3.45) n- è -j- óg^wà
 IND- 3g -ep- lavar
 ‘ele lava’

- (3.46) n- nè -j- ókòrò
 IND- 3sg -ep- coçar
 ‘ele coça’

³² Segundo Postigo (2009), a outra forma é o processo da elisão, como veremos mais adiante.

Enquanto que a consoante epentética [dʒ] ocorre em sintagmas nominais (POSTIGO, 2009, p. 123):

(3.47) tè -dʒ- á.b̀̀ [tèdʒá.b̀̀]
 unha -ep- pé
 ‘unha do pé’

(3.48) mó.t̀̀ -dʒ- é.g̀̀.tí [mót̀̀dʒég̀̀tí]
 AUM -ep- peixe
 ‘jaú (peixe)’

(3.49) mó.d̀̀ -dʒ- á.ró.tʃ̀̀ [mód̀̀dʒáró.tʃ̀̀]
 DIM -ep- gato
 ‘gatinho’

Porém, Postigo não consegue explicar porque que nos exemplos (50) e (51) reproduzidos abaixo, ocorre a inserção do [dʒ] em vez de [j], já que se trata, na visão da pesquisadora, de um sintagma verbal (POSTIGO, 2009, p. 123):

(3.50) áh̀̀ -dʒ- ép̀̀g̀̀ [áh̀̀dʒép̀̀g̀̀]
 caçar -ep- onça
 ‘caçar onça’

(3.51) áh̀̀ -dʒ- ók^{wé} [áh̀̀dʒók^{wé}]
 caçar -ep- bugiu
 ‘caçar bugio’

Neste momento, achamos por bem interromper a discussão sobre “o processo fonológico” apresentado acima e vamos dar continuidade aos outros processos que Palácio (1984) e Postigo (2009) encontraram em seus dados. No capítulo 5, retornaremos a discussão da epêntese com o intuito de refletir sobre a motivação de ela existir, que pode ir muito além do que um simples processo de ressilabificação a fim de manter o padrão silábico mais previsível da língua Guató (CV).

3.3.5.3 Sobre a elisão

Ao tratar da elisão, Palácio (1984, p. 40) apresenta o caso da consoante /y/ seguido de uma vogal anterior com o traço [+alto]. Reproduzimos a seguir os exemplos dados pela pesquisadora:

- | | | | |
|--------|----------------------------|---------------------------|--------------------------|
| (3.52) | /nabagákiyo/ | [nàbàgákìò] | ' <i>eu bato nele</i> ' |
| (3.53) | /nakíyo/ | [nàkíò] | ' <i>pescoço</i> ' |
| (3.54) | /natágábogehiyo/ | [nàtágábògèhìò] | ' <i>quero acender</i> ' |
| (3.55) | /g ^w áhēgigiyo/ | [g ^w áhègìgìò] | ' <i>estou fumando</i> ' |

Palácio (1984, p. 41) traz ainda mais exemplos para demonstrar a elisão, mas agora como regra morfofonológica. Ela apresenta o caso da queda da vogal prefixal de tom baixo diante de tema iniciado por vogal:

- | | | | |
|--------|------------|----------|--------------------------|
| (3.56) | /ma-óti/ | [mótì] | ' <i>piranha</i> ' |
| (3.57) | /go-etí/ | [gètí] | ' <i>criança</i> ' |
| (3.58) | /na-ógógĩ/ | [nógógì] | ' <i>ele bebe água</i> ' |
| (3.59) | /na-ókiyo/ | [nókìyò] | ' <i>eu bebo</i> ' |

Postigo (2009, pp.120-121) apresenta outros exemplos de elisão, contudo ocorrendo com os mesmos morfemas apresentados por Palácio (1984). A pesquisadora ratifica a posição de Palácio quando diz que tanto o morfema determinante³³ *mà-* quanto o determinante *gò-*, quando prefixados a radicais iniciados por vogal, perdem a sua vogal. A justificativa dada é a mesma de Palácio (1984): trata-se de uma vogal de tom baixo. Contudo, Postigo (2009) adiciona a essa explicação o fato de a língua requerer a preservação do padrão silábico mais produtivo (CV), rejeitando a sílaba CVV. A seguir, apresentamos os exemplos dados por ela (cf. POSTIGO, 2009, p. 121):

³³ A classificação do *mà-* e do *gò-* como determinantes é proposta por Palácio (1984).

(3.60)	/mà-íté/	(det-abóbora)	[mítè]	'abóbora'
(3.61)	/mà-évè/	(det-aririnha)	[mévè]	'aririnha'
(3.62)	/mà-óvi/	(det-casa)	[móvi]	'casa'
(3.63)	/mà-ivó/	(det-curimba)	[mívó]	'curimba (peixe)'
(3.64)	/rì-g-iré/	(carne-det-bagre)	[rìgìré]	'carne de bagre'
(3.65)	/rì-g-ékì/	(carne-det-coelho)	[rìgékì]	'carne de coelho'
(3.66)	/rì-g-ìkó/	(carne-det-jacaré)	[rìgikó]	'carne de jacaré'

Segundo Postigo (2009, p.121), o apagamento da vogal de tom baixo dos determinantes *mà-* e *gò-* só não ocorreu diante do radical *í* 'anta'. Postigo não soube dizer o motivo, mas talvez seja uma exceção devido à palavra para 'anta' ser uma raiz monossilábica; tendo, portanto, a necessidade de manter certa redundância fonológica a fim de evidenciar os limites dos morfemas que constituem o sintagma nominal, dessa forma, a língua Guató prefira evitar o processo da elisão, preservando todos os morfemas que constituem o sintagma em questão. Reproduzimos abaixo os exemplos de Postigo (2009, p. 121):

(3.67)	/mà-í/	(det-anta)	[máí]	'anta'
(3.68)	/rì-gò-í/	(carne-det-anta)	[rìgòí]	'carne de anta'

Ainda com respeito ao processo de elisão descrito por Palácio (1984) e reforçado por Postigo (2009), encontra-se no trabalho desta última um dado novo (ex. 59) que exemplifica o apagamento da aproximante /j/, além de reproduzir um dos exemplos já apresentado por Palácio (ex. 70):

(3.69)	/nà-kì-jó/	(3obj-pescar-1sg)	[nàkìó]	'eu pesco ele (peixe)'
(3.70)	/nà-bà.gà.kì-jó/	(3obj-bater-1sg)	[nà.bà.gà.ki.ò]	'eu bato nele'

Para esse caso de elisão, Postigo (2009, p. 122) argumenta com base na "Teoria de traços" que esse processo de apagamento ocorre devido a um tipo de restrição fonológica definido por McCarthy (1986 apud CLEMENTS; HUME, 1995, p. 264) como "Princípio do contorno obrigatório", no qual elementos idênticos colocados lado

a lado são proibidos. Nesse caso, Postigo informa que [i] e [j] sendo considerados elementos semelhantes, diferenciando-se apenas em relação à posição silábica que ocupam, estão sujeitos a sofrer a restrição imposta pelo contorno obrigatório³⁴.

3.3.5.4 Sobre a assilabação

Por fim, apresentamos o último processo fonológico descrito apenas por Palácio (1984, p. 40). Trata-se da assilabação – processo que torna um segmento assilábico. Palácio diz que tal fenômeno ocorre com as vogais anteriores e posteriores, que têm o traço [+alto], quando estão contíguas a outra vogal:

(3.71)	/adiópígiri/	[àdyöpígìrì]	' <i>ser bem vestido</i> '
(3.72)	/matjévái/	[màtjévây]	' <i>faca</i> '
(3.73)	/nadzyára/	[nàdʒwără]	' <i>saber</i> '
(3.74)	/mamãu/	[mãmãw]	' <i>mamão</i> '

3.5 Algumas reflexões sobre o trabalho de Palácio (1984) e Postigo (2009)

Verificamos que o trabalho de Postigo (2009) reforça as conclusões apresentadas por Palácio³⁵ (1984) quanto à quantidade de fonemas consonantais³⁶, os padrões silábicos, os tons e os processos fonológicos. Além disso, Postigo (2009) amplia o conjunto de dados lexicais disponíveis do Guató, trazendo também explicações sobre os processos fonológicos ocorridos nessa língua.

No que diz respeito aos tons, Postigo consegue trabalhar com um pouco mais de profundidade em relação ao que apresenta Palácio (1984), pois nos oferece uma seção sobre as oposições tonais foneticamente realizadas, e uma outra seção onde demonstra, por meio de espectogramas, a frequência fundamental (F0) e os valores em

³⁴ Para os casos de processos fonológicos, Palácio (1984) se limita apenas a descrevê-los, enquanto que Postigo (2009) busca explicações que possam justificar a ocorrência de cada um desses processos.

³⁵ O estudo de Fonologia da língua Guató corresponde ao primeiro dos três capítulos que constituem a tese de Palácio, sendo o segundo de Morfologia e o terceiro de Sintaxe.

³⁶ Lembrando que há divergência entre as pesquisadoras sobre a existência ou não de vogais fonologicamente nasais, como vimos no início desse capítulo.

Hertz (Hz), apresentando as oscilações de *pitch* em sílabas pronunciadas com tom baixo e com tom alto, tanto na fala masculina quanto feminina.

Acreditamos que uma das contribuições de Postigo (2009) em relação ao trabalho de Palácio (1984) foi a de tornar disponíveis as primeiras listas de palavras da língua Guató, coletadas por diversos estudiosos (Castelnau, 1851; Schmidt, 1905 [1942], 1928; Rondon, 1938; Wilson, 1959; Dicionário da língua guató, 2002), além de disponibilizar também a sua própria lista de palavras com 330 itens lexicais transcritos fonologicamente. Isso possibilitou ampliação da quantidade de itens lexicais disponíveis para os estudos histórico-comparativos envolvendo a língua Guató e as línguas que constituem o tronco Macro-Jê.

Nesta tese, fizemos uso da lista de palavras que Postigo (2009) disponibilizou em sua dissertação de mestrado, assim como a lista disponibilizada por Palácio (1984). Utilizamos tais listas para a realização da comparação lexical e fonológica do Guató com línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê a fim de ampliarmos a quantidade de cognatos, no intuito de reforçar a hipótese de Rodrigues sobre a inclusão do Guató no Macro-Jê.

Reproduzimos a seguir as consoantes e as vogais apresentadas por Palácio (1984) como fonemas da língua Guató e que serão considerados em nossos estudos comparativos nesta tese.

Tabela 3.1 – Fonemas consonantais do Guató (PALÁCIO, 1984)

	Labiais	Dentais	Palatais	Velares	Lábio-velares	glotal
Oclusivas	su	p	t	tʃ	k	k ^w
	so	b	d	dʒ	g	g ^w
Contínuas	su	f				h
	so	v	r	j		
Nasais		m	n			

Tabela 3.2 – Fonemas vocálicos (PALÁCIO, 1984)

Anteriores	Centrais	Posteriores
i, ĩ	i, ĩ	u, ũ
e, ě		o
ɛ	a, ã	ɔ

CAPÍTULO 4

COMPARAÇÃO LEXICAL E FONOLÓGICA ENTRE O GUATÓ E O TRONCO MACRO-JÊ: TESTANDO A HIPÓTESE DE RODRIGUES (1986)

4.1 Introdução

Neste capítulo, desenvolvemos uma comparação lexical e fonológica de dados do Guató com algumas línguas de famílias do tronco Macro-Jê. O objetivo principal dessa comparação é testar e avaliar a hipótese de Rodrigues (1986) de o Guató ser um membro do referido tronco, visto que se trata de uma língua bastante diferente das línguas incluídas nesse agrupamento genético, as quais apresentam correspondências incontestáveis entre si.

Para a comparação, levamos em conta o conhecimento acumulado em estudos sobre processos fonológicos e direções de mudanças, desenvolvido a partir dos estudos linguísticos comparativos desde o início do século XIX (como vimos no capítulo 2). É oportuno também frisar que este estudo toma como premissa básica o fato de que as línguas mudam com o passar do tempo e que são diversos os fatores que desencadeiam as mudanças, levando um sistema linguístico a diferir cada vez mais do que foi antes (cf. RODRIGUES, 1984/1985).

Sabemos também que a grande profundidade temporal que separa línguas supostamente relacionadas interfere de forma negativa na busca de evidências que possam sustentar a hipótese de que sejam relacionadas geneticamente com outras línguas; pois quanto maior o tempo de separação de uma língua em facções, menores são as chances de encontrarmos características comuns a seus respectivos sistemas linguísticos; o que dificulta, portanto, a reunião de provas que fortaleçam a ideia de que essas línguas teriam sido oriundas de uma única língua ancestral (cf. CABRAL & RODRIGUES, 2007).

Devemos considerar também as possibilidades de contatos tidos por um determinado povo ao longo de sua existência e a intensidade desses contatos, visto que

esses fenômenos podem, muitas vezes, exercer uma influência generalizada em uma determinada sociedade, atingindo e modificando o seu modo de vida, aspectos de sua cultura original, mudanças de valores e o próprio sistema linguístico. Com isso, a língua pode sofrer todo e qualquer tipo de ajuste para que se adéque às necessidades dos falantes, diminuindo fatalmente as nossas chances de encontrarmos características que possam nos remeter à ideia de conexões genéticas dessa língua com outras (cf. RODRIGUES, 1986).

Conscientes dessas situações, que podemos considerar naturais, mas que dificultam o trabalho histórico-comparativo, prosseguimos com a tarefa de tentar reunir um conjunto de palavras que possam ser associadas a etimologias Macro-Jê bem estabelecidas. Como o Guató é uma língua que compartilha poucas características com as línguas classificadas como membros do tronco Macro-Jê, consideramos, de início, assim como fez Rodrigues (1986, 1999), a possibilidade de uma relação genética distante. Fomos, assim, à procura do que pode ter permanecido como herança genética após a suposta separação do Guató das demais línguas Macro-Jê. Dessa forma, nossa atenção ficou focada apenas naquilo que poderia ter resistido ao tempo e ao(s) contato(s), ou seja, naquilo que poderia ter sido preservado ao longo de tanto tempo. Por isso, olhamos principalmente os itens que fazem parte do vocabulário básico: nomes de partes do corpo, graus de parentesco, acidentes geográficos, verbos de ações elementares e nomes de elementos da natureza.

Para realizarmos este estudo, buscamos seguir os procedimentos recomendados pelo Método Histórico-Comparativo, os quais foram apresentados no capítulo 2 e que nos serviram para fundamentar nossa análise. Como sabemos, segundo o método comparativo, para atestar graus de afinidades genéticas entre línguas, a existência de cognatos e correspondências sonoras regulares são fundamentais, além de evidências de aspectos gramaticais.

Assim, o nosso primeiro passo foi reunir um conjunto de palavras da língua Guató disponível nos trabalhos de Palácio (1984) e de Postigo (2009). Trata-se de 600 palavras aproximadamente, de diversos campos semânticos como, por exemplo, nomes de partes do corpo humano, acidentes geográficos, graus de parentesco, animais, plantas, elementos da natureza, elementos culturais, verbos, adjetivos, etc³⁷.

³⁷ A lista de todo o vocabulário coletado e registrado por Palácio (1984) encontra-se em anexo a esta tese, assim como a lista dos itens lexicais transcritos por Postigo (2009). Disponibilizamos também a lista que

Em seguida, buscamos dados disponíveis de alguns representantes do tronco Macro-Jê a fim de identificarmos possíveis cognatos ao compararmos com os dados do Guató. Feito isso, procedemos com a busca de correspondências sonoras regulares através dos possíveis cognatos encontrados.

4.2 Sobre os critérios de seleção das línguas Macro-Jê para a comparação com o Guató

Das doze famílias linguísticas propostas para o tronco em andamento (cf. RODRIGUES, 1999), selecionamos representantes de oito. A escolha das línguas utilizadas na comparação com o Guató foi pautada em quatro critérios: (a) famílias linguísticas com reconstrução de proto-formas; (b) línguas mais próximas geograficamente do Guató; (c) famílias linguísticas que compartilham com o Guató características que não são predominantes na maioria das línguas do tronco Macro-Jê e (d) acessibilidade a dados adequados a um estudo histórico-comparativo.

4.2.1 Critério 1: famílias de línguas com reconstrução de proto-formas

Os itens reconstruídos necessariamente remetem a um tempo anterior à diversificação e, portanto, atenuam as possíveis diferenças decorrentes do desenvolvimento das línguas ao longo do tempo. A justificativa para usarmos proto-formas de famílias do tronco Macro-Jê para este estudo comparativo é a tentativa de encontrar cognatos com as palavras mais conservadoras que o Guató possa ter preservado. Usamos, por isso, os dados do Proto-Kamakã (MARTINS, 2007), do Proto-Purí (SILVA NETO, 2007), do Proto-Jê (DAVIS, 1966) e do Proto-Jê-Meridional (JOLKESKY, 2010)³⁸.

fizemos a partir da seleção das palavras encontradas nesses dois trabalhos e que consideramos adequadas para a realização deste estudo comparativo.

³⁸ A comparação de Davis envolveu representantes de três ramos da família Jê (meridional, central e setentrional), mas o vocabulário reconstruído se limitou a uma lista de um pouco mais de 100 palavras. Jolkesky (2010), por outro lado, apresenta uma ampla lista de itens lexicais reconstruídos (mais de 1000); no entanto, seu trabalho compreende apenas as línguas do ramo meridional da família Jê (ambas as propostas de reconstruções encontram-se em anexo a esta tese). No intuito de ter uma comparação que abarque o maior número de dados comparáveis, consideramos sensato fazer uso dos dados reconstruídos tanto para o Proto-Jê por Davis (1966), quanto para o Proto-Jê-Meridional por Jolkesky (2010). Estamos

4.2.2 Critério 2 – línguas que estão mais próximas geograficamente do Guató

Tanto o Boróro quanto o Rikbáktsa são as duas línguas mais próximas do Guató do ponto de vista geográfico, encontrando-se localizados em Mato Grosso. Consideramos inicialmente a hipótese de que essa proximidade física pudesse decorrer de uma cisão dos povos que as falam em um tempo menos remoto do que a dispersão linguística do tronco Macro-Jê como um todo. Os dados do Boróro são de Albisetti e Venturelli (1962) e os do Rikbáktsa provêm do dicionário organizado por Boswood (2007).

4.2.3 Critério 3 – famílias linguísticas que compartilham com o Guató características que não são predominantes na maioria das línguas do tronco Macro-Jê

São duas as famílias incluídas no tronco Macro-Jê que apresentam algumas características que são compartilhadas apenas com o Guató. Trata-se das famílias Karirí e Yatê.

No caso da Karirí, a característica compartilhada com o Guató é morfossintática, enquanto que com o Yatê o Guató compartilha uma característica fonológica. Isso poderia sugerir um compartilhamento de inovações; permitindo-nos supor que, em um passado muito distante, essas línguas teriam estado mais próximas do Guató.

Essa ideia de compartilhamento de inovações é, como já afirmamos antes, extremamente remota, principalmente devido à localização geográfica das línguas pertencentes às famílias Karirí e Yatê em relação à localização do Guató, pois enquanto o povo Guató vive no sudeste de Mato Grosso do Sul (na fronteira com a Bolívia), o Yatê se encontra desde o período colonial em Pernambuco, ao passo que os falantes das línguas da família Karirí³⁹ foram localizados na Bahia e no Sergipe. Apesar disso,

cientes de que pode parecer estranho submetermos o Guató a uma comparação com proto-formas reconstruídas para um ramo de uma família (como é o caso do Proto-Jê-Meridional) à qual o Guató não pertence. Contudo, consideramos apropriada essa comparação, porque olhar o Proto-Jê-Meridional nos poupa o tempo de olhar os dados do Kaingáng e do Xoklém em busca de palavras que possam ser comparadas às do Guató.

³⁹ As línguas que constituem a família Karirí, segundo Rodrigues (1986) são o Kirirí, o Dzubukuá, o Sabuyá e o Kamurú.

selecionamos para a comparação aqui desenvolvida as duas línguas documentadas da família Karirí (o Kirirí e o Dzubukuá) e que possuem, como o Guató, preposições em vez de posposições (cf. RODRIGUES, 1999). Os dados do Kirirí utilizados para a comparação são aqueles organizados por Rodrigues (1942), e os do Dzubukuá foram extraídos do trabalho de Queiroz (2008).

Quanto ao Yatê, a característica fonológica que ele apresenta e que é também encontrada em Guató é a presença de tons como elementos distintivos; portanto, um dispositivo fonológico desenvolvido em ambas as línguas, mas que não foi desenvolvido em outros membros do tronco Macro-Jê (cf. RODRIGUES, 1999). Com relação aos dados do Yatê, esses foram extraídos do dicionário organizado por Sá (2000).

4.2.4 Critério 4 – acessibilidade facilitada aos dados adequados a um estudo histórico-comparativo

Utilizamos também para a comparação um dicionário bilíngue Maxakalí-Português / Português-Maxakalí (2005). Trata-se de amplo vocabulário resultado de uma coleta de dados de quase trinta anos junto ao povo Maxakalí que habita o município de Bertópolis no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais.

4.2.5 Objetivos deste estudo

Este capítulo tem como objetivos: (a) apresentar indícios adicionais ao que Rodrigues (1986, 1999) já havia encontrado como prováveis cognatos entre a língua Guató e algumas línguas representantes das famílias linguísticas do tronco Macro-Jê; (b) observar os procedimentos do Método Histórico-Comparativo desde a seleção das palavras do Guató, candidatas a prováveis cognatos com palavras das línguas Macro-Jê

utilizadas nesta comparação⁴⁰, até a identificação de possíveis correspondências sonoras sistemáticas nos conjuntos de cognatos em potencial que foram previamente selecionados; (d) discutir a possibilidade de as correspondências sonoras encontradas serem vestígios de uma provável afinidade genética do Guató, mesmo que distante, com as outras línguas de famílias do tronco Macro-Jê, ou se essas correspondências são casuais (pura coincidência) ou resultados de empréstimos devidos a contato linguístico; e, por fim, (e) a partir dos resultados obtidos, realizar uma avaliação parcial da consistência da hipótese de Rodrigues (1986) a respeito de o Guató ser um membro do tronco Macro-Jê.

4.3 Conjuntos de prováveis cognatos do Guató com línguas do tronco Macro-Jê conforme Rodrigues (1986, 1999)

Rodrigues (1986) já havia reunido alguns indícios de provável aproximação do Guató com línguas Macro-Jê. Como resultado, o autor apresentou duas amostras de conjuntos de cognatos envolvendo o Guató e línguas das outras famílias linguísticas do tronco. Reproduzimos a seguir a amostra de possíveis cognatos apresentada por Rodrigues⁴¹ (1986, p. 50):

⁴⁰ Portanto, excluímos da nossa lista comparativa prováveis empréstimos, onomatopeias, fala de bebê, neologismos que designam objetos que fazem parte da nova organização social e cultural dos Guató devido ao contato com não-indígenas, etc.

⁴¹ Conforme Rodrigues (1986, p. 53 e 54), os traços em algumas lacunas demonstram a existência da palavra, mas a mesma não se apresenta como um possível cognato. Já o espaço em branco em algumas lacunas significa que o autor desconhecia a palavra em determinada língua, não sabendo, portanto, se seria um cognato ou não. As palavras entre parênteses são exemplos de formas cujos significados possam ter sofrido mudanças semânticas parciais como, por exemplo, o caso de **feto** em Yatê que significa '*homens*'.

Tabela 4.1 - Algumas evidências que unem as línguas do tronco Macro-Jê (cf. RODRIGUES, 1986)

	<i>'pé'</i>	<i>'um'</i>	<i>'braço'</i>	<i>'flecha'</i>	<i>'mel'</i>	<i>'fígado'</i>	<i>'cinza'</i>	<i>'marido'</i>
Apinajé	par	pitxi	pa	-	mèñ	ma	mrò	mien
Xavánte	paara	-	pano	-	pĩ	pa	-	-
Kaingáng	pěñ	pir	pě	(puñ)	mÿng	ta-mě	mrěi	mèn
Maxakalí	pata	pytxèt	-	pói	pang	-	pytok	pen
Kamakã	'wade	weto	-	wãi	-	-	-	-
Purí	txapere	i-páin	-	pun	-	-	-	-
Krenák	pò	putxik	pò	-	pâng	ku-pagn	-	-
Yatê	fe, fet-	fathowa	-	-	-	-	felowa	(feto)
Kipeá	by, byri	bihe	bo	buiku	-	-	bydi	-
Karajá	waa	-	-	wyhy	bâdi	baa	bry-by	-
Boróro	byre	(mito)	-	(boi-)	-	-	-	(imedo)
Ofayé	fara	-	fè	-	fyk	fa	-	-
Guató	bò	-	pò	-	pagwa	pè	-	-
Rikbaksá	pyry	-	txi-pa	-	mêk-	-	-	mari-hta

A partir dessa primeira amostra, Rodrigues (1986, p. 52) informa que o conjunto de cognatos para *'pé'* é o único que ocorre em todas as línguas consideradas na comparação e sugere, como proposta de reconstrução, que a proto-forma possivelmente iniciaria com um segmento consonantal labial como **p** ou **b**; seguida de uma vogal, provavelmente central como **a** ou **i**; e terminaria com uma consoante dental como **r** ou **d** ou **t**. Em seus dados, como o próprio autor aponta, é possível perceber que há uma certa regularidade nas mudanças sonoras como nos conjuntos de cognatos para *'um'*, *'braço'* e *'flecha'* além de *'pé'* (cf. RODRIGUES, 1986, p. 53).

Dentro dessas séries estabelecidas por Rodrigues (1986) de possíveis cognatos, o Guató apresenta quatro palavras que se assemelham às outras línguas comparadas (*'pé'*, *'braço'*, *'mel'* e *'fígado'*), correspondendo, com certa regularidade, em som e em significado:

- (a) *'pé'*: onde o Guató, o Boróro e o Kipeá têm **b**, o Apinajé, o Xavánte, o Kaingáng, o Maxakalí, o Purí, o Krenák e o Rikbáktsa apresentam **p**, enquanto o Kamakã e o Karajá têm **w** e o Ofayé **f**;
- (b) *'braço'*: onde o Guató, o Apinajé, o Xavánte, o Kaingáng, o Krenák e o Rikbáktsa têm **p**, o Kipeá tem **b** e o Ofayé **f**;
- (c) *'mel'*: onde o Guató, o Xavánte, o Maxakalí e o Krenák têm **p**, o Apinajé, o Kaingáng e o Rikbáktsa têm **m**, enquanto o Karajá tem **b** e o Ofayé **f**;

(d) *figado*: onde o Guató, o Xavante e o Krenák têm **p**, o Apinajé e o Kaingáng têm **m**, enquanto que o Karajá tem **b** e o Ofayé **f**.

A segunda amostra apresentada por Rodrigues (1986, p. 55) evidencia algumas características gramaticais compartilhadas entre as línguas do tronco Macro-Jê. Trata-se de formas semelhantes no paradigma de posse em diversas línguas:

Tabela 4.2 – Amostra de formas gramaticais cognatas (cf. RODRIGUES, 1986)

	<i>'meu'</i>	<i>'teu'</i>	<i>'dele'</i>	<i>'dele mesmo'</i>
Apinayé	i-	a-	i'-	
Xavante	ii-	a-	ĩ-	ti-
Kaingang	iñ	ã-	ti-	-
Maxakali	ĩk	ã-	ĩ-	ti-
Kamakã	ehk-	a-	ĩ-	
Purí	eĩ-	-		
Botocudo	-	a-	-	
Yatê	i-	a-	e-	ta-
Kipeá	hi-	e-	i-	di-
Karajá	-	a-	i-	d'a-
Boróro	i-	a-	(e-)	ti-
Ofayé	x-	è-	ĩ-	
Guató	-	-	i-, è-	
Rikbaktsá	ik-	a-	i-	ta-

Além da possibilidade de esses elementos gramaticais serem formas cognatas por compartilharem forma e função semelhantes, Rodrigues (1986, pp. 54 e 55) acrescenta as seguintes observações:

(a) as línguas comparadas estabelecem uma relação de posse através de elementos gramaticais que ocorrem antepostos ao nome do objeto possuído;

(b) a maioria das línguas do tronco Macro-Jê apresenta duas terceiras pessoas, sendo uma reflexiva e a outra não-reflexiva; além de uma primeira e uma segunda pessoa;

(c) o Boróro apresenta um **e-** onde a maioria das línguas tem **i-** para a terceira pessoa não-reflexiva;

(d) o Kaingáng parece ter movido o **ti** da função de terceira reflexiva para a não-reflexiva.

Pudemos ainda observar, a partir da tabela 2, que o Guató apresenta formas semelhantes às demais apenas na terceira pessoa, enquanto que as outras línguas comparadas, com exceção do Purí, apresentam correspondências em praticamente todo o paradigma. Logo, diante de dados tão limitados, como esses apresentados por Rodrigues (1986), a possibilidade de um possível parentesco genético do Guató com o tronco Macro-Jê deve ser, de fato, testada; sendo esse um dos motivos que leva a Rodrigues (1986, 1999, 2001) a sempre lembrar que a constituição do tronco Macro-Jê ainda é uma hipótese de trabalho que, portanto, carece de mais pesquisas. Rodrigues, então, movido por sua hipótese inicial, continuou realizando estudos comparativos no âmbito do tronco Macro-Jê e incentivando outros pesquisadores a fazerem o mesmo.

Como resultados de seus estudos, Rodrigues (1999) conseguiu ampliar o conjunto de prováveis formas cognatas. Trata-se de uma amostra de 39 séries de palavras que se assemelham em forma e em significado, envolvendo representantes de todas as famílias linguísticas consideradas por ele como prováveis membros do tronco em questão. Apresentamos a seguir uma parte desse levantamento que inclui itens lexicais do Guató semelhantes aos das outras línguas comparadas. Em seguida, sistematizamos as correspondências sonoras regulares para melhor visualização⁴².

Ia – Jê do nordeste

Ib – Jê setentrional

Ic – Jê central

Id – Jê meridional

II – família Kamakã

III – família Maxakalí

IV – família Krenák

V – família Purí

VI – família Karirí

VII – família Yatê

VIII – família Karajá

IX – família Ofayé

X – Família Boróro

⁴² Dos nove conjuntos de cognatos apresentados por Rodrigues (1999), quatro deles envolvendo o Guató já havia sido apresentado por Rodrigues (1986), assim como pode ser apreciado na tabela 4.1 deste capítulo.

XI – família Guató

XII – família Rikbáktsa

Tabela 4.3 – Possíveis evidências de relação genética entre o Guató e línguas do tronco Macro-Jê
(cf. RODRIGUES, 1999)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
	<i>'braço'</i>	<i>'beber'</i>	<i>'comer'</i>	<i>'ovo'</i>	<i>'pé'</i>	<i>'cabelo'</i>	<i>'mel'</i>	<i>'fígado'</i>	<i>'pedra'</i>
Ia	pã				pɛno	ʃe			
Ib	pa	kõm, k ^h õ		ɲrɛ	par	kĩ, k ^h ĩ	mɛɲ	ma	
Ic	pa			ʔre	para			pa	
Id	pẽ		rɔɲ (engolir)	krẽ	pẽn		mãɲ	tã-mẽ	pɔ
II				Kre	wad	ke			
III		tʃoʔop, tʃom		Kir	pata	tʃe	paɲ	ta-ma-ɲaĩ	
IV	po	tʃop			pɔ	ke	pəɲ		
V		some				ke, tʃe			
VI	bo		do		bi, biri				
VII	fe	k ^h o			fe- he, fet-				fòwa
VIII		õ	ro	θi	wa			ba	
IX	pɛ		rõ	kitɛ	par		pik		
X		ku			bire			pa	
XI	pó	ókĩ	ro	k ^h ĩ	àbɔ	ki	pagua	pɛ	àfó (solo)
XII	pa	ku		kare	pĩri				

4.3.1 Sistematização das correspondências sonoras encontradas em Guató em comparação com outras línguas do tronco Macro-Jê segundo Rodrigues (1999)

Com base nos conjuntos de cognatos extraídos de Rodrigues (1999) e reproduzidos aqui na tabela 4.3, foi possível identificar algumas séries de correspondências sonoras regulares na comparação dos itens lexicais do Guató com os das outras línguas comparadas.

(a) *'pe'*, *'braço'* e *'pedra'* – **Ia** p : **Ib** p : **Ic** p : **Id** p : **II** w : **IV** p : **VI** b : **VII** f : **VIII** w : **IX** p : **X** b : **XI** p, b, f : **XII** p.

(b) *'beber'*, *'ovo'* e *'cabelo'* – **Ia** f : **Ib** k, k^h, ŋ : **Id** k : **II** k : **III** k, tf : **IV** tf, k : **V** k, tf, s : **VII** k^h : **VIII** ∅, θ : **IX** k : **X** k : **XI** k, k^h : **XII** k.

(c) *'comer'* – **Id** r : **VI** d : **VIII** r : **IX** r : **XI** r.

(d) *'mel'* e *'fígado'* – **Ib** m : **Ic** p : **Id** m : **III** p, m : **IV** p : **VIII** b : **IX** p : **X** p : **XI** p.

Como afirmamos, dos 39 conjuntos de cognatos estabelecidos por Rodrigues (1999), apenas em nove há dados do Guató incluídos. Essa limitação de correspondência pode estar ligada a três fatores, pelo menos. O primeiro diz respeito à quantidade de dados disponíveis nas línguas comparadas, inclusive no Guató. Poucos são os trabalhos que apresentam uma quantidade substancial de itens lexicais das línguas do tronco Macro-Jê. Conseqüentemente, a tarefa de selecionar dados para um estudo histórico-comparativo torna-se mais difícil, visto que, na ausência de palavras comparáveis, não há possibilidade de encontrar dados adequados.

O segundo fator pode estar relacionado com a questão da profundidade temporal, já que o tempo paulatinamente vai distanciando uma língua da outra, trazendo mudanças com poucas chances de serem explicadas devido à dificuldade que temos em recuperar informações históricas das mudanças sofridas de forma independente em cada uma das línguas analisadas, para as quais se postula uma origem comum. Muito pouco em termos de cognatos e correspondências sonoras regulares é preservado nas línguas aparentadas, mas geograficamente distantes. Isso significa que, mesmo tendo uma grande quantidade de dados para realizar uma comparação, a probabilidade de encontrarmos formas cognatas continuará a ser pequena, às vezes impossibilitando a reunião de provas cabais, que nos deem uma margem de segurança com respeito à classificação das línguas que se encontram nessa situação.

O terceiro fator está relacionado com a possibilidade de que as poucas semelhanças lexicais e fonológicas do Guató com as línguas do tronco Macro-Jê e a quantidade ínfima de correspondências sonoras regulares possam ser mera coincidência

ou indícios de empréstimos que tenham sido incorporados ao Guató em tempos remotos de contato com algumas das línguas que constituem o tronco Macro-Jê.

A situação do Guató deve necessariamente corresponder a um dos três fatores descritos acima; visto que, se, por um lado, há poucas palavras comparáveis do Guató com as línguas do tronco, por outro lado, o tempo pode ter levado consigo muitas das formas que poderiam atestar, de fato, quais seriam os parentes mais próximos do Guató no tronco Macro-Jê e quais os de que ele mais se distancia. Contudo, não desconsideramos a terceira possibilidade: a de que as poucas semelhanças encontradas entre o Guató e as línguas Macro-Jê não sejam heranças genéticas e sim frutos do acaso ou de contatos.

Para termos mais argumentos a favor de uma das três possibilidades descritas acima sobre a situação do Guató; apresentamos, nos próximos tópicos deste capítulo, os resultados das comparações lexicais e fonológicas que realizamos.

4.4 Comparação lexical entre o Guató e o Proto-Kamakã

Apresentamos aqui os resultados da análise comparativa de formas semelhantes do Guató com a reconstrução de itens lexicais do Proto-Kamakã proposta por Martins (2007). Em nossa análise, verificamos que entre as 48 formas reconstruídas para o Proto-Kamakã, algumas apresentam correspondências sonoras regulares com as formas correspondentes do Guató. Para outras, embora as correspondências sejam aceitáveis, não temos dados suficientes para atestar as possíveis regularidades. Na tabela 4.4, apresentamos a comparação lexical entre o Guató e o Proto-Kamakã. Vale lembrar que já excluimos aqui (e em todo o restante das comparações que nos propomos a realizar) as formas que consideramos não-comparáveis, como um dos procedimentos prescritos pelo Método Histórico-Comparativo, conforme Campbell (1998).

Tabela 4.4 – Comparação lexical: Guató e Proto-Kamakã de Martins (2007)

Nº	Glosa	Guató	Proto-Kamakã
1.	'arara amarela'	toga	*tʃoke
2.	'beber'	oki	*ka
3.	'bonito'	itivi	*tʃoho
4.	'cabelo'	ki	*ke
5.	'dormir'	kini	*hondõ
6.	'estrela'	bi	*pio
7.	'fogo'	ta	*tʃaki
8.	'macaco'	ak ^w o	*kaũ
9.	'machado ₂ '	k ^w o	*kedo
10.	'orelha'	kũ (ouvir)	*nikoka

Na tabela 4.5, apresentamos a sistematização das correspondências sonoras encontradas na comparação do Guató com o Proto-Kamakã.

Tabela 4.5 – Correspondências sonoras: Guató e Proto-Kamakã de Martins (2007)

Guató	Proto-Kamakã	Exemplos
<i>t</i>	* <i>tʃ</i>	1, 3, 7
<i>k</i>	* <i>k</i>	2, 4, 10
<i>k^w</i>	* <i>k</i>	8, 9

Antes de discutirmos os dados, é importante informar que as formas para 'cabelo' (exemplo 4 da tabela 4.4) já foram consideradas por Rodrigues (1999) como possivelmente cognatas.

Como podemos ver, na comparação das listas de palavras disponíveis para o Guató e para o Proto-Kamakã, conseguimos encontrar somente 10 pares de palavras cujas formas e significados são semelhantes (incluído o par para 'cabelo' já identificado por Rodrigues, 1999); entretanto, somente três tipos de correspondências sonoras regulares puderam ser verificados (como pode ser visto na tabela 4.5). Porém, nos pares onde é possível encontrar correspondências entre as consoantes, não conseguimos explicar porque não há correspondências regulares também entre as vogais.

Diante do que foi exposto até agora, se há possibilidade de que o Guató tenha alguma afinidade genética com a família Kamakã, não temos como reforçar essa hipótese, em vista da limitação de dados disponíveis.

4.5 Comparação lexical entre o Guató e o Proto-Purí

Em nossa investigação, na tentativa de encontrar cognatos e correspondências sonoras regulares, comparamos os 47 itens lexicais reconstruídos para o Proto-Purí por Silva Neto (2007) com as palavras previamente selecionadas do Guató. Nesse estudo, encontramos apenas 8 pares de formas comparáveis:

Tabela 4.6 – Comparação lexical: Guató e Proto-Purí de Silva Neto (2007)

Nº	Glosa	Guató	Proto-Purí
1.	'cabeça'	ɔdok ^w i	*kue
2.	'cabelo'	ki	*ké
3.	'fogo'	ta	*pote
4.	'lua'	opina	*petara
5.	'olho'	rɛ	*merĩ
6.	'orelha'	vi	*pepéna
7.	'sol'	uvɛ	*opé
8.	'você'	g ^w a	*gá

A seguir, apresentamos as possíveis correspondências sonoras regulares que encontramos a partir da comparação lexical que realizamos.

Tabela 4.7 – Correspondências sonoras: Guató e Proto-Purí de Silva Neto (2007)

Guató	Proto-Purí	Exemplos
k ^w	*k	1
g ^w	*g	8
v	*p	6, 7

Como podemos ver, há menos ocorrências de regularidades sonoras entre o Guató e o Proto-Purí do que havíamos previsto inicialmente para a comparação apresentada anteriormente, envolvendo o Guató e o Proto-Kamakã⁴³. Mas, na verdade,

⁴³ Para a classificação genética de línguas tanto a quantidade quanto a qualidade dos dados comparáveis são de extrema relevância para sustentar qualquer possibilidade, mesmo que remota, de uma origem comum de línguas que tenham sido propostas como reflexos distintos de uma língua ancestral. O fato de nos propormos a realizar um estudo histórico-comparativo entre línguas de relacionamento genético distante (como pode ser o caso do Guató em relação às línguas incluídas no tronco Macro-Jê), não deve ser uma justificativa para pensarmos que os sistemas linguísticos comparados mudaram de tal forma que a presença de regularidades menos consistentes seja levada em consideração ao propormos algum tipo de conexão genética entre as línguas comparadas.

as poucas ocorrências sonoras regulares que encontramos aqui ainda são discutíveis como, por exemplo, o caso da correspondência **Gu** k^w : **PP** $*k$ que só é validada pela correspondência de **Gu** g^w : **PP** $*g$. Uma observação interessante é que se trata de uma possível correspondência encontrada em palavras que fazem parte do vocabulário básico, pois se trata de um morfema gramatical de pessoa (2p). Nesse caso, podemos desconsiderar, em princípio, que deva ser um caso de empréstimo, pois não é comum que línguas tomem emprestadas palavras dessa natureza; também não podemos desconsiderar a possibilidade de serem formas semelhantes por pura coincidência, visto que se trata de formas curtas, portanto, não muito confiáveis (cf. CAMPBELL, 1998). Uma forma de validar esse par como de formas possivelmente cognatas é encontrar formas semelhantes para a segunda pessoa em outras línguas do tronco Macro-Jê.

O outro par de palavras (aparentemente cognatas), envolve a correspondência **Gu** v : **PP** $*p$. Contudo, os ambientes em que esses sons ocorrem em cada uma das duas línguas comparadas são distintos. No primeiro par de cognatos em potencial, temos em Guató uma palavra monossilábica: *vi* ‘orelha’; enquanto que em Proto-Purí, uma palavra trissilábica: *pepéna*. Não sabemos, portanto, se o Guató perdeu sílabas e, se isso ocorreu, quais foram as causas dessas possíveis perdas? Ou, então, se o Proto-Purí inseriu sílabas a uma raiz anteriormente monossilábica; e se esse foi o caso, quais os motivos que levaram a língua a realizar tais inserções? Não sabemos também se a parte não comparável da palavra para ‘orelha’ em Proto-Purí faz ou não parte da raiz. Além disso, não sabemos informar ao certo se o v do Guató corresponderia ao primeiro ou ao segundo $*p$ de **pepéna*. Sendo assim, a incerteza de que as formas *vi* do Guató e *pepéna* do Proto-Purí sejam realmente cognatas diminui a possibilidade de indicarmos a existência de correspondências regulares, posto que apenas um par com essa correspondência permanece na comparação: **Gu** *uve* : **Proto-Purí** **opé* ‘sol’. Dessa forma, consideramos apenas dois possíveis pares de cognatos:

Tabelas 4.8 – Pares possivelmente cognatos: Guató e Proto-Purí de Silva Neto (2007)

Nº	Glosa	Guató	Proto-Purí
1.	‘cabeça’	$\text{ɔdok}^w\text{I}$	$*\text{kue}$
8.	‘você’	g^wa	$*\text{gá}$

Estamos cientes de que essa dificuldade de identificar ocorrências regulares de sons nos conjuntos de possíveis cognatos traz problemas para continuar sustentando a

hipótese de que as poucas semelhanças nas línguas comparadas sejam decorrentes de herança genética. Todavia, devemos levar em consideração que se trata de um estudo comparativo de línguas geneticamente distantes. Talvez, isso justifique não encontrarmos mais correspondências regulares, somado, é claro, ao fato de termos em mãos pouca quantidade de dados de ambas as línguas para uma comparação mais consistente.

4.6 Comparação lexical entre o Guató e o Proto-Jê

Com base na seleção que produzimos dos dados lexicais do Guató, realizamos mais uma análise comparativa, agora com as palavras reconstruídas para o Proto-Jê por Davis (1966).

Conforme o resultado de nosso estudo, verificamos que das 112 proto-formas reconstruídas para o Proto-Jê, 17 se apresentam como possíveis candidatas a formas cognatas com as respectivas formas do Guató, pois compartilham semelhanças de som e de significado.

Apresentamos a seguir esses possíveis pares de cognatos encontrados em nossa comparação.

Tabela 4.9 – Comparação lexical: Guató e Proto-Jê de Davis (1966)

Nº	Glosa	Guató	Proto-Jê
1.	'água'	gĩ	*ŋo, ŋoc
2.	'beber'	oki	*-ko ⁿ , -kom
3.	'braço'	pɔ	*pa
4.	'branco'	ak ^w ɔ	*za-ka
5.	'cabelo'	ki	*ki
6.	'carne'	ri	*n ^y i ⁿ
7.	'fígado'	pɛ	*ma
8.	'macaco'	ak ^w o	*ku-kɔz
9.	'ovo'	ki	*ŋrɛ, ŋrɛr
10.	'pai ₁ '	bapa	*pa ⁿ m
11.	'papagaio'	iki	*kryz
12.	'pé'	abɔ	*par
13.	'pedra'	aku	*kɛn
14.	'piolho'	pagu	*ŋo
15.	'sangue'	og ^w a	*ka-mro
16.	'vir'	tehe	*te ⁿ , te ⁿ m
17.	'você'	g ^w a	*a, *ka

Dentre os pares de palavras da tabela 4.9, verificamos algumas ocorrências regulares de sons, como pode ser visto na tabela 4.10:

Tabela 4.10 – Correspondências sonoras: Guató e Proto-Jê de Davis (1966)

Guató	Proto-Jê	Exemplos
<i>p</i>	* <i>p</i> , * <i>m</i>	3, 7
<i>k</i>	* <i>k</i>	2, 5, 11, 13
<i>k^w</i>	* <i>k</i>	4, 8
<i>b</i>	* <i>p</i>	10, 12
<i>g^w</i>	* <i>k</i>	15, 17

Contudo, em boa parte dos dados, a regularidade de correspondência está restrita somente às consoantes.

Analisando o conjunto dos dados da tabela 4.9, podemos subdividi-los em dois grupos: de um lado uma série de pares cujas regularidades encontradas nas correspondências sonoras estão limitadas às consoantes. Do outro lado, uma série de pares que apresenta correspondências regulares tanto consonantais quanto vocálicas de uma língua para a outra; permitindo, portanto, a hipótese de que essas formas possam

ser cognatas. A seguir, rerepresentamos os dados da tabela 4.9 para melhor visualização das correspondências consonantais e vocálicas encontradas na comparação:

Tabela 4.11 – Correspondências lexicais e fonológicas: Guató e Proto-Jê de Davis (1966)

Correspondências	Glosa	Guató	Proto-Jê	Exemplos
Gu ɔ : PJ *a	'braço'	pɔ	*pa	3
	'pé'	abɔ	*par	12
	'branco'	ak ^w ɔ	*za-ka	4
Gu ε : PJ *a	'fígado'	pε	*ma	7
Gu a : PJ *a	'pai ₁ '	bapa	*pa ⁿ m	10
Gu í : PJ *o	'beber'	oki	*-ko ⁿ	2
Gu í : PJ *i	'cabelo'	ki	*ki	5
Gu í : PJ *ε	'ovo'	ki	*ɲrε	9
Gu í : PJ *i	'papagaio'	iki	*kryz	11
Gu u : PJ *ε	'pedra'	aku	*kεn	13
Gu o : PJ *ɔ	'macaco'	ak ^w o	*ku-kɔz	8

Conforme pode ser visto na tabela 4.11, temos três pares de palavras em que a vogal média baixa posterior do Guató corresponde à vogal baixa central (exemplos 3, 12 e 4); contudo, o único dado novo dessa série candidato a cognato é a palavra para 'branco'; uma vez que as palavras para 'pé' e 'braço' já foram consideradas por Rodrigues (1986) como possíveis formas cognatas através da comparação com outras línguas do tronco Macro-Jê, inclusive da família Jê.

Ainda com respeito às formas já identificadas por Rodrigues (1986, 1999) como prováveis cognatos com as formas encontradas em línguas do tronco Macro-Jê, podemos citar também as formas para 'beber', 'braço', 'cabelo', 'fígado', 'ovo', 'pé' e 'pedra' (exemplos, 2, 3, 5, 7, 9, 12 e 13 respectivamente, registrados na tabela 4.9).

Para alimentar mais a hipótese de que o Guató e o Proto-Jê compartilham de formas semelhantes devido a algum tipo de conexão genética, apresentamos outros dois pares de possíveis cognatos que nos restam para analisar:

Tabela 4.12 – Pares possivelmente cognatos: Guató e Proto-Jê de Davis (1966)

Correspondências	Glosa	Guató	Proto-Jê	Exemplos
Gu g ^w : PJ g	'sangue'	og ^w a	*ka-mro	15
	'você'	g ^w a	*a, *ka	17

As formas para ‘*sangue*’ e ‘*você*’ em Guató e em Proto-Jê são bons candidatos a cognatos por causa da correspondência regular tanto da consoante quanto da vogal. Reforçamos ainda a possibilidade de que sejam formas cognatas devido ao fato de que entre os pares há um morfema gramatical de pessoa, pois sabemos que não é comum (como já vimos) que uma língua tome emprestadas palavras que fazem parte do vocabulário básico⁴⁴ (cf. CAMPBELL, 1998).

Dando prosseguimento à nossa análise, apresentamos a seguir os resultados da comparação dos dados do Guató com os dados do Proto-Jê-Meridional de Jolkesky (2010).

4.7 Comparação lexical entre o Guató e o Proto-Jê-Meridional

Como havíamos dito em outra ocasião, a comparação dos dados lexicais do Guató com a reconstrução do Proto-Jê-Meridional proposta por Jolkesky (2010) só se sustenta se considerarmos a necessidade de verificar possíveis formas cognatas com as línguas Jê do sul. Justifica-se também por permitir a comparação com um número de itens lexicais muito maior que o propiciado pelo trabalho de Davis. Logo, analisar a lista de itens reconstruídos para o Proto-Jê-Meridional nos poupou o tempo de olhar para os dados de cada uma das línguas que compõem esse sub-ramo. Apresentamos na tabela 4.13 os pares de palavras encontradas que compartilham de som e significado semelhantes.

⁴⁴ Já discutimos uma situação semelhante a essa na comparação do Guató com o Proto-Purí. Podemos, então, considerar que a forma para segunda pessoa encontrada em Guató compartilha de semelhanças tanto com a forma do Proto-Purí quanto à do Proto-Jê, diminuindo, assim, as chances de serem formas similares dadas ao acaso.

Tabela 4.13 – Comparação lexical: Guató e Proto-Jê-Meridional de Jolkesky (2010)

Nº	Glosa	Guató	Proto-Jê-Meridional
1.	'água'	gĩ	*goj
2.	'cabelo'	ki	*kyki
3.	'carregar ₂ '	nũ	*tu
4.	'comer ₁ '	ro	*rɔg (<i>engolir</i>)
5.	'coruja'	ako	*kãkɔ
6.	'fígado'	pɛ	*tɔbẽ
7.	'ir'	tɛga	*tĩg
8.	'mel'	pag ^w a	*bɔg
9.	'mosquito'	ka	*ka
10.	'osso'	oku	*kuka
11.	'pé'	abɔ	*pẽd
12.	'pescoço'	to	*duj
13.	'quebrar'	taja	*tɔgtaj (<i>arrebentar no meio</i>)

Como pode ser visto na tabela 4.13, somente 13 pares de possíveis cognatos foram encontrados na comparação de quase 600 palavras do Guató com parte das 1100 formas reconstruídas por Jolkesky (2010) para o Proto-Jê-Meridional. Entre esses pares, não é novidade a ideia de que as palavras para 'comer', 'fígado', 'mel' e 'pé' (exemplos 2, 4, 6, 8 e 11, respectivamente) sejam indícios de evidências de relações genéticas do Guató com o tronco Macro-Jê, pois Rodrigues (1999) já havia demonstrado essa possibilidade. Dessa maneira, os resultados apresentados por ele salvam os pares que apresentam mudanças sonoras plausíveis, mas que não podem ser testadas aqui por causa da insuficiência de dados, impossibilitando a análise das mudanças para verificar se as correspondências seriam regulares ou não, como é o caso para 'comer', 'mel' e 'pé' (exemplos 4, 8 e 11, respectivamente). Na tabela 4.14, indicamos as correspondências sonoras regulares encontradas em nossa comparação.

Tabela 4.14 – Correspondências sonoras: Guató e Proto-Jê-Meridional de Jolkesky (2010)

Guató	Proto-Jê-Meridional	Exemplos
<i>p</i>	* <i>b</i>	6, 8
<i>t</i>	* <i>t</i>	7, 13
<i>k</i>	* <i>k</i>	2, 5, 9, 10
<i>g</i>	* <i>g</i>	1, 7

Como pode ser visualizado na tabela 4.14, correspondências regulares foram encontradas apenas em quatro casos: **Gu** *p* : **PJM** **b* ; **Gu** *t* : **PJM** **t* ; **Gu** *k* : **PJM** **k* e **Gu** *g* : **PJM** **g*. Contudo, consideramos relevante verificar a probabilidade de as palavras encontradas para o Guató, e que não foram incluídas na lista de possíveis cognatos antes por Rodrigues (1986, 1999), servirem como indicadores para reforçar a hipótese dele sobre a possibilidade de o Guató ser um membro, mesmo que distante, do tronco Macro-Jê.

Encontramos, na verdade, oito pares de possíveis cognatos, envolvendo palavras de campos semânticos diversos: nomes de elementos da natureza, nomes de partes do corpo, verbos que indicam ações elementares e nomes de animais. No entanto, seguindo a rigidez requerida pelo Método Histórico-Comparativo para a seleção de palavras que devem ser usadas na comparação, excluímos os exemplos 3 e 12 (*'carregar'* e *'pescoço'*, respectivamente), pois se trata de exemplos únicos; por conseguinte não pudemos estabelecer regra nenhuma das correspondências apresentadas por eles.

Restam para a análise os pares de palavras para *'água'*, *'coruja'*, *'ir'*, *'mosquito'*, *'osso'* e *'quebrar'* (1, 5, 7, 9, 10 e 13, respectivamente).

O par para *'água'* **Gu** *gĩ* : **PJM** **goj* seria um forte candidato a formas cognatas; no entanto, a correspondência vocálica não é atestada dentro do limite de dados disponíveis.

O par para *'coruja'* **Gu** *ako* : **PJM** **kãkɔ* também não pode ser usado na comparação, visto que se trata de um nome de espécie de animais, estando excluído do que consideramos como palavras do vocabulário básico. É muito mais provável que essa semelhança de formas seja fruto de empréstimo, resultante de contato.

O caso do verbo *'ir'* **Gu** *tega* : **PJM** **tĩg* é bastante interessante, pois o *t* e o *g* em ambas as línguas aparecem nos exemplos 13 e 1 da tabela 4.13. Entretanto, a correspondência vocálica não pode ser atestada.

Quanto às formas para *'mosquito'*, *'osso'* e *'quebrar'*, temos argumentos a favor de considerarmos formas cognatas, já que são palavras do vocabulário básico (mais universal, logo menos passível de empréstimo), e tanto as consoantes quanto às vogais apresentam regularidade em suas ocorrências:

Tabela 4.15 – Pares possivelmente cognatos: Guató e Proto-Jê-Meridional de Jolkesky (2010)

Glosa	Guató	Proto-Jê-Meridional	Exemplos
'mosquito'	ka	*ka	11
'osso'	oku	*kuka	12
'quebrar'	taja	*txgtaj (<i>arrebentar no meio</i>)	15

4.8 Algumas reflexões sobre os resultados das comparações dos dados do Guató com as formas reconstruídas para o Proto-Kamakã, Proto-Purí, Proto-Jê e Proto-Jê-Meridional

Encerramos aqui a comparação de dados da língua Guató com as proto-formas reconstruídas para ramos e sub-ramo de línguas reconhecidas como pertencentes ao tronco Macro-Jê. Verificamos até aqui que os resultados encontrados, baseando-se nos preceitos do Método Histórico-Comparativo, não desfavorecem a permanência do Guató como um possível membro do tronco Macro-Jê, sendo isso ainda uma hipótese de trabalho em andamento.

Em todo o caso, mesmo que não tenhamos identificado um número considerável de candidatos a cognatos na comparação de formas do Guató com as do Proto-Kamakã, do Proto-Purí, do Proto-Jê e do Proto-Jê-Meridional, não temos, até o momento, argumentos que enfraqueçam a hipótese de relacionamento genético distante do Guató com línguas do tronco Macro-Jê; pois, como resultado de nossas comparações, encontramos sete possíveis cognatos através dos dados reconstruídos, sendo (a) duas formas com o Proto-Purí de Silva Neto (2007): **Gu** $\text{ɔdɔk}^w\text{í}$: **PP** **kue* 'cabeça' ; **Gu** $g^w\text{a}$: **PP** **gá* 'você' (exemplos 1 e 8 da tabela 4.6), entre elas um morfema gramatical; (b) três formas com o Proto-Jê de Davis (1966): **Gu** $p\text{ɔ}$: **PJ** *pa* 'branco' ; **Gu** $og^w\text{a}$: **PJ** **ka-mro* 'sangue' ; **Gu** $g^w\text{a}$: **PJ** **ka* 'você' (exemplos 15 e 17 da tabela 4.9), sendo que entre eles, há também um morfema gramatical; e (c) três formas com o Proto-Jê-Meridional de Jolkesky (2010): **Gu** *ka* : **PJM** **ka* 'mosquito'; **Gu** *oku* : **PJM** **kuka* 'osso'; e **Gu** *taja* : **PJM** **txgtaj* 'quebrar' (exemplos 11, 12 e 15 da tabela 4.13).

Embora tenhamos desenvolvido argumentos que podem servir para demonstrar que os pares de palavras encontrados seriam candidatos a cognatos, a possibilidade de acharmos que se trata de formas coincidentes ou de empréstimos poderia ainda existir,

visto que as palavras do Guató que correspondem às formas reconstruídas são extremamente semelhantes. Campbell (1998), a esse respeito, advoga que a existência de correspondências muito óbvias entre línguas, para as quais se postula um relacionamento genético distante, não são evidências confiáveis para afirmarmos que se trata de vestígios de uma origem comum, visto que isso não é esperado nem mesmo na comparação de línguas cuja relação genética é ainda no nível de família. Porém, o fato de termos encontrado regularidades nas correspondências é um critério fundamental para a classificação genética de línguas; além disso, as comparações que produzimos até aqui não são colaterais e sim lineares⁴⁵.

Portanto, é esperado que em uma profundidade temporal de separação de línguas possivelmente relacionadas, o que é preservado na língua em seu estado atual, em comparação com proto-formas, deva fazer parte do vocabulário básico e, por isso, mais resistente a empréstimos e substituições. Dessa maneira, consideramos mais plausível que as sete palavras do Guató, semelhantes em som e em significado, cujas regularidades sonoras puderam ser atestadas, sejam sim possíveis formas cognatas e não frutos do acaso.

Passamos agora aos resultados da comparação dos dados do Guató com os do Rikbáktsa e com os do Boróro, duas línguas cujas proximidades geográficas com o Guató poderiam sugerir (a) um desmembramento desses sistemas linguísticos em um momento da pré-história que desconhecemos; ou, então, (b) uma situação de contato entre esses povos que até o dado momento não foi comprovada; e, por fim, como última possibilidade de explicação das formas semelhantes encontradas, (c) a existência simplesmente de formas coincidentes, frutos do acaso.

4.9 Comparação lexical entre o Guató e o Rikbáktsa

Assim como a classificação do Guató no tronco Macro-Jê é ainda uma hipótese a ser testada, também são necessários mais estudos comparativos que reúnam um número maior de evidências para termos mais clareza sobre a real situação do Rikbáktsa no referido tronco. Em todo o caso, decidimos comparar dados lexicais do Guató com

⁴⁵ Conforme Jeffers & Lehisté (1979), em estudos comparativos colaterais, selecionam-se línguas cujos dados comparáveis são de uma mesma época, enquanto que estudos comparativos lineares de línguas fazem uso de dados que pertencem a momentos diferentes na história das línguas comparadas.

dados do Rikbáktsa devido à proximidade geográfica entre as duas línguas. Essa aproximação física nos fez pensar em duas possibilidades pré-históricas de relacionamento. A primeira é genética, supondo que o Guató seja realmente um membro do tronco Macro-Jê, como é postulado também para o Rikbáktsa. Logo, poderíamos supor que, em um momento no passado remoto, o que hoje são dois povos com duas línguas distintas, poderiam ter sido um povo que se desmembrou e se distanciou, diminuindo cada vez mais o contato e, conseqüentemente, a necessidade de ajustes comunicativos entre eles, surgindo dialetos que produziram inovações independentes, resultando no que conhecemos hoje como Guató e Rikbáktsa. Se esse for o caso, espera-se que haja vestígios de características comuns às duas línguas que nos sirvam de evidências para comprovar a relação genética entre elas.

A segunda possibilidade de relacionamento não é genética, supondo que esses dois grupos, em algum momento da pré-história, estiveram em situação de contato por um certo período de tempo, propiciando a interferência de um sistema linguístico no outro que resultasse em empréstimos e substituições lexicais.

Em último caso, se não houver evidências que favoreçam um possível relacionamento histórico entre o Guató e o Rikbáktsa, somos levados a considerar as semelhanças como sendo meramente acidentais.

Apresentamos, na tabela 4.16, os pares de palavras que encontramos em nossa investigação à procura de possíveis cognatos entre o Guató e o Rikbáktsa.

Tabela 4.16 – Comparação lexical: Guató e Rikbáktsa

Nº	Glosa	Guató	Rikbáktsa
1.	'acender'	pɔ	pok
2.	'bravo'	ikirɔ	kiri
3.	'cavar'	ogĩ	ukuru
4.	'coçar'	okoro	hiri
5.	'cortar'	kĩ	kare
6.	'doer'	pa	pa (dor)
7.	'dormir'	kini	hinipỹ
8.	'fígado'	pɛ	pi
9.	'grosso'	agĩ	aka
10.	'ovo'	ki	kare
11.	'pássaro'	bidĩ	piik
12.	'pato'	ibɔ	ubaik
13.	'pé'	abɔ	piri

Tabela 4.17 – Correspondências sonoras: Guató e Rikbáktsa

Guató	Rikbáktsa	Exemplos
<i>p</i>	<i>p</i>	1, 6, 8
<i>b</i>	<i>p</i>	11, 13
<i>k</i>	<i>k</i>	2, 5, 10
<i>g</i>	<i>k</i>	3, 9

Como pode ser visto na tabela 4.16, somente 13 pares de palavras supostamente cognatas foram encontrados em nossa investigação. Mas para chegarmos a essa lista tão reduzida, fizemos uma busca no dicionário bilíngue *Rikbáktsa-Português / Português-Rikbáktsa* (2007) de palavras que correspondiam em significado com os dados lexicais do Guató (cerca de 600 palavras). Através dessa primeira busca, encontramos cerca de 300 palavras disponíveis em todo o vocabulário do dicionário do Rikbáktsa utilizado para esta pesquisa.

Prosseguindo em nossa investigação, passamos a olhar, dentro desse conjunto de palavras, quais se assemelhavam, em termos de som, com as palavras do Guató. A partir disso, excluimos um pouco mais da metade da lista de palavras do Rikbáktsa que havíamos feito anteriormente. Do que restou (cerca de 120 pares de palavras), verificamos a possibilidade de correspondências sonoras regulares com as formas da lista do Guató que correspondiam em significado. Dessa forma, nossa lista sofreu mais uma redução: de 120 pares de palavras, apenas 41 apresentavam algum tipo de correspondência sonora. Desses 41, 28 pares apresentavam correspondências pouco consistentes; restando, portanto, os 13 pares de palavras (apresentadas na tabela 4.16) para avaliarmos quais deles poderiam, realmente, servir de indícios de possível relacionamento genético do Guató com o Rikbáktsa.

Analisando cada par de palavras, com suas respectivas correspondências sonoras, notamos que as semelhanças são interessantes devido à presença de alguns pares que se correspondem de forma sistemática não só com respeito às consoantes, mas também com respeito às vogais que as seguem (como veremos com mais detalhe adiante).

No entanto, se argumentássemos de pronto a favor de uma afinidade genética entre essas línguas, estaríamos sendo precipitados, pois não temos como provar as irregularidades das vogais em parte dos pares que consideramos como possíveis

cognatos, já que não temos outros dados para identificar ao certo os ambientes que poderiam condicionar as mudanças sonoras.

Além disso, diante dos resultados a que chegamos nesta comparação, poderíamos ainda supor que as semelhanças lexicais encontradas nesse recorte que fizemos seriam resquícios de um tempo anterior, em que essas línguas estiveram em contato, pois é possível também encontrarmos correspondências sonoras regulares em empréstimos linguísticos (cf. CAMPBELL, 1998).

Como se isso não bastasse, temos ainda a informação de que não é incomum, em propostas de relações genéticas distantes, encontrarmos formas em uma língua que exibem similaridades com as formas de outra língua, devido a prováveis mudanças recentes na história individual de uma das línguas (cf. CAMPBELL, 1998). Portanto, como não conhecemos a história de desenvolvimento das línguas aqui comparadas, não podemos excluir essa hipótese como forma de justificar as similaridades identificadas na comparação que realizamos entre o Guató e o Rikbáktsa.

Não queremos ser redundantes em nossas palavras; entretanto é preciso enfatizar que comprovar relacionamento genético distante entre línguas não é uma tarefa fácil, pois, quando encontramos indícios de um possível relacionamento genético, deparamo-nos com a possibilidade de que as semelhanças encontradas podem ter ocorrido por causa de empréstimo ou por acidente. Por isso, além de termos que encontrar correspondências sonoras regulares em um conjunto de cognatos e postularmos explicações para as mudanças ocorridas de uma língua para outra, devemos encontrar também explicações para as irregularidades que são identificadas na comparação; logo, o trabalho de investigação de relação genética distante precisa, realmente, seguir o rigor do método histórico-comparativo, a fim de não produzirmos resultados duvidosos em relação à possibilidade de relacionamento genético de línguas que podem não pertencer ao mesmo agrupamento, mesmo que o nível considerado seja o de tronco (cf. JEFFERS & LEHISTE, 1979; HOCK, 1991; CAMPBELL, 1998).

Cientes de tudo o que foi exposto até este momento, cabe fazer aqui uma breve discussão em torno dos pares de palavras apresentados na tabela 4.16, a fim de eliminarmos os que não se encaixam na metodologia adotada para encontrar evidências apropriadas à classificação genética de línguas.

Dos 13 pares de palavras, três já constam como possíveis cognatos nos trabalhos de Rodrigues (1986, 1999): ‘figado’, ‘pé’ e ‘ovo’. Resta-nos, portanto, avaliar os outros

10 pares de nossa lista: ‘acender’, ‘bravo’, ‘doer’, ‘cavar’, ‘coçar’, ‘cortar’, ‘dormir’, ‘grosso’, ‘pássaro’ e ‘pato’.

Os pares 1 e 6 da tabela 4.16 (‘acender’ e ‘doer’, respectivamente) apresentam formas bastante semelhantes entre as duas línguas: **Gu** *pɔ* : **Rk** *pok* ‘acender (por fogo)’ ; **Gu** *pa* : **Rk** *pa* ‘doer’. Trata-se de palavras que podem ser consideradas como parte do vocabulário básico; logo, a hipótese de empréstimo é enfraquecida. E se fôssemos considerar as semelhanças encontradas como resultado de possíveis mudanças individuais em uma das línguas, não conseguiríamos explicar as correspondências de **Gu** *b* : **Rk** *p* ; **Gu** *b* : **Rk** *b*, também encontradas em alguns dos pares de palavras selecionados, como **Gu** *bidi* : **Rk** *piik* ‘pássaro’ e **Gu** *abɔ* : **Rk** *pái* ‘pé’ (exemplos 11 e 13 da tabela 4.16).

No par para ‘bravo’ (**Gu** *ikirɔ* : **Rk** *kiri*), a possibilidade de harmonização vocálica em Rikbáktsa é validada com base no que deve ter ocorrido também nos pares para ‘cavar’ e ‘grosso’:

Tabela 4.18 – Possíveis casos de harmonização vocálica em Rikbáktsa

Glosa	Guató	Rikbáktsa	Exemplos
‘bravo’	<i>ikirɔ</i>	<i>kiri</i>	2
‘cavar’	<i>ogĩ</i>	<i>ukuru</i>	3
‘grosso’	<i>agĩ</i>	<i>aka</i>	9

Ainda sobre os pares ‘cavar’ e ‘grosso’ (exemplos 3 e 9, repetidos na tabela 4.18), verifica-se a correspondência regular *g* e *k* em Guató e Rikbáktsa, respectivamente.

As formas em Guató e em Rikbáktsa para ‘pássaro’ (**Gu** *bidi* : **Rk** *piik*) apresentam uma correspondência sonora regular com relação à consoante inicial, atestada em outros dados disponíveis, tais como em **Gu** *abɔ* : **Rk** *pái* ‘pé’ (lembrando que este dado já havia sido considerado por Rodrigues (1986, 1999) como um possível candidato a cognato através do tronco Macro-Jê). Ainda com relação às formas para ‘pássaro’, a consoante final que ocorre em Rikbáktsa contrasta com a ausência de um segmento consonantal em Guató nessa posição, como pode ser visto em outros pares de palavras: **Gu** *pɔ* : **Rk** *pok* ‘acender’ ; **Gu** *ibɔ* : **Rk** *ubaik* ‘pato’ (exemplos 1 e 12 da tabela 4.16, respectivamente).

Outros dois processos fonológicos que podem ter ocorrido em Rikbáktsa para explicar as diferenças encontradas na forma que ele apresenta para ‘pássaro’ comparada ao Guató são (1) a elisão da consoante medial *e*, conseqüentemente, (2) a dissimilação da vogal central alta da primeira sílaba, impedindo sua fusão com a vogal procedente. Contudo, devido à limitação dos dados comparáveis, não temos como testar essas hipóteses.

Para ‘cortar’ (exemplo 5 da tabela 4.16), temos as seguintes formas nas línguas comparadas: **Gu** *kĩ* : **Rk** *kare*, que são facilmente validadas devido à correspondência encontrada para ‘ovo’ **Gu** *kĩ* : **Rk** *kare* (exemplo, 10). Como as formas para ‘ovo’ já haviam sido consideradas como prováveis cognatos por Rodrigues (1999), tal possibilidade reforça a hipótese de que em ‘cortar’ temos também formas cognatas.

Quanto às formas para ‘coçar’ **Gu** *okoro* : **Rk** *híri* e ‘dormir’ **Gu** *kíni* : **Rk** *hinipi* (exemplos 4 e 7 da tabela 4.16), para explicar as correspondências das vogais, voltamos a cogitar a hipótese de que se trata de uma harmonização vocálica ocorrida em Rikbáktsa. Entretanto, desconsideramos a possibilidade de que essas formas sejam cognatas porque não conseguimos verificar qual ambiente condiciona a mudança de *k* do Guató para *h* em Rikbáktsa. Desconsideramos também o par para ‘pato’ (**Gu** *ibɔ* : **Rk** *ubaik* – exemplo 12 da tabela 4.16) embora apresente correspondências regulares já testadas em outros pares aqui analisados, mas, como se refere a um nome específico de animal, ela não faz parte do vocabulário básico de uma língua, por isso deve ser descartada. Sua ocorrência nas duas línguas pode ser, então, devido a empréstimo lexical ou trata-se de formas casuais (coincidência).

Conforme os resultados apresentados nesta seção, consideramos plausível a possibilidade de que as palavras do Guató para ‘acender’ *pɔ*, ‘doer’ *pa*, ‘bravo’ *ikirɔ*, ‘cavar’ *ogĩ*, ‘grosso’ *agĩ* e ‘cortar’ *kĩ* sejam formas cognatas daquelas encontradas no vocabulário do Rikbáktsa, pois exibem respectivamente formas e significados semelhantes e correspondências sonoras regulares:

Tabela 4.19 – Pares possivelmente cognatos: Guató e Rikbáktsa

Nº	Glosa	Guató	Rikbáktsa
1.	'acender'	pɔ	pok
2.	'bravo'	ikiɔ	kiri
3.	'cavar'	ogĩ	ukuru
5.	'cortar'	kĩ	kare
6.	'doer'	pa	pa (dor)
9.	'grosso'	agĩ	aka

4.10 Comparação lexical entre o Guató e o Boróro

Nesta seção, apresentamos os resultados da comparação que realizamos entre dados lexicais do Guató com dados do Boróro. Cabe observar que os mesmos procedimentos utilizados na comparação do Guató com as línguas comparadas até agora neste capítulo foram utilizados também na comparação dos dados do Guató com os do Boróro. Logo, a coleta, a análise e a seleção dos dados para a comparação seguiram os procedimentos requeridos pelo Método Histórico-Comparativo.

Então, para realizar a comparação, identificamos, inicialmente, cerca de 350 palavras do Boróro⁴⁶ que correspondem em significado a 350 palavras da lista que produzimos para o Guató. Dessas 350 palavras, eliminamos aquelas de que não suspeitamos serem possíveis formas cognatas com as palavras disponíveis do Guató. Com isso, chegamos, então, a formar 120 pares de palavras que compartilhavam em ambas as línguas algum tipo de semelhança tanto na forma quanto no significado.

Em seguida, analisamos cada par dessa lista para identificar correspondências sonoras; com isso, a lista foi reduzida para 42 pares de palavras, mas somente em 10 deles, encontramos correspondências sonoras regulares. Apresentamos, a seguir, os pares de palavras que consideramos como possivelmente cognatas.

⁴⁶ A fonte de dados do Boróro utilizada para a análise, como já dissemos em outra ocasião, é o vocabulário disponível em Albisetti e Venturelli (1962).

Tabela 4.20 – Comparação lexical: Guató e Boróro

Nº	Glosa	Guató	Boróro
1.	'barba'	k ^w abo	ɔkwabu
2.	'capivara'	ki	ɔkiwa
3.	'chuva'	vê	bɔe
4.	'coruja'	ako	tfoi
5.	'filho'	tɔra	oro
6.	'lobo'	uk ^w a	ɔkwa
7.	'mão'	ra	era
8.	'orelha'	vi	bia
9.	'rosto'	tori	ɔtɔ
10.	'sócó'	iko	tju

Tabela 4.21 – Correspondências sonoras: Guató e Boróro

Guató	Boróro	Exemplos
k	tf	4, 10
k ^w	k ^w	1, 6
r	r	5, 7
v	b	3, 8

Escolhemos a língua Boróro para ser comparada ao Guató pelo mesmo motivo por que escolhemos o Rikbáktsa – proximidade geográfica. Contudo, tal aproximação pode ter favorecido também um contato. Por um lado, essa possibilidade é justificada pela quantidade de palavras que não fazem parte do vocabulário básico de uma língua e que foi encontrada em nossa comparação do Guató com o Boróro, trata-se da metade dos pares que havíamos separado para a análise comparativa:

Tabela 4.22 – Possíveis empréstimos: Guató e Boróro

Glosa	Guató	Boróro	Exemplos
'barba'	k ^w abo	ɔkwabu	1
'capivara'	ki	ɔkiwa	2
'coruja'	ako	tfoi	4
'lobo'	uk ^w a	ɔkwa	6
'sócó'	iko	tju	10

Por outro lado, a metade restante é formada por palavras que fazem parte do vocabulário básico de uma língua: elemento da natureza 'chuva', grau de parentesco 'filho' e nomes de partes do corpo 'mão', 'orelha' e 'rosto'.

Tabela 4.23 – Possíveis cognatos: Guató e Boróro

Glosa	Guató	Boróro	Exemplos
<i>'chuva'</i>	vɛ	bœ	3
<i>'filho'</i>	tɔra	oro	5
<i>'mão'</i>	ra	era	7
<i>'orelha'</i>	vi	bia	8
<i>'rosto'</i>	tori	ɔtɔ	9

Infelizmente, não há como provar que em ‘chuva’ (exemplo 3) houve a queda da vogal medial ou esta assimilou a vogal precedente na forma encontrada em Guató comparada com a do Boróro. Não há também como justificar a perda do tepe em Boróro na palavra para ‘rosto’. Por isso, só podemos considerar as formas para ‘filho’, ‘mão’ e ‘orelha’ como possíveis cognatos, visto que as correspondências sonoras regulares existem, e as irregularidades podem ser explicadas e atestadas nos dados: (a) a palavra para ‘filho’ em Boróro deve ter sofrido assimilação, assim como deve ter ocorrido na palavra para ‘rosto’; (b) a forma para ‘mão’ em Rikbáktsa deve ter perdido a vogal inicial; pois, no contraste com a forma para ‘rosto’, verificamos que enquanto o Boróro apresenta novamente uma vogal no início da palavra, o Guató não apresenta. Portanto, consideramos a hipótese de que ‘filho’, ‘mão’ e ‘orelha’ são formas possivelmente cognatas com aquelas encontradas em Boróro. Esse resultado favorece a hipótese de Rodrigues (1986) sobre uma possível conexão genética entre o Guató e o tronco Macro-Jê.

4.11 Comparação lexical do Guató com línguas da família Karirí

Para compararmos itens lexicais do Guató com as línguas Dzubukuá e Kipeá (ou Kirirí), ambas pertencentes à família Karirí, buscamos em dois trabalhos disponíveis os dados para a análise. Os dados do Dzubukuá são oriundos do trabalho de Queiroz (2008). Trata-se de uma dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Pernambuco. Na ocasião, o autor desenvolveu uma análise interpretativa dos aspectos fonológicos da língua Dzubukuá a partir dos dados disponíveis no catecismo de Frei Bernardo de Nantes (1709) (cf. QUEIROZ, 2008).

Já os dados do Kirirí foram extraídos do trabalho de Rodrigues (1942), onde o autor apresenta em ordem alfabética um vocabulário bilíngue português-Kirirí / Kirirí-português. Rodrigues (1942) informa que as palavras desse vocabulário foram retiradas da “*Gramática Kirirí*” do Pe. Mamiani (1699) e que se trata de 860 vocábulos na parte português-kirirí.

Infelizmente, no material consultado para o Dzubukuá havia poucas palavras que poderiam ser utilizadas para realizar a comparação. Conseguimos somente 28 que correspondiam à lista do Guató; contudo, apenas 5 palavras apresentavam-se semelhantes não só no significado, mas também na forma.

No trabalho de Rodrigues (1942) sobre o Kirirí, dentre as 860 palavras disponíveis, apenas 118 corresponderam em significado com o vocabulário do Guató; entretanto, somente 10 dessas palavras guardavam semelhanças na forma e no significado com as do Guató. Diante disso, e por se tratar de duas línguas da mesma família, apresentamos os dados das três línguas em uma única tabela.

Tabela 4.24 – Comparação lexical: Guató e línguas da família Karirí

Nº	Glosa	Guató	Kirirí	Dzubukuá
1.	‘caminho’	aovi	wo	wo
2.	‘carne’	ri	rine (<i>carne salgada</i>)	
3.	‘comer’	ro		do
4.	‘dormir’	kini	unu	
5.	‘língua (idioma)’	oti	nunu	
6.	‘macho’	ede	eræ	
7.	‘olho’	re	ne (<i>olhar</i>)	
8.	‘pé’	abo		bi
9.	‘pedra’	aku		kro
10.	‘perna’	ovi	wõ	
11.	‘pescoço’	to	ne	
12.	‘seco ₂ ’	tjara	sada (<i>secar</i>)	
13.	‘ver’	dzo	netjo	
14.	‘vir ₄ ’	tehe	te	te

Embora haja muitas semelhanças entre esses poucos pares encontrados para realizar a comparação (como pode ser verificado na tabela 4.24), as correspondências sonoras, mesmos sendo passíveis de explicação, não podem ser atestadas devido à falta de dados para verificar se são mudanças regulares ou não. Contudo, três pares dessa

série já foram considerados por Rodrigues (1999) como possíveis cognatos em línguas Macro-Jê (incluindo o Guató), são elas: ‘comer’, ‘pé’ e ‘pedra’ (exemplos 1, 8 e 9, respectivamente).

Excluindo, portanto, essas três séries de prováveis cognatos registrados na análise comparativa de Rodrigues (1999), excluindo também os pares cujas regularidades sonoras não podem ser comprovadas, sobram apenas dois pares para procedermos com a análise comparativa: ‘caminho’ e ‘perna’ (exemplos 1 e 10 da tabela 4.24).

Tabela 4.25 – Pares possivelmente cognatos: Guató e línguas da família Karirí

Glosa	Guató	Kirirí	Dzubukuá	Exemplos
‘caminho’	aovi	wo	wo	1
‘perna’	ovi	wõ		10

Como são duas palavras de conceito universal, considerando também a localização geográfica do Guató em relação às línguas da família Karirí, torna-se mais remota ainda a possibilidade de serem vestígios de contato linguístico; portanto, é pouco provável que sejam formas resultantes de empréstimos, posto que o Guató está localizado em Mato Grosso do Sul, e a família Karirí nos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Ceará (cf. RODRIGUES, 1942). Tão pouco devem ser consideradas formas coincidentes, visto que os pares se correspondem em forma e em significado e a regularidade sonora pode ser atestada. Logo, a possibilidade de serem formas oriundas de uma mesma língua ancestral deve ser levada em consideração.

Sobre as mudanças sonoras ocorridas de uma língua para outra, podemos supor que o Kirirí tenha produzido as inovações. Podemos demonstrar o que ocorreu da seguinte forma: **Ka** *ovi > *owu > *owo > *wo ‘caminho’. Trata-se, portanto de sucessivos estágios de mudanças em que a assimilação e a elisão teriam sido, supostamente, os processos responsáveis pelas diferenças entre Guató e Kirirí nas duas palavras que estamos considerando como formas possivelmente cognatas. Um outro ponto que vale a pena retomarmos aqui é o fato de que sons equacionados em propostas de relações genéticas remotas não devem ser idênticos (pelo menos não se espera que sejam), pois mesmo em línguas irmãs de famílias linguísticas bem estabelecidas, esse tipo de correspondência não é um fenômeno muito comum (cf. CAMPBELL, 1998).

4.12 Possíveis cognatos entre o Guató e o Yatê

Para realizarmos este estudo comparativo, selecionamos dados do Yatê disponíveis no dicionário Iatê-Português organizado por SÁ (2000). Nessa obra, há quase 4000 mil entradas; logo, não foi por falta de dados que não conseguimos identificar muitos pares de possíveis cognatos entre essas duas línguas, pois dentro dessa quantidade de palavras disponíveis do Yatê, somente 250 palavras correspondiam em significado com as palavras previamente selecionadas do Guató. No entanto, somente cinco pares de palavras apresentaram algum tipo de correspondência sonora, como pode ser visto na tabela 4.26:

Tabela 4.26 – Comparação lexical: Guató e Yatê

Nº	Glosa	Guató	Yatê
1.	'beber'	oki	k ^h o
2.	'céu'	tfa	tj ^h a
3.	'chão'	Afo	fe
4.	'machado ₁ '	g ^w atfaja	otj ^h aya
5.	'osso'	oku	k ^h io

Tabela 4.27 – Correspondências sonoras: Guató e Yatê

Guató	Yatê	Exemplos
k	k ^h	1, 5
tf	tj ^h	2, 4

Ainda dentre esses cinco pares apresentados na tabela 4.26, Rodrigues (1999) já havia considerado as formas para 'beber' e para 'chão' (exemplos 1 e 3, respectivamente) como possíveis cognatos em comparação com outras línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê; logo, restam somente 3 pares para discutirmos sobre a possibilidade de eles servirem ou não como indícios de relação genética entre as línguas em questão.

O *tf* do Guató corresponde a *tj^h* em Yatê: **Gu** *tfa* : **Ya** *tj^ha* 'céu' ; **Gu** *g^watfaja* : **Ya** *otj^haya* 'machado' (exemplos 2 e 4, respectivamente). É possível que a consoante velar labializada do Guató em *g^watfaja* 'machado', antes de cair, tenha influenciado a

mudança de $a > o$ em Yatê, mas infelizmente não temos mais dados dessa natureza para atestar essa assimilação parcial e, em seguida, a elisão.

O k do Guató aparece correspondendo a k^h em Yatê em dois exemplos: **Gu** *okí* : **Ya** k^ho ‘beber’ ; **Gu** *oku* : **Ya** k^hio ‘osso’ (exemplos 1 e 5, respectivamente). Para explicarmos as mudanças nas vogais em Yatê, podemos supor o seguinte: **Ya** $*okí > *ok^ho > k^hoo > k^ho$ (harmonização vocálica, metátese e fusão). Uma sucessão de mudanças parecidas poderia ter ocorrido também em ‘osso’: $*oku > *ok^ho > *k^hoo > k^hio$, mas em vez de uma fusão após a metátese, pode ter ocorrido uma dissimilação, evitando com isso formas homônimas na língua. Portanto, apenas dois pares de formas possivelmente cognatas foram consideradas neste estudo:

Tabela 4.28 – Pares possivelmente cognatos: Guató e Yatê

Nº	Glosa	Guató	Yatê
2.	‘céu’	tʃa	tʃ ^h a
5.	‘osso’	oku	k ^h io

Como vimos, trata-se de dados muito difíceis de serem utilizados em favor de uma possível conexão genética. O que ainda nos faz pensar nessa possibilidade é o fato de algumas palavras terem sido consideradas em trabalhos comparativos anteriores como possíveis cognatos (cf. RODRIGUES, 1986, 1999). Dessa forma, acreditamos que o tempo de separação dessas duas línguas comparadas deve ser tão grande que pouquíssimos resquícios desse parentesco longínquo puderam ser preservados em ambas as línguas.

4.13 Comparação lexical entre o Guató e o Maxakalí

Nesta seção, apresentamos os resultados de nossa última comparação. Da mesma forma que ocorreu nas outras comparações, podemos afirmar que não foi uma tarefa fácil tentar identificar palavras em Maxakalí que se assemelhem em forma e em significado aos dados selecionados do Guató.

De uma lista de 260 pares de palavras, apenas 15 pares demonstraram algum tipo de regularidade sonora, como pode ser visto na tabela 4.29:

Tabela 4.29 – Comparação lexical: Guató e Maxakalí

Nº	Glosa	Guató	Maxakalí
1.	'barro'	pinu	putoʔõj
2.	'beber'	oki	ʃoʔop
3.	'cabelo'	ki	ʃe
4.	'cortar ₁ '	kĩ	ʃak
5.	'dente'	k ^w a	ʃoj
6.	'fígado'	pɛ	ta-ma-ɲaĩ
7.	'folha'	ku	ʃuj
8.	'lenha'	ok ^w i	kuhu
9.	'machado ₂ '	k ^w o	kupuʔuk
10.	'mel'	pag ^w a	paŋ
11.	'morro, monte'	rapɔ	hãptot
12.	'osso'	oku	kup
13.	'ovo'	ki	kir
14.	'ouvir'	kũ	ʃupak
15.	'pé'	abɔ	pata

Desses 15 pares, seis já haviam sido identificados por Rodrigues (1999) como possíveis cognatos, ao comparar com as formas encontradas em outras línguas do tronco Macro-Jê: **Gu** *oki* : **Mx** *ʃoʔop* 'beber' ; **Gu** *ki* ; **Mx** *ʃe* 'cabelo' ; **Gu** *pɛ* : **Mx** *ta-ma-ɲaĩ* ; **Gu** *pag^wa* : **Mx** *paŋ* 'mel' ; **Gu** *kĩ* : **Mx** *kir* 'ovo' ; **Gu** *abɔ* : **Mx** *pata* 'pé' (exemplos 2, 3, 6, 10, 13 e 15 da tabela 4.29, respectivamente). A seguir, apresentamos as correspondências sonoras encontradas.

Tabela 4.30 – Correspondências sonoras: Guató e Maxakalí

Guató	Maxakalí	Exemplos
<i>k</i>	<i>ʃ</i>	2, 3, 4, 7, 14
<i>k</i>	<i>k</i>	12, 13
<i>k^w</i>	<i>k</i>	8, 9
<i>p</i>	<i>p</i>	1, 10, 11

Conforme pode ser visto na tabela 4.30, há uma certa regularidade nas correspondências sonoras, quando se trata das consoantes; contudo, não conseguimos explicar as mudanças vocálicas que devem ter ocorrido de uma língua para a outra. Portanto, embora tenhamos percebido certas semelhanças entre as formas das palavras

do Guató e do Maxakalí, não temos dados suficientes para explicar as irregularidades apresentadas em nossos dados.

A única forma possivelmente cognata que podemos considerar entre os novos dados apresentados aqui é a forma para ‘osso’ **Gu oku : Mx kup** (exemplos 12 da tabela 4.29). As alterações de uma forma para outra podem ser explicadas a partir dos dados disponíveis: (a) a vogal inicial do Guató corresponde a \emptyset em Maxakalí (exemplos 2, 8, 12 e 15); o *k* do Guató corresponde a *k* em Maxakalí (exemplo 13); (c) a vogal *u* do Guató corresponde a *u* em Maxakalí (exemplos 7 e 14); e (d) a consoante final em Maxakalí corresponde a \emptyset (exemplos 2, 4, 9 10, 11,12, 13 e 14).

Tabela 4.31 – Forma possivelmente cognata: Guató e Maxakalí

Nº	Glosa	Guató	Maxakalí
12	‘osso’	oku	kup

4.14 Algumas considerações sobre a possibilidade de conexão genética entre o Guató e o tronco Macro-Jê

Seguindo o rigor do método histórico-comparativo, (a) comparamos dados do Guató com cada uma das línguas selecionadas; (b) realizamos a comparação do Guató com cada língua individualmente; (c) encontramos palavras em Proto-Purí, Proto-Jê, Proto-Jê-Meridional, Rikbáktsa, Boróro, Karirí, Dzubukuá e Maxakalí que se assemelham em forma e em significado com algumas palavras do Guató; (d) identificamos regularidades sonoras nos pares de palavras que consideramos como possíveis cognatos na comparação do Guató com as diversas línguas supracitadas; (e) conseguimos explicar as mudanças sonoras regulares que surgiram em nossa comparação; (f) desconsideramos as palavras para as quais não encontramos explicações das mudanças, mesmo sabendo que a possibilidade de serem formas cognatas era bastante razoável; (g) excluímos dos resultados finais de cada comparação as palavras que pareciam ser empréstimos ou frutos do acaso; (h) com este estudo comparativo, ampliamos a quantidade de formas possivelmente cognatas com as línguas do tronco Macro-Jê, pois agora temos 28 palavras do vocabulário básico do Guató que compartilham semelhanças de som e significado com palavras de diversas línguas do

tronco Macro-Jê, sendo nove encontradas por Rodrigues (1999, veja tabela 4.3) e dezenove encontradas neste estudo comparativo, conforme pode ser visto na tabela 4.32.

Tabela 4.32 – Novos possíveis cognatos: Guató e o tronco Macro-Jê

Nº	Glosa	Guató	*PP	*PJ	*PJM	Rk	Bo	Ka	Ya	Mx
1.	'acender'	pɔ				pok				
2.	'branco'	ak ^w ɔ		*za- ka						
3.	'bravo'	ikiriɔ				kiri				
4.	'cabeça'	ɔdok ^w i	*kue							
5.	'caminho'	aovi						wo		
6.	'cavar'	ogĩ				ukuru				
7.	'céu'	tʃa							tʃ ^h a	
8.	'cortar'	kĩ				kare				
9.	'doer'	pa				pa				
10.	'filho'	tɔra					oro			
11.	'grosso'	agĩ				aka				
12.	'mão'	ra					era			
13.	'mosquito'	ka			*ka					
14.	'orelha'	vi					bia			
15.	'osso'	oku			*kuka				k ^h io	kup
16.	'perna'	ovi						wõ		
17.	'quebrar'	taja			*tɔgtaj					
18.	'sangue'	og ^w a		*ka- mro						
19.	'você'	g ^w a	*gá	*ka						

Ainda, como os resultados de nossa análise comparativa apontam, a língua com a qual o Guató compartilha mais formas possivelmente cognatas é o Rikbáktsa; e mesmo com ela, a possibilidade de relacionamento genético deve ser compreendida como de longa distância, assim como Rodrigues (1986) havia postulado.

Reapresentamos abaixo os possíveis cognatos encontrados por Rodrigues (1986, 1999) e os que foram por nós encontrados aqui neste estudo.

1. 'acender' **XI** pɔ : **XII** pok
2. 'beber' **Ib** kōm, k^hõ : **III** tʃoʔop, tʃom : **IV** tʃop : **V** some : **VII** k^ho : **VIII** õ : **X** ku : **XI** ókĩ : **XII** ku.

3. 'braço' **Ia** pã : **Ib** pa : **Ic** pa : **Id** pẽ : **IV** po : **VI** bo : **VII** fe : **IX** pε : **XI** pó : **XII** pa.
4. 'branco' **I** (*PJ) *za-ka : **XI** ak^wɔ
5. 'bravo' **XI** ikirɔ : **XII** kɪri
6. 'cabeça' **XI** ɔdok^wɪ : **V** (*PP) *kue
7. 'cabelo' **Ia** je : **Ib** kĩ, k^hĩ : **II** ke : **III** tje : **IV** ke : **V** ke, tje : **XI** ki.
8. 'caminho' **VI** wo : **XI** aovi
9. 'cavar' **XI** ogĩ : **XII** ukuru
10. 'céu' **VII** tʃ^ha : **XI** tʃa
11. 'comer' **Id** rɔŋ (*engolir*) : **VI** do : **VIII** ro : **IX** rō : **XI** ro
12. 'cortar' **XI** kĩ : **XII** kare
13. 'doer' **XI** pa : **XII** pa
14. 'fígado' **Ib** ma : **Ic** pa : **Id** tã-mẽ : **III** ta-ma-ŋaĩ : **VIII** ba : **X** pa : **XI** pε.
15. 'filho' **X** oro : **XI** tɔra
16. 'grosso' **XI** agĩ : **XII** aka
17. 'mão' **X** era : **XI** ra
18. 'mel' **Ib** mεŋ : **Id** mɔŋ : **III** paŋ : **IV** pəŋ : **IX** pik : **XI** paga.
19. 'mosquito' **I** (*PJM) *ka : **XI** ka
20. 'orelha' **X** bia : **XI** vi
21. 'osso' **I** (*PJM) kuka : **III** kup : **VII** k^hio : **XI** oku
22. 'ovo' **Ib** ŋrε : **Ic** ʔre : **Id** krẽ : **II** kre : **III** kir : **VIII** θi : **IX** kitε : **XI** k^hĩ : **XII** kare.
23. 'pé' **Ia** pεno : **Ib** par : **Ic** para : **Id** pẽn : **II** wad : **III** pata : **IV** pɔ : **VI** bi, biri : **VII** fe-he, fet- : **VIII** wa : **IX** par : **X** bire : **XI** àbɔ : **XII** piri.
24. 'pedra' **Id** pɔ : **VII** fòwa : **XI** àfó (solo)
25. 'perna' **VI** wō : **XI** ovi
26. 'quebrar' **I** (*PJM) *tɔgtaj : **XI** taja
27. 'sangue' **I** (*PJ) *ka-mro : **XI** og^wa
28. 'você' **I** (*PJ) *ka : **V** (*PP) *gá : **XI** g^wa

Pelo que temos visto até aqui, o Guató parece ser um parente bem distante das línguas do tronco Macro-Jê, utilizadas neste estudo comparativo. Pois, como resultado de nossa análise, poucas foram as formas encontradas e consideradas como possivelmente cognatas entre as línguas comparadas.

Nos capítulos seguintes, apresentamos o resultado de estudos comparativos que fizemos, envolvendo aspectos gramaticais que encontramos no Guató e que estão presentes em algumas línguas do tronco Macro-Jê, na tentativa de reunir mais indícios que nos ajudem a fazer uma avaliação mais consistente sobre a situação do Guató no tronco em questão.

CAPÍTULO 5

MARCAS DE CONTIGUIDADE E NÃO-CONTIGUIDADE DA LÍNGUA GUATÓ: UM ESTUDO HISTÓRICO-COMPARATIVO ATRAVÉS DO TRONCO LINGUÍSTICO MACRO-JÊ

5.1 Introdução

Dividimos este capítulo em três partes. Na primeira delas, apresentamos uma breve discussão sobre a presença de marcas de contiguidade e não-contiguidade de determinantes em línguas do tronco Macro-Jê, seguindo Rodrigues (1999, 2001).

O objetivo de rever o que já foi escrito a respeito desse tema é (a) compreender como Rodrigues analisou o recurso da flexão relacional em línguas cujos morfemas de contiguidade e não-contiguidade ainda estão ativos; (b) entender as estratégias utilizadas por ele para identificar a flexão relacional em línguas em que esse recurso ainda existe, mas restrito a determinados tipos de estruturas; (c) perceber que recursos das próprias línguas em análise Rodrigues lançou mão para sugerir a existência de marcadores de contiguidade e não-contiguidade nas línguas cujo *status* de relacional já desapareceu devido a processos de rearranjos estruturais sofridos por esses sistemas linguísticos no decorrer do tempo, e (d) verificar a plausibilidade de sua proposta de reconstrução para os morfemas que teriam existido em estágios anteriores de algumas das línguas em estudo.

Os trabalhos de Rodrigues (1999, 2001) sobre as marcas de contiguidade e não-contiguidade em línguas do tronco linguístico Macro-Jê nos possibilitou ainda realizar uma comparação entre a distribuição do que identificamos como marcas de flexão relacional em Guató e os prefixos relacionais de algumas línguas do complexo Timbira (família Jê do ramo setentrional), do Kaingáng (família Jê do ramo meridional), do Xavánte (família Jê do ramo central), do Ofayé (família Ofayé), do Karajá (família Karajá), do Maxakalí (família Maxakalí), do Kirirí ou Kipeá (família Kariri) e do Boróro oriental (família Boróro).

Na segunda parte, apresentamos dados do Guató que apresentam marcas que correspondem aos prefixos relacionais de contiguidade e de não-contiguidade em

elementos determinados, ocorrendo tanto em sintagmas verbais, quanto em sintagmas nominais. Esses dados foram registrados por Palácio (1984) e mais recentemente também por Postigo (2009), mas em ambas as autoras, tais características morfológicas foram tratadas como um dos processos fonológicos mais produtivos na língua – a epêntese.

Com isso, buscamos verificar nos casos de “epêntese” descritos por Palácio (1984) e reforçados por Postigo (2009) explicações morfológicas para a inserção de um **d₃**- em sintagmas nominais e a inserção de um **j**- em sintagmas verbais⁴⁷.

Consideramos ainda as marcas de terceira pessoa **ε**-e **i**- conforme a descrição de Palácio (1984, p. 51) e construímos uma hipótese sobre a distribuição desses morfemas em sintagmas verbais e nominais. Como resultado de nossa análise, percebemos que a explicação oferecida por Palácio a respeito da distribuição desses morfemas não está clara, visto que ela trata-os como se fossem alomorfes de um prefixo pessoal de terceira pessoa singular e estariam em distribuição complementar; pois, para ela, o alomorfe **ε**- ocorreria com uma classe de temas, e o alomorfe **i**- com uma outra classe, e que ambos ocorreriam afixados a nomes e verbos; Palácio ainda acrescenta que o alomorfe **ε**- seria mais produtivo com verbos, enquanto que o **i**- seria mais produtivo com nomes (PALÁCIO, 1984, p.51 e p. 71). Contudo, através de uma nova análise dos dados de Palácio (1984), verificamos que um mesmo tema ocorre ora determinado pelo morfema **ε**- ora pelo morfema **i**-. Verificamos também que eles não estão em distribuição complementar, pois ocorrem juntos em um mesmo sintagma, logo não exercem a mesma função. Dessa forma, fomos levados a repensar o *status* de 3sg de ambos os morfemas analisados por Palácio (1984) como sendo alomorfes do mesmo morfema.

Os objetivos para o estudo realizado na segunda parte são: (a) reavaliar a análise de existência de epênteses apresentada pelas pesquisadoras Palácio (1984) e Postigo (2009); (b) reunir argumentos que sustentem a hipótese de que **d₃**- seja um marcador de contiguidade que foi preservado apenas em composições e derivações nominais; e (c) reunir argumentos que apontem para a possibilidade do **i**- ser uma marca de não-contiguidade em sintagmas nominais e verbais. Nestes últimos, combinando com verbos transitivos da classe II (temas iniciados por vogal) e naqueles, combinando tanto com palavras da classe I quanto com os da classe II (temas iniciados por vogal e por

⁴⁷ Assim é que Postigo (2009, p. 123) faz a distribuição desses sons, considerando os dados disponíveis.

consoante); (d) apresentar um quadro com a distribuição dos prefixos relacionais 1 e 2 da língua Guató; e, por fim, (e) rever o paradigma de prefixos pessoais do Guató.

Na terceira parte deste capítulo, produzimos um estudo comparativo das formas de flexão relacional que funcionam para indicar dependência sintática em estruturas de línguas do tronco Macro-Jê com aquelas encontradas no Guató. Para tanto, reproduzimos os quadros de distribuição dos marcadores de contiguidade e não-contiguidade das línguas Panará, Timbira, Kaingáng, Xavánte, Ofayé, Karajá, Maxakalí, Karirí e Boróro apresentados em Rodrigues (2001) e verificamos, a partir da análise comparativa, as semelhanças encontradas entre os dados desses quadros e os do quadro de distribuição do que consideramos marcas relacionais em Guató. Dessa comparação, ensaiamos reconstruções para as possíveis proto-formas das marcas de contiguidade e não-contiguidade no tronco Macro-Jê.

5.2 A marca de contiguidade (CNT) de um determinante segundo Rodrigues (1999)

Rodrigues, em seu trabalho de 1999, dentre outras coisas, faz um levantamento de algumas características morfológicas de línguas que ele considerou como pertencentes ao tronco Macro-Jê.

Dentre as propriedades morfológicas apresentadas, o autor desenvolve uma breve descrição de um morfema que teria como função nas línguas analisadas (Panará, Timbira e Ofayé, Kaingáng e Karajá) indicar a relação de dependência sintática entre determinante e determinado. Esse morfema é designado como marcador de contiguidade (CNT). Em contrapartida, com respeito ao prefixo que marca a ausência de um determinante sintático em um núcleo sintagmático, Rodrigues o chama de marcador de não-contiguidade (NCNT)⁴⁸. Em outros textos (inclusive do próprio Rodrigues), esses tipos de morfemas são conhecidos como *prefixos relacionais*. Cabral (2001, p. 233), ao historiar o desenvolvimento da ideia de prefixos relacionais em línguas indígenas brasileiras acentua que

⁴⁸ Sobre um estudo mais detalhado a respeito do marcador de contiguidade e não-contiguidade, convidamos o leitor a apreciar o trabalho de Cabral (2001) intitulado como “Flexão relacional na família Tupi-Guarani”.

A expressão prefixo relacional foi utilizada pela primeira vez na literatura linguística por Rodrigues (1981) para se referir a um conjunto bem definido de prefixos, que sinalizam nas línguas Tupí-Guaraní, entre outras coisas, relações de dependência e contiguidade sintática entre termos ou expressões determinantes e os núcleos por eles determinados.

Sobre a flexão relacional, Rodrigues (1999, p. 181) afirma que se trata de um mecanismo generalizado em línguas do tronco Macro-Jê e funciona como sendo a marcação do núcleo de sintagma nominal, verbal ou posposicional por contiguidade textual (CNT) ou não-contiguidade (NCNT) do determinante (ou dependente). Os dados apresentados por ele são os seguintes:

Panará (DOURADO⁴⁹):

(5.1) soti j- akoa
 animal CNT- boca
 ‘a boca do animal’

(5.2) soti j- òtɔ
 animal CNT- língua
 ‘a língua do animal’

(5.3) s- òtɔ s- akoa amã
 NCNT- língua NCNT- boca em
 ‘a língua (de alguém) está na boca (de alguém)’

Timbira (POPJES & POPJES, 1986):

(5.4) i tɛ pĩ.co j- ãʔk^hər
 1sg ERG.PAST árvore.fruta CNT- comprar
 ‘eu comprei fruta’

(5.5) i tɛ h- ãʔk^hər
 1sg ERG.PAST NCNT- comprar
 ‘eu comprei (algo)’.

⁴⁹ Rodrigues (1999) informa que os dados do Panará foram passados a ele por Dourado em uma comunicação pessoal.

Ofayé (GUDSCHINSKY, 1974, p. 210 e 194):

(5.6) pikiɛn j- ɛɲih
caiman CNT- coração
'o coração do caimão'

(5.7) h- ɛɲih
NCNT- coração
'coração (de alguém)'

Dando continuidade à sua análise, Rodrigues (1999, p. 181) sugere que a flexão relacional deve ser muito antiga, tendo em vista que está também presente nas línguas amazônicas da família Tupí, bem como naquelas da família Caribe⁵⁰; e pode, portanto, ser uma característica muito remota. Contudo, ele afirma que, em algumas línguas Macro-Jê, tal flexão é apenas um vestígio de um sistema que está gradativamente desaparecendo; pois está limitado somente a algumas situações “palavras irregulares” (no dizer do autor). Para justificar essa sua afirmação, Rodrigues a exemplifica com dados do Kaingáng (falado no Paraná) e do Karajá:

Kaingáng (dialeto do Paraná):

(5.8) ʔin j- ɔŋ j- apə
1sg CNT- pai CNT- campo
'campo do meu pai'

(5.9) ʔ- ɛ̃pə tə
NCNT- campo em
'no campo (de alguém)'

Karajá:

(5.10) habu l- awɔ
homem CNT- canoa
'a canoa do homem'

⁵⁰ Rodrigues (2009) defende a hipótese de um nexos linguístico entre o tronco Tupí, Macro-Jê e Karíbe.

(5.11) **h-** awɔ
 NCNT- canoa
 ‘a canoa (de alguém)’

Para o Kipeá, Rodrigues (1999, p. 182) postula que o uso dos marcadores de contiguidade do determinante são restritos, visto que eles ocorrem somente após os pronomes pessoais: **hid dz-ebaja** (1 CNT-unha) ‘*minha unha*’ e **e dz-ebaja** (2 CNT-unha) ‘*tua unha*’.

Ainda na tentativa de indicar resquícios do marcador de contiguidade em línguas do tronco Macro-Jê, Rodrigues (1999, p. 182) apresenta dados do Boróro contendo reflexos dos prefixos de contiguidade na alomorfa do seu paradigma de marcação de pessoa⁵¹ como em **i t-o** (1sg CNT-dente) ‘*meu dente*’ e **∅-o** (NCNT-dente) ‘*dente dele*’.

Sobre esse assunto, Rodrigues afirma que para o Guató e para o Yatê não foram encontrados marcadores de contiguidade⁵².

O que ele argumenta a respeito do Guató, bem como do Karirí é que são línguas cujos comportamentos morfossintáticos diferem em muito ao compará-las com as outras línguas do tronco Macro-Jê. A fim de reforçar a sua afirmação, o autor cita o exemplo de que ambas as línguas apresentam inversão de ordem para as suas estruturas genitivas, nas quais os núcleos de sintagmas nominais geralmente precedem seus determinantes. No entanto, Rodrigues (1999, p. 190) informa que quando a relação entre o núcleo e determinante é de posse em Guató, o núcleo é flexionado para a terceira pessoa (ou não-contiguidade). Reproduzimos aqui os exemplos utilizados pelo autor:

(5.12) **i- pána** g- ák^wo
 3sg- rabo DET- macaco
 ‘o rabo do macaco’

(5.13) **ε- tɔra** a- dúnihi -ru
 3sg- filho 1sg- irmão -1sg
 ‘o filho do meu irmão’

⁵¹ O paradigma de marcação de pessoa do Boróro foi tema de um trabalho de Rodrigues, em 1993, intitulado “*Uma hipótese sobre a flexão de pessoa em Bororo*”, publicado nos Anais da 45ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, p. 505. Recife e recentemente foi traduzido para o inglês por Cabral e publicado na Revista Brasileira de Linguística Antropológica, Vol. 1, nº 2, Dez. 2009.

⁵² “[...] they are not found in Guató and Yatê” (RODRIGUES, 1999, p. 182).

5.3 Marcação de concordância no verbo: possíveis vestígios das flexões de contiguidade e não-contiguidade em línguas do tronco Macro-Jê

Sobre a marcação de concordância no verbo, Rodrigues (1999) afirma que muitas línguas Macro-Jê não possuem esse tipo de marcação como, por exemplo, o Kaingáng (família Jê meridional), mas que algumas delas, no entanto, mostram a concordância da terceira pessoa e de primeira pessoa inclusiva (Kipeá, família Karirí).

Exemplos de ausência de marcas de concordância no verbo em Kaingáng:

(5.14) ʔiŋ rɛŋre wi jẽ
 1sg irmão S estar em pé
 ‘meu irmão está em pé’

(5.15) mĩŋ wĩ kãŋrɛŋ tãŋ tĩ
 onça-pintada A iarara matar ASPECT
 ‘o onça-pintada matou uma iarara (T. Barbara)’

Exemplos de marcação de concordância no verbo para a terceira e a primeira inclusiva em Kipeá:

(5.16) more si- te karai
 logo 3- vir homem branco
 ‘o homem branco vem longo’

(5.17) ku- te di
 1pl. incl.- vir FUT
 ‘viremos’

Além desses dois casos distintos sobre concordância em sintagmas verbais, Rodrigues (1999) apresenta um outro caso, mas agora sobre línguas Macro-Jê que usam um marcador no verbo somente se o sintagma nominal sujeito não preceder imediatamente um verbo intransitivo. Para exemplificar, ele usa dados do Maxakalí (família Maxakalí) disponíveis em Pereira (1992, p. 83):

(5.18) pitʃap tʃipep
 pato chegar
 ‘o pato chega’

(5.19) ʔĩ- tʃipep pitʃap
 3- chegar pato
 ‘o pato chega’

Segundo Rodrigues (1999) o mais interessante em Maxakalí é que essa mesma marcação ocorre em temas que correspondem a verbos transitivos quando o objeto não está contíguo. A seguir, apresentamos os dados utilizados por Rodrigues (1999 p. 186).

Maxakalí (PEREIRA, 1992, p. 88):

(5.20) tik te ʔĩ- tʃit kipiʔik
 homem ERG 3- afiar machado
 ‘o homem afia o machado’

(5.21) tik te kipiʔik tʃit
 homem ERG machado afiar
 ‘o homem afia o machado’

Ainda sobre esse mecanismo, Rodrigues nos oferece um exemplo com verbo transitivo em Timbira:

Timbira (POPJES, 1986, p. 163):

(5.22) jakɔ te pɔ pupun ne iʔ- kuran
 Jacó ERG. PAST veado ver e 3- matar
 ‘Jacó viu o veado e o matou’

Uma outra informação sobre o Guató que Rodrigues (1999) traz é a de que se trata de uma língua cuja morfologia verbal é bastante complexa, pois ela não tem apenas prefixos pessoais como outras línguas Macro-Jê, mas também sufixos. Além disso, é um composto de três diferentes padrões flexionais: um para a primeira pessoa do singular,

uma neutralização de sistemas; outra para a segunda e terceira pessoa do singular, que segue um sistema ergativo/absolutivo; e, ainda, uma terceira para o plural, que se comporta de acordo com um sistema nominativo/acusativo como descreve Palácio (1984).

Reproduzimos aqui a tabela com os prefixos pessoais do Guató (cf. PALÁCIO, 1984):

Tabela 5.1 – Afixos pessoais nos verbos em Guató (cf. PALÁCIO, 1984)

	A	S	O
1sg	-jo	-jo	-jo
2sg/pl	g ^w a-	-he	-he
3sg	ε-, i-	-∅	∅-
1du.incl.	ga-	ga-	gε-
1non-sg	dʒa-	dʒa-	dʒε
3pl	bε-	bε-	∅-

Não demonstrando nenhuma possibilidade de encontrar algum resquício de marcadores de contiguidade em sentenças construídas com verbos transitivos em Guató, Rodrigues (1999) ainda nos chama a atenção para o fato de que os prefixos de terceira pessoa⁵³ (que poderiam ser marcadores de não-contiguidade) são obrigatórios mesmo quando os sintagmas nominais correspondentes são completamente expressos na sentença. Com isso, o autor chega à conclusão de que os prefixos são realmente marcadores de concordância⁵⁴.

(5.23) n(a)- -ε- bagáki -he
 IND- -3sgA- bater -2O
 ‘*ele te bate*’

(5.24) n(a)- -ε- bagáki -∅ go- dẽ g- óhadʒa
 IND- -3sgA- bater -3sgO DET- homem DET- mulher
 ‘*o homem bate na mulher*’

⁵³ Rodrigues está se referindo aos prefixos ε- e i- descritos como prefixos de 3sg por Palácio (1984).

⁵⁴ A ordem dos constituintes em Guató é VSO, segundo Palácio (1984), quando o sujeito e o objeto são sintagmas nominais, como no exemplo 5.24.

5.4 Algumas considerações sobre o trabalho de Rodrigues (1999)

Para essa primeira amostra do trabalho de Rodrigues (1999), fica claro que as línguas consideradas aqui, com exceção do Guató e do Yatê, trabalham ora ou outra com sintagmas que apresentam marcas de contiguidade como, por exemplo, o Panará, o Timbira, o Ofayé, o Maxakalí e o Karajá; sendo que para outras línguas, o uso desse dispositivo está restrito a determinados tipos de estruturas, indicando apenas resquícios desse tipo de flexão relacional como, por exemplo, o Kaingáng, o Kipeá e o Boróro.

Para mais informações acerca da flexão relacional no Macro-Jê, revisitamos o trabalho de Rodrigues (2001) e apresentamos suas reflexões nas seções seguintes.

5.5 A flexão Relacional no tronco linguístico Macro-Jê conforme Rodrigues (2001)

Em seu trabalho intitulado “*Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê*”, Rodrigues (2001) apresenta uma esclarecida análise desse elemento morfológico presente em Panará e em Timbira (ramo setentrional da família Jê), ocorrendo também em Ofayé, em Karajá e em Maxakalí. Rodrigues apresenta também resquícios desse dispositivo em Kaingáng do Paraná (ramo meridional da família Jê), em Xavante (ramo central da família Jê), em Kipeá (família Karirí) e em Boróro (família Boróro).

Embora o autor considere a existência de quatro tipos de prefixos relacionais⁵⁵ encontrados em línguas do Tronco Tupí (principalmente na família Tupí-Guaraní) e em línguas da família Karíb, Rodrigues trabalha com a hipótese de existência de pelo menos dois morfemas no tronco Macro-Jê, o *prefixo 1* (ou relacional $1 = R^1$) e o *prefixo 2* (ou relacional $2 = R^2$) (cf. RODRIGUES, 2001). As definições dadas por Rodrigues (2001, p. 219) sobre os prefixos 1 e 2 são reproduzidas a seguir:

Nas línguas em que há só dois prefixos, um destes, a que aqui chamo de *prefixo 1*, indica que o determinante está expresso nominalmente no sintagma de dependência e, assim, está adjacente ou contíguo, isto é, precede imediatamente ao determinado, que é o núcleo desse sintagma.

⁵⁵ “O que temos chamado de flexão relacional é uma das características morfológicas das línguas da família Tupi-Guarani [...] consiste num jogo de dois a quatro prefixos que ocorrem nos nomes, nos verbos, e nas posições para indicar o status sintático destes em relação a seus determinantes ou dependentes” (RODRIGUES, 2001, p. 219).

[...] o *prefixo 2* indica [...] que o determinante foi removido do sintagma de dependência e, por isso, não precede imediatamente o respectivo núcleo, que é o determinado, e, assim, não lhe está estruturalmente contíguo, ainda que na superfície possa aparecer justaposto.

Passemos agora a entender melhor como se comportam os prefixos 1 e 2 nas línguas do tronco Macro-Jê que Rodrigues (2001) se propôs a analisar.

5.5.1 A flexão relacional em Panará e em Timbira

Conforme Rodrigues (2001), o ramo Jê setentrional é formado pelas línguas do complexo Timbira (Canela, Krahô, Gavião, etc.), Apinajé, Kayapó (Mebengokré, Xikrín), Panará e Suyá. Em seu trabalho, ele apresenta uma proposta de distribuição dos prefixos relacionais do Panará e do Timbira, exemplificando o comportamento desses dispositivos morfológicos nessas duas línguas:

Tabela 5.2 – Relacionais em Panará e em Timbira (RODRIGUES, 2001)

	PANARÁ		TIMBIRA	
	Classe I Temas em C	Classe II Temas em V	Classe I Temas em C	Classe II Temas em V
1. Contiguidade	∅-	j-	∅-	j- ~ ts-
2. Não-contiguidade	i- ~ ∅-	s-	i- ~ ku- ~ ∅-	h-

Exemplos de uso dos prefixos relacionais em Panará⁵⁶

(5.25) sɔti j- akoa
 animal CNT- boca
 ‘a boca do animal’

(5.26) s- òtɔ s- akoa amã
 NCNT língua NCNT- boca em
 ‘a língua está na boca’

⁵⁶ Conforme Rodrigues (2001), os dados reproduzidos aqui do Panará são de Luciana Dourado, que repassou a ele em comunicação pessoal.

(5.27) mara \emptyset - tɛ
 3sg NCNT- perna
 ‘a perna dele’

(5.28) mara hɛ rōkre i- tɛ
 3sg ERG coçar NCNT- perna
 ‘ele coçou a perna’

(5.29) mara \emptyset - sua
 3sg CNT- dente
 ‘os dentes dele’

(5.30) nōpiō \emptyset - sua
 três NCNT- dente
 ‘três dentes’

Exemplos de uso dos prefixos relacionais em Timbira⁵⁷

(5.31) ku- tɛ ampɔ j- apror
 NCNT- ERG coisa CNT- comprar
 ‘ele comprou alguma coisa’

(5.32) ku- tɛ h- apror
 NCNT- ERG NCNT- comprar
 ‘ele (o) comprou’

(5.33) pjen ts- om
 areia CNT- grão
 ‘grão de areia’

(5.34) h- om
 NCNT- grão
 ‘grãos’

(5.35) Kapi \emptyset - tɔ
 Capi CNT- olho
 ‘o olho de Capi’

⁵⁷ Conforme Rodrigues (2001), os dados do Timbira são de Popjes & Popjes (1986, *passim*).

(5.36) i- nto
 NCNT- olho
 'o olho dele'

5.5.2 A flexão relacional em Kaingáng (dialeto do Paraná)

No que se refere a possíveis vestígios da flexão relacional nas línguas Jê do sul, Rodrigues (2001, p. 222) informa que

Em Kaingáng (dialeto do Paraná) a quase totalidade das raízes não apresenta variação morfológica em seu início; há, entretanto, dezesseis raízes que têm dois alomorfes, um começado por *ja-* e o outro por *ʔë-*: **japry** ~ **ʔëpry** 'caminho' (WIESEMANN, 1971 e 1972). O primeiro alomorfe ocorre quando as palavras constituídas por essas raízes são determinadas pelo nome de um possuidor: **kanhgág japry** 'o caminho do índio', mas **ʔëpry mû** 'pelo caminho'. À luz dos fatos do Timbira e do Panará e considerando que o som oclusivo glotal do Kaingáng pode ser tratado como um acréscimo automático nas palavras que fonologicamente começam por vogal (CAVALCANTE, 1988), o alomorfe **japry** pode ser analisado como **j-apry** e o outro alomorfe como **ʔ-ëpry**. Os prefixos assim identificados poderiam ser sobrevivências de um sistema de flexão relacional, que teria existido em pré-Kaingáng (RODRIGUES, p. 222, destaques nossos).

Tabela 5.3 – Possíveis relacionais em Pré-Kaingáng (RODRIGUES, 2001)

PRÉ-KAINGÁNG		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	*ʔ-	*j-
2. Não-Contiguidade	*ʔ-	*ʔ-

5.5.3 A flexão relacional em Xavánte

Rodrigues (2001, p. 223) exemplifica uma possível existência de prefixos relacionais na língua Xavánte. De acordo com o autor, há duas classes de raízes nominais e verbais, sendo que a primeira classe é considerada majoritária e mais simples, enquanto que a segunda classe forma um conjunto minoritário e mais complexo.

Segundo Rodrigues (2001, p. 223), os nomes da primeira classe se associam aos marcadores de pessoa e a determinantes nominais em construções genitivas, permanecendo inalteradas as suas raízes. Exemplos⁵⁸:

(5.37) ʔi: bābā
1sg pai
'meu pai'

(5.38) ʔaj bābā
2sg pai
'teu pai'

(5.39) wa: bābā
1pl (incl.) pai
'nosso pai'

(5.40) ti bābā
3 CORR pai
'seu próprio pai'

(5.41) ʔi bābā
3sg pai
'o pai dele'

(5.42) da bābā
PHI pai
'pai de alguém'

(5.43) ʔajbə bābā
homem pai
'o pai do homem'

No que diz respeito aos nomes da segunda classe, Rodrigues (2001, p. 222) demonstra uma alternância de fonemas das consoantes iniciais para esses nomes. Ele informa que tais alternâncias estão condicionadas à escolha dos determinantes que

⁵⁸ Rodrigues (2001, p. 222) faz uso dos dados de Hall, McLeod & Mitchell (1987, p. 408) para exemplificar as construções genitivas em Xavánte.

precedem os nomes dessa classe II. A distribuição apresentada por Rodrigues é reproduzida a seguir.

A consoante **dz** ocorre como **ts** quando precedido pelos marcadores pessoais **?a** (2sg) e **?i** (3sg):

(5.44) ?a tsɛɾɛ
2sg cabelo
'*teu cabelo*'

(5.45) ?i tsɛɾɛ
3sg cabelo
'*cabelo dele*'

Ocorre a consoante **dz** quando o nome é precedido por **?i:** (1sg); **wa:** (1pl incl.); **ti** (3 correferente); **da** (possuidor humano indefinido) e em genitivos com determinantes nominais:

(5.46) ?i dzɛɾɛ
1sg cabelo
'*meu cabelo*'

(5.47) wa: dzɛɾɛ
1pl (incl.) cabelo
'*nossos cabelo*'

(5.48) ti dzɛɾɛ
3 CORR cabelo
'*seu próprio cabelo*'

(5.49) da dzɛɾɛ
PHI cabelo
'*cabelo de alguém*'

(5.50) ?ajbə dzɛɾɛ
homem cabelo
'*cabelo do homem*'

A consoante **dz** pode também ocorrer como **ɲ** quando precedida por **ʔi** (1sg), **wa** (1pl incl.), **ti** (3 correferente), **da** (possuidor humano indefinido) e em genitivos com determinantes nominais; no entanto, a forma **ts** é mantida antes dos marcadores pessoais **ʔa** (2sg) e **ʔi** (3sg):

(5.51) ʔi: ɲĩtsi
1sg nome
'meu nome'

(5.52) wa: ɲĩtsi
1pl (inc.) nome
'nossos nomes'

(5.53) ti ɲĩtsi
3 CORR nome
'seu próprio nome'

(5.54) da ɲĩtsi
PHI nome
'nome de alguém'

(5.55) ʔajbə ɲĩtsi
homem nome
'nome do homem'

(5.56) ʔa tsitsi
2sg nome
'nome de você'

(5.57) ʔi tsitsi
3sg nome
'nome dele'

Mediante a isso, Rodrigues (2001) sugere que “*num estágio histórico anterior, o Xavante tivesse *j, que passou a realizar-se como ɲ diante de vogais nasais e como dz diante de vogais orais*” (RODRIGUES, 2001, p. 223, destaques nossos), como nos dados abaixo:

(5.58) ʔajbə dzɛɾɛ **Notação da mudança**
 homem cabelo *j- > dz- / ___ V
 ‘cabelo do homem’

(5.59) ʔajbə ɲĩtsi **Notação da mudança**
 homem nome *j- > ɲ- / ___ V
 ‘nome do homem’

Dessa forma, Rodrigues (2001) postula que “*este *j, que ocorria quando um determinante nominal precedia imediatamente o determinado, corresponderia ao prefixo I (de contiguidade) j- do Panará e do Timbira, assim como ao *j do pré-Kaingang*” (RODRIGUES, 2001, p. 223, destaques nossos).

Voltando à ideia de distinguir duas classes de raízes de nomes e de verbos intransitivos, Rodrigues (2001), pensando no desenvolvimento histórico da flexão relacional em Xavante, considerou que para as raízes iniciadas por consoante (nomes da classe I), o marcador de contiguidade seria \emptyset - , e o marcador de não-contiguidade seria ʔi-:

Exemplos com marcador de contiguidade (RODRIGUES, 2001):

(5.60) ʔi: \emptyset - bābā
 1sg CNT- pai
 ‘meu pai’

(5.61) ʔaj \emptyset - bābā
 2sg CNT- pai
 ‘teu pai’

(5.62) wa: \emptyset - bābā
 1pl (incl.) CNT- pai
 ‘nosso pai’

(5.63) ti \emptyset - bābā
 3 CORR CNT- pai
 ‘seu próprio pai’

(5.64) da \emptyset - bābā
 PHI CNT- pai
 ‘pai de alguém’

(5.65) ʔajbə \emptyset - bābā
 homem CNT pai
 ‘pai do homem’

Exemplo da marca de não-contiguidade em Xavánte (RODRIGUES, 2001):

(5.66) ʔi- bābā
 NCNT pai
 ‘pai dele’

Para os nomes da classe II, que seriam temas iniciados por vogal, o marcador de contiguidade teria se desenvolvido a partir de um *j realizado atualmente como [dʒ, dz, z] seguido de vogal oral, e como [ɲ] quando seguido de vogal nasal (RODRIGUES, 2001, p. 223):

(5.67) ʔi: dz- εɛ
 1sg CNT- cabelo
 ‘meu cabelo’

(5.68) wa: dz- εɛ
 1pl (incl.) CNT- cabelo
 ‘nossos cabelos’

(5.69) ti dz- εɛ
 3 CORR CNT- cabelo
 ‘seu próprio cabelo’

(5.70) da dz- εɛ
 PHI CNT- cabelo
 ‘cabelo de alguém’

(5.71) ʔajbə dz- ɛɛ
 homem CNT- cabelo
 ‘cabelo do homem’

(5.72) ʔi: ɲ- ʔtsi
 1sg CNT- nome
 ‘meu nome’

(5.73) wa: ɲ- ʔtsi
 1pl (incl.) CNT- nome
 ‘nossos nomes’

(5.74) ti ɲ- ʔtsi
 3 CORR CNT- nome
 ‘seu próprio cabelo’

(5.75) da ɲ- ʔtsi
 PHI CNT- nome
 ‘nome de alguém’

(5.76) ʔajbə ɲ- ʔtsi
 homem CNT- nome
 ‘nome do homem’

Com base no paradigma de marcadores pessoais e de determinantes nominais nas construções genitivas, Rodrigues (2001) argumenta que tanto os marcadores de 1sg ʔi e 1pl (incl.) ‘wa’, quanto os marcadores de terceira correferente ‘ti’ e o de possuidor humano indefinido ‘da’ não são prefixos, são pronomes. Por conseguinte, em construção genitiva, a língua deve acionar um dispositivo que possibilite a constituição de um sintagma no qual o determinante esteja contíguo ao determinado; valendo-se, portanto, de uma flexão relacional.

Para o marcador de não-contiguidade da classe II, Rodrigues (2001) concluiu que provavelmente o pré-Xavante teria essa função exercida pelo *ts que, nos dados, ocorre precedido pelo o que são considerados como marca de segunda pessoa (ʔa) e marca de terceira pessoa (ʔi):

(5.77) ʔa **ts-** εε
 2sg **NCNT** cabelo
 ‘*teu cabelo*’

(5.78) ʔa **ts-** itsi
 2sg **NCNT** nome
 ‘*teu nome*’

(5.79) ʔi **ts-** εε
 3sg **NCNT** cabelo
 ‘*cabelo dele*’

(5.80) ʔi **ts-** itsi
 3sg **NCNT** nome
 ‘*nome dele*’

A partir desse pressuposto, Rodrigues (2001) advoga que o que é interpretado como marcador de terceira pessoa sem correferente nos nomes da classe II ‘**ʔi**’ é simplesmente a flexão relacional de não-contiguidade dos nomes da classe I; mas, que está sendo utilizado para preencher a lacuna deixada pelo prefixo relacional de não-contiguidade mais antigo dos nomes da classe II que, por sua vez, foi reinterpretado pelos falantes como parte inicial da raiz ‘**ts-**’:

Tabela 5.4 – Prováveis processos de transição de um morfema a um fonema

*Primeiro estágio		*Segundo estágio		*Terceiro estágio	
* ts-	εε	[____]	tserε	ʔi	tserε
NCNT	cabelo		cabelo	3sg	cabelo
	<i>‘cabelo dele’</i>		<i>‘cabelo dele’</i>		<i>‘cabelo dele’</i>

Com isso, a explicação sugerida por Rodrigues (2001) para que a segunda pessoa ‘**ʔa**’ ocorra com aquilo que possivelmente representaria um marcador de não-contiguidade na classe II ‘**ts-**’ é a de que a forma da segunda pessoa (**ʔa**) represente uma irregularidade no paradigma, sendo a única realizada adjacente à raiz sem intermédio de uma flexão relacional; visto que se trata de um prefixo, e não um pronome, como é o caso da primeira singular (**ʔi**), da primeira plural (**wa**), da terceira correferencial (**ti**) e do possuidor humano indefinido (**da**). Portanto, pensando em manter a regularidade do

paradigma, a forma **ʔa-ere* teria sido substituída pela forma *ʔa-tsere*, já que o *ts-*, a essa altura, provavelmente já havia sido também interpretado pelos usuários da língua como pertencente à raiz.

Diante dessas hipóteses, Rodrigues (2001, p. 224) apresenta o que seria o sistema relacional do pré-Xavante antes dos processos analógicos ocorrerem:

Tabela 5.5 – Possíveis relacionais do Pré-Xavante (RODRIGUES, 2001)

PRÉ-XAVANTE		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	*ʔ-	*j-
2. Não-Contiguidade	*ʔi-	*ts-

5.5.4 A flexão relacional em Ofayé

Rodrigues (2001, p. 224) analisa os poucos dados disponíveis do Ofayé e sugere uma divisão de duas classes de palavras para essa língua. Ele informa que pertencem à primeira classe as palavras iniciadas por consoante, e as iniciadas por vogal formam a segunda classe. Essa divisão está diretamente relacionada à existência de alomorfes para indicar a contiguidade do determinante. Rodrigues dá uma amostra disso fazendo uso dos dados de Gudschinsky (1974):

(5.81) pikitiɛn ʃ- ɛɲʃih
 jacaré **CNT-** coração
 ‘o coração do jacaré’

(5.82) **h-** ɛɲʃih
 NCNT- coração
 ‘coração dele’

(5.83) piɛn ʃ- ɛʃih
 água **CNT-** frio
 ‘a água está fria’ (lit. o frio da água)

- (5.84) h- εfih
 NCNT- frio
 ‘está frio’ (lit. frio dele)
- (5.85) pε?krɛn Ø- kite?
 pássaro CNT- ovo
 ‘o ovo do pássaro’
- (5.86) i- kite
 NCNT- ovo
 ‘o ovo dele’
- (5.87) hipar Ø- ha?
 mandioca CNT- casca
 ‘casca de mandioca’
- (5.88) i- ha?
 NCNT casca
 ‘a casca dela’

Rodrigues (2001, p. 225) conclui que o Ofayé possui um sistema flexional semelhante àqueles encontrados no Tupí-Guaraní, no Panará e no Timbira. A seguir, reproduzimos a distribuição dos prefixos relacionais do Ofayé proposta pelo autor:

Tabela 5.6 – Relacionais do Ofayé (RODRIGUES, 2001)

OFAYÉ		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	Ø-	f-
2. Não-Contiguidade	i-	h-

5.5.5 A flexão relacional em Karajá

Conforme Ribeiro (1995, 2000) apud Rodrigues (2001, p.225), a língua Karajá, assim como as outras aqui descritas, apresenta nomes nos quais se manifestam prefixos relacionais para indicar contiguidade e não-contiguidade do determinante. Esses nomes

estão divididos em duas classes (I e II, conforme a divisão estabelecida para as outras línguas aqui descritas; estando, portanto, na classe I os nomes iniciados por consoante; e na classe II, os nomes que se iniciam por vogal). No entanto, devido a uma realização distinta de alomorfes dos relacionais na classe II, ela sofreu uma subdivisão. Reproduzimos aqui os exemplos dados por Rodrigues (2001, p. 225) e, em seguida, apresentamos a distribuição dos relacionais da língua em questão.

Exemplos de construções genitivas com nomes da classe I:

(5.89) wa- - \emptyset - kɔɾu
 1- -CNT- testa
 ‘*minha testa*’

(5.90) a- - \emptyset - kɔɾu
 2- -CNT- testa
 ‘*tua testa*’

(5.91) dʌ- - \emptyset - kɔɾu
 3 CORR- -CNT- testa
 ‘*sua própria testa*’

(5.92) i- kɔɾu
 NCNT- testa
 ‘*testa dele*’

(5.93) habu - \emptyset - kɔɾu
 homem -CNT- testa
 ‘*testa do homem*’

Exemplos de construções genitivas com nomes da classe II₁:

(5.94) wa- -l- awəkɔ
 1- -CNT- canoa
 ‘*minha canoa*’

(5.95) a- -I- awəkɔ
 2- -CNT- canoa
 ‘tua canoa’

(5.96) ɗa- -I- awəkɔ
 3 CORR- -CNT- canoa
 ‘sua própria canoa’

(5.97) h- awəkɔ
 NCNT- canoa
 ‘canoa dele’

(5.98) habu I- awəkɔ
 homem CNT- canoa
 ‘canoa do homem’

Exemplos de construções genitivas com um nome da classe II₂:

(5.99) wa -d- εbɔ
 1 -CNT- mão
 ‘minha mão’

(5.100) ∅- ∅- εbɔ
 2- -CNT- mão
 ‘tua mão’

(5.101) ɗ- εbɔ
 CNT- mão
 ‘sua própria mão’

(5.102) ɗ- εbɔ
 NCNT- mão
 ‘a mão dele’

(5.103) habu d- εbɔ
 homem CNT- mão
 ‘mão do homem’

Tabela 5.7 – Relacionais do Karajá (RODRIGUES, 2001, p. 225)

KARAJÁ			
	Classe I	Classe II₁	Classe II₂
	Temas em C	Temas em V	Temas em V
1. Contiguidade	\emptyset -	l-	d-
2. Não-Contiguidade	i-	h-	d'-

Rodrigues (2001) informa que a motivação para subdividir a classe II em duas subclasses é o uso do relacional **d-** para alguns temas iniciados por vogal em vez de **l-**. Além disso, alguns temas da classe II ocorrem marcando a não-contiguidade por meio do relacional **d-** em vez de **h-**. Por fim, ainda para esse conjunto de palavras, classificadas como da classe II₂, é omitida a realização fonética do prefixo de segunda pessoa: **a-**; ocorrendo, portanto, um morfema \emptyset -.

Sobre a segunda pessoa, especificamente, Rodrigues (2001, p. 225) demonstra a possibilidade de ter havido um processo de assimilação progressiva e, em seguida, uma fusão⁵⁹: ***a-ε > ε-ε > ε**. E como rearranjo estrutural, a língua omite a realização do relacional de contiguidade **d'**, a fim de que se evitem estruturas homônimas, podendo ser confundida com as formas encontradas para a terceira pessoa correferente e para a terceira pessoa sem correferente.

Em se tratando da terceira pessoa correferente **da-** (ex. 5.101), Rodrigues (2001, p. 226) esclarece que ela sofreu os mesmos processos ocorridos com o prefixo de segunda pessoa **a-**: inicialmente, houve uma assimilação e depois uma contração⁶⁰: ***da-εbo > *dε-εbo > debɔ** ‘*sua própria mão*’. Podemos acrescentar a essa explicação que esses processos fonológicos só ocorreram devido à elisão do relacional **d-**.

⁵⁹ Rodrigues (2001, p. 225) informa que esses mesmos processos são muito comuns em Karajá: ***a-ɔ > *ɔ-ɔ > ɔ**, como em **ɔɔɔ** ‘*tua língua*’

⁶⁰ Novamente, Rodrigues (2001, p. 226) reforça os seus argumentos através de outros exemplos: ***da-ɔɔɔ > *dɔ-ɔɔɔ > dɔɔɔ** ‘*sua própria língua*’.

5.5.6 A flexão relacional em Maxakalí

Diferentemente das línguas apresentadas até aqui, o Maxakalí possui apenas uma série de relacional (contiguidade e não-contiguidade), que corresponde ao paradigma das palavras de classe I das outras línguas (cf. RODRIGUES, 2001, p. 226).

Com os dados de Pereira (1992) e de Popovich (1971, p. 32), Rodrigues demonstra que o \emptyset - marca a contiguidade do determinante e que há uma variação de ʔ - ~ ʔ - para indicar a não-contiguidade do determinante. Reproduzimos aqui os exemplos apresentados por Rodrigues (2001, p.226):

(5.104) pitʃap \emptyset - tʃipep
 pato CNT- chegar
 ‘o pato chegou’

(5.105) ʔ - tʃipep pitʃap
 NCNT- chegar pato
 ‘chegou o pato’

(5.106) ãhã tihik \emptyset - tʃipep ti te pějõŋ \emptyset - mǎhã
 quando homem CNT- chegar ele ERG feijão CNT- comer
 ‘quando o homem chegou, ele comeu feijão’

(5.107) kaktʃop te ʔ - mǎhã mǎta?
 criança ERG NCNT- comer fruta
 ‘a criança comeu fruta’

(5.108) ha ʔ - pe ʔ - mǎ? ʔatʃa?
 e NCNT atrás NCNT- ir EVID
 ‘e é verdade que ela [a lua] foi atrás dele [o sol]’

Com isso, Rodrigues (2001) chega a cogitar a hipótese de que provavelmente o Maxakalí tenha fundido as classes I e II em uma só, prevalecendo a classe I. A seguir, apresentamos a distribuição dos relacionais em Maxakalí conforme Rodrigues (2001, p. 226):

Tabela 5.8 – Relacionais do Maxakalí (RODRIGUES, 2001)

MAXAKALÍ	
Classe única (=I)	
1. Contiguidade	∅-
2. Não-Contiguidade	ʔi- ~ ʔ-

5.5.7 A flexão relacional em Karirí

Conforme relata Rodrigues (2001, p. 226), os dados disponíveis da família Karirí são da língua Kirirí ou Kipeá, registrados por Mamiani (1877 [1699]), que em uma parte de sua gramática, apresenta cinco declinações de nomes, verbos e preposições, de acordo com os pronomes que com as palavras de cada uma dessas categorias se combinam.

Rodrigues (2001, p. 227) apresenta quatro das cinco “declinações” do Kirirí propostas por Mamiani (1699):

Tabela 5.9 – Exemplos das declinações do Kirirí propostas por Mamiani (RODRIGUES, 2001)

	1ª declinação	2ª declinação	3ª declinação	4ª declinação
	padzu ‘pai’	ambé ‘paga’	ebaja ‘unha’	Bate ‘morada’
‘meu/minha’	hipadzu	hiambé	hidzebaja	hibate
‘teu/tua’	epadzu	ejambé	edzebaja	ebate
‘nosso/nossa (incl.)’	kupadzu	kambé	kebaja	kubate
‘seu/sua próprio/a’	dipadzu	dambé	debaja	dibate
‘dele/dela’	ipadzu	sambé	sebaja	sibate

A partir dos paradigmas apresentados, Rodrigues (2001) aponta para um contraste ocorrendo na segunda e na terceira declinações; considerando que, para os morfemas de primeira e de segunda pessoa, a língua devia fazer uso de pronomes, enquanto que para as outras pessoas, teria a ocorrência de prefixos. Essa interpretação leva Rodrigues a supor que no caso onde aparecem pronomes (primeira e segunda pessoa) é necessário um marcador de contiguidade, tendo em vista a construção de um sintagma nominal. Dessa forma, Rodrigues chega a uma descrição diferente das “declinações” propostas por Mamiani (1699). Apresentamos abaixo cada uma das descrições de Rodrigues (2001, pp. 227 a 228).

Exemplos do paradigma da 1ª declinação de Mamiani (1699) na visão de Rodrigues (2001, p. 227):

(5.109) hi ∅- padzu
 1 CNT- pai
'meu pai'

(5.110) e ∅- padzu
 2 CNT- pai
'teu pai'

(5.111) ku- padzu
 1p (incl.)- pai
'nosso pai'

(5.112) di- padzu
 3 CORR- pai
'seu próprio pai'

(5.113) i- padzu
 NCNT- pai
'pai dele'

Considerado, então, por Rodrigues (2001) uma subdivisão de morfemas no paradigma envolvendo a marcação de pessoa nas estruturas sintagmáticas acima, pois somente a primeira e a segunda pessoas são interpretadas como pronomes. Rodrigues (2001) postula, então, que o prefixo relacional de contiguidade ocorra apenas para essas pessoas (1 e 2), correspondendo a ∅-; enquanto que o marcador de não-contiguidade é realizado como i-.

Agora apresentamos os exemplos do paradigma da 2ª declinação de Mamiani (1699) conforme a análise de Rodrigues (2001, p. 227):

(5.114) hi (*j-) ambe
 1 (*CNT-) pagamento
'meu pagamento'

(5.115) e **j-** ambe
 2 **CNT-** pagamento
 ‘*teu pagamento*’

(5.116) k- ambe
 1p (incl.)- pagamento
 ‘*nosso pagamento*’

(5.117) d- ambe
 3 CORR- pagamento
 ‘*seu próprio pagamento*’

(5.118) s- ambe
 NCNT- pagamento
 ‘*pagamento dele*’

Sobre os dados referentes à segunda declinação, Rodrigues observa que o prefixo de contiguidade é realizado como **j-** em oposição à primeira declinação que, como vimos, é realizado como **∅-**. Isso leva Rodrigues a estabelecer duas classes de temas, equivalentes às classes I e II que vimos para as outras línguas; logo, a primeira declinação de Mamiani (1699) representaria as palavras da classe I de Rodrigues (2001), enquanto que a segunda declinação corresponderia à classe II. Nesta última classe, então, Rodrigues sugere que o **s-** seja o indicador de não-contiguidade.

Com respeito a **hiambe** ‘*meu pagamento*’ (MAMIANI, 1877 [1699]), Rodrigues sugere que houve um processo de elisão do prefixo relacional **j-** devido ao fato de sua ocorrência ter sido logo após a realização de uma vogal alta com características articulatórias semelhantes. Assim, ele postula a seguinte mudança: ***hi jambe** > **hiambe**, que pode ser explicada pela elisão do **j** ou sua assimilação à vogal precedente **i**.

Apresentamos a seguir os exemplos do paradigma da 3ª declinação de Mamiani (1699) na visão de Rodrigues (2001, p. 227):

(5.119) hi **dz-** ebaja
 1 **CNT-** unha
 ‘*minha unha*’

(5.120) e dz- ebaja
 2 CNT- unha
 ‘tua unha’

(5.121) k- ebaja
 1p (incl.)- unha
 ‘nossa unha’

(5.122) d- ebaja
 3 CORR- unha
 ‘sua própria unha’

(5.123) s- ebaja
 NCNT- unha
 ‘unha dele’

Nos exemplos da 3ª declinação de Mamiani, Rodrigues demonstra uma variação quanto ao uso do *prefixo I* (contiguidade), visto que o mesmo se realiza como **dz-**, e não como **j-** (conforme ocorrido nos dados da 2ª declinação), mas Rodrigues não percebe nenhum condicionamento aparente que possa desencadear tal alternância, tendo em vista que os dois alomorfes podem ocorrer precedendo as mesmas vogais (ex. **e dz-ebaja** ‘tua unha’ e **e j-era** ‘tua casa’). De qualquer modo, as palavras da segunda e da terceira declinação são classificadas por Rodrigues como temas da classe II (cf. RODRIGUES, 2001, p. 228).

Exemplos do paradigma da 4ª declinação de Mamiani (1699) na visão de Rodrigues (2001, p. 227):

(5.124) hi Ø- bate
 1 CNT- moradia
 ‘minha moradia’

(5.125) e Ø- bate
 2 CNT- moradia
 ‘tua moradia’

(5.126) ku- bate
 1p (incl.)- moradia
 ‘nossa moradia’

(5.127) di- bate
3 CORR- moradia
'sua própria moradia'

(5.128) si- bate
3- moradia
'moradia dele'

Nesse ponto, Rodrigues (2001) ressalta que as palavras que compõem a 4ª declinação de Mamiani (1699) formam, juntamente com a 1ª declinação, a classe I.

Outra observação importante de Rodrigues (2001) está relacionada à realização de um *si-* como *prefixo 2* 'não-contiguidade' no paradigma da 4ª declinação. Para isso, o autor desenvolve a seguinte explicação: "o *alomorfe si-* do *prefixo 2* na 4ª declinação, que é um *paradigma lexicalmente minoritário*, aparenta um *cruzamento de base analógica* entre *s-* da *classe II* e *i-* da *classe I*" (RODRIGUES, 2001, p. 228).

Para finalizar a descrição dos prefixos relacionais do Kirirí, Rodrigues informa o seguinte:

Embora todos os temas da classe II (i. é, da 2ª e 3ª declinações) comecem por vogal, há temas começados por vogal também na 1ª declinação, logo na classe I: *i-ɔpa* 'a tia dele', *i-ebeja* 'a canela da perna dele'. É possível que esse temas tenham começado por um som oclusivo glotal (*i-ʔapa*, *i-ʔebeja*), um som (e possível fonema) que não foi registrado por Mamiani (RODRIGUES, 2001, p. 228).

Reproduzimos abaixo a tabela de distribuição dos relacionais sugeridos por Rodrigues para o Kirirí ou Kipeá:

Tabela 5.10 – Relacionais do Kipeá (RODRIGUES, 2001)

KIPEÁ		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	∅-	j- ~ dz-
2. Não-Contiguidade	i- ~ si-	s-

5.5.8 Flexão relacional em Boróro

Conforme Rodrigues (2001), a língua melhor documentada da família Boróro é o Boróro oriental. Nessa língua, Rodrigues verifica que não há distinção nos sintagmas cujos determinantes estão ou não contíguos:

(5.129) kuruedĩ u- mana
 Kuruedĩ 3- irmão
 ‘o irmão de Kuruedĩ’

(5.130) u- mana
 3- irmão
 ‘irmão dele’

Rodrigues (2001, p. 228) informa que, sincronicamente, o prefixo **u-** (e seus alomorfes) é descrito como marcador de 3sg no paradigma de prefixos pessoais do Boróro⁶¹:

Tabela 5.11 – Prefixos pessoais do Boróro (RODRIGUES, 2001)

i-	1sg
a-	2sg
u-	3sg
tĩ-	3 CORR
pa-	1pl (incl.)
tje-	1pl (excl.)
ta-	2pl
e-	3pl
pu-	3 REC

O autor conclui, então, que **u-** não é um relacional e que Boróro não apresenta diferença entre a marcação de contiguidade e não-contiguidade de determinante. No entanto, Rodrigues observa que há muitas semelhanças entre o sistema pronominal do Boróro e o do Timbíra (língua Jê), exclusivamente no que diz respeito às marcas pronominais para a 1sg: Bo. **i-**, Ti. **i-**; para a 2sg: Bo **a-**, Ti. **a-** e para a 1pl (incl.): Bo. **pa-**, Ti. **pa-**.

⁶¹ Conforme Rodrigues (2001) indica, os dados utilizados na análise foram extraídos de Crowell (1979).

Somado a isso, Rodrigues (2001) compara os alomorfes do prefixo **u-** do Boróro com os alomorfes do *prefixo 2* (não-contiguidade) da classe I do Timbira, encontrando mais semelhanças entre essas línguas:

Tabela 5.12 – A 3sg do Boróro e o relacional de não-contiguidade do Timbira (RODRIGUES, 2001)

BORÓRO	TIMBÍRA
<i>Alomorfes do prefixo u- (3sg)</i>	<i>Prefixo 2 da classe I do Timbira</i>
i-	i-
∅-	∅-
d3-	-

Por fim, Rodrigues (2001) ressalta que, para alguns temas com vogal inicial, é inserida uma consoante entre a marca de pessoa e a raiz, sendo que apenas as indicações de 1sg **i-**, 2sg **a-** e de 1pl (incl.) **pa-** aparecem nos dados disponíveis:

(5.131) i **n-** o
 1 *CNT- pertences
 ‘meus pertences’

(5.132) a **k-** o
 2 *CNT- pertences
 ‘teus pertences’

(5.133) pa **g-** o
 1pl (incl.) *CNT pertences
 ‘nossos pertences’

(5.134) ∅- o
 *NCNT- pertences
 ‘os pertences dele’

Sobre os dados acima, Rodrigues aponta que “*num estado anterior da língua Boróro, as consoantes inseridas podem ter sido, como no Timbira, o marcador de contiguidade (prefixo 1), e que o prefixo ∅- (e seus alomorfes) pode ter sido o marcador de não-contiguidade, como o prefixo 2 do Timbira h-*” (RODRIGUES, 2001, p. 229).

Reproduzimos aqui os dados do Timbira utilizados por Rodrigues para a comparação:

(5.135) i j- õ
 1 CNT- pertences
 ‘meus pertences’

(5.136) a j- õ
 2 CNT- pertences
 ‘teus pertences’

(5.137) pa j- õ
 1pl (incl.) CNT- pertences
 ‘nossos pertences’

(5.138) h- õ
 NCNT pertences
 ‘os pertences dele’

Sobre as alterações sonoras ocorridas no suposto relacional de contiguidade do Boróro (**n-**, **k-**, **g-**) em comparação com o do Timbira (**j-**), Rodrigues (2001) chama a atenção para uma possível mudança que possa ter ocorrido ao longo do tempo: “*essas consoantes podem ter-se originado historicamente de um prefixo *j-* (v. RODRIGUES, 1993 para a plausibilidade de $j > k$ e $j > i$), comparável ao prefixo 1 do Timbira [...]” (RODRIGUES, 2001, p. 229).

No caso do \emptyset - em Boróro para a possível marcação de não-contiguidade em comparação com **h-** do Timbira na mesma função, Rodrigues (2001) nos relata que o Boróro não possui um fonema /h/, assim como também não possui vogal nasal; daí se justifica o cognato para ‘*pertences*’ (**o**) sem a realização do traço nasal, que, por sua vez, ocorre em Timbira (**õ**).

Após as devidas explicações, Rodrigues (2001) apresenta uma tabela que seria “*o reflexo do padrão original de flexão relacional na morfologia Boróro*” (idem, p. 229):

Tabela 5.13 – Possíveis flexões relacionais do Boróro (RODRIGUES, 2001)

BORÓRO		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	\emptyset -	k-/g-, t-/d-/n- (< *j-)
2. Não-Contiguidade	u-, i-, dz, \emptyset -	\emptyset -

5.6 Algumas considerações sobre o trabalho de Rodrigues (2001)

Como vimos, Rodrigues (2001) desenvolveu uma importante discussão sobre as marcas de contiguidade e não-contiguidade em línguas do tronco Macro-Jê. Sua proposta de análise nos faz perceber o quanto línguas sincronicamente tão diferentes entre si podem ter em comum uma característica morfológica tão específica.

Rodrigues (2001), através de sua análise, consegue mais uma vez reforçar a ideia de que essas línguas possuem um certo grau de afinidade genética, pois compartilham de formas gramaticais cognatas, apresentando elementos gramaticais com formas e funções semelhantes. Seu trabalho nos deu ainda condições de reconhecer estratégias de como buscar, nos próprios dados coletados e descritos por outrem, informações que embasam a hipótese de origem comum das línguas analisadas, mesmo após elas terem sofrido alterações que não foram compartilhadas umas com as outras.

Por fim, os resultados do estudo de Rodrigues (2001) demonstram um grau de plausibilidade de difícil contestação, mesmo para os casos em que há apenas resquícios de marcadores de contiguidade e não-contiguidade, como é o caso do Kaingáng, do Xavánte e do Boróro. Com base nas explicações dadas por Rodrigues das mudanças ocorridas nas línguas analisadas e a manutenção de traços característicos de estágios anteriores dessas línguas, passamos agora a discutir a possível existência de marcadores de contiguidade e não-contiguidade em Guató, que até então não tinha sido cogitada.

5.7 A epêntese de [j] e [dʒ] como um processo fonológico em Guató conforme Palácio (1984) e Postigo (2009)

Como foi visto no capítulo em que apresentamos os resultados da análise fonológica da língua Guató produzida por Palácio (1984) e por Postigo (2009), um dos processos fonológicos bastante recorrentes seria a epêntese, isto é, a inserção de um segmento que, no caso do Guató, ocorreria sistematicamente em sintagmas nominais e em sintagmas verbais. A seguir, reproduzimos os exemplos de epêntese extraídos do trabalho de Palácio (1984, p. 40). Nesses dados, é possível perceber a “*inserção*” de um glide palatal entre a marca de 3sg e a raiz verbal:

- (5.139) /nɛ́ókɪ/ [nɛ́yókɪ] ‘ele bebe’
 (5.140) /nɛ́óg^wa/ [nɛ́yóg^wa] ‘ele lava’
 (5.141) /nɛ́ókòrò/ [nɛ́yókòrò] ‘ele coça’

Outros exemplos considerados por Palácio como epêntese se dá com a inserção de um **dʒ** em temas compostos ou derivados, como afirma Palácio (1984, p. 41):

- (5.142) /áhɔ/ + /épagu/ > /áhɔ**dʒ**épagu/ [áhɔ**dʒ**épàgù] ‘caçar onça’
 (5.143) /mitʃétʃĩga/ + /ayé/ > /mitʃétʃĩga**dʒ**ayé/ [mìtʃétʃĩgà**dʒ**àyé] ‘peru’
 (5.144) /magáre/ + /ayé/ > /magáre**dʒ**ayé/ [màgàrè**dʒ**àyé] ‘galinha’
 (5.145) /áhɔ/ + /ók^wé/ > /ákɔ**dʒ**ók^wé/ [áhɔ**dʒ**ók^wé] ‘caçar bugio’
 (5.146) /móto/ + /épagu/ > /mótò**dʒ**épagu/ [mótò**dʒ**épàgù] ‘cavalo’
 (5.147) /móto/ + /égĩtí/ > /mótò**dʒ**égĩtí/ [mótò**dʒ**égĩtí] ‘jau’
 (5.148) /módí/ + /árótʃa/ > /módí**dʒ**árótʃa/ [módí**dʒ**árótʃà] ‘gatinho’
 (5.149) /goka/ + /éví/ > /gokà**dʒ**éví/ [gòkà**dʒ**éví] ‘mulherada’

O processo de epêntese é também tratado em Postigo (2009, pp. 113-116 / 122-123). Ela sugere que tal fenômeno ocorra tendo em vista a necessidade que a língua tem de preservar o padrão silábico mais produtivo, o padrão CV. Ela afirma ainda que esse processo deva ser bastante recorrente em Guató, embora se limite a apresentar os mesmos dados selecionados por Palácio (1984). Em sua explicação, Postigo (2009, p. 122) argumenta que a *consoante epentética [j]* ocorre apenas em sintagmas verbais:

- (5.150) nɛ́ -j- ó.kì
 3suj -ep- beber
 ‘ele bebe’

- (5.151) nɛ́ -j- óg^wà
 3suj -ep- lavar
 ‘ele lava’

- (5.152) nɛ́ -j- ókòrò
 3suj -ep- coçar
 ‘ele coça’

Enquanto que a *consoante epentética* [dʒ] ocorreria em sintagmas nominais (POSTIGO, 2009, p. 123):

(5.153) tè -dʒ- á.bò [tèdʒá.bò]
 unha -ep- pé
 ‘unha do pé’

(5.154) mó.tò -dʒ- é.gà.tí [mótòdʒégàtí]
 AUM -ep- peixe
 ‘jáú (peixe)’

(5.155) mó.dì -dʒ- á.ró.tʃà [módìdʒárótʃà]
 DIM -ep- gato
 ‘gatinho’

No entanto, Postigo não consegue explicar porque nos exemplos (5.156) e (5.157) reproduzidos abaixo, ocorre a inserção do [dʒ] em vez de [j], já que se trata, na visão da pesquisadora, de um sintagma verbal (POSTIGO, 2009, p. 123):

(5.156) áhò -dʒ- épàgù [áhòdʒépàgù]
 caçar -ep- onça
 ‘caçar onça’

(5.157) áhò -dʒ- ók^{wé} [áhòdʒók^{wé}]
 caçar -ep- bugiu
 ‘caçar bugio’

5.8 De segmento epentético a marcador de não-contiguidade em Guató: o caso do [j]

Quando Postigo (2009) afirma que a inserção do [j] ocorre em sintagmas verbais e o [dʒ] em sintagmas nominais, isso nos fez refletir sobre a possibilidade de não considerar apenas um simples caso de processo fonológico para a manutenção de um padrão silábico preferido da língua Guató, visto que essa distribuição não fazia muito sentido sem ter um motivo claro que condicionasse esse processo de inserção de segmentos.

A partir disso, revimos os dados e encontramos uma outra forma de enxergar o problema: nossa hipótese é de que o [j] seja a realização assilábica de um *i-* que Palácio (1984) analisa como sendo um prefixo de 3sg, e que, segundo ela, ocorre tanto em sintagmas nominais quanto verbais, contudo sendo mais produtivos nos nomes.

Consideramos, todavia, que esse *i-* não seja um prefixo de 3sg *a priori* e sim um marcador de não-contiguidade em sintagmas nominais e verbais. Para o primeiro tipo de sintagma, ele ocorreria com temas das classes I e II (palavras iniciadas por consoante e vogal, respectivamente) e para o segundo tipo, ocorreria com temas da classe II (palavras iniciadas por vogal) e onde ele não fosse realizado (nos verbos da classe I, por exemplo), haveria um morfema \emptyset - para indicar a não-contiguidade do determinante.

5.8.1 O *i-* como marcador de não-contiguidade em Guató

Os dados apresentados por Palácio (1984, p. 40) e por Postigo (2009, p. 122) para exemplificar “*a inserção de um segmento, um glide palatal*” contêm, em nossa análise, um marcador de não-contiguidade que ocorre em verbos transitivos iniciados por vogal (temas da classe II):

(5.158) n- è j- ókì
 IND- 3sg NCNT- beber
 ‘*ele bebe*’

(5.159) n- è j- óg^wà
 IND- 3sg NCNT- lavar
 ‘*ele lava*’

(5.160) n- è j- ókòrò
 IND- 3sg NCNT- coçar
 ‘*ele coça*’

A função desse dispositivo morfológico é o de estabelecer dependência sintática entre o verbo transitivo e seu objeto não-contíguo. Infelizmente, não há mais dados disponíveis com verbos transitivos iniciados por vogal nos trabalhos analisados⁶². Sendo esses, portanto, os únicos exemplos com o marcador de não-contiguidade *i-* em sintagmas verbais.

Já para os casos de verbos iniciados por consoante, inferimos a existência de um marcador de não-contiguidade \emptyset -, ocorrendo apenas na terceira pessoa, pois consideramos que o ϵ não tenha se tornado um prefixo pessoal, diferentemente das outras marcas de pessoas que já se comportam como tal⁶³, tendo em vista que co-ocorre com um relacional:

(5.161) n- ϵ \emptyset - kǎ
 IND- 3sg NCNT- cortar
 ‘*ele corta*’

(5.162) n- ϵ \emptyset - kú
 IND- 3sg NCNT- ouvir
 ‘*ele ouve*’

(5.163) n- ϵ \emptyset - ro g- égítí go- tǎíadá
 IND- 3sg NCNT- comer DET- peixe DET- fruta
 ‘*peixe come fruta*’

⁶² Palácio (1984) e Postigo (2009).

⁶³ Cogitamos a possibilidade de as formas pessoais, exceto para a terceira pessoa do singular, terem sido clíticos em um estágio anterior da língua Guató e que se comportam, no estado atual da língua, como prefixos.

- (5.164) n- ε ∅- ro go- rĩ
 IND- 3sg NCNT- comer DET- carne
 ‘*ele come carne*’
- (5.165) dóki -gáde go- tí í ε ∅- dóma -gáde
 trazer -HAB DET- farinha que 3sg NCNT- dar a -HAB
 você
 ‘*ele trazia farinha que dava a você*’
- (5.166) ékage ε ∅- gápóyeni go- ta
 primeiro 3sg NCNT- acender DET- fogo
 ‘*primeiro ela acende o fogo*’
- (5.167) g- óhadza ma- ε ∅- kágũ i- ódá g- afó
 DET- mulher IMPF- 3sg NCNT- por 3sg- cesta DET- chão
 ‘*a mulher pôs sua cesta no chão*’
- (5.168) g^wa- ε ∅- tũyoha go- ro- deítjá g- ódá
 PROG 3sg NCNT- tirar DET- comida dentro DET- cesta
 ‘*ela está tirando a comida da cesta*’
- (5.169) ma- ε ∅- tá go- ve g- otjádzá
 IMPF- 3sg NCNT- morder DET- cachorro DET- cobra
 ‘*o cachorro mordeu a cobra*’
- (5.170) ma- ε ∅- tá g- otjádzá go- ve
 IMPF- 3sg NCNT- morder DET- cobra DET- cachorro
 ‘*a cobra mordeu o cachorro*’
- (5.171) ma- ε ∅- tá g- otjádzá
 IMPF- 3sg NCNT- morder DET- cobra
 ‘*a cobra mordeu (ele)*’
- (5.172) ma- ε ∅- pũni g- átú
 IMPF- 3sg NCNT- roubar DET- pote
 ‘*ele roubou o pote*’

(5.173) na- ε ∅- bagáki go- dé g- óhadza
 IND- 3sg NCNT- bater DET- homem DET- mulher
 ‘o homem bate na mulher’

(5.174) ma- ε ∅- ro g- épagu g- éki
 IMPF- 3sg NCNT- comer DET- onça DET- coelho
 ‘a onça comeu o coelho’

(5.175) ma- ε ∅- dóka g- ótja i- tja
 IMPF- 3sg NCNT- dar- DET- tijela 3- marido
 lhe
 ‘ela deu a tigela ao seu marido’

(5.176) n- ε ∅- dóma g- áki
 IND- 3sg NCNT- dar a DET- vara de
 você pescar
 ‘ele dá a vara de pescar a você’

(5.177) g- ódídzetí na- topú ε ∅- ro
 DET- criancinha IND- muito 3sg NCNT- comer
 ‘a criancinha come muito?’

(5.178) ma- ε ∅- gũ go- ve
 IND- 3sg NCNT- matar DET- cachorro
 ‘ele matou o cachorro’

Apresentamos aqui exemplos de orações transitivas com sujeitos de 1sg, 2sg, 1d, 1pl e 3pl, extraídos de Palácio (1984) para demonstrar que os marcadores de pessoas se comportam como afixos e, provavelmente, por isso não exigem a presença de um marcador de contiguidade para estabelecer a relação entre o determinante e o determinado:

(5.179) n- óki -o g- ókidá
 IND- beber -1sg DET- chicha
 ‘bebo chicha’

(5.180) na- g^w- óki g- ókidá
 IND- -2sg beber DET- chicha
 ‘você bebe chicha’

(5.181) gókó ma- ga- bagáki
 1d- IMPF- 1d bater
 ‘nós batemos nele’

(5.182) ma- d3a- kayé -dži
 IMPF- 1pl- chamar -GEN
 ‘chamamos todos’

(5.183) na- bε- bagáki -o
 IND- 3pl- bater -1sg
 ‘batem em mim’

Por outro lado, há bastantes exemplos em Palácio (1984) onde o **i-** atua como marcador de não-contiguidade em sintagmas nominais, tanto em temas iniciados por consoante (classe I), quanto por vogal (classe II), mas a pesquisadora o interpreta como sendo um alomorfe do marcador de terceira pessoa, estando em distribuição complementar com ε.

A seguir, apresentamos os exemplos extraídos de Palácio (1984), mas agora reconhecendo neles a existência de flexão relacional de não-contiguidade.

Exemplos com temas da classe I:

(5.184) i- tʃá
 NCNT- intestino
 ‘intestino dele’

(5.185) i- k^wa
 NCNT- dente
 ‘dente dele’

(5.186) i- gí
 NCNT- mãe
 ‘mãe dele’

(5.187) i- tana
 NCNT- raiz
 'raiz'

(5.188) i- tʃádʒa
 NCNT- língua
 'língua dele (órgão)'

(5.189) i- kú
 NCNT- folha
 'folha'

(5.190) i- kĩ
 NCNT- pai
 'pai dele'

(5.191) i- rɛ
 NCNT- olho
 'olho dele'

(5.192) i- rá
 NCNT- mão
 'mão dele'

(5.193) i- bɔ
 NCNT- pé
 'pé dele'

(5.194) i- kĩ g- obe
 NCNT- pai DET- menino
 'o pai do menino'

(5.195) na- ε- dabóhi i- gí da kĩni
 IND- 3sg- abraçar NCNT- mãe para dormir
 'ele abraça a mãe dele para dormir'

Exemplos com temas da classe II:

(5.196) i- óje- vacá
 NCNT- cria vaca
 ‘a vaca dele’

(5.197) yókivítfa i- óvi
 dentro NCNT- casa
 ‘dentro da casa dele’

(5.198) g- óhadza ma- ε- kágũ i- ódá g- afó
 DET- mulher IMPF- 3sg- por NCNT- cesta DET- chão
 ‘a mulher pôs sua cesta no chão’

(5.199) kí^wadzagani i- óvi i- gí
 sentado NCNT- colo 3- mãe
 ‘ele está sentado no colo de sua mãe’

(5.200) adi- ópígiri i- óg^wa
 DN- bem vermelho NCNT- sangue
 ‘o sangue dele é bem vermelho’

A seguir, apresentamos exemplos de construções genitivas com os marcadores pessoais de 1sg, 2sg, 1d, 1pl, 3pl extraídos de Palácio (1984), lembrando que se trata de afixos, logo não necessitam de uma flexão relacional para se ligarem ao núcleo – um marcador de contiguidade):

(5.201) á- ká -ru
 1sg- neta -1sg
 ‘minha neta’

(5.202) g^wi- tfá
 2sg marido
 ‘teu marido’

(5.203) gi- óvi
1d- casa
'*nossa casa*'

(5.204) hadzi- róga
1pl- joelho
'*nossos joelhos*'

(5.205) bi- rε
3pl- olho
'*olhos deles*'

Como sabemos, Palácio (1984) considerou o **-i** como um marcador de terceira pessoa muito produtivo nos nomes e com pouca ocorrência em verbos. Sobre a ocorrência desse morfema em orações, verificamos que se restringe a tipos de orações sem verbos (orações nominais); sendo um deles, oração nominal possessiva: “*as orações possessivas são constituídas por dois sintagmas nominais, dos quais o primeiro, que é o predicado, é marcado pelo prefixo modal na- e pelo prefixo de terceira pessoa*” (PALÁCIO, 1984, p. 99):

(5.206) na- i- kǐ go- gáredzayé
IND- 3sg- ovo DET- galinha
'*a galinha tem ovo*'

(5.207) na- i- dʒé ε- gǐ
IND- 3sg- fruto 3sg- planta
'*a planta tem fruto*'

(5.208) na- i- tídzǐ ε- gǐ
IND- 3sg- flores 3sg- planta
'*a planta tem flores*'

(5.209) na- i- pána g- ák^wo
IND- 3sg- rabo DET- macaco
'*o macaco tem rabo*'

(5.210) na- i- tí g- odzáho
 IND- 3sg- flor DET- mato
 ‘há flor no mato’ ‘o mato tem flor’

(5.211) na- gu i- óvi
 IND- ter 3sg- casa
 ‘ele tem casa’ ‘existe a casa dele’ ‘há a casa dele’

Como o predicador continua sendo um nome⁶⁴, e é a ele que o **i-** está ligado, chegamos à conclusão de que se trata ainda de um morfema que exerce uma função diferente do **ε**, pois este sistematicamente ocorre em orações com verbos transitivos ativos para representar um sujeito de terceira pessoa do singular; e o **i-**, por sua vez, está ocorrendo apenas em sintagmas nominais para indicar que o seu referente não está contíguo. Portanto, os morfema **i-** e **ε** não estão em distribuição complementar na classe de verbos transitivos.

Os três exemplos dos dados de Palácio (1984) que poderiam trazer obstáculos à nossa análise foram reproduzidos abaixo⁶⁵:

(5.212a) na- i- gĩ gine g- afó
 IND- 3sg- plantar aqui DET- terra
 ‘ele planta aqui na terra’ (tem planta aqui na terra)

(5.213a) ma- i- óg^wa i- rá ε- tóra
 IMPF- 3sg- lavar 3sg- mão 3sg- filho
 ‘ela lavava as mãos do seu filho’

(5.214a) i- óg^wa
 3sg- lavar
 ‘ele lava’

No exemplo (5.212a), Palácio considera o **gĩ** como se fosse o verbo ‘plantar’, mas a estrutura da sentença é a mesma para as orações possessivas que vimos reproduzidas nos exemplos (5.206)-(5.211); por conseguinte, consideramos **gĩ** como um

⁶⁴ Nomes podem predicar assim como verbos, logo o *status* de oração não é dado somente pela presença de um verbo.

⁶⁵ O exemplo (64a) corresponde ao exemplo (3.59) da página 97 da tese de Palácio (1984), e o exemplo (65) corresponde ao (3.135, p. 111).

nome *'planta'*. Com isso, mantemos nossa hipótese de que o **i-** seria um morfema de não-contiguidade que ocorre nos nomes das classes I e II e em verbos da classe I. Temos, então:

(5.212b) na- **i-** gĩ gine g- afó
 IND- NCNT- planta aqui DET- terra
 '*tem planta aqui na terra*'

Quanto aos exemplos (5.213a e 5.214a), verificamos que Palácio interpreta **óg^wa** como *'lavar'*. Se assim o fosse, estaríamos diante de um verbo transitivo iniciado por vogal que, além da marca de não-contiguidade **i-**, seria necessária a presença do indicador de terceira pessoa do singular, **ε** (assim como no exemplo (5.159) reproduzido novamente a seguir):

(5.215) n- è **j-** óg^wa
 IND- 3sg NCNT- lavar
 '*ele lava*'

Mas não é isso que ocorre nos exemplos (5.213a e 5.214a). No entanto, se postularmos que não se trata do verbo **óg^wa** *'lavar'* e sim do nome **óg^wa** *'sangue'*, teremos uma estrutura nominal, semelhante à estrutura (5.216) reproduzida abaixo e às estruturas correspondentes aos exemplos (5.206)-(5.211) já apresentadas⁶⁶:

(5.216) adi- ópígiri **i-** óg^wa
 DN- bem vermelho NCNT- sangue
 '*o sangue dele é bem vermelho*'

Com isso, as estruturas (5.213a) e (5.214a) ficariam como em (5.213b) e (5.214b):

(5.213b) ma- **i-** óg^wa i- rá ε- tóra
 IMPF- NCNT- sangue 3sg- mão 3sg- filho
 '*tinha sangue nas mãos do filho dele*'

⁶⁶ As palavras para *'lavar'* **óg^wa** e *'sangue'* **óg^wa** são homônimas em Guató.

- (5.214b) i- óg^wa
 NCNT- lavar
 ‘sangue dele’

A conclusão à que chegamos até aqui é de que o Guató teria um **i-** como marcador de não-contiguidade tanto para os nomes da classe I e II quanto para os verbos da classe II; e teria **∅-** para os temas verbais da classe I, conforme a distribuição abaixo:

Tabela 5.14 – Distribuição dos marcadores de não-contiguidade do Guató

NÃO-CONTIGUIDADE EM GUATÓ		
	Classe I Temas em C	Classe II Temas em V
NOMES	i-	i-
VERBOS	∅-	i- [j-]

5.8.2 De segmento epentético a marcador de contiguidade em Guató: o caso do [d₃]

Os exemplos considerados por Palácio (1984), e posteriormente por Postigo (2009), como casos de epêntese do segmento **d₃** em temas compostos ou derivados estão reproduzidos abaixo.

Exemplos de Palácio (1984, p. 41):

- (5.217) /áhɔ/ + /épagu/ > /áhɔ**d**3épagu/ [áhɔ**d**3épàgù] ‘caçar onça’
 (5.218) /mitʃétʃĩga/ + /ayé/ > /mitʃétʃĩga**d**3ayé/ [mìtʃétʃĩgà**d**3àyé] ‘peru’
 (5.219) /magáre/ + /ayé/ > /magáre**d**3ayé/ [màgàrè**d**3àyé] ‘galinha’
 (5.220) /áhɔ/ + /ók^{wé}/ > /ákɔ**d**3ók^{wé}/ [áhɔ**d**3ók^{wé}] ‘caçar bugio’
 (5.221) /móto/ + /épagu/ > /mótod**d**3épagu/ [mótò**d**3épàgù] ‘cavalo’
 (5.222) /móto/ + /égĩtí/ > /mótod**d**3égĩtí/ [mótò**d**3égĩtí] ‘jau’
 (5.223) /módí/ + /árótʃa/ > /módí**d**3árótʃa/ [módí**d**3árótʃà] ‘gatinho’
 (5.224) /goka/ + /éví/ > /gokad**d**3éví/ [gòkà**d**3éví] ‘mulherada’

Postigo (2009, p. 123) apresenta uma outra forma de visualização desse mesmo fenômeno, e informa que ele ocorre em sintagmas nominais:

(5.225) tè -dʒ- á.bò [tèdʒá.bò]
 unha -ep- pé
 ‘unha do pé’

(5.226) mó.tò -dʒ- é.gà.tí [mótòdʒégàtí]
 AUM -ep- peixe
 ‘jaú (peixe)’

(5.227) mó.dì -dʒ- á.ró.tʃà [módìdʒárótʃà]
 DIM -ep- gato
 ‘gatinho’

A pesquisadora ainda apresenta dois dados que fogem à sua proposta de distribuição dos dois segmentos epentéticos: [j] e [dʒ], pois o primeiro ocorreria somente em sintagmas verbais e o segundo em sintagmas nominais. Contudo, ela percebe e registra a inserção do [dʒ] em vez de [j] nos exemplos reproduzidos abaixo que, em seu ponto de vista, são sintagmas verbais e, por isso, não deveria ocorrer um [dʒ]:

(5.228) áhò -dʒ- épàgù [áhòdʒépàgù]
 caçar -ep- onça
 ‘caçar onça’

(5.229) áhò -dʒ- ók^{wé} [áhòdʒók^{wé}]
 caçar -ep- bugiu
 ‘caçar bugio’

A nossa proposta de análise, em oposição à de Postigo (2009), é de que não se trata de um simples caso de epêntese para garantir o padrão silábico mais comum da língua Guató (padrão CV) e sim de um mecanismo morfológico que indica a contiguidade do determinante ao núcleo, sendo este da classe II (tema iniciado por vogal) ocorrendo em nomes compostos e em derivações:

Exemplos de nomes compostos:

(5.230) áhɔ- dʒ- épagu
caçar- CNT- onça
'onça caçável'

(5.231) áhɔ- dʒ- ok^{wé}
caçar- CNT- bugio
'bugio caçável'

(5.232) te- dʒ- abɔ
unha- CNT- pé
'pé unhoso'

Desconsideramos a possibilidade de que os exemplos (5.230) e (5.231) sejam sintagmas verbais como havia sido proposto por Postigo (2009) e consideramos a possibilidade de eles serem nomes compostos _N [verbo + nome], cujo núcleo é um nome, assim, em vez de 'caçar onça', tem-se 'onça caçável'; em vez de 'caçar bugio', tem-se 'bugio caçável', justificando, dessa forma, a ocorrência do prefixo relacional que indica a contiguidade do determinante.

Quanto ao exemplo (5.232) consideramos ainda que deva ser um nome composto _N[nome + nome] 'pé unhoso' e não 'unha do pé'; pois estruturas como esta última (semelhantes a estruturas genitivas) ocorrem com o segundo nome do sintagma precedido por um determinante, como pode ser visto nos exemplos a seguir extraídos de Palácio (1984):

(5.233) i- kɨ go- gáreǰjayé
NCNT- ovo DET- galinha
'ovo de galinha'

(5.234) i- pána g- ák^{wó}
NCNT- rabo DET- macaco
'rabo do macaco'

(5.235) i- kĩ g- obe
 NCNT- pai DET- menino
 ‘o pai do menino’

Exemplos de derivações:

(5.236) m- itʃétʃĩga- dʒ- ajé
 DET- ? CNT- ave
 ‘peru’

(5.237) ma- gáre- dʒ- ajé
 DET- galináceo- CNT- ave
 ‘galinha’

(5.238) to- dʒ- épagu
 AUM- CNT- onça
 ‘cavalo’

(5.239) m- óto- dʒ- égãtí
 DET- AUM- CNT- peixe
 ‘jaú (peixe)’

(5.240) óto- dʒ- ajé
 AUM- CNT- ave
 ‘gavião’

(5.241) dí- dʒ- árótʃa
 DIM- CNT- gato
 ‘gatinho’

(5.242) ódí- dʒ- ajé
 DIM- CNT- ave
 ‘passarinho’

(5.243) ódí gáre dʒ- ajé
 DIM- galináceo CNT- ave
 ‘pintinho’

(5.244) ódí- **d**₃- ékĩ
 DIM- **CNT-** rio
 ‘riacho’

(5.245) g- ódí- **d**₃- obe
 DET- DIM- **CNT-** menino
 ‘o menininho’

(5.246) g- ódí **d**₃- éví
 DET- DIM- **CNT-** menina
 ‘a menininha’

(5.247) g- ódí- **d**₃- etí
 DET- DIM- **CNT-** criança
 ‘a criancinha’

(5.248) go- ka- **d**₃- évi
 DET- COL- **CNT-** mulher
 ‘mulherada’

Com isso, é possível pensar em um marcador de contiguidade **d**₃- que deve ter existido tanto em estruturas nominais quanto em estruturas verbais, sendo os núcleos desses sintagmas iniciados por vogal (classe II), mas por causa dos rearranjos sofridos pela língua, alterando as ordens de palavras, o uso do marcador de contiguidade **d**₃- deve ter sido reduzido aos tipos de estruturas descritas acima (composições e derivações nominais).

Para os núcleos iniciados por consoantes, postulamos a existência de um morfema **∅**- como marcador de contiguidade também encontrado tanto em temas compostos quanto em derivações:

Nomes compostos:

(5.249) bí- **∅**- rĩ
 assar **CNT-** carne
 ‘carne assável’

- (5.250) bí- ∅- džéru
 assar- **CONT-** milho
 ‘milho assável’
- (5.251) áhɔ- ∅- kú
 caçar- **CONT-** jacaré
 ‘jacaré caçável’
- (5.252) ta- ∅- hěgigi
 fogo **CNT-** fumar
 ‘cigarro’
- (5.253) ka- ∅- dé
 COL- **CNT-** homem
 ‘grupo de homens’
- (5.254) dí- ∅- tɔra
 DIM- **CNT-** filho
 ‘filhinho’
- (5.255) to- ∅- g^wédzi
 AUM- **CNT-** bocaiúva
 ‘coco’

Como havíamos dito, supomos que o marcador de contiguidade nos sintagmas verbais, cujo núcleo é um verbo transitivo, tenha desaparecido devido à possível mudança de ordem nesse tipo de estrutura que a língua Guató pode ter sofrido: OV > VO. Assim, se o objeto (determinante) não mais precede o verbo (determinado), a flexão relacional que indica a contiguidade do determinante não é mais necessária. Apresentamos a seguir exemplos da ordem VSO do Guató (lembrando que essa é ordem natural do estado atual da língua).

Palácio (1984):

(5.256) ma- ε ∅- tá go- ve g- očǎjá
 IMPF- 3sg NCNT- morder DET- cachorro DET- cobra
 ‘o cachorro mordeu a cobra’

(5.257) ma- ε ∅- tá g- očǎjá go- ve
 IMPF- 3sg NCNT- morder DET- cobra DET- cachorro
 ‘a cobra mordeu o cachorro’

(5.258) na- ε ∅- bagáki go- dé g- óhǎja
 IND- 3sg NCNT- bater DET- homem DET- mulher
 ‘o homem bate na mulher’

(5.259) ma- ε ∅- ro g- épagu g- éki
 IMPF- 3sg NCNT- comer DET- onça DET- coelho
 ‘a onça comeu o coelho’

(5.260) n- ε ∅- ĵó - go- dé i- kǎ g- obe
 gáde
 IND- 3sg NCNT- ver HAB DET- homem NCNT- pai DET- menino
 ‘o homem viu o pai do menino’

(5.261) ma- ε ∅- k^wé g- etí i- pána g- ák^wo
 IMPF- 3sg NCNT- puxar DET- menino NCNT- rabo DET- macaco
 ‘o menino puxava o rabo do macaco’

Dessa forma, postulamos a seguinte tabela de distribuição dos possíveis prefixos marcadores de contiguidade e não-contiguidade do Guató:

Tabela 5.15 – Distribuição da flexão relacional do Guató

GUATÓ				
	Nomes		Verbos ⁶⁷	
	Temas classe I	Temas classe II	Temas classe I	Temas classe II
1. Contiguidade	∅-	d ₃ -		
2. Não-contiguidade	i-	i-	∅-	i- [j-]

Cabe ressaltar aqui que o marcador de contiguidade não ocorre nas construções genitivas de 1sg, 2sg, 1d, 1pl e 3pl, uma vez que as indicações de pessoas nesse tipo de sintagma em Guató são feitas por afixos e não por pronomes.

(5.262) a- tɔra -ru
1sg- filho -1sg
'meu filho'

(5.263) g^wa- gí
2sg- mãe
'teu mãe'

(5.264) gi- óvi
1d- casa
'nossa casa'

(5.265) bi- rɛ
3p- olho
'olhos deles'

E para marcar a não-contiguidade do determinante, usa-se o morfema **i-**, como já vimos em outra oportunidade, mas apresentamos novamente um exemplo desse caso aqui:

(5.266) i- rɛ
NCNT- olho
'olho dele'

⁶⁷ Como vimos, não há marcadores de contiguidade em sintagmas verbais no estado atual da língua Guató.

5.8.3 Revendo o paradigma de marcação de pessoas proposto por Palácio (1984)

Palácio (1984, p. 50) apresenta um quadro com a flexão pessoal dos nomes que, segundo ela, “*tem valor semântico de posse*” e “*todos os marcadores pessoais são prefixos, mas o da primeira pessoa do singular é um prefixo e um sufixo que se realizam simultaneamente*”.

Reproduzimos abaixo a distribuição sugerida por Palácio (1984, p. 50):

Tabela 5.16 – Distribuição dos marcadores pessoais dos nomes em Guató (PALÁCIO, 1984)

1sg	a-	-ru	<i>'meu'</i>
2sg/pl	g ^w a-		<i>'teu'</i>
3sg	ε-		<i>'dele'</i>
1d	gi-		<i>'nosso'</i> (1+2)
1pl	hadzi-		<i>'nosso'</i> (1 (+2) + 3 (+3))
3pl	bi-		<i>'deles'</i>

Embora Palácio (1984) informe em sua tese que a marca de terceira pessoa mais produtiva nos nomes seja **i-**, ela apresenta o **ε-** no quadro do paradigma de pessoa para indicar posse nos sintagmas nominais (como pode ser visto acima).

Nossa sugestão é excluir o morfema **ε** do quadro de marcadores pessoais dos nomes. Com isso, conseguimos também estabelecer uma simetria entre os quadros de indicação de pessoas, onde o **i-** (3sg) está para **bi-** (3pl) nos sintagmas nominais, assim como **ε-** (3sg) está para **bε-** (3pl) na função de sujeito, sendo que este ocorre tanto com verbo transitivo quanto com intransitivo, e aquele apenas com verbo transitivo.

Tabela 5.17 – Distribuição da terceira pessoa nos nomes e nos VT em Guató

	Marcadores nos nomes	Marcadores nos VT
3sg	(i-)	ε-
3pl	bi-	bε-

Sugerimos, então, uma nova distribuição dos marcadores pessoais dos nomes em Guató:

Tabela 5.18 – Nova proposta de distribuição dos marcadores pessoais dos nomes em Guató

1sg	a-	-ru	'meu'
2sg/pl	g ^w a-		'teu'
3sg	(i-)		'dele'
1d	gi-		'nosso' (1+2)
1pl	hadzi-		'nosso' (1 (+2) + 3 (+3))
3pl	bi-		'deles'

Consideramos que o morfema **-i** esteja funcionando sincronicamente combinando-se com nomes na língua para funcionar como uma espécie de terceira pessoa, no entanto, já demonstramos que ele ocorre nos verbos transitivos da classe II como flexão de não-contiguidade. Logo, parece mais sensato considerar um acúmulo de funções do morfema **-i** em sintagmas nominais, visto que simultaneamente ele indica a posse de uma terceira pessoa *'dele'* e a não-contiguidade de um determinante *'de alguém'*. Acreditamos que esse rearranjo tenha sido possível devido ao fato de que a terceira pessoa do singular teria sido um morfema não realizado fonologicamente.

Sabemos que o **ε** é considerado também por Palácio (1984) tanto como marca de terceira pessoa dos verbos transitivos quanto marcador de posse em alguns nomes em Guató, estando em distribuição complementar com o alomorfe **i-**. Vimos, no entanto, que o **i-** é um marcador de não-contiguidade e não ocorre em verbos como marca de concordância de terceira pessoa do singular e sim indicando a não-contiguidade do objeto.

Ainda sobre a ocorrência do **ε** em construções genitivas, verificamos que, nos dados apresentados por Palácio (1984), são apenas três os casos em que esse morfema aparece afixado a nomes: um deles indica relação de parentesco **tóra** *'filho'*; os outros dois são nomes de partes do corpo: **vi** *'orelha'* e **pó** *'braço'*:

(5.267) **ε-** tóra -dʒi
3sg- filho -GEN
'todos os filhos dele'

(5.268) ε- tóra
 3sg- filho
 ‘filho dele’

(5.269) ε- vi
 3sg- orelha
 ‘orelha dele’

(5.270) ε- pó
 3sg- braço
 ‘braço dele’

Como a pesquisadora não conseguiu apontar os critérios de distribuição dessa suposta alomorfa em distribuição complementar com o morfema **i-**, e como é mínima a ocorrência do **ε-** em construções genitivas, desenvolvemos duas hipóteses que poderiam justificar a realização desse morfema contíguo a um nome possuível.

Nossa primeira hipótese é que, por conta do estado de obsolescência que a língua Guató já se encontrava na época da coleta de dados por Palácio (1984), a realização do **ε** combinado com nomes poderia se tratar de um desvio decorrente de um possível processo de analogia com o **ε** marcador de 3sg de verbos transitivos⁶⁸. Essa hipótese é reforçada quando, em alguns dados apresentados por Palácio, ocorre uma arbitrariedade quanto ao uso do **ε-** que ocorre em estruturas que deviam ocorrer o morfema **i-**:

(5.271) na- i- gĩ gine g- afó
 IND- 3sg- planta aqui DET- terra
 ‘tem planta aqui na terra’

(5.272) na- i- gĩ gine
 IND- 3sg- planta aqui
 ‘tem planta aqui’

⁶⁸ Sobre o morfema **ε**, marcador de 3sg de verbos transitivos, consideramo-lo como uma possível marca de ergatividade manifestada em um estágio anterior do Guató (ver o próximo capítulo).

(5.273) na- i- d3é ε- gí
 IND- 3sg- fruto 3sg- planta
 ‘a planta tem fruto’

(5.274) na- i- tíd3í ε- gí
 IND- 3sg- flores 3sg- planta
 ‘a planta tem flores’

A segunda hipótese é de que esse ε que ocorre nas construções genitivas (5.267)-(5.270) seja um resquício de um mediador de posse que desapareceu nas outras pessoas devido ao fato de elas terem se afixado ao nome, mas permaneceu na terceira pessoa, visto que esta não deveria ser manifestada fonologicamente:

(5.275) a- tóra -ru
 1- filho -1
 ‘meu filho’

(5.276) g^wa- gí
 2- mãe
 ‘tua mãe’, ‘mãe de vocês’

(5.277) *∅ ε- p3
 *3- *MED braço
 ‘braço dele’

(5.278) gi- óvi
 1d- casa
 ‘nossa casa’

(5.279) ha3i- róga
 1p- joelho
 ‘nossos joelhos’

(5.280) bi- rε
 3p- olho
 ‘olhos deles’

Essa hipótese é reforçada quando comparamos os dados do Guató com os do Xavánte. Segundo Santos (2007, 2008), há um mediador de posse *te* em construções genitivas em Xavánte, e que poderíamos considerar como uma forma cognata do *e* do Guató em estruturas equivalentes⁶⁹:

(5.281) ʔi -te ubaʔre
1- MED barco
'meu barco'

(5.282) aj -te ubaʔre
2 -MED barco
'teu barco'

(5.283) õ hõ Ø- te ubaʔre
3 ENF 3- MED barco
'barco dele'

(5.284) ʔi -te wapsã
1 -MED cachorro
'meu cachorro'

(5.285) ʔi -te uhədo
1 -MED anta
'minha anta'

(5.286) ʔi -te ʔupa
1 -MED mandioca
'minha mandioca'

(5.287) ʔi -te rophuro
1 -MED música
'minha música'

Santos (2008) postula que há a possibilidade de que a possível marca de ergatividade *te* do Xavánte tenha derivado, historicamente, do mediador de posse *te*. Se

⁶⁹ Os dados contendo o mediador de posse em Xavánte utilizados por Santos (2008) são de Rodrigues, Cabral e Soares (2005).

ela estiver certa, poderíamos supor que o ϵ , possível mediador de posse do Guató nas estruturas genitivas apresentadas aqui, possa ter originado também a possível marca de ergatividade em um estágio anterior do Guató e que, sincronicamente, funciona como um marcador de terceira pessoa singular dos verbos transitivos⁷⁰.

Para encerrar este capítulo, voltamos às marcas de contiguidade e não contiguidade apresentadas por Rodrigues (2001) das línguas Panará, Timbira, Kaingáng (dialeto do Paraná), Xavánte, Ofayé, Karajá, Maxakalí, Kipeá e Boróro; para, em seguida, analisarmos comparativamente as marcas de contiguidade e não-contiguidade presentes nessas línguas com as marcas de contiguidade e não-contiguidade encontradas para o Guató.

5.9 Reapresentação das marcas de contiguidade e não-contiguidade em línguas do tronco Macro-Jê

5.9.1 Flexões relacionais do Panará (RODRIGUES, 2001)

PANARÁ		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	\emptyset -	j-
2. Não-contiguidade	i- ~ \emptyset -	s-

5.9.2 Flexões relacionais do Timbira (RODRIGUES, 2001)

TIMBÍRA		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	\emptyset -	j- ~ ts-
2. Não-contiguidade	i- ~ ku- ~ \emptyset -	h-

⁷⁰ Sobre a ergatividade em Guató, veja o capítulo 6.

5.9.3 Flexões relacionais do Pré-Kaingáng (RODRIGUES, 2001)

PRÉ-KAINGÁNG		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	*∅-	*j-
2.Não-Contiguidade	*∅-	*∅-

5.9.4 Flexões relacionais do Pré-Xavante (RODRIGUES, 2001)

PRÉ-XAVANTE		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	*∅-	*j-
2.Não-Contiguidade	*ʔi-	*ts-

5.9.5 Flexões relacionais do Ofayé (RODRIGUES, 2001)

OFAYÉ		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	∅-	ʃ-
2.Não-Contiguidade	i-	h-

5.9.6 Flexões relacionais do Karajá (RODRIGUES, 2001, p. 225)

KARAJÁ			
	Classe I	Classe II ₁	Classe II ₂
	Temas em C	Temas em V	Temas em V
1. Contiguidade	∅-	l-	d-
2.Não-Contiguidade	i-	h-	ɖ-

5.9.7 Flexões relacionais do Maxakalí (RODRIGUES, 2001)

MAXAKALÍ	
Classe única (=I)	
1. Contiguidade	∅-
2.Não-Contiguidade	ʔi- ~ ʔ-

5.9.8 Flexões relacionais do Kipeá (RODRIGUES, 2001)

KIPEÁ		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	∅-	j- ~ dz-
2.Não-Contiguidade	i- ~ si-	s-

5.9.10 Possíveis flexões relacionais do Boróro (RODRIGUES, 2001)

BORÓRO		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	∅-	k-/g-, t-/d-/n- (< *j-)
2.Não-Contiguidade	u-, i-, dz, ∅-	∅-

5.9.11 Flexões relacionais do Guató

GUATÓ				
	Nomes		Verbos	
	Temas classe I	Temas classe II	Temas classe I	Temas classe II
1. Contiguidade	\emptyset -	d ₃ -		
2. Não-contiguidade	i-	i-	\emptyset -	j-

5.9.12 Análise comparativa dos marcadores de contiguidade da classe I: temas iniciados por consoante

Tabela 5.19 – Línguas comparadas

LÍNGUAS COMPARADAS		
1.	Panará	Pa
2.	Timbira	Ti
3.	Kaingang	Kg
4.	Xavante	Xa
5.	Ofayé	Of
6.	Karajá	Ka
7.	Maxakalí	Mx
8.	Kipeá	Ki
9.	Boróro	Bo
10.	Guató	Gu

Tabela 5.20 – Distribuição dos morfemas de contiguidade de temas da classe 1 em línguas Macro-Jê

Marcador de contiguidade em temas da classe 1										
	Pa	Ti	Kg	Xa	Of	Ka	Mx	Ki	Bo	Gu
1. Contiguidade	\emptyset -									

Através da tabela acima, é possível perceber a presença de um morfema \emptyset - para indicar contiguidade em temas iniciados por consoantes, em dez línguas do tronco Macro-Jê, incluindo a língua Guató. Com base nisso, podemos postular a existência de um morfema * \emptyset no estágio anterior à diversidade do tronco, visto que se trata de uma característica compartilhada em 100% das línguas aqui analisadas.

5.9.13 Análise comparativa dos marcadores de contiguidade da classe II: temas iniciados por vogal

Tabela 5.21 – Distribuição dos morfemas de contiguidade de temas da classe 2 em línguas Macro-Jê

Marcador de contiguidade em temas da classe 2										
	Pa	Ti	Kg	Xa	Of	Ka	Mx	Ki	Bo	Gu
1. Contiguidade	j-	j-	j-	j-		l-	∅-	j-	k-/g-,	
		~				~		~	~	
		ts-			ʃ-	d-		dz	t-/d-/n-	dʒ-

Como pode ser visto na tabela acima, das dez línguas apresentadas, cinco marcam a contiguidade em temas iniciados por vogal com o morfema **j-** (Panárá, Timbíra, Kaingáng, Xavánte, Kipeá). Se considerarmos que essas línguas sejam mais conservadoras do que as outras, podemos postular, então, a forma ***j-** como um dos morfemas de contiguidade de temas da classe 2. Dessa maneira, é possível explicar também o desenvolvimento das mudanças ocorridas em Boróro, como Rodrigues (1993) já o fez, além de explicar os reflexos desse morfema em Karajá **l-** e **d-**.

Para o Boróro, Rodrigues (1993) elaborou as seguintes propostas de mudança: (a) ***j > k** provavelmente por meio de **w** e **k^w**, precedendo uma vogal anterior e também antes de vogal posterior, quando precedido por outra vogal posterior; (b) ***j > t** ou **n** entre uma vogal anterior e uma posterior, em conformidade com o *status* fonêmico original nasal ou oral dessa vogal. Rodrigues (1993) informa que a mudança de **j > w** ou vice-versa é bem conhecida de outros domínios linguísticos, citando exemplos dessa mudança que deve ter ocorrido em Tupinambá em comparação ao Tuparí: Tb **jakú**, Tr **wako** 'jacu'; Tb. **ayuru**, Tr. **a(w)oro** 'papagaio'; Tb **yekēʔa** 'armadilha para peixe', Tr **wekēʔa**; Tb **yí**, Aw. **kí** 'machado'. Ele informa ainda que a mudança de **j > t** e **k** é bem conhecida também no domínio Tupí: Awetí tem **k** correspondendo ao Tupí-Guarani **j** antes de uma vogal alta não-arredondada, e tem **t** antes de outras vogais: Tb **yí**, Aw **kí** 'machado'; Tb **peyu**, Aw. **petu** 'soprar'; Tb. **yaku**, Aw **taku** 'jacu'. Os alomorfes **d** e **g** podem ter surgido de **t** e **k**, respectivamente, em Boróro.

Para o caso do Karajá, que apresenta um **d** e um **l**, consideramos que essas formas sejam também reflexos de um ***j** que deve ter mudado para **d**, assim como

vimos em Boróro, podendo este ter perdido a oclusão e se tornado mais frouxo sob determinadas condições: *j > d > l.

Dando prosseguimento à nossa análise, não descartamos a possibilidade de essas línguas, no passado, terem uma outra forma concorrente na função de relacional. Sugerimos, portanto, uma forma *tʃ que tem como reflexo um ts no Timbira, um ʃ no Ofayé, dz em Kipeá e um dʒ em Guató.

Portanto, deve ter ocorrido um enfraquecimento na pronúncia do *tʃ em Timbira, resultando em uma africada alveopalatal surda: *tʃ > ts.

A explicação possível dada à mudança ocorrida em Ofayé pode ser justificada pela perda da oclusão inicial do morfema que era realizado como uma africada palatal surda: *tʃ > ʃ.

Em Kipeá, podemos supor que ocorreu um enfraquecimento como sugerido para o Timbira e a sonorização do fonema: *tʃ > *ts > dz.

Quanto ao Guató, pode ter havido uma mudança também bastante comum na história das línguas do mundo, que é a alteração de um som surdo para um sonoro: *tʃ > dʒ.

5.9.14 Análise comparativa dos marcadores de não-contiguidade da classe I: temas iniciados por consoante

Tabela 5.22 – Distribuição dos morfemas de não-contiguidade de temas da classe 1 em línguas Macro-Jê

Marcador de não-contiguidade em temas da classe 1										
	Pa	Ti	Kg	Xa	Of	Ka	Mx	Ki	Bo	Gu
	i-	i-		ʔi-	i-	i-	ʔi-	i-	i-	i-
	~	~					~	~	~	
	∅-	∅-	∅-				ʔ-	~	∅-	∅-
2. não-contiguidade		~							~	
		ku-							u-	
									~	
								si-	dʒ	

A partir dos dados apresentados na tabela acima, poderíamos pensar em três alomorfes que indicariam a não-contiguidade em um estágio anterior às línguas comparadas;

O primeiro alomorfe corresponderia a um morfema constituído de uma glotal, seguida de uma vogal alta central e uma consoante nasal: $*ʔin$. Assim, postulando um morfema com essas características, podemos explicar as mudanças ocorridas em todas as línguas apresentadas na tabela acima. O Panará, o Timbira, o Karajá e o Guató devem ter sofrido dois processos fonológicos envolvendo os três segmentos que constituem esse proto-morfema: elisão da consoante glotal, anteriorização da vogal alta central e elisão da consoante nasal: $*ʔin > *in > *in > i$.

Quanto ao Maxakalí, podemos supor que a vogal do proto-morfema tenha assimilado o traço de nasalidade da consoante final, antes que esta sofresse uma elisão: $*ʔin > ʔi$.

Já o reflexo do morfema de não-contiguidade em pré-Xavante apresenta mudança na qualidade da vogal, que deixa de ser central para ser mais anterior, além da elisão do segmento nasal que, antes de cair, nasaliza a vogal do morfema: $*ʔin > *ʔin > ʔi$.

Com respeito às mudanças ocorridas no morfema de não-contiguidade do Kipeá, temos a seguinte hipótese: a queda da consoante glotal e da consoante nasal, além da anteriorização da vogal: $*ʔin > i$.

No que diz respeito ao segundo alomorfe que postulamos para o marcador de não-contiguidade que consiga explicar as mudanças que resultaram nos reflexos nas línguas em questão, sugerimos a reconstrução de uma glotal $*ʔ$ que foi conservada em Maxakalí, mas se tornou \emptyset nas línguas Panará, Timbira, Kaingáng, Boróro e Guató, mas sem a possibilidade de constatar uma remota existência desse proto-forma nas línguas Xavante, Ofayé, Karajá e Kipeá.

Por fim, o terceiro alomorfe que postulamos é um $*ku$ que foi conservado em Timbira, mas sofreu uma elisão da consoante em Boróro: $*ku > u$.

Quanto ao **d3** encontrado em Boróro, não encontramos evidências de resquícios desse morfema nas outras línguas, impossibilitando uma comparação. Sobre o **si-** que ocorre em Kipeá, Rodrigues (2001, p. 228) sugere “*um cruzamento de base analógica entre s- da classe II e i- da classe I*”.

5.9.15 Análise comparativa dos marcadores de não-contiguidade da classe II: temas iniciados por vogal

Tabela 5.23 – Distribuição dos morfemas de não-contiguidade de temas da classe 2 em línguas Macro-Jê

Marcador de não-contiguidade em temas da classe 2										
	Pa	Ti	Kg	Xa	Of	Ka	Mx	Ki	Bo	Gu
	s-	h-	∅-	ts-	h-	h-	ʔi-	s-	∅-	i-
2. Não-contiguidade						~ d	~ ʔ-			~ j-

Sobre as marcas de não-contiguidade em temas da classe 2, excluímos dessa análise as formas que aparecem em Maxakalí, pois Rodrigues (2001, p. 226) já havia argumentado em favor de uma fusão das duas classe em uma só, com prevalência da classe I.

No que diz respeito aos alomorfes de não-contiguidade presentes em Guató, notamos que são os mesmos utilizados como marcas de não-contiguidade nos temas pertencentes à classe I, sugerimos, portanto, uma fusão dessas duas classe em uma só, assim como ocorreu em Maxakalí (lembrando que o **j-** é a forma assilábica do **i-** em contexto intervocálico).

Para as formas encontradas nas outras línguas, postulamos a reconstrução de um proto-morfema ***ts**, pois essa forma consegue dá conta das mudanças ocorridas em Panará e em Kipeá, ao considerarmos apenas a perda da oclusão inicial do proto-morfema: ***ts > s**.

Para as línguas Timbira, Ofayé e Karajá, propomos uma mudança baseada em um estágio intermediário antes de chegar ao reflexo **h**: mudança de ***ts > *s > h**.

Por fim, verificamos que o Xavante é a língua mais conservadora nesse caso, pois mantém a mesma forma do proto-morfema ***ts**.

5.10 Proposta preliminar de reconstrução dos marcadores de contiguidade e não-contiguidade do tronco Macro-Jê

Baseado nos resultados das comparações dos marcadores de contiguidade e não-contiguidade que produzimos neste capítulo, propomos reconstruções dos proto-morfemas que poderiam ter existido em um estágio anterior à diversidade linguística que temos hoje dentro do tronco Macro-Jê. Contudo, trata-se de reconstruções preliminares, visto que não foram comparados os morfemas de flexão relacional de todas as línguas que são consideradas membros do tronco. Apesar disso, consideramos plausíveis as reconstruções, pois a partir delas é possível explicar as mudanças que provavelmente ocorreram de uma língua para outra e que resultaram nos reflexos que conhecemos para cada uma das línguas aqui apresentadas. A seguir, apresentamos a tabela com nossa proposta de reconstrução para os morfemas de contiguidade e não-contiguidade do tronco Macro-Jê.

Tabela 5.25 – Proposta preliminar de reconstrução das flexões relacionais do tronco Macro-Jê

MACRO-JÊ		
	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	*∅-	*j- / *tʃ-
2. Não-Contiguidade	*ʔin- / *ʔ- / *ku	*ts-

5.11 O Guató no tronco Macro-Jê: algumas reflexões

Através da análise comparativa que realizamos neste capítulo, conseguimos reunir indícios de correspondências morfossintáticas entre o Guató e outras línguas do tronco Macro-Jê a partir de morfemas que correspondem em forma e em função.

Difícil seria admitir que as marcas de contiguidade e não-contiguidade encontradas na língua Guató sejam causadas pelo contato com os vários povos que falam as diferentes línguas que usamos na comparação; sugerindo, dessa forma, a possibilidade de empréstimo. Essa possibilidade é enfraquecida pelo fato de que se trata de traço estrutural muito forte que, tem poucas chances de ser originário de situações passadas de contato linguístico. Além disso, trata-se de uma das características que

motiva Rodrigues (2009) a pensar em um nexo envolvendo o tronco Tupí, a família Karíbe e o tronco Macro-Jê, uma vez que esse dispositivo morfossintático ocorre em diversas línguas desses ramos, sendo encontrados vestígios dessas marcas em outras línguas desses mesmos ramos. Consideramos, portanto, mais plausível a ideia de que as flexões de contiguidade e não-contiguidade encontradas em Guató sejam heranças genéticas compartilhadas com as outras línguas de nossa análise.

Para tentar reunir mais indícios de possíveis relações genéticas entre o Guató e línguas Macro-Jê apresentamos novas correspondências gramaticais entre essas línguas nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 6

VESTÍGIOS DA MARCA DE ERGATIVIDADE NA LÍNGUA GUATÓ: UM ESTUDO HISTÓRICO-COMPARATIVO ATRAVÉS DO TRONCO MACRO-JÊ

6.1 Introdução

Neste capítulo, retomamos o que Rodrigues (1999), Rodrigues, Cabral e Costa (2004), Santos (2008) e Camargos (2010) analisam como sendo expressão de ergatividade em algumas línguas do tronco Macro-Jê para, em seguida, tendo como referência as suas observações, analisamos os vestígios do que poderia ter sido uma expressão correspondente à ergatividade em Guató. Mostramos que os resultados de nossa investigação são fortalecidos pelo estudo de Palácio (1984), para quem essa língua mantém um sistema misto de alinhamento (como veremos a seguir), no qual destacam-se marcas ergativas/absolutivas na construção de perguntas.

Usamos o termo ergatividade neste capítulo para indicar um padrão gramatical em que o sujeito de oração transitiva (A) recebe um tratamento diferenciado do sujeito de oração intransitiva (S) que, por sua vez, é tratado da mesma forma que o objeto de oração transitiva (O), conforme Dixon (1994).

O objetivo deste capítulo é, então, o de recuperar as informações disponíveis que nos levam a pressupor que o Guató era uma língua de padrão ergativo; mas que, por causa dos rearranjos estruturais sofridos ao longo do tempo, apenas alguns indícios desse alinhamento foram mantidos. Cogitamos, portanto, a possibilidade de uma marca de ergatividade, que teria se combinado com agentes, ter desaparecido por conta das mudanças ocorridas na língua, mas sugerimos que a marca atual de terceira pessoa singular de verbo transitivo pode ter sido, no passado, o morfema que marcava o agente em construções transitivas na língua. Esse morfema teria sobrevivido apenas na terceira pessoa, que possivelmente não possuía forma fonológica, mas que teria sido reanalisado como uma marca de terceira pessoa. O que nos levou a interpretar tal possibilidade foi a verificação da presença de um alinhamento ergativo na terceira pessoa e o indício de

que o morfema de concordância ϵ em Guató seria cognato do morfema de ergatividade presente em línguas do tronco Macro-Jê.

Neste capítulo, então, apresentamos o paradigma das marcas pessoais que ocorrem em Guató combinadas com verbos transitivos, intransitivos e descritivos, conforme a descrição de Palácio (1984). Em seguida, reproduzimos os dados que foram registrados por Palácio (1984) que contêm vestígios de um sistema ergativo/absolutivo em orações interrogativas; por fim, apresentamos dados do Timbira, Maxakalí, Mebengokré, Panará e Xavante que exibem a marca de ergatividade, que seria um possível cognato do ϵ - do Guató e, a partir daí, construímos uma hipótese sobre possibilidade de uma origem comum desses morfemas através de parte das línguas consideradas como integrantes de um agrupamento genético Macro-Jê, na perspectiva de Rodrigues 1999.

6.2 A ergatividade em línguas do tronco Macro-Jê

Conforme Rodrigues (1999), há ergatividade em línguas Jê onde um A NP pode, pelo menos em alguns contextos, levar uma posposição que aparentemente tenha função ergativa:

Timbira:

- (6.1) i tɛ rɔp kak^hwĩn
 1sg **ERG + PAST** cachorro bater
 ‘eu (recentemente) bati no cachorro’

Com relação ao Maxakalí, Rodrigues (1999) observa que qualquer sentença transitiva tem seu sujeito marcado pela posposição ergativa **te**:

Maxakalí:

- (6.2) tik te kipik tʃit
 homem **ERG** machado afiar
 ‘o homem afia o machado’

- (6.3) kɨpik te mĩm kaʔok mep
 machado **ERG** madeira duro cortar
 ‘o machado corta madeira dura’

Uma outra língua apresentada em Rodrigues (1999) que marca o agente é o Kipeá, cuja ordem dos constituintes é VOA, sendo que o argumento A é marcado pela preposição ergativa no:

Kipeá:

- (6.4) sō hietsã no wo
 morder 1sg **ERG** cobra
 ‘a cobra me mordeu’

Rodrigues, Cabral e Costa (2004) apresentam também exemplos de manifestação de ergatividade em Xikrín (cf. CAMARGOS, 2010):

Xikrín:

- (6.5) i Ø -jé Ø- ʌmpré ket
 1 R¹ -**ERG** R²- pendurar NEG
 ‘eu não a pendurei’

- (6.6) i Ø- jé mebēgokré Ø- kabēn mári ηríre
 1sg R²- **ERG** Xikrín R²- falar saber pouco
 ‘eu sei falar um pouquinho de Xikrín’

O Panará, segundo Dourado (2001) apud Camargos (2010), apresenta no modo *realis* um sistema ergativo/absolutivo na relação argumento/verbo:

Panará:

- (6.7) prē he piɔ Ø =ti =Ø =wayã -ni pəriə
 alguém **ERG** NEG REAL.TR =3sg.ERG =3sg.ABS =fazer -PERF canoa.ABS
 ‘ninguém fez a canoa’

O Xavánte, conforme Santos (2008), apresenta orações nominais em que o núcleo do predicado é um verbo transitivo nominalizado. Ainda, segundo a autora (op.

cit), esse tipo de estrutura corresponde a orações relativas, a orações negadas e a orações subordinadas.

De acordo com Santos (2008), esses tipos de construções em Xavánte apresenta um morfema *te* ~ \emptyset ~ *te te* que ela postula ser formas da expressão de ergatividade⁷¹.

Xavánte:

(6.8) \emptyset **te** ʒi- bādzā -rĩ tsiʔōdō hã
 1 **ERG** 3- fazer -NZR cesto ENF
 ‘foi feito por mim, o cesto’

(6.9) \emptyset \emptyset ʒi- bādzā -rĩ tsiʔōdō hã
 2 **ERG** 3- fazer -NZR cesto ENF
 ‘foi feito por você, o cesto’

(6.10) \emptyset **te te** ʒi- bādzā -rĩ tsiʔōdō hã
 3 **ERG** 3- fazer -NZR cesto ENF
 ‘foi feito por ele, o cesto’

(6.11) \emptyset **te** \emptyset - poʔo ʔwaʔəhã ʔwa are ʒi: tsiwatsuʔu
 1 **ERG** 3- quebrar CONJ 1 POT 1- confessar
 ‘se eu tivesse quebrado, teria confessado’

(6.12) \emptyset **te** \emptyset - pa:wapto -p ʔō di
 1 **ERG** 3- ajudar -NZR NEG EST
 ‘eu não ajudo ele’

(6.13) \emptyset \emptyset \emptyset - pa:wapto -p ʔō di
 2 **ERG** 3- ajudar -NZR NEG EST
 ‘você não ajuda ele’

(6.14) \emptyset **te te** \emptyset - pa:wapto -p ʔō di
 3 **ERG** 3- ajudar -NZR NEG EST
 ‘ele não ajuda ele’

⁷¹ Santos (2008) informa que o alomorfe *te* combina com a primeira pessoa absoluta; já o alomorfe \emptyset combina com a segunda pessoa, que também não possui realização fonológica; e o alomorfe *te te* combina-se com a terceira pessoa.

Já o Boróro, de acordo com Camargos (2010), não manifesta uma marca morfológica específica para o caso ergativo-absolutivo, nem marcas pronominais associadas a caso, porém é possível identificar um alinhamento ergativo-absolutivo por meio do padrão sintático que a língua desenvolveu. Conforme Camargos (op.cit), o sujeito de verbos intransitivos e os objetos de transitivos precedem o núcleo do predicado verbal, enquanto que os sujeitos de verbos transitivos são seguidos pelo clítico *re*. Dessa forma, Camargos (op. cit) chega à seguinte conclusão:

Quando os sujeitos de predicados intransitivos e os objetos de predicados transitivos ocupam a posição pré-verbal, tem-se um padrão absoluto. Quando os sujeitos de predicados transitivos vêm seguidos do clítico *re*, tem-se um padrão ergativo (CAMARGOS, 2010, p. 45).

A seguir, apresentamos alguns dos exemplos do Boróro utilizados por Camargos (2010) para demonstrar (a) a ergatividade sintática nas orações independentes em construções transitivas e (b) o padrão absoluto em orações independentes em construções intransitivas.

Boróro (construções transitivas):

(6.15) [e re] P. ERG a k- aimo
 [3pl IND] 2sg R- banhar
 ‘eles banharam você’

(6.16) [i re] P. ERG i kirudo
 [1sg IND] 1sg arrastar
 ‘eu me arrastei’

(6.17) [i re] P. ERG bajtore korido
 [1sg IND] crianças machucar
 ‘eu machuquei as crianças’

(6.18) [u mode] P.ERG karo ko
 [3sg PROJ + IND] peixe comer
 ‘ele vai comer peixe’

- (6.19) [a mode] P.ERG karo Bowije
 2sg PROJ + IND] peixe Cortar
 ‘você vai cortar o peixe’

Boróro (construções intransitivas):

- (6.20) [i rakitjaru] P.ABS re
 [1sg emagrecer] IND
 ‘eu emagreci’
- (6.21) [∅ peagodi] P.ABS re
 [3sg peidar] IND
 ‘ele peidou’
- (6.22) [pa kodzari] P. ABS re
 [1pl (incl) tossir] IND
 ‘nós tossimos’
- (6.23) [a kwage] P. ABS mode
 [2sg comer] PROJ + IND
 ‘você vai comer’
- (6.24) [a vudi] P.ABS mode
 [2sg cair] PROJ + IND
 ‘você vai cair’

6.3 A expressão pessoal nos verbos em Guató

Em Guató, os verbos se combinam com formas pessoais que, por sua vez, são realizadas como prefixos ou sufixos (PALÁCIO, 1984, p. 63). No entanto, as flexões pessoais não são as mesmas para todos os tipos de verbos existentes em Guató; e, como mostra Palácio (op. cit.), há quatro classes de verbos: transitivos, intransitivos, descritivos e auxiliares.

6.3.1 A expressão pessoal do sujeito em verbos transitivos em Guató

A expressão de sujeito nos verbos transitivos é realizada pelos seguintes morfemas: *-yo* (sufixo de primeira pessoa do singular); *g^va-* (prefixo de segunda pessoa); *ε-* (prefixo de terceira pessoa); *ga-* (prefixo de primeira pessoa do plural inclusiva); *ǰa-* (prefixo de primeira pessoa do plural exclusiva) e *bε-* (terceira pessoa do plural) (cf. PALÁCIO, 1984, p. 64).

Exemplos de sentenças transitivas com os marcadores pessoais de sujeito, apresentados por Palácio (1984) são:

(6.25) na- ro -yo g- égití
 IND- comer -1sg DET- peixe
 ‘como peixe’

(6.26) na- g^va- ro go- číadá
 IND- 2sg- comer DET- fruta
 ‘comes fruta’

(6.27) n- ε- bagáki -o
 IND- 3sg- bater -1
 ‘ele bate em mim’

(6.28) gókó ma- ga- bagáki -∅
 nós IMPF- 1d- bater 3sg
 ‘nós batemos nele’

(6.29) ma- ǰa- dóka go- Ro da bε- teheyé
 IMPF- 1pl- dar-lhes DET- comida quando 3pl- chegando
 ‘nós demos comida a eles quando eles estavam chegando’

(6.30) da- bε- kí
 o que- 3pl- pescar
 ‘o que eles pescam?’

6.3.2 A expressão pessoal de sujeito em verbos intransitivos e descritivos em Guató

Conforme Palácio (1984), os sujeitos de verbos intransitivos e descritivos são manifestados nos verbos de duas formas: (a) para as pessoas do singular, as marcas pessoais de sujeito são as mesmas encontradas para expressar a função de objeto e (b) as marcas de sujeito para as pessoas do plural são idênticas às do sujeito de verbos transitivos.

Exemplos de sentenças intransitivas com os marcadores pessoais de sujeito (PALÁCIO, 1984):

(6.31) tofé **-yo**
 bem grande **-1sg**
 ‘*sou bem grande*’

(6.32) n- ák^wó **-he**
 IND- branco **-2sg**
 ‘*és branca*’

(6.33) n- **-∅** áčígĩ
 IND- **-3sg** cair
 ‘*ele cai*’

(6.34) na- **g-** áčígĩ
 IND- **1d-** cair
 ‘*caímos*’

(6.35) na- **ja-** kɨni
 IND- **1pl-** dormir
 ‘*dormimos*’

(6.36) na- **bɛ-** kɨni
 IND- **3pl-** dormir
 ‘*dormem*’

6.3.3 A expressão de marcas pessoais de objeto em verbos transitivos em Guató

Apresentamos, a seguir, exemplos com marcas pessoais de objeto em orações transitivas em Guató.

(6.37) n- ε- bagáki -o
 IND- 3- bater -1sg
 ‘ele bate em mim’

(6.38) n- ε- bagáki -he
 IND- 3- bater -2sg
 ‘ele bate em você(s)’

(6.39) gókó ma- ga- bagáki -∅
 nós IMPF- 1d- bater -3sg
 ‘nós batemos nele’

(6.40) na- **je-** bagáki
 IND- **1pl-** bater
 ‘ele(s) bate(m) em nós’

(6.41) na- **ge-** bagáki
 IND- **1d-** bater
 ‘ele(s) bate(m) em nós’

(6.42) na- g^wa- **ja-** bagáki
 IND- 1d- **1pl** bater
 ‘você bate em nós’

Palácio (1984, p. 71) apresenta um resumo geral da flexão pessoal dos verbos⁷²:

Tabela 6.1 – Flexão pessoal dos verbos em Guató (PALÁCIO, 1984)

Pessoa	S de Trans.	S de intr/descr	O bjeto
1sg	-yo	-yo	-yo
2sg/pl	g ^w a-	-he	-he
3sg	ε-	-∅	-∅
1d	ga-	ga-	gε-
1pl	ǰa-	ǰa-	ǰε-
3pl	bε-	bε-	∅-

A partir de sua análise, Palácio (1984) chega à conclusão de que a língua Guató obedece a um sistema de alinhamento misto, pois se trata de uma língua que apresenta uma neutralização na primeira pessoa, visto que a flexão pessoal de primeira singular ocorre para marcar tanto sujeito de verbos transitivos e intransitivos, quanto objetos. A segunda e a terceira pessoa do singular apresentam um padrão de alinhamento ergativo/absolutivo, pois a marca de pessoa para o sujeito de verbo transitivo é diferente da marcação de pessoa do sujeito de intransitivo e do objeto de transitivo. Sobre as três pessoas do plural (1d, 1pl e 3pl), Palácio (1984) afirma que elas seguem o sistema nominativo/acusativo, pois apresentam uma forma flexional de sujeito de transitivo e intransitivo diferente da marca para o objeto.

⁷² Os exemplos (6.40), (6.41) apresentam somente o objeto e apagam o sujeito, enquanto que no exemplo (6.42), ocorre simultaneamente o sujeito e o objeto. Sobre esse fenômeno, Palácio (1984, p. 68) apresenta duas alternativas para explicar o problema das combinações 3-1p, 3-1d, 3p-1p e 3p-1d. A primeira delas é que os resultados dessas combinações sejam frutos de sucessivas mudanças: neutralização entre as terceiras pessoas (ε, bε > ε); harmonização vocálica (ε-ga- > ε-gε; ε-ǰa- > ε-ǰε) e aférese (ε-gε > gε; ε-ǰε > ǰε). A segunda alternativa é considerar que a primeira pessoa do plural na função de objeto seja ǰε mesmo em todas as combinações, sendo que a vogal do morfema sofre apenas harmonização vocálica quando combinado com a segunda pessoa: g^wa-ǰε > g^wa-ǰa. Palácio (1984) considera a segunda alternativa mais convincente e mais econômica, visto que a explicação dá conta do problema sincronicamente, é necessário apenas uma regra para explicar a mudança da qualidade da vogal do morfema e o desaparecimento da marca de flexão do sujeito é comum em Guató.

6.4 O uso da marca de terceira pessoa singular em sentenças intransitivas

Em outro momento, apresentamos uma sentença que continha um verbo transitivo intransitivizado pelo sufixo **-gi**. Na ocasião, consideramos a possibilidade de um desvio do sistema da língua na fala do informante específico de Palácio. Justificamos, para tanto, o fato de a língua se encontrar em um estado de obsolescência tal que pudesse ter gerado esse desvio por parte do colaborador da pesquisa de Palácio (1984).

(6.43) véi- ε- rō -gi gátjóni
 NEG- 3sg comer -INTR hoje
 ‘*ele não comeu hoje*’

Além desse, outro dado em Palácio nos chamou a atenção (cf. PALÁCIO, 1984, p. 77):

(6.44) dávekígí da ε dekídzá
 quando CONJ -3s vir
 ‘*quando ele vem?*’

Consideramos aqui que o uso da marca de terceira pessoa de verbo transitivo em orações intransitivas possa ser também mais um lapso do colaborador de Palácio (1984).

6.5 Partículas interrogativas em Guató: resquícios de um sistema ergativo/absolutivo?

Além do alinhamento ergativo/absolutivo presente na marcação do sujeito de verbos transitivos para a segunda e terceira pessoa singular, o Guató apresenta uma distribuição de partículas interrogativas que indagam sobre o sujeito, sendo a forma **dí** 'quem' para sujeito de transitivo e as formas **déhega** 'quem' e **déra** 'o que' para indagar o sujeito de intransitivo e descritivo, bem como o objeto de sentenças transitivas (cf. PALÁCIO, 1984, pp. 75-79).

(6.45) **dí** gũ -di go- ve
quem matar -AUX DET- cachorro
 'quem matou o cachorro?'

(6.46) **dí** dóki -di go- ri
quem trazer -AUX DET- carne
 'quem trouxe a carne?'

(6.47) **dí** ti
quem falar
 'quem falou?'

(6.48) **déhega** g- átjígĩ
quem DET- cair
 'de quem foi a queda?'

(6.49) **déra** g- átjígĩ
que DET- cair
 'de que foi a queda?'

(6.50) **déhega** ε- bagáki
quem 3sg- bater
 'em quem ele bateu?'

(6.51) **déra** g^wa- d3ó
que 2sg- ver
 'o que você vê?'

Conforme Palácio (1984, p. 79), o Guató ainda possui duas partículas interrogativas que indagam sobre o local da realização de um evento. Uma partícula é **yog^{wá}** ‘*onde*’ que ocorre em estruturas com verbos intransitivos. A outra partícula é **yo** ‘*onde*’ que ocorre em estruturas com verbos transitivos.

(6.52) **yog^{wá}** kíni -ru
onde dormir -1sg
 ‘*onde vou dormir?*’

(6.53) **yo** g^wa- gábogehi go- ta
onde 2sg- acender DET- fogo
 ‘*onde você vai acender o fogo?*’

De acordo com Palácio (1984, p. 79), há ainda duas outras partículas que servem para interrogar onde ocorre ou ocorreu a ação: **heg^{wá}** e **dag^{wá}**. A pesquisadora informa que essas partículas ocorrem somente em estruturas intransitivas:

(6.54) **heg^{wá}** kíni -rehe
onde dormir -2sg
 ‘*onde você dorme?*’

(6.55) **dag^{wá}** kíni -rehe
onde dormir -2sg
 ‘*onde você dorme?*’

Especificamente sobre as construções interrogativas de sentenças transitivas, Palácio (1984, p. 76) chama a atenção para o fato de que a partícula **dí** ‘*quem*’ exige a presença do auxiliar **di** quando o objeto está expresso:

(6.56) **dí** dóki -**di** go- ri
quem trazer -**AUX** DET- carne
 ‘*quem trouxe a carne?*’

(6.57) **dí** gũ **-di** go- ve
quem matar **-AUX** DET- cachorro
 ‘quem matou o cachorro?’

Outros dados de Palácio (1984) mostram a ocorrência de **di** com outra partícula interrogativa, **dári**:

(6.58) **dári** g^wa **-di** da ógógĩ -rehe
como 2sg- **-fazer** para beber água -2sg
 ‘como você bebe água?’ ‘como você faz para beber água?’

(6.59) **dári** g^wa- **-di** da g^wa- gũ g- épagu
como 2sg- **fazer** para 2sg- matar DET- onça
 ‘como você mata a onça?’ ‘como você faz para matar onça?’

(6.60) **dári** g^wa- **-di** g^wa kí -rehe
como 2sg- **-fazer** para pescar -2sg
 ‘como você pesca?’ ‘como você faz para pescar?’

(6.61) **dári** g^wa- **-di** g^wa káni -rehe
como 2sg- **fazer** para dormir -2sg
 ‘como você dorme?’ ‘como você faz para dormir?’

A respeito dos exemplos (6.57)-(6.60), Palácio afirma que

O emprego dessas partículas conjuntivas revela uma manifestação de ergatividade sintática em Guató. Podemos sumarizar estas observações sugerindo que a estrutura com **dári** requer uma oração subordinada ergativa, marcada por **da**, se seu objeto estiver expresso, e uma oração subordinada absoluta, marcada por **g^wá**, se não houver objeto (PALÁCIO, 1984, p. 118-119).

Palácio (1984, p. 119) ainda acrescenta o fato de a classificação do verbo **di** está condicionada ao tipo de estrutura a que ele pertence, isto é, o **di** pode ser considerado um auxiliar nas sentenças interrogativas transitivas e pode ser considerado um verbo principal nas interrogativas com **dári**. Reproduzimos os dados que a pesquisadora apresenta para esclarecer sua análise:

(6.62) dí kayé -**di** -yo
 quem chamar -**AUX** -1sg
 ‘quem me chamou?’

(6.63) na- g^wa- -d3ó -**di**
 IND- 2sg ver -**AUX**
 ‘quem me viu?’

(6.64) dári g^wa- **di** g^wa roḡĩ -rehe
 como 2sg- **fazer** para comer -2sg
 ‘como você faz para comer?’ ‘como você come?’

(6.65) dári g^wa- **di** da g^wa- ro go- d3éru
 como 2sg- **fazer** para 2sg- comer DET- milho
 ‘como você faz para comer milho?’ ‘como você come milho?’

6.6 O ε em Guató: de partícula ergativa a marcador de terceira pessoa do singular?

Quanto ao uso do ε- em sentenças transitivas, Rodrigues (1999) relata que esse morfema é de uso obrigatório para marcar a concordância de sujeitos e de maneira alguma serviria como marca de não-contiguidade, visto que ele ocorre mesmo quando os sintagmas nominais são expressos na sentença. Os exemplos utilizados por Rodrigues (1999) são reproduzidos a seguir:

(6.66) n(a)- -ε- bagáki -he
 INDIC- -3sgA- bater -2O
 ‘ele te bate’

(6.67) n(a)- -ε- bagáki -∅ go- dé g- óhad3a
 INDIC- -3sgA- bater -3sgO DET- homem DET- mulher
 ‘o homem bate na mulher’

Rodrigues (1999) parece estar certo ao afirmar que se trata de uma marca obrigatória de concordância de 3sg no verbo transitivo para indicar o sujeito da sentença

e de não ser um marcador de não-contiguidade. No entanto, há dados em Palácio (1984) em que o ϵ ora aparece em uma sentença com verbo transitivo seguido de um afixo derivacional intransitivizador, $-\text{gi}$, ora é omitido numa construção semelhante, demonstrando uma oscilação, mesmo que rara, no grau de obrigatoriedade desse morfema em estruturas dessa natureza, pondo em dúvida se sua função é restrita apenas a marcação de sujeito de transitivos, ou se esse único dado se trata de mais um caso de desvio ocasionado pelo estado de obsolescência da língua:

(6.68) véi- ϵ - rō -gi gátjóni
 NEG- 3sg- comer -INTR hoje
 ‘ele não comeu hoje’

(6.69) na- \emptyset - rō -gi -ti tʃógani
 IND- 3sg- comer -INTR -FUT amanhã
 ‘ele vai comer amanhã’

Sobre a ideia de Rodrigues (1999) de não considerar a forma ϵ como marca de não-contiguidade, nós já vimos que ele tem razão, pois essa função é exercida pelo morfema i- sob a forma j- nos sintagmas verbais transitivos cujo núcleo é iniciado por um segmento vocálico, e \emptyset - quando o núcleo do sintagma verbal transitivo é iniciado por consoante.

No que diz respeito ao fato de considerar o ϵ como uma marca de concordância de sujeito de verbo transitivo, acreditamos que sincronicamente essa proposta seja incontestável. No entanto, consideramos também que sua origem pode estar relacionada a uma marca de ergatividade que possivelmente tenha existido em um estágio anterior da língua.

Em nossa análise, verificamos que, diferentemente das línguas Macro-Jê que desenvolveram uma marca de terceira pessoa a partir da flexão de não-contiguidade, o Guató manteve historicamente um morfema com essa função. Porém, enquanto muitas línguas Macro-Jê mantiveram uma marca de ergatividade, o Guató provavelmente reduziu os contextos em que essa marca teria ocorrido à medida que as antigas marcas pessoais iam se tornando prefixos. Contudo, tal morfema deve ter se fixado na posição da terceira pessoa, devido ao fato de esse morfema ter sido vazio de conteúdo fonológico. Com isso, explicamos porque o morfema ϵ ocorre somente em sentenças

transitivas na função de sujeito, e não em sentenças intransitivas e em objetos de transitivas.

Sugerimos, portanto, que o morfema ϵ do Guató seja um possível candidato a correspondente da marca de ergatividade ainda presente em Timbira, em Panará, em Mebengokré, em Maxakalí e em Xavánte, como pode ser visto nos dados abaixo:

Timbira (POPJES & POPJES, 1986 apud RODRIGUES, 1999):

(6.70) i **te** pĩ.co j- ũʔk^hər
 1sg **ERG.PAST** árvore.fruta CNT- comprar
 ‘eu comprei fruta’

Panará (RODRIGUES, 1999):

(6.71) mara **hε** rōkre i- te
 3sg **ERG** coçar NCNT- Perna
 ‘ele coçou a perna’

Mebengokré (RODRIGUES; CABRAL & COSTA (2004) apud CAMARGOS, 2010):

(6.72) i \emptyset -jé \emptyset - Δmpré Ket
 1 R¹ **-ERG** R²- pendurar NEG
 ‘eu não a pendurei’

Maxakalí (PEREIRA, 1992, p. 88 apud RODRIGUES, 1999):

(6.73) tik **te** kipik tjit
 homem **ERG** machado afiar
 ‘o homem afia o machado’

Xavánte (RODRIGUES; CABRAL & SOARES (2005) apud SANTOS, 2008):

(6.74) \emptyset **te** ʔi- bādzā -rĩ tsiʔödō hā
 1 **ERG** 3- fazer -NZR cesto ENF
 ‘foi feito por mim, o cesto’

Guató (PALÁCIO, 1984):

(6.75) ma- ε ∅- tá go- ve g- otjádzá
 IMPF- 3sgA NCNT- morder DET- cachorro DET- cobra
 ‘o cachorro mordeu a cobra’

(6.76) ma- ε ∅- tá g- otjádzá go- ve
 IMPF- 3sg- NCNT- morder DET- cobra DET- cachorro
 ‘a cobra mordeu o cachorro’

Acreditamos ainda que o ε não pode ser considerado de fato um prefixo, tendo em vista a sua ocorrência, em algumas estruturas, mediado por morfologia que associamos à flexão relacional encontrada em outras línguas indígenas do Brasil, conforme tem identificado Rodrigues (1953, 1981, 1984/1985, 1999, 2001), e como já enfatizamos no capítulo anterior. Reproduzimos, entretanto, alguns dos exemplos contendo dados relevantes para a presente discussão:

(6.77) n- ε- j- óki
 IND- 3sg- NCNT- beber
 ‘ele bebe’

(6.78) n- ε- j- óg^wa
 IND- 3sg- NCNT- lavar
 ‘ele lava’

(6.79) n- ε- j- ókoro
 IND- 3sg- NCNT- coçar
 ‘ele coça’

Como demonstramos até aqui, é possível que o morfema ε do Guató seja cognato das formas encontradas nas línguas contempladas neste estudo. Sendo que nessas línguas elas funcionam de fato como uma marca morfológica da expressão da ergatividade, enquanto que em Guató sua função foi alterada, passando a ser a marca de sujeito de terceira pessoa em construções transitivas.

Tabela 6.2 – Expressão de ergatividade em línguas do tronco Macro-Jê

Marcas de ergatividade em línguas do tronco Macro-Jê					3sgA
Timbíra	Panará	Mebengokré	Maxakalí	Xavánte	Guató
te	he	jé	te	te	ε

Pudemos perceber neste estudo que a ergatividade parece ser uma característica compartilhada por línguas do tronco Macro-Jê, embora esse alinhamento se apresente de forma distinta nas diferentes línguas analisadas. Sendo por meio de preposição em Kipeá ou posposição em Timbíra, em Panará e em Maxakalí, por exemplo; ou por meio de ergatividade sintática, como é o caso do Boróro.

6.7 O Guató e o tronco Macro-Jê: algumas reflexões

Neste capítulo, apresentamos uma breve discussão sobre a presença de vestígios de um padrão ergativo/absolutivo em Guató conforme a descrição de Palácio (1984).

A respeito do *status* do morfema ε em Guató, classificado por Palácio (1984) como uma marca de concordância de terceira pessoa do singular em sentenças transitivas, avaliamos a sua distribuição e a sua função e, em seguida, a comparamos com as marcas de ergatividade encontradas em línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê.

Com base na comparação, sugerimos que o ε, atualmente uma marca de sujeito de verbos transitivos em Guató, deve ter sido o morfema que marcava o agente em um estágio anterior da língua; provavelmente antes de terem se desenvolvido os outros padrões de alinhamento, de acordo com a flexão de pessoa.

Sabemos, contudo, que características tipológicas por si mesmas não servem como critério para a classificação genética de línguas; no entanto, o que vimos neste capítulo, somado às evidências gramaticais do capítulo anterior, além dos indícios de correspondências sonoras regulares resultantes da comparação lexical que produzimos no capítulo 4, não podemos desconsiderar a possível conexão genética do Guató com o tronco Macro-Jê, assim como postula Rodrigues (1986).

No capítulo seguinte, apresentamos uma comparação com foco no último aspecto gramatical que decidimos analisar nesta tese. Trata-se do desenvolvimento da marca de plural em Guató que aparenta ser um candidato a cognato da partícula de

plural encontrado em línguas Jê setentrionais, além da possibilidade de relação genética entre o que Palácio considera como sufixo generalizador e as marcas de plural encontradas em outras línguas do tronco Macro-Jê.

CAPÍTULO 7

A MARCAÇÃO DE PLURAL NA LÍNGUA GUATÓ: UM ESTUDO HISTÓRICO-COMPARATIVO ATRAVÉS DO TRONCO MACRO-JÊ

7.1 Introdução

Neste capítulo, desenvolvemos primeiramente breves considerações sobre a marcação de plural em línguas do tronco Macro-Jê, com o objetivo de reunir elementos que possam ser usados como referência para uma comparação da marcação de plural no Guató com essas línguas. Para tanto, consideramos inicialmente as informações disponíveis sobre a questão do número no Macro-Jê, disponíveis em Rodrigues (1999), pois em seu trabalho, Rodrigues (op. cit) apresenta dados de três línguas que se comportam diferentemente na marcação do número: Boróro, Kaingáng e Xavánte. Acrescentamos também, neste capítulo, as marcações de plural encontradas em outras línguas que constituem o tronco Macro-Jê como, por exemplo, Pykobyê, Apinajé, Xoklém, Maxakalí, Rikbáktsa e Ofayé.

Apresentamos, em seguida, dados do Guató (cf. PALÁCIO, 1984) em que há ocorrência de uma partícula que pode ser comparada à forma que transmite a ideia de plural encontrada em línguas Jê setentrionais (Xikrín, Pykobyê e Apinajé, etc.).

Outra forma de marcar plural em Guató é a que Palácio (1984) considera um sufixo generalizador. Essa forma pode ser comparada à marcação de plural encontrada em Maxakalí e Rikbáktsa.

Os objetivos deste capítulo, portanto, são (a) fazer uma aproximação da forma de plural do Guató com as formas encontradas em algumas línguas do tronco Macro-Jê; (b) testar uma hipótese de que as marcas encontradas em Guató correspondem às mesmas formas encontradas nas línguas selecionadas aqui para a comparação; (c) discutir a validade o uso das expressões de plural em Guató para ampliar possíveis relações genéticas entre o Guató e outras línguas do tronco Macro-Jê, contribuindo

assim para a hipótese de Rodrigues sobre a possibilidade de o Guató ser um membro desse tronco e não uma língua isolada conforme sugerem outros pesquisadores.

7.2 A questão do número em Macro-Jê

Rodrigues (1999) afirma que a marca de plural no substantivo não é morfologicamente expresso na família Jê, mas é manifestado de forma diversa em outras famílias do tronco Macro-Jê. Apresentamos, a seguir, algumas das estratégias de marcação de plural utilizadas em diversas línguas do tronco em questão.

7.2.1 O plural em Pykobyê e em Apinajé (ramo setentrional da família Jê)

O Pykobyê e o Apinajé, línguas do complexo Timbira, apresentam a ocorrência de uma partícula que antecede o nome que pluraliza:

Pykobyê (AMADO, 2004):

Tabela 7.1 – O número em Pykobyê (AMADO, 2004)

Forma singular	Glosa	Forma plural	Glosa
homre	'homem'	mẽ homre	'homens'

Apinajé (KOOPMAN et. al., 1979):

Tabela 7.2 – O número em Apinajé (KOOPMAN, et. al., 1979)

Forma singular	Glosa	Forma plural	Glosa
'õja	'quem'	mẽ 'õja	'quem (pl)'

7.2.2 O plural em Xavánte (ramo central da família Jê)

Segundo Rodrigues (1999), o Xavánte expressa a distinção de número de argumentos nominais (sujeito e objeto) por meio da concordância verbal e distingue sistematicamente três números: singular, dual e plural:

Tabela 7.3 – O número em Xavánte (RODRIGUES, 1999)

Singular	Dual	Plural	Glosa
wara	atʃbrō(i),	tʃitʃaʔre	'correr'
wi	ajmatʃitʃi	ajhutu	'chegar'
wĩ(ri)	parĩ	tʃibrō	'matar'
bẽ(i)	wabdzu(ri)	tabrã	'jogar'

7.2.3 O plural em Kaingáng e em Xoklém (ramo meridional da família Jê)

Conforme Rodrigues (1999), o Kaingáng (dialeto do Paraná) não possui marcador de plural nos nomes; no entanto, apresenta pronomes no plural ou prefixos pessoais para expressar o plural nos verbos.

Além dos pronomes pessoais para a terceira pessoa masculina e feminina: **ʔaŋ** 'eles (masc.)', **ɸaŋ** 'elas (fem.)', o Kaingáng também possui verbos no plural para concordar com o sujeito ou o objeto plural, mesmo que os nomes não sejam marcados por número (pl.), conforme Rodrigues (1999).

Outros dispositivos morfológicos encontrados em Kaingáng são a prefixação, a infixação, a reduplicação ou a combinação de dois desses processos. No entanto, eles só ocorrem para marcar o plural nos verbos (cf. RODRIGUES, 1999):

Tabela 7.4 – O número em Kaingáng (CAVALCANTE, 1987 apud RODRIGUES, 1999)

SG (S ou O)	PROCESSO MORFOLÓGICO	PL (S ou O)	Glosa
pra	Prefixação	kĩpra	'morder'
ɸãnã	Infixação	ɸãŋnã	'usar quase todos'
ɸi	Prefixação e infixação	kĩŋɸi	'tecer'
kajãm	Infixação	kĩŋjãm	'pagar, comprar'
kõm	Reduplicação	kõmkõm	'cavar'
kõŋun	Reduplicação	kõŋunŋun	'branquear'
mraŋ	Reduplicação	mĩŋmraŋ	'quebrar'
nĩ	Reduplicação e infixação	nĩŋnĩ	'sentar'
we	Reduplicação e infixação	wiŋwe	'ver'
rã	Supressão	ŋe	'ir em'

Quanto à língua Xoklém (ou Laklãnõ), falada em Santa Catarina, embora seja do mesmo sub-ramo do Kaingáng, se comporta diferentemente desta no que diz respeito

à marcação de plural; pois, contrariamente ao Kaingáng, o Xoklém tem um sufixo para marcar plural nos nomes, como pode ser visto nos exemplos a seguir.

Xoklém (GAKRAN, 2005):

Tabela 7.5 – O número em Xoklém I (GAKRAN, 2005)

Forma singular	Glosa	Forma plural	Glosa
kuzó	'velho'	kuzó-óg	'velhos'
kuzó-tôta	'velha'	kuzó-tôta-óg	'velhas'

Vale ressaltar que o sufixo **-óg** para marcar plural nos nomes possui a mesma forma encontrada para a terceira pessoa do plural: **óg** 'eles/elas' (cf. GAKRAN, 2005).

Conforme a descrição de Gakran (2005), o Xoklém possui também uma palavra que funciona como quantificador na língua: **kabág** 'muitos':

Xoklém (GAKRAN, 2005):

Tabela 7.6 – O número em Xoklém II (GAKRAN, 2005)

Forma singular	Glosa	Forma plural	Glosa
zág	'pinheiro'	zág kabag	'muitos pinheiros'
kagklo	'peixe'	kagklo kabág	'muitos peixes'

Interessante observar também que a partícula utilizada por Pykobjê e Apinajé (duas línguas Jê do ramo setentrional) para evidenciar o plural possui a mesma forma da partícula que antecede os pronomes pessoais 1pl, 2pl e 2pl usada em Xoklém como uma forma de enfatizar o plural (GAKRAN, 2005):

Tabela 7.7 – A partícula *mẽ* em Xoklém (GAKRAN, 2005)

Formas pronominais	Glosa
mẽ ãg	'nós mesmos'
mẽ ahã	'vocês mesmos'
mẽ óg	'eles mesmos/elas mesmas'

7.2.4 O plural em Ofayé (família Ofayé)

Gudschinsky (1974) informa que o plural em Ofayé é basicamente feito pelo sufixo **-jɛ** com dois alomorfes: **-ɛ** (em sílabas finais CVq) e **-jɛ** (em outros ambientes):

Ofayé (GUDSCHINSKY, 1974):

Tabela 7.8 – O número em Ofayé I (GUDSCHINSKY, 1974)

Forma singular	Glosa	Forma plural	Glosa
'pir'waq	'porco'	'pir'waq-ɛ	'porcos'
'wo'gy'nỹq	'cervo'	'wo'gy'nỹq-ɛ	'cervos'
'yh'pat'fɛq	'cavalo'	'yh'pat'fɛq-ɛ	'cavalos'
'jyky'hɛgn	'arco'	'jyky'hɛgn-jɛ	'arcos'
'pek'tayn	'morcego'	'pek'tayn-jɛ	'morcegos'
'hɛg'tɛw	'raiz'	'hɛg'tɛw-jɛ	'raízes'
'hɛw-n	'rã pequena'	'hɛw-n-jɛ	'rãs pequenas'
'ỹ-ʃɛ-tn	'dente pequeno dele'	'ỹ-ʃɛ-tn-jɛ	'dentes pequenos deles'

Ainda sobre o Ofayé, Oliveira (2006) apresenta outros alomorfes para a marcação de plural, conforme o ambiente fonético em que o morfema **-je** ocorre:

Ofayé (OLIVEIRA, 2006):

Tabela 7.9 – O número em Ofayé II (OLIVEIRA, 2006)

Forma singular	Glosa	Forma plural	Glosa
i	'cabelo'	i-jɛ	'cabelos'
ĩ	'mão'	ĩ-jɛ	'mãos'
tikã	'animal'	tikã-jɛ	'animais'
ãf ^w ara	'pé'	ãf ^w ara-dʒɛ	'pés'
ãʃe	'dente'	ãʃe-ʔɛ	'dentes'
ãnödʒi	'banco'	ãnödʒi-ɛ	'bancos'

7.2.5 O plural em Rikbáktsa (família Rikbáktsa)

De acordo com Boswood (2007), a marcação de plural em Rikbáktsa é feita por meio do sufixo **-tsa** nos nomes masculinos e por **-za** nos nomes femininos:

Rikbáktsa (BOSWOOD, 2007):

Tabela 7.10 – O número em Rikbáktsa (BOSWOOD, 2007)

Forma singular	Glosa	Forma plural	Glosa
maku	'homem'	maku- tsa	'homens'
tsikba	'arara'	tsikba- tsa	'araras'
pazahare	'porco'	pazahare- tsa	'porcos'
rikkak	'canoeiro'	rikkak- tsa	'canoeiros'
sije	'mãe dele'	sije- za	'as mães deles'
aste	'filha dele'	aste- za	'as filhas deles'
pazahare	'porca'	pazahare- za	'as porcas'

7.2.6 O plural em Maxakalí (família Maxakalí)

Em Maxakalí, usa-se um sufixo para marcar o plural de nomes. Segundo Araújo (2000), faz-se uso desse sufixo somente em casos extremos:

Maxakalí (ARAÚJO, 2000):

Tabela 7.11 – O número em Maxakalí (ARAÚJO, 2000)

Forma singular	Glosa	Forma plural	Glosa
kak	'criança'	kak- tfop	'crianças'
kokej	'cachorro'	kokey- tfop	'cachorros'

7.2.7 O plural em Boróro (família Boróro)

Para o Boróro⁷³, Rodrigues (1999) afirma que essa língua possui várias formas de pluralizar os substantivos:

a) Sufixo **-e** para formar plural em nomes de animais não-domesticados:

Tabela 7.12 – O número em Boróro I (CROWELL, 1979)

Singular	Glosa	Plural	Glosa
dʒomo	'lontra'	dʒomo-e	'lontras'
apɜgɜ	'anta pequena'	apɜgɜ-e	'antas pequenas'
meri	'sting ray'	meri-e	'sting ray'
apɜdɜ	'tucanuçu'	apɜd-e	'tucanuçus'
karɜ	'peixe'	kar-e	'peixes'
pai	'bugio'	pa-e	'bugios'
orari	'bagre pintado'	orar-e	'bagres pintados'

b) Sufixo **-ge** para formar o plural de palavras nominalizadas através do sufixos **-wi** e do sufixo **-epa**:

Tabela 7.13 – O número em Boróro II (CROWELL, 1979)

Singular	Glosa	Plural	Glosa
wɜewi	'um a partir daqui'	wɜewi-ge	'Alguns a partir daqui'
uturiwi	'aquele que foi'	uturiwi-ge	'aqueles que foram'
dʒorubokuruepa	'doutor, enfermeira'	dʒorubokuruepa-ge	'doutores, enfermeiras'

c) Sufixo **-doge** para formar o plural de nomes que designam animais domésticos e nomes de grupos de pessoas:

Tabela 7.14 – O número em Boróro III (CROWELL, 1979)

Singular	Glosa	Plural	Glosa
bɜiga	'arco'	bɜiga-doge	'arcos'
arigao	'cachorro'	arigao-doge	'cachorros'
kaiamo	'índio Xavánte'	kaiamo-doge	'índios Xavánte'
paga	'enseada'	paga-doge	'enseada'

⁷³ A fonte original dos dados do Boróro são de Crowell (1979).

d) O sufixo **-mage** para formar o plural de outros termos, como parentesco:

Tabela 7.15 – O número em Boróro IV (CROWELL, 1979)

Forma singular	Glosa	Forma plural	Glosa
mana	<i>‘irmão mais velho’</i>	mana- mage	<i>‘irmãos mais velhos’</i>
wagedo	<i>‘filho mais novo’</i>	wagedo- mage	<i>‘filhos mais novos’</i>
ta d3e	<i>‘mãe de vocês’</i>	tad3e- mage	<i>‘mães de vocês’</i>

e) O apagamento da terminação **-di** de nomes genéricos para expressar o coletivo:

Tabela 7.16 – O número em Boróro V (CROWELL, 1979)

Forma singular	Glosa	Coletivo	Glosa
imed di	<i>‘um homem’</i>	ime	<i>‘homens’</i>
ipared di	<i>‘um homem’</i>	ipare	<i>‘homens jovens’</i>
aremed di	<i>‘uma mulher’</i>	areme	<i>‘mulheres’</i>
bared di	<i>‘um homem branco’</i>	barae	<i>‘homens brancos’</i>
kaiamodoged di	<i>‘um índio Xavánte’</i>	kaiamodogedi	<i>‘índios Xavánte’</i>

7.2.8 O plural em Guató (família Guató)

A língua Guató apresenta uma partícula pluralizadora⁷⁴ que segue a palavra pluralizada (PALÁCIO, 1984, p. 51). Nos dados disponíveis em Palácio (1984), tal partícula ocorre acompanhando um nome flexionado na segunda pessoa, já que a segunda pessoa não possui uma forma específica para o plural:

(7.1) g^wa- gí
 2- mãe
‘tua mãe’

(7.2) g^wa- gí mēhē
 2- mãe PL
‘mãe de vocês’

⁷⁴ Rodrigues (1983) designa essa marca como “pluralizador de segunda pessoa”.

(7.3) n- ε- bagáki -he
 IND- 3sg- bater -2sg
 ‘ele bate em você’

(7.4) n- ε- bagáki -he **měhě**
 IND- 3sg- bater -2sg **PL**
 ‘ele bate em vocês’

Há também em Guató uma partícula que Palácio (1984) considerou como uma espécie de *generalizador* (GEN). Em seu uso, além da ideia de ‘totalidade’ passa também a ideia de ‘plural’. Conforme Palácio (1984, p. 88), a partícula **dži** ‘*pospõe-se à palavra que generaliza*’. Muito comumente ela combina-se com raízes substantivas ou verbais na formação de temas compostos:

(7.5) ε- tóra **-dži**
 3sg- filho **-GEN**
 ‘todos os filhos dele’ ‘a filharada dele’

(7.6) tóra **-dži**
 filho **-GEN**
 ‘filharada’ ou ‘todos os filhos’

(7.7) ma -dza kayé **-dži**
 filho -1pl chamar **-GEN**
 ‘chamamos todos’

(7.8) ma -g^wa kayé **-dži**
 filho -2sg chamar **-GEN**
 ‘você chamou a todos’

(7.9) n- ák^wari **-dži** go- bi
 IND- brilhar **-GEN** DET- estrelas
 ‘as estrelas todas brilham’

7.3 A marcação de plural em Guató: uma possível herança genética?

Tabela 7.17 – Possíveis formas cognatas dos marcadores de plural em Macro-Jê

Línguas	Sufixos pluralizadores	Partículas pluralizadoras
Pykobyê	-	mẽ
Apinajé	-	mẽ
Xavánte	-	-
Kaingáng	-	-
Xoklém	-óg	mẽ, kabág
Ofayé	-ε~ -jε~ -jε~ -ʒε~ -ʔε~ -ε	-
Rikbáktsa	-tsa / -za	-
Maxakali	-tʃop	-
Boróro	-e / -ge / -doge / -mage	-
Guató	(-dʒi)	mẽhẽ

A partir da tabela acima, é possível perceber quão tamanha é a diversidade de marcação de plural através do tronco Macro-Jê, mesmo em línguas da mesma família, como é o caso do Pykobyê, do Apinajé, do Xavánte, do Kaingáng e do Xoklém, que pertencem à família Jê.

Tal diversificação demonstra o quanto as línguas mudaram ao longo do tempo. Tomando como base o que temos e o que sabemos sobre os mecanismos de marcação de plural em línguas do tronco Macro-Jê, seria possível pensar em formas que, provavelmente, teriam tido uma origem comum? Seria o morfema **mẽhẽ** do Guató um possível cognato da partícula **mẽ** encontrada em línguas Jê setentrionais como, por exemplo, o Pykobyê e o Apinajé?

Embora as formas comparadas guardem semelhanças fonológicas, é pouco provável que a forma do Guató seja cognata da forma das línguas Jê, uma vez que nem dentro dessa própria família há uniformidade na expressão de plural.

Ainda em relação ao Guató, poderia ser aventada a possibilidade de que a partícula generalizadora **-dʒi** poderia também relacionar-se a **-je** do Ofayé, a **-tsa / -za** do Ribáktsa, e a **-tʃop** do Maxakalí. No entanto, sabemos que uma análise comparativa de morfemas gramaticais, necessita ser reforçada antes por correspondências fonológicas e lexicais, como fizemos no capítulo 4. Contudo, os poucos indícios de correspondências regulares que encontramos entre o Guató e as línguas utilizadas na comparação nesta tese não incluem a correspondência sonora encontrada aqui nas expressões de plural das diversas línguas com as quais comparamos as marcas de plural

encontradas em Guató. Sendo assim, se não encontramos outras correspondências fonológicas sistemáticas entre o **dʒ** do Guató com **j** do Ofayé, **ts/z** do Rikbáktsa e com **tʃ** do Maxakalí, a possibilidade de que essas formas sejam cognatas com as do Guató deve ser descartada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de desenvolver um estudo histórico-comparativo com o objetivo de avaliar a consistência da hipótese de Rodrigues (1986) a respeito de um possível relacionamento do Guató com o tronco Macro-Jê partiu da necessidade de ampliarmos os indícios que pudessem sustentar ou refutar essa hipótese. Como o próprio tronco Macro-Jê constituído de doze famílias linguísticas é uma hipótese em andamento, contextualizamos nossa pesquisa apresentando as diversas propostas sobre a constituição desse tronco (capítulo 1; ver também Rodrigues, 1999, 2002).

Devido à nossa pesquisa estar fundamentada nos princípios do Método Histórico-Comparativo conforme Hockett (1958), Jeffers & Lehiste (1979), Rodrigues (1984/1985, 1986, 1999), Kaufman (1990), Hock (1991), Campbell (1998), e Campbell & Poser (2008), fizemos uma breve apresentação desse método, enfatizando a rigidez dos critérios de um estudo de tal natureza, que requer, entre outras coisas, uma pesquisa comparativa que envolva não apenas o léxico e a fonologia, mas também aspectos morfológicos e morfossintáticos (capítulo 2).

Para o estudo comparativo envolvendo dados fonológicos da língua Guató, consideramos os estudos realizados por Palácio (1984) e por Postigo (2009) (capítulo 3), pois são os únicos trabalhos existentes da língua Guató que tratam desse aspecto. Produzimos, dessa forma, uma comparação lexical e fonológica entre o Guató e representantes de oito famílias linguísticas que compõem o tronco Macro-Jê: Proto-Kamakã (MARTINS, 2007); Proto-Purí (SILVA NETO, 2007); Proto-Jê (DAVIS, 1966); Proto-Jê-Meridional (JOLKESKY, 2010); Rikbáktsa (SIL, 2007); Boróro (ALBISETTI & VENTURELLI, 1962); Karirí (RODRIGUES, 1942); Yatê (SÁ, 2008) e Maxakalí (SIL, 2005), com o intuito de identificar correspondências sonoras regulares que pudessem revelar formas possivelmente cognatas (capítulo 4).

Além de novos achados que aproximam lexicalmente e fonologicamente o Guató de línguas do tronco Macro-Jê, identificamos em Guató marcadores de contiguidade e de não-contiguidade, conhecidos na literatura sobre línguas indígenas brasileiras por prefixos relacionais (ver Rodrigues, 1953, [1981] 2010, 1999, 2001; Rodrigues & Cabral 2010; Cabral, 2001) em uma distribuição semelhante àquela encontrada em línguas do tronco Macro-Jê, como o Timbira, o Panará, o Kaingáng, o

Xavánte, o Ofayé, o Karajá, o Maxakalí, o Kirirí e o Boróro (RODRIGUES, 2001) e o Xikrín (CABRAL, COSTA & RODRIGUES, 2004) (capítulo 5).

Ainda em relação aos aspectos gramaticais que sugerem uma aproximação do Guató com outras línguas associadas ao tronco Macro-jê, levantamos a hipótese de que o morfema utilizado para marcar o sujeito da terceira pessoa do singular de verbos transitivos do Guató (ϵ) poderia ter sido, em uma fase anterior dessa língua, reflexo de uma marca de agente e, em face dessas indicações sugestivas, cogitamos a possibilidade de que essa marca seja uma forma cognata da expressão de ergatividade identificada em algumas línguas do tronco Macro-Jê como, por exemplo, as marcas **te** do Timbira (cf. RODRIGUES, 1999), **hε** do Panará (cf. RODRIGUES, 1999), **jé** do Xikrín (CABRAL, COSTA & RODRIGUES, 2004), **te** do Xavánte (SANTOS, 2008) e **te** do Maxakalí (cf. RODRIGUES, 1999) (capítulo 6).

Por fim, analisamos as diversas formas de expressão de plural em algumas línguas Macro-Jê, sendo uma delas a partícula **mē** presente em Pykobyê (AMADO, 2004), em Apinajé (KOOPMAN, 1979), em Xokléng (GAKRAN, 2005), e comparamos com a partícula **mēhē** encontrada para o Guató (PALÁCIO, 1984). Entretanto, nessa comparação, não encontramos argumentos que sustentasse a possibilidade de que esses morfemas fossem formas cognatas (capítulo 7).

Sobre os resultados de nossa pesquisa, cabe ressaltar que chegamos ao fim deste estudo sem termos encontrado um conjunto suficiente de provas cabais que fortalecessem substancialmente a hipótese de Rodrigues (1986) sobre a possível conexão genética do Guató com as línguas que constituem o tronco Macro-Jê. Por outro lado, não encontramos evidências negativas à validade da hipótese. Ressaltamos que os novos achados acrescentam sim indicações que ampliam as possibilidades de conexões genéticas entre o Guató e algumas línguas desse agrupamento genético conhecido como tronco Macro-Jê.

Destacamos aqui que as dificuldades para encontrarmos evidências consistentes de um possível relacionamento genético do Guató com línguas Macro-Jê não foi exatamente a ausência de material comparável, uma vez que tivemos acesso a uma lista razoável de itens lexicais do Guató para comparar com as línguas previamente selecionadas, cuja quantidade de material para a análise também parece estar adequada a um estudo que contemple tanto a comparação lexical e fonológica quanto à comparação de aspectos gramaticais.

Consideramos que, se realmente o Guató tem um antepassado comum com as outras línguas do tronco Macro-Jê, a alta profundidade temporal que separa essa língua das outras foi responsável por apagar quase por completo as evidências que pudessem atestar essa relação genética; de modo que, até o momento, só pudemos encontrar indícios, como os traços comuns anteriormente indicados. Naturalmente, então, o tempo de separação do Guató das outras línguas do tronco Macro-Jê é um fator que dificulta a identificação de pistas que poderiam nos conduzir a um diagnóstico imediatamente favorável ao estabelecimento das relações genéticas em tela.

Ao refletirmos sobre os resultados encontrados neste estudo, verificamos que as chances de o Guató ser um membro do tronco Macro-Jê, embora limitadas pelas poucas evidências linguísticas, são ao mesmo tempo viáveis dada à natureza dessas mesmas evidências: correspondências lexicais, semânticas e fonológicas, e morfossintáticas. A tese que defendemos neste trabalho é a de que o Guató não deve ser eliminado da hipótese de um tronco Macro-Jê. Essa tese, portanto, fundamenta-se nos seguintes critérios: (a) há formas do vocabulário básico do Guató que correspondem a línguas de diferentes sub-ramos do tronco Macro-Jê; (b) as correspondências sonoras estabelecidas, embora poucas, são sistemáticas e representam indicações favoráveis à hipótese de Rodrigues; (c) há prováveis conexões entre aspectos morfossintáticos do Guató com línguas que comprovadamente pertencem a um agrupamento genético Macro-Jê – flexões relacionais e expressão de ergatividade – que são compartilhados entre as línguas desse tronco que foram usadas na comparação. Ressaltamos que esses traços morfossintáticos não são indicações meramente tipológicas, mas revelam correspondências fonológicas e gramaticais – morfológica e funcional.

Devemos considerar ainda que milhares de línguas indígenas se tornaram extintas desde a chegada dos europeus na América do Sul. Logo, é possível que as línguas mais próximas do Guató tenham desaparecido e com elas qualquer possibilidade de indicarmos com maior segurança quais os seus parentes mais próximos, mas também que o Guató tenha sofrido várias mudanças durante a sua história devido a contato com outras línguas de outras origens genéticas, o que teria contribuído para uma maior diferenciação em relação às línguas geneticamente aparentadas.

Finalmente, a nossa tese favorece a hipótese de Rodrigues (1986) de inclusão do Guató no tronco Macro-Jê, mas deve ser mantida como uma hipótese em busca de mais evidências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBISETTI, C, & VENTURELLI, J. **Enciclopédia Boróro**. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962, v. 1 (Vocabulários e etnografia).

AMADO, Rosana de Sá. **Aspectos morfológicos da língua Gavião-Pykobjê**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2004.

ANTILLA, Raimo. **An introduction to historical and comparative linguistics**. New York: Macmillan, 1972.

ARAÚJO, Gabriel Antunes. **Fonologia e Morfologia da língua Maxakalí**. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2000.

BARROS, José D'Assunção. As hipóteses nas Ciências Humanas – considerações sobre a natureza e uso das hipóteses. **Sísifo**. Revista de Ciências da Educação, 07, set/dez 08, pp. 151-162. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>>. Acesso em: junho de 2011.

BLOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Holt, Rinerhart & Winston. (1984 repr., Chicago University Press; chapter on historical linguistics issued separately as “Language history”, New York: Holt, Rinehart & Winston, 1965)

BOSWOOD, Joan. **Evidências para a inclusão do Aripaktsá no Filo Macro-Jê**. Publicações do Summer Institute of Linguistics, Brasília-DF, Série Linguística, Nº, 1973.

_____. **Quer falar língua dos canoeiros?** Cuiabá: SIL, 2007.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara & RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Através do léxico Macro-Jê: em busca de cognatos. In: CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. D (Orgs.). **Línguas e Culturas Macro-Jê**. Brasília: Editora UnB, 2007.

CABRAL, A. S. A. C. et. al. O Rikbáktsa no tronco Macro-Jê. In: **XXV ENANPOLL: 25 anos de ENANPOLL - memórias e perspectivas**. UFMG, 2010.

CACHAPUZ, António; GIL-PÉREZ, Daniel; PRAIA, João. A hipótese e a experiência científica em educação em ciência: contributos para uma reorientação epistemológica. **Ciência & Educação**, v. 8, n.2, pp.253-262, 2002.

CAMARA JR., J. Mattoso Camara. **Princípios de Linguística Geral**: Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa. 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

CAMARGOS, Lidiane; COSTA, Lucivaldo; MARTINS, Andérbio Márcio Silva; MIRANDA, Maxwell Gomes. Causativização em línguas do tronco Macro-Jê: primeiras aproximações (comunicação oral). **XII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e II Simpósio Internacional de Letras e Linguística**. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2009.

CAMARGOS, L. S. **Relações gramaticais, aspecto, modo e modalidade em Boróro**. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2010.

CAMPBELL, Lyle. **Historical Linguistics**: an introduction. Edinburgh University Press, 1998.

CAMPBELL, Lyle & POSER, William J. **Language classification**: history and method. Cambridge University Press: New York, 2008.

CROWELL, T. H. **A grammar of Boróro**. Ph. D. thesis. Cornell University, 1979.

DAVIS, I. Comparative Jê phonology. **Estudos Linguísticos**: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada, 1:2.10-24, 1966.

_____. Some Macro-Jê relationships. **International Journal of American Linguistics**, v. 34, p. 42-47, 1968.

DICIONÁRIO Maxakalí-Português / Português-Maxakalí. Cuiabá-MT: Associação Internacional de Linguística – SIL Brasil, 2005.

DICIONÁRIO Rikbáktsa-Português / Português-Rikbáktsa. Cuiabá-MT: Associação Internacional de Linguística – SIL Brasil, 2007.

GAKRAN, Nanbla. **Aspectos morfossintáticos da língua Laklãõ (Xokleng) Jê.** Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002, pp. 23-41.

GUDSCHINSKY, Sarah C. 1971. **Ofaié-Xavante, a Jê language.** Estudos sobre línguas e culturas indígenas. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL). 1971, pp.1-16.

_____. **Fragmentos de Ofaié:** a descrição de uma língua extinta. Série Linguística. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL). n.3, 1974, pp.177-249.

GUÉRIOS, Rosário F. Mansur. O nexó lingüístico Bororo/Merrime-Caiapó (contribuição para a unidade genética das línguas americanas). **Revista do Círculo de Estudos “Bandeirantes”.** Curitiba: 1939, 2.61-74.

HAMP, Eric P. On Maxakalí, Karaja, and Macro-Jê. **International Journal of American Linguistics,** Vol. 35, No. 3. Jul., 1969, pp. 268-270.

HOCK, Hans Heinrich. **Principles of historical linguistics.** Berlin: Monton de Gruyter. 1991.

HOCKETT, Charles Francis. **A course in modern linguistics.** New York: The Macmillan Company, 1958.

JEFFERS, Robert J. & LEHISTE, Ilse. **Principles and methods for historical linguistics**. London, England: The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, and London, England, 1979.

JOLKESKY, Marcelo Pinho de Valhery. **Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Meridional**. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2010.

KAUFMAN, T. Language History in south of America: what we know to know more. In: Payned, D. L. **Amazonian Linguistics** – studies in lowland South American Languages. Austin: University of Texas Press, 1990.

_____. **The native languages of South America**. pp. 46-76 and maps pp. 14-25 of Atlas of the world's language, ed. R. E. Asher and C. Moseley. London: Routledge, 1994.

KOOPMAN, Linda et. al. **Aspectos da língua Apinajé**. Cuiabá: SIL, 1979.

LYONS, John. **Introdução à Linguística Teórica** (tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel). São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

_____. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Cambridge University Press, Inglaterra, 1981.

MARTINS, Andrébio Márcio Silva. Revisão **da família linguística Kamakã proposta por Chestmir Loukotka**. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2007.

_____. Um estudo comparativo-lexical das famílias Kamakã e Purí. In: BRAGGIO, Sílvia Lúcia Bigonjal & SOUSA FILHO, Sinval Martins de (Orgs.). **Línguas e Culturas Macro-Jê**. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2009.

_____. Alguns dos resultados da família linguística Kamakã proposta por Chestmir Loukotka (1932). In: AMADO, Rosane de Sá (Org.). **Estudos em línguas e culturas Macro-Jê**. São Paulo: Paulistana, 2010, pp. 143-156.

MASON, John Alden. The languages of South American Indians. In: Julian H. Steward (Ed.), **Handbook of South American Indians**, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, vol. 6, pp. 157-317, Washington, D.C. 1950.

MC MAHON. **Understanding language change**, April M. S. 1994.

MEILLET, Antoine. **La méthode comparative em linguistique historique**. Oslo. (Repr. 1966, Paris: Champion.), 1925.

OLIVEIRA, Maria das Dores. **Ofayé, a língua do povo do mel: fonologia e gramática**. Maceió: UFA, 2006.

PALÁCIO, A. P. **Guató, a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 1984.

POSTIGO, A. V. **Fonologia da língua Guató**. Dissertação de Mestrado. Mato Grosso do Sul: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, 2009.

RIBEIRO, Eduardo Ribeiro & VOORT, Heine Van der. Nimuendajú was right: the inclusion of the Jabutí language family in the Macro-Jê stock. In: **IJAL**. University of Chicago, vol. 76, n.4. October, 2010, pp. 517-570.

RODRIGUES, A. D. O artigo definido e os numerais na língua Kirirí. In: **Arquivos do Museu Paranaense (Vol. II)**. Curitiba, 1942, pp. 179-211.

_____. Morfologia do verbo Tupí. **Letras**. Curitiba, n.1, 1953, pp. 121-152.

_____. **Estrutura do Tupinambá** (ms).

_____. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. In: **Revista de Antropologia, separata dos volumes XXXVII/XXVIII**. São Paulo, 1984/1985.

_____. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. Uma hipótese sobre a flexão de pessoa em Boróro. In: **Anais da 45a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. II**. Recife: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1993, p. 507.

_____. Macro-Jê. In: R.M.W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 164-206.

_____. Flexão Relacional no tronco linguístico Macro-Jê. In: **BOLETIN ABRALIN**, Nº 25, 2001, pp. 219-131.

_____. Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. In: SANTOS, L. dos & PONTES, I (orgs.). **Línguas Jê: estudos vários**. Londrina: Ed Vel, 2002.

_____. O parentesco genético das línguas Umutína e Boróro. In: RODRIGUES, Dall'Igna & CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (Orgs.). **Línguas e Culturas Macro-Jê**. Brasília: Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

_____. A case of Affinity Among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, vol. 1, n.1, jul. 2009. pp. 137-162.

QUEIROZ, J. M. C. de. **Aspectos da fonologia do Dzubukuá**. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2008.

SÁ, Aluizio Caetano de. **Dicionário Iatê-Português**. Águas Belas: Ed. do Autor, 2000.

SANTOS, J. P. dos. **Marcas pessoais, concordância de número e alinhamento em Xavánte**. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2008.

SILVA NETO, Ambrósio Pereira da. **Revisão da classificação da família linguística Purí**. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2007.

ANEXOS

ANEXO A

Lista de palavras disponível em Palácio (1984)

Trata-se de uma lista de 515 palavras de diversos campos semânticos⁷⁵. Reproduzimos aqui 438 palavras na ordem em que Palácio apresenta; no entanto, desconsideramos a marcação do tom alto indicada por Palácio na lista original.

Nº	Palácio (1984)	Glosa
1.	aa	'passar a noite, pousar'
2.	abahi	'redondo'
3.	abɔ	'pé'
4.	abɔ	'jurití'
5.	ada	'pau, árvore'
6.	ada	'jararacuçu'
7.	adɛdʒũ	'subir'
8.	aẽ	'biguá'
9.	afi	'noite'
10.	afo	'terra, chão'
11.	agatia	'arco'
12.	agĩ	'grosso'
13.	ahi	'espaço'
14.	aho	'cantar'
15.	ahɔ	'caçar'
16.	adʒevai	'enxada'
17.	adʒũ	'gordo'
18.	aka	'neto'
19.	aki	'anzol'
20.	aki	'arraia'
21.	aki	'carcará'
22.	akĩ	'remo'
23.	akigi	'vir ₁ '
24.	aku	'pedra'
25.	akudʒa	'dourado'
26.	ak ^w ari	'brilhar'
27.	ak ^w o	'macaco'
28.	ak ^w ɔ	'branco'
29.	amã	'carregar'

⁷⁵ Dessas 515 palavras, excluimos da lista apresentada aqui os nomes que referem aos dias da semana, ao numerals acima de cinco e aos dedos da mão.

30.	anuniġi	'traballar'
31.	aotʃeġi	'cozinhar'
32.	aovi	'caminho, estrada'
33.	apage	'afiado'
34.	apajevai	'tezoura'
35.	api	'pintado'
36.	aredʒe	'esquilo'
37.	arotʃa	'gato'
38.	ataha	'arara azul'
39.	atai	'raio'
40.	atũ	'pote'
41.	atʃa	'areia'
42.	atʃani	'descascar'
43.	atʃe	'molhar-se'
44.	atʃiġi	'cair'
45.	atʃo	'dia'
46.	atʃoni	'hoje'
47.	atʃũ	'fundo'
48.	avi	'pequeno'
49.	aje	'ave'
50.	ajeġi	'deitar-se ₁ '
51.	ba	'chato'
52.	bagaki	'bater'
53.	bapa	'pai'
54.	bēhē	'açúcar'
55.	bi	'terreiro'
56.	bi	'assar'
57.	bi	'estrela'
58.	biġeġi	'novo'
59.	bogehi	'queimar'
60.	botiġi	'jovem'
61.	bɔ	'galho'
62.	bɔ	'fumo'
63.	bũ	'fugir'
64.	dabohi	'abraçar'
65.	daboni	'no colo'
66.	dagatʃi	'ter conhecimento'
67.	daki	'vara de pescar'
68.	de	'tronco'
69.	de	'homem'
70.	deitʃiga	'resfriado'
71.	dekiadʒa	'ir ₁ '
72.	dekidʒa	'vir ₂ '
73.	deni	'vivo'

74.	dikini	'cochilar'
75.	di	'advinho da água'
76.	dobe	'rolar'
77.	dohi	'segurar'
78.	doka	'dar-lhe'
79.	doki	'trazer'
80.	doma	'dar a você'
81.	doro	'tempero'
82.	dunihi	'irmão'
83.	ebo	'calcanhar'
84.	egiti	'peixe'
85.	emē	'mãe'
86.	epi	'tatu'
87.	eti	'criança'
88.	ede	'macho'
89.	ediave	'veado'
90.	edūdžapera	'úvula'
91.	etfagi	'gritar'
92.	eki	'coelho'
93.	epagu	'onça, bicho'
94.	evi	'mulher'
95.	fa	'direito, correto'
96.	fega	'lábios'
97.	fe	'pele'
98.	fe	'roupa'
99.	fe	'grande'
100.	feahi	'largo'
101.	feditja	'acordar'
102.	fi	'nadar'
103.	fo	'poeira'
104.	forata	'cinzas'
105.	fū	'banhar-se'
106.	gaho	'tocar'
107.	gapaja	'achatar'
108.	garedžaje	'galinha'
109.	gariha	'descamar'
110.	gari	'sentar-se'
111.	gatja	'dançar'
112.	gi	'mãe'
113.	gikidža	'gostar'
114.	giriki	'vir ₃ '
115.	gī	'banha'
116.	gī	'água'
117.	gī	'plantar'

118.	gĩ	'plantar'
119.	gĩfavaka	'leite'
120.	gofũ	'banhar'
121.	gohe	'fritar'
122.	gu	'ter'
123.	gũ	'matar'
124.	guhi	'segurar'
125.	g ^w ada	'colher de pau'
126.	g ^w adza	'banana'
127.	g ^w adzekã	'melancia'
128.	g ^w akĩ	'deus'
129.	g ^w atɔre	'mar'
130.	g ^w atʃaja	'machado'
131.	g ^w aja	'rasgar'
132.	g ^w ẽ	'soprar'
133.	g ^w eda	'cana'
134.	g ^w edzi	'bocaiúva'
135.	g ^w etʃa	'alto'
136.	g ^w ɛ	'gole'
137.	g ^w ɛradza	'seco, vazio'
138.	g ^w o	'pescar, matar'
139.	g ^w o	'canoa'
140.	g ^w ok ^w ari	'ferir'
141.	hadzahɔ	'quati'
142.	hapɔre	'ajudar'
143.	haregani	'cuidar'
144.	hare	'olhar, procurar'
145.	haregĩdʒeo	'chefe'
146.	hareha	'caçar'
147.	harika	'buscar, apanhar'
148.	he	'morar'
149.	hẽgigi	'fumegar'
150.	heka	'ligeiro'
151.	he	'ferver'
152.	hidʒadʒĩ	'brigar com'
153.	hi	'tuiuiu'
154.	hogãhẽ	'pensar'
155.	ibɔ	'pato'
156.	ida	'moça, jovem'
157.	ifɛbi	'nádegas'
158.	ihovi	'cheirar'
159.	idʒe	'acuri'
160.	ikirɔ	'triste, brabo'

161.	iki	'papagaio'
162.	iki	'esteira, cama'
163.	iki	'panela'
164.	ikivai	'caldeirão'
165.	ikipinu	'panela de barro'
166.	iku	'jacaré'
167.	ik ^w e	'correr'
168.	ipe	'preto'
169.	ipe	'café'
170.	irigĩ	'alegre'
171.	iriri	'sujar-se'
172.	itagi	'fino'
173.	itahi	'leve'
174.	itavi	'pesado'
175.	ite	'abóbora'
176.	iti	'cervo'
177.	itiu	'sapo'
178.	itivi	'bom, bonito, alegre'
179.	ito	'cotia'
180.	ito	'relâmpago'
181.	itʃa	'marido'
182.	itʃedzeki	'cuia'
183.	itʃetʃigadzaje	'peru'
184.	i	'anta'
185.	ida	'virgem'
186.	dʒake	'quebrar-se'
187.	dʒe	'fruta'
188.	'dʒekĩ'	'rio'
189.	dʒētʃaru	'mesa'
190.	dʒeru	'milho'
191.	dʒeo	'boca'
192.	dʒo	'ver'
193.	dʒo	'capitão, grande senhor'
194.	dʒɔdʒedʒerɔdayo	'sargento'
195.	dʒu	'zagaia'
196.	dʒuara	'saber, aprender'
197.	dʒuari	'conhecer'
198.	ka	'mosquito'
199.	ka	'voar'
200.	kadai	'reto'
201.	kãhĩ	'nadar'
202.	kadzidia	'crianças'
203.	kana	'abandar'

204.	kana	'mutũ'
205.	kani	'andar'
206.	kaje	'chamar'
207.	ki	'comprido'
208.	ki	'pescar'
209.	kira	'ir ₂ '
210.	kirɔ	'cuspe'
211.	kĩ	'capivara'
212.	kĩ	'sentir-se'
213.	kĩ	'ovo'
214.	kĩ	'pena, cabelo'
215.	kĩ	'cortar'
216.	kĩ	'pai'
217.	kig ^w a	'deitar-se ₂ '
218.	kini	'dormir'
219.	kogo	'coração'
220.	ku	'defecar'
221.	ku	'folha'
222.	kũ	'ouvir'
223.	kũ	'ninho'
224.	kũ	'avó'
225.	k ^w a	'dente'
226.	k ^w ahɔgũ	'rir'
227.	k ^w avi	'bochecha'
228.	k ^w ɛ	'puxar'
229.	k ^w ɛ	'tia (irmã da mãe)'
230.	k ^w ĩ	'tia (irmão do pai)'
231.	k ^w o	'machado'
232.	k ^w ɔtɔbada	'diabo'
233.	ma	'mandioca'
234.	mãu	'mamão'
235.	mũ ~ pũ	'muito'
236.	nama	'feiticeiro'
237.	nũ	'levar, carregar'
238.	nũka	'trazer (para ele)'
239.	nũki	'trazer para cá'
240.	nuna	'fazer, fabricar, trabalhar'
241.	obe	'menino'
242.	obi	'órgão sexual feminino'
243.	oda	'cesta, balaio'
244.	odig ^w ebɔ	'marreco'
245.	odidzɛpagu	'formiga'
246.	oditabaoja	'janela'

247.	odog ^w ofa	'mamiló'
248.	ofa	'seio'
249.	ofa	'magro'
250.	ofe	'vento'
251.	ofehi	'beijar, chupar'
252.	ofi	'carandá'
253.	oga	'baguari'
254.	ogi	'fumaça'
255.	ogĩ	'cavar'
256.	ogogĩ	'beber água'
257.	ogu	'urubu'
258.	oguta	'quadris'
259.	og ^w a	'sangue'
260.	og ^w a	'lavar'
261.	og ^w ak ^w a	'pacu'
262.	ohadza	'mulher'
263.	ohegare	'fazenda'
264.	odzagĩ	'capim'
265.	odzag ^w apɔ	'ombro'
266.	odzaho	'mato'
267.	oka	'batata'
268.	okani	'sentar'
269.	oki	'beber'
270.	okidzeru	'aluá'
271.	okoro	'coçar'
272.	oku	'porco'
273.	oku	'osso'
274.	okudzau	'espinha dorsal'
275.	okuvi	'canela (perna)'
276.	ok ^w ari	'ferir-se'
277.	ok ^w ẽ	'bugio'
278.	ok ^w ɛde	'feio'
279.	ok ^w i	'lenha'
280.	ok ^w iatai	'nuvem'
281.	ok ^w ɔpetjiada	'manga'
282.	opa	'pacupeba'
283.	opa	'semente'
284.	opa	'mão esquerda'
285.	opa	'deitar-se'
286.	opatjiroka	'feijão'
287.	opi	'vermelho'
288.	opina	'lua, mês'
289.	opivai	'agulha'
290.	oreki	'lagoa'
291.	orimãu	'limão'
292.	otag ^w a	'ter medo'

293.	otag ^w aga	<i>'ter medo de'</i>
294.	otigare	<i>'patroa, esposa'</i>
295.	oti	<i>'falar'</i>
296.	oti	<i>'língua, idioma'</i>
297.	oti	<i>'piranha'</i>
298.	otogobɔ	<i>'dedo grande do pé'</i>
299.	otogotʃe	<i>'zarabatana'</i>
300.	otodzaje	<i>'gavião'</i>
301.	otodzeg̃iti	<i>'jau'</i>
302.	otorek̃i	<i>'mar'</i>
303.	otʃa	<i>'pacupeba vermelho'</i>
304.	otʃabe	<i>'andorinha'</i>
305.	otʃadabɔ	<i>'dedos do pé'</i>
306.	otʃadara	<i>'dedos da mão'</i>
307.	otʃadz̃a	<i>'cobra'</i>
308.	otʃe	<i>'algodão'</i>
309.	otʃɛ	<i>'molhado'</i>
310.	otʃi	<i>'pentear'</i>
311.	ova	<i>'ir₂'</i>
312.	ovi	<i>'coxa, perna'</i>
313.	ovi	<i>'casa'</i>
314.	oja	<i>'porta'</i>
315.	oje	<i>'criação'</i>
316.	ɔdada	<i>'aguapé'</i>
317.	ɔdok ^w i	<i>'cabeça'</i>
318.	ɔkidz̃au	<i>'costas'</i>
319.	pa	<i>'doer'</i>
320.	pagu	<i>'piolho'</i>
321.	pãki	<i>'órgão sexual masculino'</i>
322.	pana	<i>'rede'</i>
323.	pana	<i>'rabo'</i>
324.	papoki	<i>'arco'</i>
325.	paja	<i>'quebrar-se'</i>
326.	pehime	<i>'pendurar-se'</i>
327.	peho	<i>'cheio'</i>
328.	pera	<i>'garganta'</i>
329.	pe	<i>'fígado'</i>
330.	pina	<i>'urinar'</i>
331.	pinu	<i>'barro'</i>
332.	pi	<i>'calor, quente'</i>
333.	po	<i>'porco'</i>
334.	pɔ	<i>'acender-se, queimar'</i>
335.	pɔ	<i>'braço'</i>

336.	pɔ	'barriga'
337.	pɔgĩ	'córrego'
338.	pɔja	'abrir'
339.	pɔje	'fechar'
340.	pũ	'muito'
341.	puni	'roubar'
342.	ra	'mão, dedo'
343.	radag ^w atʃe	'lança'
344.	ragiki	'cortar'
345.	rakĩ	'inchado'
346.	rak ^w a	'frio'
347.	rape	'estômago'
348.	rapera	'apagar-se'
349.	rapɔ	'morro, monte'
350.	rapɔhu	'verde'
351.	ratʃedʒa	'ir embora'
352.	ratʃɔ	'amarelo'
353.	regi	'contar, narrar'
354.	regĩ	'parir'
355.	rɛ	'olho'
356.	ri	'coisa'
357.	ri	'carne'
358.	ro	'comer'
359.	ro	'comida'
360.	rogĩ	'comer'
361.	róvi	'batata da perna'
362.	rɔga	'joelho'
363.	rɔpa	'cotovelo'
364.	ta	'fogo'
365.	ta	'chifre'
366.	ta	'morder'
367.	taga	'nariz, bico'
368.	tagebɔ	'tornozelo'
369.	tagɔgã	'brincar'
370.	tahēgigi	'cigarro'
371.	tai	'idade, ano'
372.	tana	'raiz'
373.	tari	'trovão'
374.	tari	'querer'
375.	taya	'quebrar'
376.	te	'unha'
377.	tega	'ir'
378.	tegi	'cachimbo'
379.	tehe	'chegar, vir'

380.	tɛ	'tio'
381.	ti	'farinha'
382.	tɪ	'falar'
383.	tɪ	'flor'
384.	tig ^w i	'careca'
385.	tɪvi	'pacu'
386.	to	'pescoço'
387.	tobo	'curto, pequeno'
388.	todari	'rapaz'
389.	tog ^w edzi	'coco'
390.	todʒɛpagu	'cavalo'
391.	todʒikana	'jacu'
392.	tori	'rosto, cara'
393.	tovɛ	'avô'
394.	tɔdʒia	'empurrar'
395.	tɔra	'filho'
396.	tuigi	'velho'
397.	tuki	'dar-me'
398.	tumu	'umbigo'
399.	tʃa	'céu'
400.	tʃa	'intestinos'
401.	tʃadea	'caçar'
402.	tʃadʒa	'língua'
403.	tʃadʒag ^w a	'gostar'
404.	tʃara	'seco, desidratado'
405.	tʃara	'palma da mão'
406.	tʃato	'corda'
407.	tʃavi	'ouvido'
408.	tʃaja	'rachar'
409.	tʃe	'asa'
410.	tʃe	'flecha'
411.	tʃeuvi	'povo'
412.	tʃɛ	'estragado, podre'
413.	tʃɛkina	'abano'
414.	tʃɛvai	'faca'
415.	tʃiada	'fruta'
416.	tʃɔga	'morrer'
417.	tʃɔgaki	'estar com fome'
418.	ubiga	'afilado'
419.	uni	'chorar'
420.	upinu	'ânus'
421.	utʃaga	'arara vermelha'
422.	uve	'sol'

423.	vaka	<i>'gado, vaca'</i>
424.	ve	<i>'cachorro'</i>
425.	ve	<i>'amar'</i>
426.	vɛ	<i>'chuva'</i>
427.	vɛ	<i>'chover'</i>
428.	vɛ	<i>'sal'</i>
429.	vi	<i>'orelha'</i>
430.	vira	<i>'queimar-se'</i>
431.	je	<i>'mosca'</i>
432.	jekĩ	<i>'deitar-se'</i>
433.	jofad3ahod3a	<i>'lombriga'</i>
434.	tʃene	<i>'um'</i>
435.	duni	<i>'dois'</i>
436.	tʃumu	<i>'três'</i>
437.	rekai	<i>'quatro'</i>
438.	tohera	<i>'cinco'</i>

ANEXO B

Lista de palavra disponível em Postigo (2009)

Nº	GLOSA	TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA ⁷⁶
1.	' <i>abacaxi</i> '	big ^w adzikĩ
2.	' <i>abanico</i> '	tʃɛkãnata
3.	' <i>abóbora</i> '	itɛ
4.	' <i>açúcar</i> '	bêhe
5.	' <i>acuri</i> '	idʒi
6.	' <i>água</i> '	gĩ
7.	' <i>alho</i> '	doru gatoraja
8.	' <i>amarelo</i> '	naratʃo
9.	' <i>anel</i> '	k ^w ogira
10.	' <i>anhuma</i> '	atʃo
11.	' <i>anta</i> '	i
12.	' <i>ânus</i> '	tiáku / upinu
13.	' <i>anzol</i> '	aki
14.	' <i>arancuã</i> '	ikãna
15.	' <i>arara amarela</i> '	toga
16.	' <i>arara azul</i> '	taha
17.	' <i>arara papo branco</i> '	ito
18.	' <i>arara vermelha</i> '	ʃaga
19.	' <i>ararinha</i> '	udaju, deri, ritũ
20.	' <i>arco</i> '	agatʃa, papoki
21.	' <i>areia</i> '	atʃa
22.	' <i>aririnha</i> '	eve
23.	' <i>armal</i> '	ũgo
24.	' <i>arroz</i> '	tʃamu
25.	' <i>árvore</i> '	ada
26.	' <i>árvore pequena</i> '	odiada
27.	' <i>asa</i> '	tʃe
28.	' <i>aumentativo</i> '	oto
29.	' <i>avó</i> '	tʃadzevi
30.	' <i>avó</i> '	kudzio
31.	' <i>axila</i> '	tʃehi
32.	' <i>azul</i> '	g ^w arapɔ
33.	' <i>bagre (peixe)</i> '	irɛ
34.	' <i>baguari (pássaro)</i> '	uga

⁷⁶ Dispensamos as marcações de tons existentes na lista original de Postigo (2009), mas a organização dos dados feita por ela é a mesma

35.	'balde'	atetʃagehigo
36.	'banana'	g ^w adʒa
37.	'banco'	ikobada
38.	'banha/gordura'	gĩ
39.	'barba'	k ^w abo
40.	'barbado'	radakiga
41.	'barriga'	pɔ
42.	'batata'	oka
43.	'bebê'	ode
44.	'beija-flor'	ive
45.	'bem-te-vi'	mevi
46.	'bermuda'	odotodafeta
47.	'bezerro (dim-boi)'	odivaka
48.	'bicicleta'	odifãnu
49.	'bigode'	kiga
50.	'biguá'	aẽ
51.	'boca'	dʒio
52.	'boca de sapo'	otʃada
53.	'bocaiúva'	g ^w edʒi
54.	'bochecha (maçã do rosto)'	k ^w avi
55.	'boi/vaca'	vaka
56.	'bola'	pa
57.	'bolsa'	tʃag ^w a
58.	'boné'	aokotʃedafɛ
59.	'braço'	pɔ
60.	'branco'	nak ^w ɔ
61.	'brinco'	irave
62.	'bugio'	ok ^w ẽ
63.	'cabeça'	k ^w i
64.	'cabelo grisalho'	fagi
65.	'cabelo/pena'	ki
66.	'cachimbo'	teg ^w e
67.	'cachorro'	ve
68.	'cadeira'	ikobada
69.	'caia, cajá'	atʃũ
70.	'caju'	oto gopa tʃiada
71.	'calça'	afeta
72.	'calcanhar'	ebɔ
73.	'caldeirão'	ikivaj
74.	'canário'	arobiki
75.	'canoa'	nã
76.	'capim, mato'	dʒagi
77.	'capivara'	ki

78.	'cará'	adʒa
79.	'caramujeiro'	aroɦa
80.	'caramujo'	ɦa
81.	'carauaçu'	ibɔtʃi
82.	'carcará'	aki
83.	'careca'	tig ^w i
84.	'carne'	ri
85.	'casa'	ovi
86.	'casca de fruta'	fɛ
87.	'cavalo (aum-onça)'	otodʒepago
88.	'caxinguelé'	aredʒi
89.	'cebola'	doru
90.	'cervo'	iti
91.	'chapéu de palha'	aok ^w i
92.	'chave'	atʃɛ pɔjá oja
93.	'chifre'	ta
94.	'chinelo, sapato'	iberatʃabɔ
95.	'chuva'	vɛ
96.	'cílios'	kari
97.	'cinto'	tʃagadɔgətʃêki
98.	'coberta'	vɛɦu
99.	'cobra'	otʃadʒa
100.	'coco da bahia'	otog ^w edʒi
101.	'coelho'	ɛki
102.	'colher de metal'	g ^w evaj
103.	'colher de pau'	g ^w ada
104.	'comida'	aotʃa
105.	'concha'	g ^w atʃo
106.	'coração'	kogo
107.	'cordão de cintura'	tʃêke
108.	'coruja'	ako
109.	'costas'	ɔkidʒau
110.	'cotia'	ito
111.	'cotovelo'	rɔpa
112.	'criança'	eti
113.	'cunhado/a'	tɛ
114.	'cupari'	ũveda
115.	'curimba'	ivo
116.	'dançar'	gatʃa
117.	'dedo da mão'	otʃada-ra
118.	'dedo do pé'	otʃada-bɔ
119.	'dente'	k ^w a
120.	'despedida'	dekiadʒaju

121.	<i>'dia'</i>	atʃo
122.	<i>'diminutivo'</i>	odi
123.	<i>'dourado (peixe)'</i>	akudʒa
124.	<i>'égua'</i>	evɨ todʒɛpago
125.	<i>'ema'</i>	atũ
126.	<i>'enxada'</i>	adʒevaj
127.	<i>'espinha'</i>	okudʒau
128.	<i>'esteira, cama'</i>	iki
129.	<i>'estômago'</i>	rapɛ
130.	<i>'estragado'</i>	tʃɛ
131.	<i>'estrela'</i>	bɨ
132.	<i>'faca'</i>	tʃevaj
133.	<i>'facão'</i>	ototʃevaj
134.	<i>'feijão'</i>	paʃiroka
135.	<i>'fêmea'</i>	ioha
136.	<i>'filho pequeno (caçula)'</i>	odi-dɛ
137.	<i>'filho/a'</i>	tɔra
138.	<i>'flecha'</i>	tʃe
139.	<i>'flor'</i>	tɨ
140.	<i>'fogão'</i>	aheta
141.	<i>'fogo'</i>	ta
142.	<i>'folha'</i>	ku
143.	<i>'folha de acuri'</i>	akudʒi
144.	<i>'folha de árvore'</i>	aku ada
145.	<i>'folha de banana'</i>	akug ^w adʒa
146.	<i>'fome'</i>	tʃɔgaki
147.	<i>'formiga'</i>	odidʒɛpago
148.	<i>'fruta'</i>	tʃiada
149.	<i>'fruto'</i>	idʒe
150.	<i>'fumo'</i>	bɔ
151.	<i>'galho'</i>	bɔ
152.	<i>'galinha/frango'</i>	garidʒajɛ
153.	<i>'galo'</i>	ɛdɛ
154.	<i>'gamela'</i>	moʃada
155.	<i>'garça'</i>	iko
156.	<i>'garganta'</i>	pera
157.	<i>'garrafa'</i>	tʃipoku
158.	<i>'gavião₁'</i>	oto-dʒ-ajɛ
159.	<i>'gavião₂'</i>	todjajɛ
160.	<i>'goiaba'</i>	agidʒa
161.	<i>'guarda-chuva'</i>	topɨ
162.	<i>'homem velho'</i>	tuigi

	<i>(idoso)</i> '	
163.	' <i>intestinos</i> '	tʃa
164.	' <i>irmã</i> '	donidzevi
165.	' <i>irmão</i> '	donihi
166.	' <i>jacaré</i> '	iko
167.	' <i>jacutinga</i> '	g ^w ajkãna
168.	' <i>jaguaririca/gato</i> '	arotʃa
169.	' <i>japuira</i> '	gonũ
170.	' <i>jararacuçu</i> '	ada
171.	' <i>jatobá</i> '	oku
172.	' <i>jenipapo</i> '	tɔ
173.	' <i>joão pinto</i> '	utabi
174.	' <i>joão-de-barro</i> '	ipaba
175.	' <i>joelho</i> '	rɔga
176.	' <i>juriti</i> '	abɔ
177.	' <i>lábios</i> '	fega
178.	' <i>lagarto amarelo</i> '	ratʃɔdibuku
179.	' <i>lagarto pintado</i> '	ototahu
180.	' <i>lagarto vermelho</i> '	ibuku, tahu
181.	' <i>lagoa</i> '	ureki
182.	' <i>lágrima</i> '	agɛri
183.	' <i>lambari</i> '	utãna
184.	' <i>lamparina</i> '	tej
185.	' <i>laranja</i> '	tʃiada
186.	' <i>laranja (para doce)</i> '	totʃiada
187.	' <i>limão</i> '	orimãu
188.	' <i>língua (boca)</i> '	tʃadʒa
189.	' <i>língua (idioma)</i> '	otĩ
190.	' <i>lobinho</i> '	uk ^w a
191.	' <i>logo guará</i> '	uguti
192.	' <i>lontra</i> '	miu
193.	' <i>lua</i> '	opina
194.	' <i>macaco</i> '	ak ^w o
195.	' <i>macaco pequeno amarelo (mico leão)</i> '	rɛidi
196.	' <i>macaco pequeno branco (mico)</i> '	ode idej
197.	' <i>macaco pequeno um pouco amarelo</i> '	k ^w ati giri
198.	' <i>machado₁</i> '	k ^w o
199.	' <i>machado₂</i> '	ako
200.	' <i>macho</i> '	ɛde
201.	' <i>mãe</i> '	emẽ
202.	' <i>mamão</i> '	mãu

203.	'mamilo'	odog ^w ofa
204.	'mandioca'	ma
205.	'manga'	uk ^w ɔpetʃiada
206.	'manhã'	g ^w atʃo
207.	'mão'	ra
208.	'mão direita'	afanahiru
209.	'mão esquerda'	opagiri
210.	'marido'	bitʃa
211.	'mel'	pag ^w a
212.	'mel mandaguari'	pag ^w a giri
213.	'melancia'	g ^w adʒekã
214.	'mesa'	dʒɛtʃaru
215.	'metal'	vaj
216.	'milho'	dʒeru
217.	'minhoca'	pi
218.	'moça'	ida
219.	'morcego'	pɔ
220.	'mosca'	jɛ
221.	'mosquiteiro'	atʃeba
222.	'mosquito'	ka
223.	'muçum'	uhe
224.	'mulher'	uhadʒa
225.	'mulher velha/idosa'	ɛvi
226.	'mutum'	okana
227.	'nádegas'	fɛbi
228.	'não'	ego
229.	'nariz'	taga
230.	'neta'	kadʒevi
231.	'neto'	karo
232.	'neto-1pss'	akarojo
233.	'nó sem volta (nó cego)'	opa
234.	'noite'	afi
235.	'nuca'	hago
236.	'óculos ₁ (olho-metal)'	rɛvaj
237.	'óculos ₂ (sombra-olho)'	tɔrɛ
238.	'olho'	rɛ
239.	'ombro'	odʒag ^w apɔ
240.	'onça'	ɛpago
241.	'onça brava'	gɛpago ogikiro
242.	'onça parda ₁ '	afaki
243.	'onça parda ₂ '	atʃako
244.	'orelha'	ve

245.	'osso'	oku
246.	'ouvido'	tʃavi
247.	'ovo'	ki
248.	'pacu'	g ^w ak ^w a
249.	'pacu (peixe)'	g ^w ak ^w a
250.	'pacupeba (peixe)'	opa
251.	'pai'	bapa
252.	'palma da mão'	para
253.	'panela'	iki
254.	'panela de barro'	ikipinu
255.	'panturrilha'	rovi
256.	'papagaio'	iki
257.	'pássaro amarelo'	bidí
258.	'pato'	ubɔ
259.	'pé'	bɔ
260.	'pedra'	aku
261.	'pedra de gelo/granizo (chuva-pedra)'	vɛ-aku
262.	'peido'	ĩtʃe
263.	'peito'	ofa
264.	'peito do pé'	ubɔ
265.	'peixe'	egãti
266.	'pele'	fɛ
267.	'penacho'	aparadedzi
268.	'pênis'	tʃo, pãki
269.	'perna'	ovi
270.	'pernilongo'	karapanã
271.	'pescoço'	to
272.	'pinhé'	ag ^w aku
273.	'pintado (peixe)'	api
274.	'piolho'	ibɛu
275.	'piranha'	oti
276.	'porco'	po
277.	'prato'	ofa
278.	'presilha de calça'	tʃa
279.	'preto'	ipe
280.	'quadris'	oguta
281.	'quati'	ohadzahi
282.	'queixo'	bo
283.	'quero-quero'	irodzí
284.	'quero-quero (pássaro)'	irodzí
285.	'raiz'	tana
286.	'rapaz'	otodari

287.	'rede'	pana
288.	'remo'	akĩ
289.	'rio'	dʒekĩ
290.	'rosto'	tori
291.	'sapo'	itihu
292.	'sardinha'	ug ^w ape
293.	'saudação'	ɔhebe
294.	'seio'	ofa
295.	'sobrancelha'	ukuri
296.	'sobrinho (a)'	oduru
297.	'socó (pássaro)'	iko
298.	'socozinho (pássaro)'	atʃɔ
299.	'sono/dormir'	kini
300.	'sucuri'	ik ^w ari
301.	'tamanduá mirim'	opiga
302.	'tamanduá bandeira'	og ^w ipiga
303.	'tarimba'	iko
304.	'tarumã (fruta)'	ado
305.	'tatu'	epi
306.	'tatu canastra'	oto dʒipi
307.	'terra'	afo
308.	'testa'	tori
309.	'tia'	dime
310.	'tio'	dite
311.	'traíra (peixe)'	api
312.	'travesseiro'	bag ^w a
313.	'tronco de árvore'	ide
314.	'tucum branco'	ag ^w eto
315.	'tucum preto'	mitɔdʒakĩ
316.	'tucum vermelho'	ug ^w ag ^w edʒi
317.	'tuiuiu'	hi
318.	'tuvira'	atʃoga
319.	'umbigo'	tunu
320.	'unha'	te
321.	'urubu ₁ '	ogu
322.	'urubu ₂ '	ugu
323.	'urutau'	ibaha
324.	'vagina'	do/obi
325.	'vamos'	okira
326.	'vento'	ofe
327.	'verde'	rapɔhu
328.	'verdinha'	itada
329.	'vermelho'	opi
330.	'zagaia'	dʒu

ANEXO C

Lista utilizada para a comparação lexical desenvolvida no quarto capítulo deste estudo, que se trata, na verdade, de uma seleção dos dados encontrados nas duas listas anteriores (de Palácio, 1984; e de Postigo, 2009).

Nº	GLOSA	GUATÓ
1.	'abacaxi'	big ^w adzikĩ
2.	'abanar'	kana
3.	'abanico'	tʃɛkãnata
4.	'abano'	tʃɛkina
5.	'abóbora'	itɛ
6.	'abraçar'	dabohi
7.	'abrir'	pɔja
8.	'acender-se'	pɔ
9.	'achatar'	gapaja
10.	'acordar'	fɛditʃa
11.	'acuri'	idʒe
12.	'açúcar'	bɛhɛ
13.	'advinho da água'	di
14.	'afiado'	apage
15.	'afilado'	ubiga
16.	'água'	gĩ
17.	'aguapé'	ɔdada
18.	'agulha'	opivai
19.	'ajudar'	hapɔre
20.	'alegre'	irigĩ, itivĩ
21.	'algodão'	otʃe
22.	'alho'	doru gationaraja
23.	'alto'	g ^w etʃa
24.	'aluá'	okidʒeru
25.	'amar'	ve
26.	'amarelo'	ratʃɔ
27.	'andar'	kani
28.	'andorinha'	otʃabɛ
29.	'anhuma'	atʃo
30.	'ano'	tai
31.	'anzol'	aki

32.	'anta'	i
33.	'ânus'	upinu
34.	'apagar-se'	rapera
35.	'apanhar'	harika
36.	'aprender'	džuara
37.	'arancuã'	ikâna
38.	'arara amarela'	toga
39.	'arara azul'	ataha
40.	'arara vermelha'	utʃaga
41.	'arara papo branco'	ito
42.	'ararinha'	udaju, deri, ritũ
43.	'arco ₁ '	agatia
44.	'arco ₂ '	papoki
45.	'areia'	atʃa
46.	'ariranha'	eve
47.	'armal'	ũgo
48.	'arraia'	aki
49.	'arroz'	tʃamu
50.	'árvore'	ada
51.	'asa'	tʃe
52.	'assar'	bi
53.	'aumentativo'	oto
54.	'ave'	aje
55.	'avó'	kũ
56.	'avó'	tʃadzevi
57.	'avô'	tove
58.	'avô'	kudzio
59.	'axila'	tʃehi
60.	'azul'	g ^w arapɔ
61.	'bagre (peixe)'	ire
62.	'baguari'	oga
63.	'balaio'	oda
64.	'banana'	g ^w adza
65.	'banha'	gĩ
66.	'banhar'	gofũ
67.	'banhar-se'	fũ
68.	'barba'	k ^w abo
69.	'barbado'	radakiga
70.	'barriga'	pɔ
71.	'barro'	pinu
72.	'batata'	oka
73.	'batata da perna'	róvi

74.	'bater'	bagaki
75.	'bebê'	ode
76.	'beber'	oki
77.	'beber água'	ogogĩ
78.	'beija-flor'	ive
79.	'beijar'	ofehi
80.	'bem-te-vi'	mevi
81.	'bico'	taga
82.	'bigode'	kiga
83.	'biguá'	aẽ
84.	'bicho'	εpagu
85.	'boca'	d3εo
86.	'boca de sapo'	otʃada
87.	'bocaiúva'	g ^w edzi
88.	'bochecha'	k ^w avi
89.	'bom'	itivi
90.	'bonito'	itivi
91.	'braço'	pɔ
92.	'branco'	ak ^w ɔ
93.	'bravo'	ikirɔ
94.	'brigar com'	hid3adzĩ
95.	'brilhar'	ak ^w ari
96.	'brincar'	tagɔgã
97.	'bugio'	ok ^w ẽ
98.	'bunda'	ifɛbi
99.	'buscar'	harika
100.	'cabeça'	ɔdok ^w ĩ
101.	'cabelo'	ki
102.	'cachimbo'	tegi
103.	'cachorro'	ve
104.	'caçar ₁ '	ahɔ
105.	'caçar ₂ '	hareha
106.	'caçar ₃ '	tʃadea
107.	'café'	ipe
108.	'cair'	atʃigĩ
109.	'caiá, cajá'	atʃũ
110.	'caju'	oto gopa tʃiada
111.	'calcanhar'	ebo
112.	'caldeirão'	ikivai
113.	'calor'	pĩ
114.	'cama'	iki
115.	'caminho'	aovi
116.	'cana'	g ^w eda

117.	<i>'canário'</i>	arobiki
118.	<i>'canela (perna)'</i>	okuvi
119.	<i>'canoa'</i>	g ^w o
120.	<i>'cantar'</i>	aho
121.	<i>'capim'</i>	odzagĩ
122.	<i>'cavivara'</i>	ki
123.	<i>'capitão'</i>	dʒo
124.	<i>'cara'</i>	tori
125.	<i>'cará'</i>	adʒa
126.	<i>'caramujeiro'</i>	aroħa
127.	<i>'caramujo'</i>	ħa
128.	<i>'carandá'</i>	ofi
129.	<i>'carauaçũ'</i>	ibotʃi
130.	<i>'carcará'</i>	aki
131.	<i>'careca'</i>	tig ^w i
132.	<i>'carregar₁'</i>	amã
133.	<i>'carregar₂'</i>	nũ
134.	<i>'carne'</i>	ri
135.	<i>'casa'</i>	ovi
136.	<i>'casca de fruta'</i>	fɛ
137.	<i>'cavalo'</i>	todʒepagu
138.	<i>'cavar'</i>	ogĩ
139.	<i>'caxinguelê'</i>	aredzi
140.	<i>'cebola'</i>	doru
141.	<i>'cervo'</i>	iti
142.	<i>'cesta'</i>	oda
143.	<i>'céu'</i>	tʃa
144.	<i>'chamar'</i>	kajɛ
145.	<i>'chão'</i>	afo
146.	<i>'chato'</i>	ba
147.	<i>'chefe'</i>	ħaregĩdʒeo
148.	<i>'chegar'</i>	teħe
149.	<i>'cheio'</i>	peħo
150.	<i>'cheirar'</i>	ihovi
151.	<i>'chifre'</i>	ta
152.	<i>'chorar'</i>	uni
153.	<i>'chover'</i>	vɛ
154.	<i>'chupar'</i>	ofehi
155.	<i>'chuva'</i>	vɛ
156.	<i>'cigarro'</i>	tahẽgigi
157.	<i>'cílios'</i>	kari
158.	<i>'cinco'</i>	toħera
159.	<i>'cinzas'</i>	forata
160.	<i>'cobra'</i>	otʃadʒa

161.	'coco'	tog ^w edzi
162.	'coçar'	okoro
163.	'cochilar'	dikini
164.	'coelho'	ɛki
165.	'coisa'	ri
166.	'colher de metal'	g ^w evaj
167.	'colher de pau'	g ^w ada
168.	'no colo'	daboni
169.	'comer ₁ '	ro
170.	'comer ₂ '	rogĩ
171.	'comida'	ro
172.	'comida'	aotʃa
173.	'comprido'	ki
174.	'concha'	g ^w atʃo
175.	'conhecer'	dzuari
176.	'contar'	regĩ
177.	'coração'	kogo
178.	'corda'	tʃato
179.	'cordão de cintura'	tʃẽke
180.	'córrego'	pogĩ
181.	'correr'	ik ^w e
182.	'correto'	fa
183.	'cortar ₁ '	kĩ
184.	'cortar ₂ '	ragiki
185.	'costas'	ɔkidzau
186.	'cutia'	ito
187.	'cotovelo'	rɔpa
188.	'coruja'	ako
189.	'coxa'	ovi
190.	'cozinhar'	aotʃegĩ
191.	'criação'	oje
192.	'criança'	eti
193.	'crianças'	kadzidia
194.	'cuiá'	itʃedzeki
195.	'cuidar'	haregani
196.	'cunhado/a'	tɛ
197.	'cupari'	ũveda
198.	'curimba'	ivo
199.	'curto'	tobo
200.	'cuspe'	kirɔ
201.	'dançar'	gatʃa
202.	'dar a você'	doma
203.	'dar-lhe'	doka

204.	<i>'dar-me'</i>	tuki
205.	<i>'dedo'</i>	ra
206.	<i>'dedos do pé'</i>	otʃadabɔ
207.	<i>'dedos da mão'</i>	otʃadara
208.	<i>'dedo grande do pé'</i>	otogobɔ
209.	<i>'defecar'</i>	ku
210.	<i>'deitar-se₁'</i>	ajɛkĩ
211.	<i>'deitar-se₂'</i>	kig ^w a
212.	<i>'deitar-se₃'</i>	opa
213.	<i>'deitar-se'</i>	jɛkĩ
214.	<i>'dente'</i>	k ^w a
215.	<i>'descamar'</i>	gariha
216.	<i>'descascar'</i>	atʃañĩ
217.	<i>'desidratado'</i>	tʃara
218.	<i>'despedida'</i>	dekiadzaju
219.	<i>'deus'</i>	g ^w akĩ
220.	<i>'dia'</i>	atʃo
221.	<i>'diabo'</i>	k ^w ɔtɔbada
222.	<i>'diminutivo'</i>	odi
223.	<i>'direito'</i>	fa
224.	<i>'doer'</i>	pa
225.	<i>'dois'</i>	duni
226.	<i>'dormir'</i>	kini
227.	<i>'dourado'</i>	akudzɔ
228.	<i>'ema'</i>	atũ
229.	<i>'empurrar'</i>	tɔdzia
230.	<i>'enxada'</i>	adzɛvai
231.	<i>'espaço'</i>	ahi
232.	<i>'espinha dorsal'</i>	okudzau
233.	<i>'esposa'</i>	otigare
234.	<i>'esquilo'</i>	aredze
235.	<i>'estar com fome'</i>	tʃɔgaki
236.	<i>'esteira'</i>	iki
237.	<i>'estômago'</i>	rape
238.	<i>'estrada'</i>	aovi
239.	<i>'estragado'</i>	tʃɛ
240.	<i>'estrela'</i>	bi
241.	<i>'fabricar'</i>	nuna
242.	<i>'faca'</i>	tʃɛvai
243.	<i>'falar₁'</i>	otĩ
244.	<i>'falar₂'</i>	tĩ
245.	<i>'farinha'</i>	ti
246.	<i>'fazer'</i>	nuna

247.	<i>'fazenda'</i>	ohegare
248.	<i>'fechar'</i>	pɔjɛ
249.	<i>'flecha'</i>	tʃe
250.	<i>'feijão'</i>	opatʃiroka
251.	<i>'feio'</i>	ok ^w ɛdɛ
252.	<i>'feiticeiro'</i>	nama
253.	<i>'fêmea'</i>	ioha
254.	<i>'ferir'</i>	g ^w ok ^w ari
255.	<i>'ferir-se'</i>	ok ^w ari
256.	<i>'ferver'</i>	hɛ
257.	<i>'figado'</i>	pɛ
258.	<i>'filho'</i>	tɔra
259.	<i>'filho pequeno (caçula)'</i>	odi-dɛ
260.	<i>'fino'</i>	itagi
261.	<i>'flor'</i>	tʃi
262.	<i>'fogo'</i>	ta
263.	<i>'folha'</i>	ku
264.	<i>'folha de acuri'</i>	akudʒi
265.	<i>'folha de árvore'</i>	aku ada
266.	<i>'folha de banana'</i>	akug ^w adʒa
267.	<i>'fome'</i>	tʃɔgaki
268.	<i>'formiga'</i>	odidʒɛpagu
269.	<i>'frio'</i>	rak ^w a
270.	<i>'fritar'</i>	gohɛ
271.	<i>'fruta₁'</i>	dʒe
272.	<i>'fruta₂'</i>	tʃiada
273.	<i>'fugir'</i>	bũ
274.	<i>'fumaça'</i>	ogi
275.	<i>'fumegar'</i>	hɛgigi
276.	<i>'fumo'</i>	bɔ
277.	<i>'fundo'</i>	atʃũ
278.	<i>'galho'</i>	bɔ
279.	<i>'galinha'</i>	garedʒajɛ
280.	<i>'galo'</i>	ɛdɛ
281.	<i>'gamela'</i>	moʃada
282.	<i>'garça'</i>	iko
283.	<i>'garganta'</i>	pera
284.	<i>'gato'</i>	arotʃa
285.	<i>'gavião'</i>	otodʒajɛ
286.	<i>'goiaba'</i>	agidʒa
287.	<i>'gole'</i>	g ^w ɛ

288.	<i>'gordo'</i>	ad3ũ
289.	<i>'gostar'</i>	gikid3a
290.	<i>'gostar'</i>	tʃad3ag ^w a
291.	<i>'grande'</i>	fɛ
292.	<i>'grande senhor'</i>	d3ɔ
293.	<i>'gritar'</i>	ɛtʃagi
294.	<i>'grosso'</i>	agĩ
295.	<i>'hoje'</i>	atʃoni
296.	<i>'homem'</i>	dɛ
297.	<i>'homem velho (idoso)'</i>	tuigi
298.	<i>'idade'</i>	tai
299.	<i>'inchado'</i>	raki
300.	<i>'intestinos'</i>	tʃa
301.	<i>'ir₁'</i>	dɛkiad3a
302.	<i>'ir₂'</i>	kira
303.	<i>'ir₃'</i>	ova
304.	<i>'ir₄'</i>	tɛga
305.	<i>'ir embora'</i>	ratʃed3a
306.	<i>'irmã'</i>	donid3evi
307.	<i>'irmão'</i>	dunihi
308.	<i>'jacaré'</i>	iku
309.	<i>'jacu'</i>	tod3ikana
310.	<i>'jacutinga'</i>	g ^w ajkãna
311.	<i>'jaguaririca/ gato'</i>	arotʃa
312.	<i>'janela'</i>	oditabaoja
313.	<i>'japuira'</i>	gonũ
314.	<i>'jararacuçu'</i>	ada
315.	<i>'jatobá'</i>	oku
316.	<i>'jaú'</i>	otod3egĩti
317.	<i>'jenipapo'</i>	tɔ
318.	<i>'joão-de-barro'</i>	ipaba
319.	<i>'joão pinto'</i>	utabi
320.	<i>'joelho'</i>	rɔga
321.	<i>'jovem₁'</i>	botigĩ
322.	<i>'jovem₂'</i>	ida
323.	<i>'jurití'</i>	abɔ
324.	<i>'lábios'</i>	fega
325.	<i>'lagarto amarelo'</i>	ratʃɔdibuku
326.	<i>'lagarto pintado'</i>	ototahu
327.	<i>'lagarto vermelho'</i>	ibuku

328.	<i>'lagarto vermelho'</i>	tahu
329.	<i>'lagoa'</i>	oreki
330.	<i>'lágrima'</i>	agēri
331.	<i>'lambari'</i>	utāna
332.	<i>'lança'</i>	radag ^w atʃe
333.	<i>'laranja'</i>	tʃiada
334.	<i>'laranja (para doce)'</i>	totʃiada
335.	<i>'largo'</i>	fəahi
336.	<i>'lavar'</i>	og ^w a
337.	<i>'leite'</i>	gīfavaka
338.	<i>'lenha'</i>	ok ^w ī
339.	<i>'levar'</i>	nū
340.	<i>'leve'</i>	itahi
341.	<i>'ligeiro'</i>	heka
342.	<i>'limão'</i>	orimāu
343.	<i>'língua (idioma)'</i>	otī
344.	<i>'língua (órgão)'</i>	tʃadza
345.	<i>'lobinho'</i>	uk ^w a
346.	<i>'lobo guará'</i>	uguti
347.	<i>'lombriga'</i>	jofadzahodza
348.	<i>'lontra'</i>	miu
349.	<i>'lua'</i>	opina
350.	<i>'macaco'</i>	ak ^w o
351.	<i>'machado₁'</i>	g ^w atʃaja
352.	<i>'machado₂'</i>	k ^w o
353.	<i>'machado₂'</i>	ako
354.	<i>'macho'</i>	ɛde
355.	<i>'mãe'</i>	emē
356.	<i>'mãe'</i>	gi
357.	<i>'magro'</i>	ofa
358.	<i>'mamão'</i>	māu
359.	<i>'mamilo'</i>	odog ^w ofa
360.	<i>'mandioca'</i>	ma
361.	<i>'manga'</i>	ok ^w ɔpetʃiada
362.	<i>'manhã'</i>	g ^w atʃo
363.	<i>'mão'</i>	ra
364.	<i>'mão direita'</i>	afanahiru
365.	<i>'mão esquerda'</i>	opa
366.	<i>'mão esquerda'</i>	opagiri
367.	<i>'mar₁'</i>	g ^w atɔre
368.	<i>'mar₂'</i>	otorekī
369.	<i>'marido'</i>	itʃa

370.	'marreco'	odig ^w ebɔ
371.	'matar ₁ '	gũ
372.	'matar ₂ '	g ^w o
373.	'mato'	odʒaho
374.	'mel'	pag ^w a
375.	'mel mandaguari'	pag ^w a giri
376.	'melancia'	g ^w adʒekã
377.	'menino'	obe
378.	'mês'	opina
379.	'mesa'	dʒɛtʃaru
380.	<i>mico leão</i>	rɛidi
381.	'mico'	odɛ idɛj
382.	'mico amarelo'	k ^w ati giri
383.	'milho'	dʒeru
384.	'minhoca'	pi
385.	'moça'	ida
386.	'molhado'	otʃɛ
387.	'molhar-se'	atʃɛ
388.	'morar'	he
389.	'morcego'	pɔ
390.	'morder'	ta
391.	'morrer'	tʃɔga
392.	'morro, monte'	rapɔ
393.	'mosca'	je
394.	'mosquito'	ka
395.	'muçum'	uhe
396.	'muito'	mũ ~ pũ
397.	'mulher ₁ '	ɛvi
398.	'mulher ₂ '	ohadʒa
399.	'mutũ'	kana
400.	'nadar ₁ '	fĩ
401.	'nadar ₂ '	kãhĩ
402.	'não'	ego
403.	'nariz'	taga
404.	'narrar'	regĩ
405.	'neta'	kadʒevi
406.	'neto'	aka
407.	'neto'	karo
408.	'ninho'	kũ
409.	'noite'	afi
410.	'novo'	bĩnegĩ
411.	'nuca'	hago
412.	'nuvem'	ok ^w iatai

413.	<i>'olhar'</i>	hare
414.	<i>'olho'</i>	rɛ
415.	<i>'ombro'</i>	odʒag ^w apɔ
416.	<i>'onça'</i>	ɛpagu
417.	<i>'onça brava'</i>	ogikirɔ
418.	<i>'onça parda₁'</i>	afaki
419.	<i>'onça parda₂'</i>	atfako
420.	<i>'orelha'</i>	vi
421.	<i>'osso'</i>	oku
422.	<i>'ovo'</i>	kɪ
423.	<i>'ouvido'</i>	tʃavi
424.	<i>'ouvir'</i>	kũ
425.	<i>'pacu₁'</i>	og ^w ak ^w a
426.	<i>'pacu₂'</i>	tivi
427.	<i>'pacupeba'</i>	opa
428.	<i>'pacupeba vermelho'</i>	otʃa
429.	<i>'pai₁'</i>	bapa
430.	<i>'pai₂'</i>	kĩ
431.	<i>'palma da mão'</i>	tʃara
432.	<i>'panela'</i>	iki
433.	<i>'panela de barro'</i>	ikipinu
434.	<i>'panturrilha'</i>	rovi
435.	<i>'papagaio'</i>	iki
436.	<i>'parir'</i>	regĩ
437.	<i>'pássaro amarelo'</i>	bidi
438.	<i>'pato'</i>	ibɔ
439.	<i>'patroa'</i>	otigare
440.	<i>'pau'</i>	ada
441.	<i>'peido'</i>	ĩtʃe
442.	<i>'pé'</i>	abɔ
443.	<i>'pedra'</i>	aku
444.	<i>'peixe'</i>	egĩti
445.	<i>'peito'</i>	ofa
446.	<i>'peito do pé'</i>	ubɔ
447.	<i>'pele'</i>	fɛ
448.	<i>'pena'</i>	kɪ
449.	<i>'penacho'</i>	aparadedʒi
450.	<i>'pendurar-se'</i>	pehime
451.	<i>'pênis'</i>	pãki
452.	<i>'pênis'</i>	tʃo
453.	<i>'pensar'</i>	hogãhẽ

454.	<i>'pentear'</i>	otʃi
455.	<i>'perna'</i>	ovi
456.	<i>'pernilongo'</i>	karapanã
457.	<i>'peru'</i>	itʃetʃigadzaje
458.	<i>'pesado'</i>	itavi
459.	<i>'pescar₁'</i>	g ^w o
460.	<i>'pescar₂'</i>	ki
461.	<i>'pescoço'</i>	to
462.	<i>'pequeno₁'</i>	avi
463.	<i>'pequeno₂'</i>	tobo
464.	<i>'pinhé'</i>	ag ^w aku
465.	<i>'pintado'</i>	api
466.	<i>'piolho'</i>	pagu
467.	<i>'piranha'</i>	oti
468.	<i>'planta'</i>	gĩ
469.	<i>'plantar'</i>	gĩ
470.	<i>'podre'</i>	tʃɛ
471.	<i>'poeira'</i>	fo
472.	<i>'porco₁'</i>	oku
473.	<i>'porco₂'</i>	po
474.	<i>'porta'</i>	oja
475.	<i>'pote'</i>	atũ
476.	<i>'pousar'</i>	aa
477.	<i>'povo'</i>	tʃeuvi
478.	<i>'preto'</i>	ipe
479.	<i>'procurar'</i>	hare
480.	<i>'puxar'</i>	k ^w ɛ
481.	<i>'quadris'</i>	oguta
482.	<i>'quati'</i>	hadzahɔ
483.	<i>'quatro'</i>	rekai
484.	<i>'quebrar'</i>	taja
485.	<i>'quebrar-se₁'</i>	dzake
486.	<i>'quebrar-se₂'</i>	paja
487.	<i>'queimar₁'</i>	bogehi
488.	<i>'queimar₂'</i>	pɔ
489.	<i>'queimar-se'</i>	vira
490.	<i>'queixo'</i>	bo
491.	<i>'quente'</i>	pi
492.	<i>'querer'</i>	tari
493.	<i>'quero-quero'</i>	irodzi
494.	<i>'rabo'</i>	pana
495.	<i>'rachar'</i>	tʃaja
496.	<i>'raio'</i>	atai
497.	<i>'raiz'</i>	tana
498.	<i>'rapaz'</i>	todari

499.	<i>'rasgar'</i>	g ^w aja
500.	<i>'rede'</i>	pana
501.	<i>'redondo'</i>	abahi
502.	<i>'relâmpago'</i>	itɔ
503.	<i>'remo'</i>	akĩ
504.	<i>'resfriado'</i>	dɛitʃiga
505.	<i>'reto'</i>	kadai
506.	<i>'rio'</i>	dʒekĩ
507.	<i>'rir'</i>	k ^w ahɔgũ
508.	<i>'rolar'</i>	dobɛ
509.	<i>'rosto'</i>	tori
510.	<i>'roubar'</i>	puni
511.	<i>'roupa'</i>	fɛ
512.	<i>'saber'</i>	dʒuara
513.	<i>'sal'</i>	vɛ
514.	<i>'sangue'</i>	og ^w a
515.	<i>'sapo'</i>	itiu
516.	<i>'sardinha'</i>	ug ^w apɛ
517.	<i>'sargento'</i>	dʒɔdʒɛdʒɛrɔdayo
518.	<i>'saudação'</i>	ɔhebe
519.	<i>'seco₁'</i>	g ^w ɛradʒa
520.	<i>'seco₂'</i>	tʃara
521.	<i>'segurar₁'</i>	dohi
522.	<i>'segurar₂'</i>	guhi
523.	<i>'seio'</i>	ofa
524.	<i>'semente'</i>	opa
525.	<i>'sentar'</i>	okani
526.	<i>'sentar-se'</i>	gari
527.	<i>'sentir-se'</i>	ki
528.	<i>'sobrinho (a)'</i>	oduru
529.	<i>'socó (pássaro)'</i>	iko
530.	<i>'socozinho (pássaro)'</i>	atʃɔ
531.	<i>'sol'</i>	uve
532.	<i>'soprar'</i>	g ^w ɛ
533.	<i>'subir'</i>	adɛdʒũ
534.	<i>'sucuri'</i>	ik ^w ari
535.	<i>'sujar-se'</i>	iriri
536.	<i>'tamanduá bandeira'</i>	og ^w ipiga
537.	<i>'tamanduá mirim'</i>	opiga
538.	<i>'tarimba'</i>	iko
539.	<i>'tarumã (fruta)'</i>	adɔ
540.	<i>'tatu'</i>	epi

541.	<i>'tatu canastra'</i>	oto dʒipi
542.	<i>'tempero'</i>	doro
543.	<i>'ter'</i>	gu
544.	<i>'ter conhecimento'</i>	dagatʃi
545.	<i>'ter medo'</i>	otag ^w a
546.	<i>'ter medo de'</i>	otag ^w aga
547.	<i>'terra'</i>	afo
548.	<i>'terreiro'</i>	bi
549.	<i>'tesoura'</i>	apajɛvai
550.	<i>'testa'</i>	tori
551.	<i>'tia (irmã da mãe)'</i>	k ^w ɛ
552.	<i>'tia (irmão do pai)'</i>	k ^w i
553.	<i>'tia'</i>	dime
554.	<i>'tio'</i>	tɛ
555.	<i>'tio'</i>	dite
556.	<i>'tocar'</i>	gaho
557.	<i>'tornozelo'</i>	tagebo
558.	<i>'trabalhar₁'</i>	anuniɣi
559.	<i>'trabalhar₂'</i>	nuna
560.	<i>'traíra (peixe)'</i>	api
561.	<i>'trazer'</i>	doki
562.	<i>'trazer (para ele)'</i>	nūka
563.	<i>'trazer para cá'</i>	nūki
564.	<i>'três'</i>	tʃumu
565.	<i>'triste'</i>	ikirɔ
566.	<i>'tronco'</i>	de
567.	<i>'trovão'</i>	tari
568.	<i>'tucum branco'</i>	ag ^w eto
569.	<i>'tucum preto'</i>	mitɔdʒaki
570.	<i>'tucum vermelho'</i>	ug ^w ag ^w edʒi
571.	<i>'tuiu'</i>	hi
572.	<i>'tuvira'</i>	atʃoga
573.	<i>'um'</i>	tʃene
574.	<i>'umbigo'</i>	tumu
575.	<i>'unha'</i>	te
576.	<i>'urinar'</i>	pina
577.	<i>'urubu'</i>	ogu
578.	<i>'urutau'</i>	ibaha
579.	<i>'úvula'</i>	ɛdūdʒapɛra
580.	<i>'vaca'</i>	vaka
581.	<i>'vagina'</i>	obi

582.	<i>'vara de pescar'</i>	daki
583.	<i>'vazio'</i>	g ^w eradzã
584.	<i>'veado'</i>	ɛdiave
585.	<i>'velho'</i>	tuigi
586.	<i>'vento'</i>	ofe
587.	<i>'ver'</i>	dzo
588.	<i>'verde'</i>	rapõhu
589.	<i>'vermelho'</i>	opi
590.	<i>'vir₁'</i>	akigi
591.	<i>'vir₂'</i>	dekidza
592.	<i>'vir₃'</i>	giriki
593.	<i>'vir₄'</i>	tehe
594.	<i>'virgem'</i>	ida
595.	<i>'vivo'</i>	deni
596.	<i>'voar'</i>	ka
597.	<i>'você'</i>	g ^w a
598.	<i>'zagaia'</i>	dzu
599.	<i>'zarabatana'</i>	otogotʃe

ANEXO D

Vocabulário comparativo de Guérios (1939), envolvendo dados do Boróro, do Timbira e do Cayapó.

Nº	Boróro	Kayapó	Merrime	Glosa
1.	Bo i	Ky -	Me i	'eu, me, de mim'
2.	Bo a	Ky -	Me á	'tu'
3.	Bo ak, ak-i (tu)	Ky -	Me ak-ú (ele, ela)	
4.	Bo pagui	Ky -	Me pago-na	'nós'
5.	Bo tagui etai (para eles, para elas)	Ky -	Me itá-ie (vocês)	
6.	Bo pa-gui (nós)	Ky -	Me pa (eu)	
7.	Bo ta-gui (vocês)	Ky -	Me ta (tu)	
8.	Bo a-ki	Ky -	Me gá, ká	'tu'
9.	Bo u, o (seu, sua, dele, dela)	Ky -	Me ak-u, k-u ú (ele, ela)	
10.	Bo a-i, dg-i (para ele, ela)	Ky -	Me hi (seu)	
11.	Bo ino	Ky ino	Me inho, inhõ, iõ	'meu, minha'
12.	Bo a-ko	Ky -	Me gõ	'teu, tua'

13.	Bo pago	Ky -	Me paiõ	' <i>nosso, nossa</i> '
14.	Bo ema	Ky ama, amu, ta-um-a	Me -	' <i>ele, ela</i> '
15.	Bo eno	Ky ano	Me -	' <i>seu, sua, teu, tua</i> '
16.	Bo tchi-reu-da, ro-dda, ku-rireu-da	Ky u-rê uru-õ, u-ru-ê, ru-re	Me -lêra, rera	' <i>sufixo de feminino</i> '
17.	Bo méru, merú-o (<i>caminhar, andar, caçar</i>)	Ky -	Me peru, plü (<i>caminho</i>)	
18.	Bo kábi	Ky -	Me kapo-n	' <i>lavar, limpar</i> '
19.	Bo marêú, mirêu (<i>aí, ali</i>)	Ky -	Me malai, mali, mulaí (<i>lá</i>)	
20.	Bo kirmi (<i>voltar, regressar</i>)	Ky -	Me kramõ, krama-um (<i>ir embora</i>)	
21.	Bo gorí-ddo	Ky -	Me khore, -khoró	' <i>assar, cozinhar</i> '
22.	Bo a-gô, ma-ga, ma-go, ma-go-go	Ky -	Me ga-kô-k ga-kô-go mai-ka-kô	' <i>falar, dizer</i> '
23.	Bo akkere	Ky -	Me iyakoro akiere (<i>bocejar</i>)	' <i>respirar</i> '
24.	Bo -	Ky kari	Me pu-kare	' <i>tossir</i> '
25.	Bo ame-ma	Ky -	Me am(o)-kó	' <i>lagarto</i> '
26.	Bo kámo (<i>lugar de assar peixes</i>)	Ky -	Me hama-khoró (<i>cozinhar</i>)	
27.	Bo	Ky	Me	' <i>cachimbo</i> '

	kua-mo	-	kôá	
28.	Bo kudo	Ky -	Me i-kaud, i-kódi	'alto'
29.	Bo kuie (<i>flecha para peixe</i>)	Ky -	Me kuhê (<i>arco</i>)	
30.	Bo e-kimo	Ky -	Me komo	'viver'
31.	Bo e-rêdo	Ky -	Me ratsú, ratchú	'derramar'
32.	Bo djiri (<i>amargo</i>)	Ky -	Me tsuari-t (<i>azedo</i>)	
33.	Bo i-to	Ky -	Me ti-ua	'dente'
34.	Bo itúi-e (<i>irmã mais velha</i>)	Ky -	Me itôï-n (<i>irmã</i>)	
35.	Bo rakapo (<i>ser cortante</i>)	Ky -	Me rrakép, hakép (<i>cortar</i>)	
36.	Bo boorêu	Ky -	Me i-póre	'barata'
37.	Bo ka-ga	Ky -	Me kê, kul-kô (<i>gavião vermelho</i>)	'gavião'
38.	Bo kö, kô	Ky -	Me ku-tsod, ku-tchôd	'feder'
39.	Bo ôgu-a	Ky -	Me akô	'lábio'
40.	Bo djurêu	Ky kuêre	Me kôro	'mandioca'
41.	Bo djukoe	Ky -	Me kukôi, kuku-re	'macaco'
42.	Bo nogui	Ky nikó-p	Me nhukó-p	'unha'
43.	Bo koráo	Ky -	Me kure-ti	'papagaio'
44.	Bo o-toetá	Ky -	Me tógtó	'acender'
45.	Bo	Ky	Me	

	remo (<i>entrar</i>)	-	romi, rumo-n (<i>vir,</i> <i>transformar-</i> <i>se</i>)	
46.	Bo touu-do	Ky to	Me i-to-re	'voar'
47.	Bo bure, buri	Ky -	Me pare, pari	'pé'
48.	Bo me-do i-me (plural)	Ky mê-o	Me mé, me (<i>gente</i>)	'homem'
49.	Bo kuddu, kúdu	Ky -	Me tchô (de <i>-kyo</i>)	'farinha'
50.	Bo mako, maku	Ky -	Me -mãgõ	'dar'
51.	Bo tchoreu, tchereu (de <i>kyoreu</i>)	Ky -	Me tu-kure	'preto'
52.	Bo -gaddo	Ky -	Me a-kad, akat(o)	'branco'
53.	Bo a-huago, a-uago (de <i>akuago</i>)	Ky -	Me kago-n	'cobra'
54.	Bo tu (<i>estragar,</i> <i>arruinar</i>)	Ky tu (<i>cair</i>)	Me -	
55.	Bo bi (<i>morrer</i>)	Ky ku-bi (<i>matar</i>)	Me -	
56.	Bo kare, kare-ga	Ky kuari-ke, kati, ket	Me -	'não'
57.	Bo ataro (<i>espuma</i>)	Ky attörö (<i>orvalho</i>)	Me -	
58.	Bo paga, pãgô	Ky pak-reti	Me -	'regato'
59.	Bo uh	Ky u-ã	Me -	'sim'

60.	Bo karö	Ky i-karö-ro (<i>mandi</i>)	Me -	'peixe'
61.	Bo parú (<i>princípio,</i> <i>começo</i>)	Ky pru-ro (<i>cedo</i>)	Me -	
62.	Bo pôro, póro	Ky pori	Me -	'buraco'
63.	Bo meare (<i>folha de</i> <i>tabaco</i>)	Ky merô (<i>cinza</i>)	Me -	
64.	Bo tchê	Ky tche-re	Me -	'queimar'
65.	Bo riru	Ky rörö	Me -	'pau para acender fogo'
66.	Bo boé-to	Ky boô, bo, bâe	Me -	'mato, floresta'
67.	Bo itó-ri	Ky ité, itê	Me -	'perna'
68.	Bo mei-au, mi-au	Ky me-d	Me -	'mel'
69.	Bo ê-pe, pé (<i>escrementos</i>)	Ky bai-pê (<i>gases</i> <i>intestinais</i>)	Me -	

ANEXO E

Lista de itens reconstruídos para o Proto-Jê por Davis (1966).

PJ – Proto-Jê

Ap – Apinajé

Ca – Canela

Su – Suyá

Xa – Xavante

Ka – Kaingang

Nº	PJ	Ap	Ca	Su	Xa	Ka	Glosa
1.	*a	Ap a-	Ca a-, aa-	Su a-	Xa ʔã	Ka ʔa ⁿ -	'2ª pes.'
2.	*ca, cam	Ap ca, ca ⁿ m	Ca ca	Su -	Xa n ^y a, n ^y am, n ^y ap, cam	Ka je ⁿ , je ⁿ ŋ	'repousar'
3.	*cər, cət	Ap cet, cer	Ca (ka)cər	Su -	Xa cata, n ^y aana	Ka -	'queimar'
4.	*cwa	Ap wa, -cwa	Ca cwa	Su twa	Xa ʔwa	Ka ja ⁿ	'dente'
5.	*i-, ic-	Ap i-, ic-	Ca ii-	Su i-	Xa ʔii ⁿ	Ka ʔin ^y	'posse 1ª pes.'
6.	*ka	Ap ka	Ca ka	Su ka	Xa -	Ka -	'você'
7.	*ka- cwa	Ap kacwa	Ca kaacwa	Su k ^h atwa	Xa (ʔi ⁿ)ʔwa (waahə)	Ka -	'sal'
8.	*ka- kre, -kren ^y	Ap kakre, Kakren ^y	Ca kaak ^h re, kak ^h ri	Su -	Xa waʔre	Ka -ŋre	'chupar'
9.	*ka- mrek, mre	Ap kamrek	Ca -	Su -	Xa pre	Ka -	'vermelho'
10.	*ka-	Ap	Ca	Su	Xa	Ka	'sangue'

	mro	kamro	kaproo	k ^h aamro	waapru	-	
11.	*kan ^y e	Ap Kan ^y e(ti)	Kacee(rε)	Su K ^h ane(ti)	Xa waaci	Ka -	'estrela'
12.	*kaŋa	Ap kaŋa	Ca -	Su -	Xa waaʔa	Ka kaŋa (doente)	'preguiços o'
13.	*kaŋa ⁿ	Ap kaŋa ⁿ	Ca -	Su k ^h ɔ ⁿ ŋy ⁿ	Xa -	Ka kakə(wə)	'cobra'
14.	*kaŋrɔ	Ap kaŋrɔ	Ca kakra	Su k ^h aaŋrɔ	Xa waaʔrɔ	Ka -	'quente'
15.	*ka-ro ⁿ	Ap karo ⁿ	Ca -	Su -	Xa waaro ⁿ	Ka -	'alma'
16.	*ka-zo, zor	Ap kao, kaor	Ca kaho	Su -	Xa wapco ⁿ	Ka ka ⁿ hun	'sugar, chupar'
17.	*kə	Ap kɬ	Ca k ^h ə	Su k ^h y	Xa hə	Ka -	'casca, pele'
18.	*kə, kər	Ap kɬ, kɬr	Ca -	Su -	Xa hə, həərə	Ka -	'berrar, chamar'
19.	*kəck wa	Ap kackwa	Ca kojk ^h wa	Su kajkwa	Xa hən ^y wa	Ka Kan ^y ka ⁿ	'céu'
20.	*kε, -kεc	Ap (ʔap)kε	Ca (aw)k ^h ε	Su -	Xa (nan ^y i ⁿ mi ⁿ)ʔ e	Ka (ja)ka ⁿ n ^y	'esquerdo'
21.	*kɛn	Ap ke ⁿ	Ca k ^h ɛn	Su k ^h ɛni	Xa ʔee ⁿ ne ⁿ , ʔe ⁿ te ⁿ	Ka -	'pedra'
22.	*ki	Ap ki ⁿ	Ca k ^h i ⁿ	Su (wa)k ^h i ⁿ	Xa -	Ka (ki)ki	'cabelo'
23.	*ko	Ap ko (bastão)	Ca -	Su ʔu	Xa -	Ka (ni ⁿ)ka, (ku)ka (osso)	'chifre'
24.	*-ko ⁿ , -ko ^o m	Ap (ic)ko ^a , Ko ^o m	Ca -k ^h o ⁿ	Su -k ^h o ^u	Xa -	Ka ŋɔn (engolir)	'beber'
25.	*kok	Ap kok	Ca k ^h ook	Su k ^h ogo	Xa -	Ka kɔ(hu)	'vento'
26.	*ko ⁿ n	Ap ko ⁿ n	Ca k ^h o ^u n	Su (i)k ^u ɔno	Xa -	Ka -	'joelho, cotovelo'
27.	*kra	Ap kra(rε)	Ca (aʔ)k ^h ra(r ε)	Su -	Xa ʔra	Ka kre ⁿ	'criança'
28.	*kra, kra ⁿ n ^y	Ap kɾa ^u	Ca k ^h rə ^u	Su (wa)krə ⁿ	Xa ʔra ⁿ ,	Ka kɾi ⁿ	'cabeça'

					ʔra ⁿ y		
29.	*kre ⁿ , kre ⁿ r	Ap -kre ⁿ , -kre ⁿ r	Ca -k ^h re ⁿ	Su -	Xa -ʔre ⁿ , -ʔre ⁿ ne ⁿ	Ka (wa ⁿ)kre (jejuar)	'comer'
30.	*krɛ	Ap (i)kre	Ca K ^h re	Su (k ^h i)krɛ	Xa ʔri	Ka krɛ	'casa'
31.	*kra	Ap krɔ	Ca -	Su -	Xa ʔrɔ	Ka (kɔ)krɛ	'podre'
32.	*kry	Ap (ʔa)kry	Ca k ^h ry	Su K ^h ry-	Xa həə-	Ka (ku)kry(ry) (geada)	'frio'
33.	*kryz	Ap kwrəj	Ca kryj(ti)	Su k ^h roji	Xa (wan')həə(r ə)	Ka kri ⁿ n(kri ⁿ ri ⁿ)	'papagaio'
34.	*ku, kur	Ap -ku, -kur	Ca k ^h uu	Su -	Xa huuri	Ka ko	'comer'
35.	*ku- kɔz	Ap kokoj	Ca kuk ^h oj	Su k ^h uk ^h ojɛ, kukoj	Xa (ʔrɔ)ʔɔ(re)	Ka Kaje ⁿ (re ⁿ)	'macaco'
36.	*ku- kryt	Ap kukryt	Ca kuk ^h ryt	Su k ^h ukryty	Xa ʔuhəənə	Ka -	'anta'
37.	*ku ⁿ m	Ap ku ⁿ m	Ca (iʔ)k ^h u ⁿ m	Su k ^h u ⁿ mo ⁿ	Xa -	Ka ku ⁿ m	'fumo'
38.	*kupu	Ap kupu	Ca -	Su -	Xa ʔuumu	Ka -	'agasalhar'
39.	*ku- zo ⁿ , -zo ⁿ n ^y	Ap kuʔo ⁿ , kuʔo ⁿ n	Ca kuʔho ⁿ , kaʔho ⁿ	Su -	Xa ʔupco ⁿ , ʔupco ⁿ n ^y	Ka fa, fa ⁿ , fa ⁿ ŋ	'lavar'
40.	*ku-zy	Ap kuwy	Ca kuhy	Su k ^h usy	Xa ʔun ^y i	Ka -	'fogo'
41.	*kwyr	Ap kwər	Ca k ^h wyry	Su k ^h wyry	Xa -	Ka -	'mandioca'
42.	*ma	Ap ma	Ca pa	Su ma	Xa pa	Ka (tə ⁿ)me ⁿ	'figado'
43.	*-ma, -mar	Ap (ku)ma, mar	Ca (k ^h ə ⁿ)pa	Su -	Xa (waa)pa, -paari	Ka me ⁿ	'ouvir'
44.	*me, me ⁿ n ^y	Ap (ku)me ⁿ , me ⁿ n ^y	Ca -	Su -	Xa me ⁿ	Ka pe ⁿ ŋ (atirar)	'lançar'
45.	*mɛe	Ap mɛe	Ca pɛj	Su mɛt-	Xa pece	Ka -	'bom'
46.	*men ^y	Ap men ^y	Ca -	Su meni	Xa pi ⁿ ,	Ka mə ⁿ ŋ	'mel'

					pi ⁿ ni ⁿ		
47.	*mi ⁿ , mi ⁿ n ^y	Ap mi ⁿ (ti)	Ca mii ⁿ	Su Mii ⁿ (ti ⁿ)	Xa -	Ka mi ⁿ ŋ (<i>animal carnívoro</i>)	'jacaré'
48.	*mo ⁿ , mo ⁿ r	Ap mo ^a , mo ^a r	Ca mo ⁿ	Su -	Xa -mo ⁿ , mo ⁿ ri	Ka mu ^a	'caminhar, ir'
49.	*mrɔ, mrɔc, prə	Ap mrɔ, pɾa(ʔcɛt) (<i>carvão</i>)	Ca pɾɔ	Su mrɔɔ	Xa -pɾɔ (<i>carvão</i>)	Ka mre ⁿ je ⁿ	'cinzas'
50.	*-mu, mun ^y	Ap (ɔ)um, (pu)um, -mun ^y	Ca (- ho ^u m)pu, (pu)pun	Su -	Xa (caa)mu	Ka -	'ver'
51.	*mut	Ap mut	Ca put	Su -mutu	Xa muunu	Ka -	'pescoco'
52.	*my	Ap (ʔa)my	Ca (ha)ppy	Su myy	Xa mə	Ka my	'canela'
53.	*myt	Ap myt	Ca pyt, pyty	Su myri	Xa məənə	Ka -	'sol'
54.	*mzɛn	Ap mjɛn	Ca (ii ⁿ)pje	Su mjɛni	Xa -	Ka mɛn	'marido'
55.	*na	Ap na	Ca taa	Su naa	Xa ta ⁿ	Ka ta	'chuva'
56.	*na ⁿ	Ap na ⁿ	Ca -nəə ⁿ	Su -	Xa na ⁿ	Ka nə ⁿ	'mãe'
57.	*no ⁿ , no ⁿ r	Ap no ⁿ , no ⁿ r	Ca no ⁿ	Su -	Xa no ⁿ , no ⁿ mro ⁿ	Ka na ⁿ	'mentir'
58.	*nɔ	Ap nɔ	Ca (ii)tɔ	Su (waa)nɔ	Xa tɔ	Ka (ka)ne ⁿ	'olho'
59.	*nyw	Ap nyw	Ca -tuwa	Su nywy	Xa -tɛ	Ka ta ⁿ ŋ	'novo'
60.	*n ^y a, n ^y ar	Ap (ka)n ^y a, -n ^y ar	Ca (-ku)ca	Su -	Xa -ca, -cari	Ka (ka)je ⁿ (<i>mastigar</i>)	'morder'
61.	*n ^y i ⁿ	Ap i ⁿ , -n ^y i ⁿ	Ca hi ⁿ	Su -n ^y i ⁿ	Xa n ^y i ⁿ	Ka ni ⁿ	'carne'
62.	*n ^y i ⁿ - kra	Ap ʔi ⁿ kra, -n ^y i ⁿ kra	Ca hu ⁿ ʔk ^h ra	Su -ni ⁿ krə	Xa n ^y i ⁿ pɔraa(n a), ci ⁿ pʔraa(na)	Ka kra (<i>pilão</i>)	'mão'

63.	*n ^y i ⁿ - n ^y a-krɛ	Ap ʔi ⁿ akrɛ, -n ^y i ⁿ akrɛ	Ca -ji ⁿ :jak ^h rɛ	Su (wa)n ^y in ^y a kre	Xa n ^y i ⁿ ciʔre, ciciʔre	Ka ni ⁿ :je ⁿ	'nariz'
64.	*n ^y o ⁿ	Ap o ⁿ , n ^y o ⁿ	Ca -	Su -	Xa n ^y o ⁿ	Ka ye ⁿ	'comida'
65.	*n ^y o ⁿ t, ŋo ⁿ r	Ap O ⁿ t, -n ^y o ⁿ t, ŋo ⁿ r	Ca -ŋo ⁿ r	Su ŋoro	Xa n ^y oo ⁿ no ⁿ , co ⁿ to ⁿ	Ka nu ⁿ ru ⁿ	'dormir'
66.	*n ^y o ⁿ - tɔ	Ap o ⁿ ʔtɔ, n ^y o ⁿ ʔtɔ	Ca -jo ⁿ ʔtɔ	Su (wa)n ^y otɔ	Xa -	Ka nu ⁿ ne ⁿ	'língua'
67.	*n ^y y ⁿ r, n ^y y ⁿ	Ap n ^y y ⁿ , y ⁿ r, n ^y y ⁿ r	Ca jə ⁿ	Su -	Xa N ^y a ⁿ (bra ⁿ -), ca ⁿ -	Ka ni ⁿ	'sentar'
68.	*ŋo	Ap ŋo	Ca (ii)ko	Su (ii)ŋo	Xa ʔu	Ka -ŋa, -ŋa ⁿ	'piolho'
69.	*ŋo, ŋoc	Ap ŋo, ŋoc	Ca ko	Su ŋo	Xa -ʔɔ, ʔu, ʔən ^y	Ka ŋojo	'água'
70.	*ŋrə	Ap ŋrɔ	Ca krə	Su ŋry(rɛ)	Xa ʔrɛ	Ka -	'seco'
71.	*ŋrɛ, ŋrɛr	Ap ŋrɛ	Ca (in)krɛ	Su -ŋrɛ	Xa ʔre	Ka ŋrɛ (pênis)	'ovo'
72.	*ŋrɛ, ŋrɛr	Ap ŋrɛ, ŋrɛr	Ca -krɛ	Su -	Xa (n ^y o ⁿ)ʔre (con ⁿ)ʔre	Ka ŋrɛn (dançar)	'cantar'
73.	*ŋri-rɛ	Ap ŋri	Ca (i ⁿ n)krirɛ	Su ŋrirɛ	Xa -	Ka ŋi ⁿ ri ⁿ (criança)	'pequeno'
74.	*pa	Ap pa	Ca -	Su (wa)wa	Xa pa	Ka pe ⁿ	'braço'
75.	*pa	Ap pa	Ca pa	Su pa	Xa wa	Ka -	'eu'
76.	*pa, par	Ap pa, par	Ca -	Su -	Xa pa, pari	Ka pan	'finalizar'
77.	*pa ⁿ m	Ap pɔ ⁿ m	Ca -pa ⁿ m	Su -	Xa maa ⁿ ma ⁿ	Ka -	'pai'
78.	*par	Ap par	Ca (ii)par	Su (i)hwani	Xa paara	Ka pe ⁿ n	'pé'

79.	*pat	Ap pʌt	Ca -	Su -	Xa paani, pani	Ka -	'tamanduá ,
80.	*pi ⁿ	Ap pi ⁿ	Ca pii ⁿ	Su hwi ⁿ	Xa mi ⁿ	Ka pi ⁿ	'árvore'
81.	*pi ⁿ , *pi ⁿ r	Ap (ku)pi ⁿ , -pi ⁿ r	Ca -	Su -	Xa wi ⁿ , wi ⁿ ri ⁿ	Ka pin	'matar'
82.	*pɔ	Ap pɔ	Ca (iʔ)pɔ	Su -	Xa (ʔə)pɔ(rɛ)	Ka -	'amplo'
83.	*pro ⁿ	Ap pro ⁿ	Ca (ii ⁿ)pro ⁿ	Su hro ⁿ	Xa mro ⁿ	Ka pru ⁿ	'esposa'
84.	*pry	Ap pry	Ca pryy	Su hryy	Xa mə	Ka (ja)pry	'caminho'
85.	*py-ci, py-cit	Ap pyci	Ca pycit	Su wyt-	Xa mi ⁿ ci	Ka pi(ri)	'um'
86.	*py-ka, kan ^y	Ap pyka	Ca -	Su hwyka	Xa (ti)ʔa, -ʔan ^y	Ka ŋa	'terra'
87.	*ra ⁿ	Ap rʌ ⁿ	Ca (ii)rə ⁿ	Su -	Xa (ci)raa ⁿ (ra ⁿ)	Ka rə ⁿ (maduro)	'flor'
88.	*re, rer	Ap re, rer	Ca ree	Su -	Xa (n ^y əə)ri, rii(mi)	Ka re (fluir, jorrar)	'nadar'
89.	*rɔp	Ap rɔp	Ca rɔp	Su rop-	Xa -	Ka -	'cachorro'
90.	*ry	Ap ry	Ca (i)ryry	Su -ry(rɛ)	Xa -	Ka -	'longo'
91.	*ta, tam	Ap tʌ ⁿ m	Ca tamə ⁿ	Su (ii)t ^h ə	Xa taa-	Ka (ti)tə ⁿ , tɔŋ	'3 ^a pes.'
92.	*te ⁿ , te ⁿ m	Ap te ⁿ , te ⁿ m	Ca -te ⁿ	Su te, -ne	Xa ne ⁿ	Ka ti ⁿ	'vir, ir'
93.	*tɛ	Ap tɛ	Ca (ii)tɛ	Su (ii)t ^h ɛ	Xa te	Ka -	'perna'
94.	*tɛp	Ap	Ca tɛp	Su tɛwɛ	Xa teeme, tepe	Ka -	'peixe'
95.	*-ti ⁿ	Ap (u)ti ⁿ , (-py)ti ⁿ	Ca (huu ⁿ)ti ⁿ , (py)ti ⁿ	Su (u)ti ⁿ -	Xa -	Ka -	'pesado'
96.	*to ⁿ	Ap *to ⁿ	Ca -	Su -to ⁿ	Xa -no ⁿ	Ka -	'irmão mais novo'
97.	*tɔ,	Ap	Ca	Su	Xa	Ka	'voar'

	tɔr	tɔ, tɔr	tɛɛ	-	-	te ⁿ	
98.	*tu, tum	Ap tu	Ca (ii)tu	Su -	Xa nu, nup	Ka nunɟ	'barriga'
99.	*tu, tun ^y	Ap tu	Ca (aʔ)tuu	Su -	Xa nu, nun ^y	Ka tu (tipo de planta)	'erva, grama, relva'
100.	*ty, tyk, tyr	Ap ty, tyk	Ca tyy	Su -ty	Xa tə, nəʔə, nəərə	Ka tere	'morrer'
101.	*tyk	Ap tyk	Ca (iʔ)tyk	Su t ^h yk(re)	Xa (ʔra ⁿ)nəʔə	Ka (ku)ty (escuro)	'preto'
102.	*twəm	Ap twəm	Ca (iʔ)twym	Su t ^h wəmy	Xa wa, wap	Ka ta ⁿ ɲ	'gordo, gorduroso'
103.	*za-ka	Ap ʔaka, -jaka	Ca hakk ^h a, jak ^h aa	Su saaky(ire)	Xa ʔa	Ka -	'branco'
104.	*zako, zakor	Ap ʔako, -jako, -jakor	Ca hakkoo	Su -	Xa caʔu, caʔuuri	Ka ja ⁿ ka	'florese r'
105.	*za-ra	Ap ʔara, -jara	Ca haaraa,	Su saara	Xa -n ^y ɛɛrɛ (cabelo)	Ka fe ⁿ re ⁿ	'asa, pluma'
106.	*za-re	Ap ʔare, -jare	Ca haare	Su saarɛ	Xa -	Ka ja ⁿ re	'raiz'
107.	*za- re ⁿ , re ⁿ n ^y	Ap ʔare ⁿ , ʔare ⁿ n ^y , -jare ⁿ	Ca -	Su -	Xa n ^y o ⁿ re ⁿ	Ka -	'contar'
108.	*zaz- kwa	Ap ʔakwa, -jakwa	Ca -jark ^h wa	Su -jajkwəə	Xa n ^y an ^y hə	Ka je ⁿ nky	'boca'
109.	*zi	Ap ʔi, -ji	Ca -hi	Su -si	Xa hi	Ka -	'osso'
110.	*zici	Ap ʔici, -n ^y ici	Ca -	Su siini	Xa n ^y i: ⁿ ci	Ka jiji	'nome'
111.	*zo, zoc	Ap ʔo	Ca (iʔ)ho	Su -so	Xa (we)cun ^y (ra	Ka fɛjɛ	'folha'

					n)		
112.	*zy	Ap ʔy	Ca (iʔ)hyy	Su -	Xa n ^y ə	Ka fy	<i>'semente</i> ,

ANEXO F

Vocabulário comparativo de Davis (1968), envolvendo o Proto-Jê, o Maxakalí e o Karajá.

Nº	Proto-Jê	Maxakalí	Karajá	Glosa
1.	PJ *a	Ma ʔã-	K ã-	'2ª pes.'
2.	PJ *cwa	Ma -coc	K čuu	'dente'
3.	PJ *ka	Ma -	K kai	'você'
4.	PJ *ka-kre, kreñ	Ma -	K i-θε	'chupar'
5.	PJ *kaŋã	Ma kãñã	K -	'cobra'
6.	PJ *ka-zo, -zor	Ma -cip	K -dʃɔ-	'sugar'
7.	PJ *kə	Ma -cac	K (w) (dʃə)ki	'casca, pele'
8.	PJ *keekwa	Ma ñããko(tɛʔ)	K -	'céu'
9.	PJ *kε kec	Ma -cac	K -	'esquerdo'
10.	PJ *kɛn	Ma cac	K -	'pedra'
11.	PJ *ki	Ma -cɛʔ	K -	'cabelo'
12.	PJ *ko	Ma kip	K -	'chifre'
13.	PJ *-kõ, -kõm	Ma -coʔop	K -õ-	'beber'
14.	PJ *kok	Ma -	K (w) kihi	'vento'
15.	PJ *kõn	Ma -kopa(-cic)	K (dʃi-)əho	'joelho'
16.	PJ *kra	Ma kitok	K -	'criança'

		(filho)		
17.	PJ *krã, krãñ	Ma -	K ra(-d ^{fi})	'cabeça'
18.	PJ *krê, krêr	Ma -cit	K (-rə)θã-to (engolir)	'comer'
19.	PJ *krɔ	Ma -ktoc	K rɔ	'podre'
20.	PJ *kriz	Ma konnɪŋ	K -	'papagaio'
21.	PJ *ku, kur	Ma -	K (w)-ki-	'comer'
22.	PJ *ku-krit	Ma (?i-)citta [?]	K (w) kōri	'anta'
23.	PJ *kūm	Ma -ŋõñ	K -	'fumo'
24.	PJ *ku-zi	Ma kicap	K (hɛo)d ^{fi}	'fogo'
25.	PJ *kwir	Ma kon, kohot	K (ãji)ura	'mandioca'
26.	PJ *ma	Ma -	K baa	'figado'
27.	PJ *-ma, -mar	Ma (-ci)pak	K -	'ouvir'
28.	PJ *mɛc	Ma -mac	K -	'bom'
29.	PJ *meñ	Ma -	K bədi	'mel'
30.	PJ *mĩ, mĩñ	Ma mã [?] ãñ	K -	'jacaré'
31.	PJ *mõ, mõr	Ma mõŋ	K -	'caminhar'
32.	PJ *mrɔ, mrɔc	Ma pitothok	K bri(bi)	'cinzas'
33.	PJ *mut	Ma -	K bed ^{fo}	'pescoço'
34.	PJ *na	Ma tɛhɛc	K -	'chuva'
35.	PJ *nõ,	Ma -	K rõrõ-to	'mentir'

	nōr			
36.	PJ *nə	Ma -	K ruɛ	'olho'
37.	PJ *niw	Ma -tip	K -	'novo'
38.	PJ *ñĩ	Ma (com)ñĩñ	K -de	'carne'
39.	PJ *ñĩ-ñã-krɛ	Ma -	K deãθã	'nariz'
40.	PJ *ñõt	Ma -ñõn	K -	'dormir'
41.	PJ *ñõ-tɔ	Ma -ñõñcõŋ	K dɔrɔ(dʰɔ)	'língua'
42.	PJ *ñĩ, ñĩr	Ma -ñĩm	K -dã-	'sentar'
43.	PJ *ŋo	Ma -kit	K -	'piolho'
44.	PJ *ŋrɛ	Ma -	K θii	'ovo'
45.	PJ *ŋrɛ, ŋrɛr	Ma -kitɛc	K -θɛ-	'cantar, dançar'
46.	PJ *ŋri-rɛ	Ma -ktõŋnãŋ	K -riɔre (criança)	'pequeno'
47.	PJ *pa	Ma -	K -wa-	'eu'
48.	PJ *par	Ma -pata ²	K waa	'comida'
49.	PJ *par	Ma -	K -wari(ri)	'tamanduá'
50.	PJ *pĩ	Ma mĩhĩm, mĩm	K -	'árvore, lenha'
51.	PJ *pri	Ma pitahat, pitat	K rii	'caminho'
52.	PJ *pi-ci, cit	Ma picɛt	K -	'um'
53.	PJ *rã	Ma -ta ² (fruto)	K ra (fruto)	'flor'
54.	PJ *rɔp	Ma -	K (ijɔ)rɔ	'cão'

55.	PJ *ri	Ma -toc	K irɛhɛ	'longo'
56.	PJ *ta, tam	Ma -	K dʰabi (para ele)	'3ª pes.'
57.	PJ *to, tɔr	Ma -to(paha²)	K -ɔ-	'voar'
58.	PJ *tu, tum	Ma -tɛc	K -wo-	'barriga'
59.	PJ *tik	Ma -nĩn	K -	'preto'
60.	PJ *twɔm	Ma -top	K wɛɛ	'gordo'
61.	PJ *za-ra	Ma -	K θa (penas de ornamentos)	'asa, pluma'
62.	PJ *za-re	Ma (-nĩp)catit	K (iru-)dʰi	'raiz'
63.	PJ *zaz-kwa	Ma -nĩ-koc	K -	'boca'
64.	PJ *zi	Ma -	K dʰii	'osso'
65.	PJ *zici	Ma -cicet(?ac)	K -	'nome'
66.	PJ *zo, zoc	Ma cic	K -	'folha'
67.	PJ *zi	Ma -	K idʰi	'semente'

ANEXO G

Vocabulário comparativo de Gudschinsky (1971), envolvendo o Proto-Jê de Davis (1966) e o Ofayé. Nesse estudo, Gudschinsky propõe também uma reconstrução a partir das formas comparadas.

Nº	Ofaié-Jê	Ofayé	Proto-Jê	Glosa
1.	POJ *par	Of par	PJ Par	'pé'
2.	POJ *pəər	Of (‘hyh’)par	PJ *wir	'mandioca'
3.	POJ *pɛ	Of ‘pɛ	PJ Pa	'braço'
4.	POJ *meñ	Of wĩ	PJ *mẽñ, mẽ	'atirar em, jogar'
5.	POJ *ma, pa	Of ‘pa(j)	PJ *ma, mar	'ouvir'
6.	POJ * mi, pi	Of ‘pi(ky)ty-ɛq)	PJ *mĩ, mĩñ	'jacaré'
7.	POJ *tɛŋ ^w , tɛk ^w	Of ‘tɛq	PJ *tam, ta	'ele'
8.	POJ *takw	Of (‘ky)ty(i)q	PJ *tɛp	'peixe'
9.	POJ *no, nor	Of ‘no(q), ‘noro(q) (estar sentado)	PJ *nõ, nõr	'deitar'
10.	POJ *tun, tuc	Of (‘yh)tyh (mate)	PJ *tun, tu	'capim'
11.	POJ *rəəj	Of ‘raa	PJ *ri	'comprido'
12.	POJ *tet, rer	Of (hɛ)t(a)it	PJ *rer, re	'nadar'
13.	POJ *tik, rik	Of ‘(kõ)rõq	PJ *tik	'preto'

14.	POJ *ca	Of ja(iq)	PJ *za(rẽ)	<i>'falar'</i>
15.	POJ *cək	Of hy'(i)q	PJ *zak(o), zak(or)	<i>'soprar'</i>
16.	POJ *cəə	Of (‘ỹ)’šaa(q)	PJ *zy	<i>'semente'</i>
17.	POJ *cetem, cerem	Of ‘hε(g)’tεw	PJ *za-re	<i>'raiz'</i>
18.	POJ *cεεη ^w , cεεk ^w	Of ‘šεεq	PJ *cam, ca	<i>'estar em pé'</i>
19.	POJ *cε	Of ‘šε(q)	PJ *c(w)a	<i>'dente'</i>
20.	POJ *ci	Of ‘hi(h)	PJ *zi	<i>'osso'</i>
21.	POJ *coñ, coc	Of ‘šoh	PJ *(ku)zõn, -zõ	<i>'lavar'</i>
22.	POJ *ñi	Of ‘jĩ(j)	PJ *ñĩ	<i>'carne'</i>
23.	POJ *ñota, ñora	Of ‘jõra(h)	PJ *ñoto	<i>'língua'</i>
24.	POJ *ca	Of ‘as(q) (filho)	PJ *(k)ra	<i>'criança'</i>
25.	POJ *ce	Of ‘šε(j)	PJ *(ñĩ-ñak)rε	<i>'nariz'</i>
26.	POJ *cə	Of ‘ša(h)	PJ *(k)rε	<i>'casa'</i>
27.	POJ *ci	Of (‘εε)’šy(h)	PJ *(k)ri	<i>'frio'</i>
28.	POJ *kə	Of (‘wij)ky(‘taq)	PJ Ka(ñe)	<i>'estrela'</i>
29.	POJ *kə	Of ‘kỹ(εq)	PJ *(za)ka	<i>'branco'</i>
30.	POJ *kətεεη, kətεεk	Of ky'tεεq	PJ *krã, krã(ñ)	<i>'cabeça'</i>
31.	POJ *ken, ket	Of ‘kε’t(εh)	PJ *kεn	<i>'pedra'</i>
32.	POJ *kec	Of (‘pykε)kε’j(o)	PJ *kεc,	<i>'esquerda'</i>

			kɛ	
33.	POJ *kɛti	Of 'kɛ'to(q)	PJ *kri(z)	'papagaio'
34.	POJ *koc	Of ('jy)'koh	PJ *ka-c(wa)	'sal'
35.	POJ *koŋi	Of 'ko'ni(q)	PJ *kaŋã	'cobra'
36.	POJ *ku	Of ('wy)ky('hɛg)	PJ *ko	'chifre'
37.	POJ *kun, kut	Of ('hij)ky't(ɛq)	PJ *kõn	'joelho'
38.	POJ *ŋəcəre	Of ỹỹ:šara(q)	PJ *ŋrə	'seco'
39.	POJ *ŋərɛɛŋ, ŋərɛɛk	Of 'ỹỹ'tɛɛq	PJ *rã	'flor'
40.	POJ *ŋətun, ŋatuk	Of ('šyh)'tyq	PJ *(ka-)ŋrõ	'quente'
41.	POJ *ŋəre, kəre	Of ky'ri(h)	PJ ŋrɛ, ŋrɛr	'cantar, dançar'
42.	POJ *ŋəri	Of 'ỹỹ'ri(q)	PJ *ŋri-(rɛ)	'pequeno'
43.	POJ *ŋate, kəte	Of ky'tɛ	PJ *ŋrɛ	'ovo'
44.	POJ *ŋucim, kucim	Of 'ỹỹ'sỹw	PJ *ku-zi	'fogo'
45.	POJ *kwīt, kwīr	Of 'k(ỹ)it	PJ *pīr, pī	'matar'
46.	POJ *ŋwəceek *ŋwəcow	Of ỹšɛɛq (sangue) 'ỹỹ'sow (vermelho)	PJ *(ka)mrek *(ka)mro	'vermelho' 'sangue'
47.	POJ *ŋ ^w ut	Of ỹ't(o-yq)	PJ *mut	'pescoço'
48.	POJ *ŋ ^w am, k ^w am	Of 'kāw	PJ *mõ, mõr	'ir'
49.	POJ	Of	PJ	'cinza'

	*ŋ ^w ətac, k ^w ətac	ky'tah	*mrɔc, mrɔ, prə	
50.	POJ *ŋ ^w ɛk ^w ɛ	Of (‘ɛ)kɛ(‘jiq)	PJ *mi, pi	<i>‘rabo’</i>
51.	POJ *ŋ ^w uñ, k ^w uñ	Of ky’j(i)	PJ *muñ, mu	<i>‘ver’</i>
52.	POJ *ŋ ^w it, k ^w it	Of ky’t(owɛq)	PJ *mit,	<i>‘sol’</i>
53.	POJ *h ^w ě	Of ‘hɛ(g)	PJ *pĩ	<i>‘árvore’</i>
54.	POJ *hwic(a:i)	Of ‘hy(g)’ha	PJ *pici	<i>‘um’</i>
55.	POJ *h ^w ikɛ	Of ‘hy(gɛ)q	PJ *pik(a), -k(añ)	<i>‘terra’</i>

ANEXO H

Vocabulário comparativo de Boswood (1973), envolvendo o Proto-Jê de Davis e o Rikbáktsa.

Nº	Proto-Jê	Rikbáktsa	Glosa
1.	PJ *a-	Rk a-	'de você, seu'
2.	PJ *cwa	Rk capu	'dente'
3.	PJ *i-, ic-	Rk ik- (eu)	'meu'
4.	PJ *ka	Rk ikia	'você'
5.	PJ *ka-zo, -zor	Rk ezo	'chupar'
6.	PJ *kə	Rk hwi	'pele, casca'
7.	PJ *kə, kər	Rk pukara	'gritar, chamar'
8.	PJ *kō, kōm	Rk ku	'beber'
9.	PJ *kra	Rk hiri, ʃkiri	'criança'
10.	PJ *krã, krãñ	Rk harek (em compostos) hara	'cabeça'
11.	PJ *krɛ	Rk wahoro	'casa, toca'
12.	PJ *krɔ	Rk horo (fedendo)	'podre'
13.	PJ *ku, kur	Rk oro	'comer'
14.	PJ *ku-kryt	Rk piku	'anta'
15.	PJ *ku-zy	Rk izo	'fogo'
16.	PJ	Rk	'ouvir'

	*-ma, -mar	wami	
17.	PJ *mē, mēñ	Rk p̄ipa	'atirar, jogar'
18.	PJ *mεc	Rk ʃap̄i	'bom'
19.	PJ *meñ	Rk mēkmēktʃa	'mel'
20.	PJ *mō, mor (ir, andar)	Rk para	'ir, vir'
21.	PJ *mrɔ, mrɔc, prə (cinzas)	Rk poro	'sal feito de cinza de pau'
22.	PJ *mzen	Rk marikta	'marido'
23.	PJ *na	Rk nawu (chover)	'chuva'
24.	PJ *nō, nōr	Rk nu (por do sol)	'mentir'
25.	PJ *ñĩ	Rk nĩ	'carne'
26.	PJ *ñĩ-kra	Rk cihiri	'mão'
27.	PJ *ñĩña-kre	Rk cunũ	'nariz'
28.	PJ *ñō-tɔ	Rk ʃtenōzik	'língua'
29.	PJ *ñỹ, ñỹr	Rk nihi	'sentar-se'
30.	PJ *ŋrε	Rk kare	'ovo'
31.	PJ *ŋrε, ŋrεr	Rk kari (dançar)	'cantar'
32.	PJ *ŋri-rε	Rk cikareni	'pequeno'
33.	PJ *pa	Rk cipa	'braço'
34.	PJ	Rk	'terminar'

	*pa, par	pik	
35.	PJ *par	Rk piri	'pé'
36.	PJ *pĩ	Rk hwi	'árvore'
37.	PJ *pĩ, pĩr	Rk meze	'matar'
38.	PJ *pry	Rk hirihi (andar por uma trilha)	'trilha, caminho'
39.	PJ *py-ka	Rk witik	'mundo, terra'
40.	PJ *ry	Rk zeze	'comprido, longo'
41.	PJ *ta, tam	Rk ta	'pron. de 3 ^a pes.'
42.	PJ *tẽ, tẽm	Rk tama (andar)	'vir, ir'
43.	PJ *twym	Rk tuta	'gordura, graxa'
44.	PJ *za-ka	Rk marazata	'branco'
45.	PJ *zara	Rk fara	'pena, asa'
46.	PJ *zaz-kwa	Rk fak	'boca'

ANEXO I

Lista produzida por Rodrigues (1999) de formas possivelmente cognatas, envolvendo representantes das doze famílias linguísticas consideradas por ele como prováveis membros do tronco Macro-Jê.

I – Família Jê

Ia – Jê do nordeste

Ib – Jê sententrional

Ic – Jê central

Id – Jê meridional

II – Família Kamakã

III – Família Maxakalí

IV – Família Krenák

V – Família Purí

VI – Família Karirí

VII – Família Yatê

VIII – Família Karajá

IX – Família Ofayé

X – Família Boróro

XI – Família Guató

XII – Família Rikbáktsa

2.1 /P/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos ⁷⁷
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
p	w	p	p	p	b	f	w	p	b	p	p	*p	1, 2, 12, 34.

⁷⁷ Os números que identificam os exemplos foram mantidos conforme o texto de Rodrigues (1999).

Nº	I	IV	VI	VII	IX	XI	Glosa
1.	Ia pã, Ib pa, Ic pa, Id pẽ	po	bo	fe	pε	pó	'braço'

Nº	I	II	III	V	VI	VIII	X	Glosa
2.	Ic po Id puŋ	wāj	poj	pan, pun	buj-ku	wihi	bëiga	'flecha'

Nº	I	II	III	IV	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Glosa
12.	Ia pεno Ib par Ic para Id pẽn	wad	pata	pɔ	bi, biri	fe-he, fet-	wa	par	bire	àbo	piri	'pé'

Nº	I	VII	XI	Glosa
34.	Id pɔ	fòwa	àfó (solo)	'pedra ₂ '

2.2 /*mp/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
m/p	w	m/p	p				b	p/w	w	p		*mp	3, 5, 16, 17, 21, 26.

Nº	I	III	IV	V	Glosa
3.	Ib krλ-mεŋ Id mεŋ	ki-pik	kra-pok	kra- maŋ	'machado'

Nº	I	II	III	X	Glosa
5.	Ib mĩ-ti	wεj-e	maʔãŋ, mãi	wai	'caiman'

Nº	I	IV	IX	X	Glosa
16.	Ib ma Ic wa-pa Id mĕŋ	paw	paj	meã-riđi	'ouvir'

Nº	I	III	IV	IX	XI	Glosa
17.	Ib mĕŋ Id mǎŋ	paŋ	pəŋ	pik	pagua	'mel'

Nº	I	III	VIII	IX	XI	Glosa
21.	Ib ma Ic pa Id tã-mĕ	ta-ma-ŋaĩ	ba	pa	pε	'figado'

Nº	I	II	V	IX	Glosa
26.	Ic bāra	hwera	meri	wεɪr	'noite'

2.3 /*m/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
m	m	m	m	m	b	m	b		m			*m	37, 35, 36.

Nº	I	VI	VII	X	Glosa
35.	Ib mit Ic bədə	bati (<i>estrela</i>)	fetʃa	meri	'sol'

Nº	I	VII	VIII	Glosa
36.	Ib mã Ic bã Id mǎ	ma	bã	'a, para'

Nº	I	II	III	IV	V	VI	X	Glosa
37.	Ib mō, mor Ic bō, bōri Id mū	maŋ, mǎn	mōŋ	mūŋ, mū	mu, mon	wo	meru	'andar, ir'

2.4 /k/

Famílias Linguísticas													
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Proto-MJ	Exemplos
k/k ^h	k	k/tʃ	k/tʃ	k/tʃ		k ^h		k	k	k	k	*k	7, 14, 19, 31, 33

Nº	I	III	IV	V	VII	VIII	X	XI	XII	Glosa
7.	Ib kōm, k ^h ō	tʃoʔop, tʃom	tʃop	some	k ^h o	ō	ku	ókí	ku	'beber'

Nº	I	II	III	IV	V	XI	Glosa
14.	Ia ʃe Ib kī, k ^h ī	ke	tʃe	ke	ke, tʃe	kí	'cabelo'

Nº	I	VII	VIII	X	Glosa
19.	Id ki	ke	ki	gi	'em'

Nº	I	II	III	IV	VII	IX	X	Glosa
31.	Ib k _λ Ic hə	ka	tʃaj, kaj	kat	k ^h à- tʃ ^h a	ha	-ka	'pele, casca'

Nº	I	II	VI	IX	Glosa
33.	Ib kēn, k ^h εn Ic ʔēdē	kēa	kro	kεtεh	'pedra ₂ '

2.5 /kr/

Famílias Linguísticas													
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Proto-MJ	Exemplos
kr	her	pt	kr				r	kit			har	Kr	15, 25

Nº	I	II	IV	VIII	IX	XII	Glosa
15.	Ia krã- Ib krã Ic ?rã Id krĩ	hero, xaro	krɛn	ra	kitɛ	-hara-	'cabeça'

Nº	I	II	III	Glosa
25.	Id krĩ	heri, kere	ŋĩ-ktij	'monte'

2.6 /*ŋr/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
ŋr	gr	kt	ŋr	ŋr	kr	k ^h l	θ	kɪr	kɪr	k ^h	kar	*ŋr	8, 10, 30

Nº	I	VI	X	Glosa
8.	Ib ŋrɔ Ic ?rɛ	kra	kirewë	'secar'

Nº	I	II	III	VIII	IX	XI	XII	Glosa
10.	Ib ŋrɛ Ic ?re Id krẽ	sa-kre	kir	θi	kitɛ	k ^h ɪ	kare	'ovo'

Nº	I	II	III	IV	V	VII	VIII	IX	XII	Glosa
30.	Ib ŋrɛ Ic ?rẽ Id ŋrɛn	gre	ktɛj	ŋri	ŋgre	k ^h læ- tj ^h a	θɛ	kirih	kari	'cantar, dançar'

2.7 /*r/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
r	r		r	r	r/d	l	r	r	r	r	r	*r	4, 9, 20, 22, 26, 27, 29.

Nº	VI	VIII	IX	X	Glosa
4.	woro	bɔrɔ	-hor	pori	'voltar'

Nº	I	VI	VIII	IX	XI	Glosa
9.	Id rɔŋ (engolir)	do	ro (comer carne)	rõ	ro	'comer'

Nº	I	II	VI	X	Glosa
20.	Ia arã-tife	ere	ærã	ari, aro (folhinhas)	'folha'

Nº	I	II	III	IV	VIII	IX	X	Glosa
22.	Ib ri Id rira	roro		ron	rɛhɛ	ra	raire	'longo, comprido'

Nº	I	II	V	IX	Glosa
26.	Ic bãra	hwera	meri	wɛɪr	'noite'

Nº	I	VI	Glosa
27.	Ia rẽ	ræ	'penis, macho'

Nº	I	VII	X	Glosa
29.	Id rur	hulija	ro-gu	'curto'

2.8 /*o/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
ɔ	o	o	o		o	o	ɔ	o	o	o		*o	1, 4, 11, 34.

Nº	I	IV	VI	VII	IX	XI	Glosa
1.	Ia pã, Ib pa, Ic pa, Id pẽ	po	bo	fe	pɛ	pó	'braço'

Nº	VI	VIII	IX	X	Glosa
4.	woro	bɔɔ	-hor	pori	'voltar'

Nº	I	II	VII	VIII	Glosa
11.	Ib nɔ, tɔ Ic tɔ	to	t ^h o	ruɛ	'olho'

Nº	VI	VII	XI	Glosa
34.	Id pɔ	fɔwa	àfó (solo)	'pedra ₂ '

2.9 /*õ/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
õ	õ	õ	ũ	o	u/o	o	õ	o	u/o		u	*õ	7, 13, 28, 32.

Nº	I	III	IV	V	VII	VIII	X	XI	XII	Glosa
7.	Ib kôm, k ^h õ	tʃoʔop, tʃom	tʃop	some	k ^h o	õ	ku	ókí	ku	'beber'

Nº	I	III	IV	VII	VIII	IX	Glosa
13.	Ib ŋō Ic tsō	hōm	-ūp, hum	ko	ō	no	'dar'

Nº	I	III	VI	X	Glosa
28.	Ib ō	ō, ōŋ, jōŋ	u-	o	'bens'

Nº	I	II	III	VI	VIII	IX	X	XII	Glosa
32.	Ia rjō Ib ŋōr Ic jōdō Id nōr	jundū, hondō	ŋōn, hōn, ʔōn	unu	rō	no, noro (sentar)	nudu	uru	'dormir'

2.10 /*a/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
a	a	ã	a	a	e	a	a	ε	a	ε	a	*a	21, 23, 38, 39.

Nº	I	III	VIII	IX	XI	Glosa
21.	Ib ma Ic pa Id tã-mẽ	ta-ma-ŋaĩ	ba	pa	pε	'figado'

Nº	V	VI	VII	VIII	XII	Glosa
23.	maki, maeki	masiki/masitʃi	máltʃĩ	maki	natʃi	'milho'

Nº	I	II	VIII	X	Glosa
38.	Ib pa- Ic wa-	pa-ŋike	wa	pa	'nós (incl.)'

Nº	I	II	III	IV	VI	VII	VIII	IX	X	XII	Glosa
39.	Ib a- Ic ʔa Id ʔã	a	ʔã	a	e	a	a	ε	a	a	'você'

2.11 /*ɔ/

Famílias Linguísticas													
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Proto-MJ	Exemplos
à	a	a	o/ɔ		o/i	e	a	ɛ/a	í	ɔ	í	*ɔ	1, 12

Nº	I	IV	VI	VII	IX	XI	Glosa
1.	Ia pã, Ib pa, Ic pa, Id pẽ	po	bo	fe	pɛ	pó	'braço'

Nº	I	II	III	IV	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Glosa
12.	Ia pɛno Ib par Ic para Id pɛn	wad	pata	pɔ	bi, biri	fe-he, fet-	wa	par	bire	àbɔ	piri	'pé'

2.12 /*ã/

Famílias Linguísticas													
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Proto-MJ	Exemplos
ã		ẽ		ã	e	a	ə/a		e		e	*ã	24, 36

Nº	I	III	V	VI	VII	VIII	X	XII	Glosa
24.	Ia na Ib nã Ic dã Id ñi	tẽ, te, ta	tã	de	sa	na-di	tʃe	je	'mãe'

Nº	I	VII	VIII	Glosa
36.	Ib mã Ic bã Id mõ	ma	bõ	'a, para'

Quadro resumitivo das correspondências fonológicas

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
p	w	p	p		b	f	w	p	b	p	p	P	1, 2, 12, 34.
m/p	w	m/p	p				b	p/w	w	p		*mp	3, 5, 16, 17, 21, 26.
m	m	m	m	m	b	m	b		m			*m	37, 35, 36.
k/k ^h	k	k/tʃ	k/tʃ	k/tʃ		k ^h		k	k	k	k	K	7, 14, 19, 31, 33
kr	her	pt	kr				r	kɪt			har	Kr	15, 25
ŋr	gr	kt	ŋr	ŋr	kr	k ^h l	θ	kɪr	kɪr	k ^h	kar	*ŋr	8, 10, 30
r	r		r		r/d	l	r	r	r	r	r	*r	4, 9, 20, 22, 26, 27, 29.
ɔ	o	o	o		o	o	ɔ	o	o	o		*o	1, 4, 11, 34.
õ	õ	õ	ũ	o	u/o	o	õ	o	u/o		u	*õ	7, 13, 28, 32.
a	a	ã	a		e	a	a	ɛ	a	ɛ	a	*a	21, 23, 38, 39.
à	a	a	o/ɔ		o/i	e	a	ɛ/a	i	ɔ	i	*ɔ	1, 12
ã		ẽ		ã	e	a	ə/a		e		e	*ã	24, 36

ANEXO J

Ampliação da lista de Rodrigues (1999) por Cabral & Rodrigues (2007).

a) I – Jê

Ia – Jaikó (**Ja**)

Ib – Jê setentrional: Timbira (**Ti**), Apinajé (**Ap**), Suyá (**Su**), Panará (**Pa**)

Ic – Jê central: Xavánte (**Xa**) e Xerente (**Xe**)

Id – Jê meridional: Kaingáng (**K**) e Ingaín (**In**)

b) II – Kamakã

Kamakã (**Ka**)

Menien (**Me**)

Kotoxó (**Ko**)

c) III – Maxakalí

Maxakalí (**Mx**)

Makoni (**Ma**)

Malali (**MI**)

d) IV – Krenak

Krenak (**Kr**)

e) V – Purí

Purí (**Pu**)

Coroado (**Co**)

Koropó (**Ko**)

f) VI – Karirí

Kipeá (**ki**)

g) VII – Yatê

Yatê (**Ya**)

h) VIII – Karajá

Karajá (**Kj**)

i) IX – Ofayé

Ofayé (Of)

j) X – Boróro

Boróro (Bo)

Umutína (Um)

XI – Guató

Guató (Gu)

XII – Rikbáktsa

Rikbáktsa (Rb)

Nº	I	II	III	V	VI	IX	X	XII	Glosa
1.	Ib Ap pi Ti pĩ Ic Xa bĩ Id Ka pĩ	Ka wĩ	Mx mĩ	Ko mem	Ki hẽ	Of hɛg	Bo i	Rb hwi	'árvore, pau'

Nº	I	X	XII	Glosa
2.	Ib Ap ʔara Id Kg ɸẽr In lara	Bo aro	Rb fara	'asa'

Nº	I	III	IV	V	VII	VIII	X	XI	XII	Glosa
3.	Ib Ti kõm, k ^h o	Mx tfoʔop, tfom	Kr tfop	Ko some	Ya k ^h o	Kj õ	Bo ku	Gu ókí	Rb ku	'beber'

Nº	I	IV	VI	VII	VIII	IX	XI	XII	Glosa
4.	Ia Ja pã Ib Ti pa Pa i-pá Su ywá, hwá Ic Xa pa Id Kg pẽ	Kr po	Ki bo	Ya fe (axila)	Kj de-bo (mão)	Of pɛ	Gu pɔ	Rb tsi-pa	'braço'

Nº	I	II	IV	VIII	IX	XII	Glosa
5.	Ia Já <i>krã-</i> Ib Ti <i>krã</i> Su <i>krã</i> Ic Xa <i>řã</i> Xe <i>krã</i> Id Kg <i>krĩ</i> In <i>krěj</i>	Ka <i>hero</i>	Kr <i>krɛn</i>	Kj <i>ra</i>	Of <i>kĩɛ</i>	Rb <i>hara-</i>	' <i>cabeça</i> '

Nº	I	II	III	IV	V	XI	Glosa
6.	Ia Já <i>fe</i> Ib Ap <i>kĩ</i> Ti <i>k^hi</i>	Ka <i>ke</i>	Mx <i>tfe</i>	Kr <i>ke</i>	Pu <i>ke</i> Co <i>Ge</i> Ko <i>itfe</i>	Gu <i>kĩ</i>	' <i>cabelo₁</i> '

Nº	VI	VII	IX	XII	Glosa
7.	Ki <i>dĩ</i>	Ya <i>li</i>	Of <i>yi?</i>	Rb <i>-di</i>	' <i>cabelo₂</i> '

Nº	I	II	III	IV	V	VII	VIII	IX	XII	Glosa
8.	Ib Ti <i>řgɛ</i> Ic Xa <i>řě</i> Id Kg <i>řrɛn</i>	Ka <i>gre</i>	Mx <i>ktɛj</i>	Kr <i>řri</i>	Co, Ko <i>řre</i>	Ya <i>k^hlǎ</i> <i>t^ha</i>	Kj <i>φɛ</i>	Of <i>kiri</i> h	Rb <i>kari</i>	' <i>cantar,</i> <i>dançar</i> '

Nº	I	II	III	V	VI	Glosa
9.	Ib Ap <i>na</i> Ti <i>ta</i> Ic Xa <i>tã</i> Id Kg <i>ta</i>	Ka <i>ts^hã</i>	Mx <i>tɛj</i> Me <i>te</i>	Ko <i>teĩ</i>	Ki <i>dzo</i>	' <i>chuva</i> '

Nº	I	VI	VIII	IX	XI	Glosa
10.	Id Kg <i>rɔŋ</i> (<i>engolir</i>)	Ki <i>do</i>	Kj <i>ro</i> (<i>comer carne</i>)	Of <i>rõ</i>	Gu <i>ro</i>	' <i>comer</i> '

Nº	VI	VIII	IX	X	Glosa
11.	Ki <i>woro</i>	Kj <i>bɔrɔ</i>	Of <i>hor</i>	Bo <i>porĩ</i>	' <i>costas</i> '

Nº	I	VII	X	Glosa
12.	Id Kg <i>rur</i>	Ya <i>lulija</i>	Bo <i>ro-gu</i>	' <i>curto</i> '

Nº	I	III	IV	VII	VIII	IX	Glosa
13.	Ib Ti <i>ɾõ</i> Ic Xa <i>tsõ</i>	Mx <i>hõm</i>	Kr <i>-ũp, hum</i>	Ya <i>ko</i>	Kj <i>õ</i>	Of <i>no</i>	'dar'

Nº	I	II	III	V	VI	VIII	IX	Glosa
14.	Id Kg <i>jã</i>	Ka <i>tfo</i> Me <i>jo</i>	Mx <i>tfoj</i>	Pu <i>dze</i>	Ki <i>dza</i>	Kj <i>dzu</i>	Of <i>fɛ?</i>	'dente'

Nº	I	II	III	VI	VIII	IX	X	XII	Glosa
15.	Ia Já <i>rjõ</i> Ib Ti, Su <i>ɾõr</i> Ic Xa <i>jõdõ</i> Id Kg <i>nõr</i>	Ka <i>hondõ</i> Me <i>jundũ</i>	Mx <i>ɾõn,</i> <i>hõn,</i> <i>ɾõn</i>	Ki <i>unu</i>	Kj <i>rõ</i>	Of <i>no,</i> <i>noro</i> (<i>estar</i> <i>sentado</i>)	Bo <i>nudu</i>	Rb <i>uru,</i> <i>nũ</i>	'dormir'

Nº	I	VII	VIII	X	Glosa
16.	Id Kg <i>ki</i>	Ya <i>ke</i>	Kj <i>ki</i>	Bo <i>gi</i>	'em'

Nº	I	III	IV	V	VI	VII	X	XI	XII	Glosa
17.	Ib Ti <i>i</i> Ic Xa <i>ɾ</i> Id Kg <i>ɾɿ</i>	Mx <i>ɾk</i>	Kr <i>hi</i>	Ko <i>eĩn</i>	Ki <i>hi</i>	Ya <i>i</i>	Bo <i>i</i>	Gu <i>i</i>	Rb <i>i(k)-</i>	'eu'

Nº	I	IV	VIII	IX	XI	Glosa
18.	Ib Ti <i>ma</i> Ic Xa <i>pa</i> Id Kg <i>tã-mẽ</i>	Kr <i>ta-ma-ɾaĩ</i>	Kj <i>ba</i>	Of <i>pa</i>	Gu <i>pɛ</i>	'fígado'

Nº	I	II	III	V	VI	VIII	X	Glosa
19.	Ic Xa <i>pɔ</i> Id Kg <i>puɿ</i>	Ka <i>wãj</i>	Mx <i>poj</i>	Co <i>pohoj</i> Ko <i>pan</i>	Ki <i>buj-ku</i>	Kj <i>wihí</i>	Bo <i>bëiga (arco)</i> < *bej-ika (<i>flecha-arco</i>)	'flecha'

Nº	I	II	VI	X	Glosa
20.	Ia Ja <i>arã-tife</i>	Ka <i>ere</i>	Ki <i>ærã</i>	Bo <i>ari, aro</i> (<i>folhas miúdas</i>)	'folha'

Nº	I	II	III	X	Glosa
21.	Ib Ti <i>mĩ-ti</i>	Ka <i>wɛj-e</i>	Mx <i>mãj</i>	Bo <i>iwai, wai</i>	'jacaré'

Nº	I	II	IV	VIII	IX	X	XII	Glosa
22.	Ib <i>Ti rí</i> Id <i>Kg rira</i> (<i>arredar</i>)	<i>Ka roro</i>	<i>Kr ron</i>	<i>Kj rɛhɛ</i>	<i>Of ra</i>	<i>Bo raire</i>	<i>Rb zeze</i>	' <i>longo</i> '

Nº	I	III	IV	V	Glosa
23.	Ib <i>Ti krã-mɛŋ</i> Id <i>Kg mɛŋ</i>	<i>Ma ki-pík</i>	<i>Kr kra-pok</i>	<i>Pu kra-maŋ</i>	' <i>machado</i> '

Nº	I	III	V	VI	VII	VIII	XII	Glosa
24.	Ia <i>Ja na</i> Ib <i>Ti nã</i> <i>Su nã</i> Ic <i>Xa dã</i> Id <i>Kg nĩ</i>	<i>Ml te,</i> <i>ta</i>	<i>Pu a-ña</i>	<i>Ki de</i>	<i>Ya sa</i>	<i>Kj na-di</i>	<i>Rb je</i>	' <i>mãe</i> '

Nº	X	XI	Glosa
25.	<i>Bo -era</i>	<i>Gu ra</i>	' <i>mão</i> '

Nº	I	III	IV	IX	XI	XII	Glosa
26.	Ib <i>Ti mɛŋ</i> Id <i>Kg mɛŋ</i> <i>In ma</i>	<i>Mx paŋ</i>	<i>Kr pəŋ</i>	<i>Of pík</i>	<i>Gu pagua</i>	<i>Rb māk-mɛktfa</i>	' <i>mel</i> '

Nº	V	VI	VII	VIII	XII	Glosa
27.	<i>Pu maki, makí</i> <i>Co maki</i>	<i>Ki masiki, masitfĩ</i>	<i>Ya máltfĩ</i>	<i>Kj maki</i>	<i>Rb natfĩ</i>	' <i>milho</i> '

Nº	I	II	III	Glosa
28.	Id <i>Kg krĩ</i>	<i>Ka heri</i> <i>Me kere</i> <i>Ko kri</i>	<i>Mx jĩ-ktij</i>	' <i>morro</i> '

Nº	I	II	V	IX	Glosa
29.	Ic <i>Xa bãra</i>	<i>Ka hwera</i>	<i>Pu meri</i>	<i>Of we.r</i>	' <i>noite</i> '

Nº	I	V	VIII	X	Glosa
30.	Ib Ti <i>pa-</i> Ic Xa <i>wa-</i>	Co <i>pa-nike</i>	Kj <i>wa</i>	Bo <i>pa</i>	' <i>nós</i> (<i>incl.</i>)'

Nº	I	II	VII	VIII	Glosa
31.	Ib Ti <i>tɔ</i> Ap <i>nɔ</i> Ic Xa <i>tɔ</i>	Ka <i>ki-to</i>	Ya <i>t^ho</i>	Kj <i>ruɛ</i>	' <i>olho</i> '

Nº	VI	X	XI	Glosa
32.	Ki <i>beɲe</i>	Bo <i>bia</i>	Gu <i>vi</i>	' <i>orelha</i> '

Nº	I	IV	IX	X	Glosa
33.	Ib Ti <i>ma</i> Ic Xa <i>wa-pa</i> Id Kg <i>mẽ</i>	Kr <i>paw</i>	Of <i>paj</i>	Bo <i>meã-riđi</i>	' <i>ouvir</i> '

Nº	I	II	III	VIII	IX	XI	XII	Glosa
34.	Ib Ti <i>ɲrɛ</i> Pa <i>i-nkré</i> Ic Xa <i>ʔre</i> Xe <i>kre</i> Id Kg <i>krẽ</i>	Ka <i>sa-kre</i>	Mx <i>kir</i>	Kj <i>θi</i>	Of <i>kítɛ</i>	Gu <i>k^hí</i>	Rb <i>kare</i>	' <i>ovo</i> '

Nº	I	VII	VIII	XII	Glosa
35.	Ib Ti <i>mã</i> Ic Xa <i>bã</i> Id Kg <i>mõ</i>	Ya <i>ma</i>	Kj <i>bõ</i>	Rb <i>bo</i>	' <i>para</i> '

Nº	I	II	III	IV	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Glosa
36.	Ia Ja <i>pɛno</i> Ib Ti <i>par</i> Su <i>pari</i> Ic Xa <i>para</i> Id Kg <i>pẽn</i>	Ka <i>wade</i>	Mx <i>pata</i>	Kr <i>pɔ</i>	Ki <i>bí,</i> <i>biri</i>	Ya <i>fe-he,</i> <i>fet-</i>	Kj <i>wa</i>	Of <i>par</i>	Bo <i>bire</i>	Gu <i>àbɔ</i>	Rb <i>píri</i>	' <i>pé</i> '

Nº	I	II	VI	IX	XII	Glosa
37.	Ib Ap <i>kẽn</i> Ti <i>k^hẽn</i> Su <i>ken</i> Ic Xa <i>ʔẽdẽ</i> Xe <i>kdɛ</i>	Ka <i>kẽa</i>	Ki <i>kro</i>	Of <i>kɛtɛh</i>	Rb <i>hara-hare</i>	'pedra ₁ '

Nº	I	VII	Glosa
38.	Id Kg <i>pɔ</i>	Ya <i>fõwa</i>	'pedra ₂ '

Nº	I	II	III	IV	VII	IX	X	Glosa
39.	Ib Ti <i>kɹ</i> Su <i>kɔ</i> Ic Xa <i>hə</i>	Ka <i>ka</i>	Mx <i>tʃaj, kaj</i>	Kr <i>kat</i>	Ya <i>k^hà-tʃ^ha</i>	Of <i>ha</i>	Bo <i>-ka</i>	'pele/casca'

Nº	I	VI	Glosa
40.	Ib Ti <i>rẽ</i>	Ki <i>ræ</i>	'pênis/macho'

Nº	I	VI	X	Glosa
41.	Id Kg <i>ɸa</i>	Ki <i>wõ</i>	Bo <i>po-</i>	'perna'

Nº	I	III	VI	X	Glosa
42.	Ib Ti <i>õ</i>	Mx <i>õŋ, jõŋ</i>	Ki <i>u-</i>	Bo <i>o</i>	'posse'

Nº	I	VI	X	Glosa
43.	Ib Ti <i>ŋrə</i> Ic Xa <i>ʔrɛ</i>	Ki <i>kra</i>	Bo <i>kirewë</i>	'seco'

Nº	I	VI	VII	X	Glosa
44.	Ib Ti <i>mɪt</i> Ic Xa <i>bədə</i>	Ki <i>bati</i> (<i>estrela</i>)	Ya <i>fetʃa</i>	Bo <i>meri</i>	'sol'

Nº	I	II	III	IV	VI	VII	VIII	IX	X	XII	Glosa
45.	Ib Ti <i>a-</i> Ic Xa <i>ʔa</i> Id Kg <i>ʔã</i>	Ka <i>a</i>	Mx <i>ʔã</i>	Kr <i>a-</i>	Ki <i>e</i>	Ya <i>a</i>	Kj <i>a</i>	Of <i>ɛ</i>	Bo <i>a</i>	Rb <i>a</i>	'tu'

Nº	I	II	III	IV	VI	VII	Glosa
46.	Ib Ti <i>tẽ</i> Ic Xa <i>dẽ</i> Id Kg <i>tĩ (ir)</i>	Ka <i>ni</i>	Mx <i>nñ</i>	Kr <i>ne</i>	Ki <i>te</i>	Ya <i>tĩ</i>	'vir'

Correspondências fonológicas de línguas das doze famílias do tronco Macro-Jê

Rodrigues (1999) considerou, a partir das correspondências entre consoantes labiais, a existência de três proto-fonemas: P, *mp, *m. Como o trabalho de Cabral e Rodrigues (2007) é uma ampliação do estudo citado anteriormente, consideramos aqui os três proto-fonemas sugeridos por Rodrigues (1999) e reorganizamos os dados a fim de que possamos visualizar melhor as mudanças que ocorreram de uma família para outra e quais são as que conservaram a forma reconstruída.

Dos dados novos apresentados pelos autores, apenas dois conjuntos de palavras não estão representados abaixo (exemplos 1 e 41), por não demonstrarem correspondências regulares com os demais.

3.1 /*p/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
p	w	p	p	p	b	f	w	p	b	p	p	*p	4, 19, 30, 32, 36 e 38

3.2 /*mp/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
m/p	w	m/p	p	m			b	p/w	w	p	m	*mp	18, 21, 23, 26, 29, 33, 36 e 38

3.3 /*m/

Famílias Linguísticas													
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Proto-MJ	Exemplos
m	m	m	m	m	b	m	b		m		n, b	*m	27, 44 e 35

3.4 /*k/

Ainda tomando com base as propostas de reconstrução dos proto-fonemas sugeridos por Rodrigues (1999), partimos de uma oclusiva velar desvozeada e verificamos os reflexos dessa proto-forma nas respectivas línguas. Vale ressaltar que essa análise está pautada nos dados apresentados por Rodrigues (1999) e por Cabral e Rodrigues (2007).

Famílias Linguísticas													
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Proto-MJ	Exemplos
k/k ^h	k	k/tʃ	k/tʃ	k/tʃ	k/tʃ	k ^h	k	k	k	k	k	*k	3,6, 16, 27, 37 e 39.

3.5 /*kr/

Famílias Linguísticas													
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Proto-MJ	Exemplos
kr	her	pt	kr	kr			r	kit			har	*kr	5, 23 e 28

3.6 /*ŋr/

Famílias Linguísticas													
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Proto-MJ	Exemplos
ŋr	gr	kt	ŋr	ŋr	kr	k ^h l	θ	kir	kir	k ^h	kar	*ŋr	8, 34 e 43

3.7 /*r/

Famílias Linguísticas												Proto-MJ	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
r	r		r	r	r/d	l	r	r	r	r	r	*r	2, 10, 11, 12, 20, 22, 25, 29 e 40

Com base nos dados de Cabral e Rodrigues (2007), podemos pensar em ampliar a quantidade de proto-fonemas consonantais, pois os novos conjuntos de cognatos apontam para essa possibilidade, como apresentamos no quadro a seguir.

Famílias Linguísticas												
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	Exemplos
					d	l		y			d	7
t, n	ts ^h	t		t	dz							9
ŋ, ts		h	h			k	∅	n				13
j	tʃ	tʃ		dʒ	dz		dʒ	ʃ				14
ŋ, j, n	h, j	ŋ, h, ʔ			n		r	n	n		n, r	15
n, d		t		ñ	d	s	n				j	24
t, n	t					t ^h	r					31
t, d	n	n	n		t	tʃ						46

ANEXO K

Lista de palavras reconstruídas para o Proto-Kamakã, proposta por Martins (2007).

K1 – Kamakã (Martius apud Loukotka, 1932)

K2 – Kamakã (Douville apud Loukotka, 1932)

K3 – Kamakã (Sá Oliveira apud Loukotka, 1932)

K4 – Kamakã (Guérios, 1945)

Mo1 – Mongoyó (Wied apud Loukotka, 1932)

Mo2 – Mongoyó (Etienne apud Loukotka, 1932)

Me – Menien (Wied apud Loukotka, 1932)

Ma – Masakarã (Martius apud Loukotka, 1932)

Ko – Kotoxó (Martius apud Loukotka, 1932)

PK – Proto-Kamakã (Martins, 2007)

*/*p/*

Ka	Ko	Me	Ma	PK	Notação das correspondências	Exemplos
p	p	p	p	*p	<i>Ka p : Ko p : Me p : Ma p</i>	1 e 2

O **p* em início de palavra se manteve estável em todas as línguas:

Nº	K1	Ko	PK	Glosa
1.	pitakoh pitaikioh	pitakó	*pitako	' <i>quati</i> '

Nº	K1	Ko	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
2.	piong	pião	péo	pinia	pinatsö	*pio	' <i>estrela</i> '

/*t/

Ka	Ko	Me	Ma	PK	Notação das correspondências	Exemplos
t, d	t, d	t	t	*t	Ka t, d : Ko t, d : Me t : Ma t	1, 3-7

O *t, tanto em início de palavra como entre vogais, tendia a sonorizar-se em Kamakã e em Kotoxó, e Masakarã é a única língua da família que não apresenta realizações sonoras da oclusiva dental t:

Nº	K1	Ko	PK	Glosa
1.	pitakoh pitaikioh	pitakó	*pitako	'quati'

Nº	K1	K3	Ko	Me	Mo1	PJ	Glosa
3.	töah	dihá	tuáh	tuvua	dea	*toa	'casa'

Nº	K1	K2	K3	K4	Ko	PJ	Glosa
4.	tako	doko, da-ho	dakó	dakó	taio	*tako	'banana'

Nº	K1	K2	K3	K4	Ko	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
5.	aenköh-toh	kedó	ankedo	kôdôh	kitho	kedó	imgutó	göxtx	*keto	'olho'

Nº	K1	K2	Ko	Mo1	PK	Glosa
6.	göhrntan	kehendan	kihetá	keandá	*kehentã	'pai'

Nº	K2	K4	Mo1	Me	PK	Glosa
7.	karadan, dan	kráitxodã	krahado	intan	*(V)ta	'pequeno'

/*d/

Ka	Ko	Me	Ma	PK	Notação das correspondências	Exemplos
d	d, t	t	t	*d	Ka d : Ko d, t : Me t : Ma t	8 e 9

Nº	K2	Ko	Mo1	PK	Glosa
8.	keke-do	jakékoxkó	jakédoxkó	*kedo	'machado'

Nº	K2	K3	K4	Ko	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
9.	kohada	kuadá	kuàdá	tah	khohadá	kuatá, koatá	oeixtá	*kwahda	'preto, negro'

/*tʃ/

Ka	Ko	Me	Ma	PK	Notação das correspondências	Exemplos
tx	tʃ	j	t	*tʃ	Ka tʃ, tʃ, dʃ, dʒ : Ko tʃ, dʃ : Me j : Ma t	10-28
tʃ	dʃ					
y						
dʃ						
dʒ						

O *tʃ inicial e intervocálico provavelmente seguia a mesma tendência à sonorização manifestada pelo *t em Kamakã e em Kotoxó:

Nº	K1	K2	K4	Ko	Mo1	PK	Glosa
10.	šoke, šokiöh	šoké	šanã	šoke	čokã	*tʃoke	'arara'

Nº	K1	K4	Ko	Mo1	PK	Glosa
11.	šiohoh, šioijeh	šohôdã	šohó	šohó	*tʃoho	'belo'

Nº	K1	K3	K4	Ko	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
12.	ankö? txoh	džu	nãn-txô	dió	dió	jo	thüoh	*tʃo	'dente'

N°	K1	K2	Ko	PK	Glosa
13.	tiaköh, hiöghköh	yaké	tiakíh	*tʃaki	'fogo'

N°	K1	K2	Ko	PK	Glosa
14.	jakrahadá	džakaradan	šakrata	*tʃakarata	'irmã'

N°	K1	K4	Mo1	Mo2	Me	PK	Glosa
15.	šano	šaná	sana	šano	satá	*tʃano	'pássaro'

N°	K1	K2	K4	Mo1	Ko	Me	PK	Glosa
16.	ghajahadoh	ked-ia	kitxá-krê	kedihadó	kihlihata	keaio	*ketʃa	'faca'

N°	K1	K3	K4	Mo1	Ko	Me	PK	Glosa
17.	hãthie	dihé	tuê	hãdiã	hidié	jé	*hetʃe	'lua'

N°	K2	Mo1	Ko	Me	PK	Glosa
18.	kedió	kešo	kethió	kšo	*ketʃo	'milho'

/*ts/

Ka	Ko	Me	Ma	PK	Notação das correspondências	Exemplos
ts	ts s	s	ts	*ts	Ka ts : Ko ts, s : Me s : Ma ts	19-21

N°	K1	K2	Mo1	Ko	Me	Ma	PK	Glosa
19.	tsã	tsã	sa	sã	sĩ	tsüe, tsyin	*tsã	'água'

N°	K1	K2	PK	Glosa
20.	tsan-ka, inka	tsan-ka	*tsã-ka	'beber (água)'

N°	K1	K4	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
21.	tsan-ranka	sãn-kôré	tsoraxka	sí	tsü	*tsã	'chuva'

/*k/

Ka	Ko	Me	Ma	PK	Notação das correspondências	Exemplos
k	k	k	k	*k	Ka k, g : Ko k, g, h, j : Me k, g, h	1, 4, 5, 8, 9, 10, 13,
g	g	g	g		: Ma k, g	14, 16, 18, 20, 22,
	h	h				23, 24, 25, 26, 27,
	j					28, 29, 30, 31, 32,
						33, 34, 35, 36 e 37

O *k, em início de palavra e entre vogais, aparece regularmente nas línguas, porém fluando com g em algumas palavras:

Nº	K1	Ko	PK	Glosa
1.	pitakoh pitaikioh	pitakó	*pitako	'quati'

Nº	K1	K2	K3	K4	Ko	PJ	Glosa
4.	tako	doko, da-ho	dakó	dakó	taio	*tako	'banana'

Nº	K1	K2	K3	K4	Ko	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
5.	aenköh-toh	kedó	ankedo	kôdôh	kitho	kedó	imgutó	göxtx	*keto	'olho'

Nº	K2	Ko	Mo1	PK	Glosa
8.	keke-do	jakécoxkó	jakédoxkó	*kedo	'machado'

Nº	K2	K3	K4	Ko	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
9.	kohada	kuadá	kuàdá	tah	khohadá	kuatá, koatá	oeixtá	*kwahda	'preto, negro'

Nº	K1	K2	K4	Ko	Mo1	PK	Glosa
10.	šoke, šokiöh	šoké	šanã	šoke	čokã	*tjoke	'arara'

Nº	K1	K2	Ko	PK	Glosa
13.	tiaköh, hiöghköh	yaké	tiakíh	*tjaki	'fogo'

N°	K1	K2	Ko	PK	Glosa
14.	jakrahadá	džakaradan	šakrata	*tʃakarata	'irmã'

N°	K1	K2	K4	Mo1	Ko	Me	PK	Glosa
16.	ghajahadoh	ked-ia	kitxá-krê	kedihadó	kihlihata	keaio	*ketʃa	'faca'

N°	K2	Mo1	Ko	Me	PK	Glosa
18.	kedió	kešo	kethió	kšo	*ketʃo	'milho'

N°	K1	K2	PK	Glosa
20	tsanka, inka	tsanka	*ka	'beber'

N°	K2	K3	K4	Mo1	Mo2	Me	PK	Glosa
22.	kua-uan	kuhan	wãn, uãn	kuan	kuang	huán	*kwã	'arco'

N°	K1	K2	Mo1	Ko	PK	Glosa
23.	kêkôrôh	hara	inkohéro	kohoro	*kVhVro	'branco'

N°	K1	K2	K4	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
24.	a(e)n-köh	kéh	rôkê	kä	iningé	xöh	*ke	'cabelo'

N°	K2	Mo1	Ko	PK	Glosa
25.	kuñia	kegná	genjá	*kinja	'feijão'

N°	Mo1	Ko	PK	Glosa
26.	kiaxrará	kiaxrará	*kiaxrará	'filha'

N°	Mo1	Ko	Ma	PK	Glosa
27	kediägrá	getiekrá, kediäkrá	kügkra	*ketje	'filho'

N°	K1	Mo1	Me	PK	Glosa
28	guaning	koinin	kanaiu	*kwanĩ	'menino'

N°	K4	Mo1	Ko	Me	PK	Glosa
29	kãn	kaun	kâo	kaun	*kaũ	'macaco'

N°	K1	Me	Ma	PK	Glosa
30.	kaš	kaiú	kaiü, kaxüh, kaxü	*kaji	'mandioca'

N°	K1	K2	Ko	Ma	PK	Glosa
31.	garahübe	karaye	gangaje	gará	*karaj	'papagaio'

N°	K1	K3	K4	Mo1	Ko	PK	Glosa
32.	aenköh-teiokáh	dinarikó	ni-dikôbá	häräko	häräko	*eriko	'boca'

N°	Me	Mo1	Ko	PK	Glosa
33.	jukuá	niukuá	niukuá	*jukwa	'comer'

N°	K1	K2	K4	Ko	Mo1	Me	PK	Glosa
34.	nighör	niker	nênkísk	nihitió	ninkre	inkrú	*ker	'mão'

N°	K1	K2	K3	K4	Ko	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
35.	ninikoh	nihigo	ninyko	ninkó	niika	nihiekó	inšiwó	txüxgo	*niniko	'nariz'

N°	K1	K2	K4	Ko	Mo1	Ma	PK	Glosa
36.	yakoe-dere	d'ziake-iliék	txakêiê	tiuké-hié	jaké-deré	yakreö, yakré	*jake	'onça (<i>Felis onça</i>)'

N°	K1	K2	K3	K4	Ko	Mo1	Me	PK	Glosa
37.	aenköni-koka	nikóka	ninkóka	nikôka	niko	nixkó	inkogá	*nikoka	'orelha'

*/*m/*

Ka	Ko	Me	Ma	PK	Notação das correspondências	Exemplos
tako emang, hãmã amã	an			mã	Ka m : Ko m	38

O **m*, em início de palavra, foi encontrado somente em um conjunto de palavras:

Nº	K1	Ko	PK	Glosa
38.	tako emang hãmã, amã	man	*mã	'andar'

*/*n/*

Ka	Ko	Me	Ma	PK	Notação das correspondências	Exemplos
n	n	n	-		Ka <i>n, h</i> : Ko <i>n, h, Ø</i> : Me <i>n, t</i>	15, 28, 35 e 49.
h	h Ø	t		n		

O **n*, em início de palavra, foi encontrado em apenas um conjunto representado pelo Kamakã e variantes do Kotoxó e em posição intervocálica só não ocorre na língua Masakarã, alternando com *h* na língua Kamakã e em uma das variantes do Kotoxó – Mongoyó – e com *t* em Menien:

Nº	K1	K4	Mo1	Mo2	Me	PK	Glosa
15.	šano	šaná	sana	šano	satá	*tʃano	'pássaro'

Nº	K1	Mo1	Me	PK	Glosa
28	guaning	koinin	kanaiu	*kwanĩ	'menino'

Nº	K1	K2	K3	K4	Ko	Mo1	Me	Ma	PK	Glosa
35.	ninikoh	nihigo	ninyko	ninkó	niika	nihiekó	inšiwó	txüxgo	*niniko	'nariz'

Nº	K1	K2	K4	PK	Glosa
49.	krani(n)g	krani	koá-nin	*kranĩ	'filho, filha'

/*h/

Ka	Ko	Me	Ma	PK	Notação das correspondências	Exemplos
h	h,	h	h	*h	Ka <i>h, m</i> : Ko <i>h, f, Ø</i> : Me <i>h, Ø</i> :	6, 11, 17,
m	ʃ Ø	Ø			Ma <i>h</i>	23 e 39-48.

O **h*, em início de palavra, flutua com *Ø*, tanto em Kamakã quanto em Menien e pode ser identificado em ambiente intervocálico nas línguas Kamakã, Kotoxó e Masakarã, embora flutuando com *Ø* em todas elas; pressupõe-se, então, que a fricativa glotal tendia a desaparecer neste contexto, como já teria ocorrido na língua Menien:

Nº	K1	K2	Ko	Mo1	PK	Glosa
6.	göhrntan	kehendan	kihetá	keandá	*kehentã	'pai'

Nº	K1	K4	Ko	Mo1	PK	Glosa
11.	šiohoh, šioijeh	šohôdã	šohó	šohó	*tʃoho	'belo'

Nº	K1	K3	K4	Mo1	Ko	Me	PK	Glosa
17.	häthie	dihé	tuê	hädiä	hidié	jé	*hetʃe	'lua'

Nº	K1	K2	Mo1	Ko	PK	Glosa
23.	kēkōrōh	hara	inkohéro	kohoro	*kVhVro	'branco'

Nº	K1	K2	K4	Ko	Mo1	Me	PK	Glosa
39.	heriro, herira	heré	rê	here	herä	ere	*here	'anta'

Nº	K1	Ko	Mo1	Me	PK	Glosa
40.	hui	šahié	hauué	hí	*hi	'árvore'

Nº	K1	Ko	Mo1	Me	PK	Glosa
41.	héroh	heró	hero	inro	*hero	'cabeça'

N°	K2	Mo1	PK	Glosa
42.	í-ui	hioí	*hioí	'cera'

N°	K1	Mo1	Me	PK	Glosa
43.	hohiong	hohion	onšó	*hohjõ	'cutia'

N°	K1	K2	K4	Me	PK	Glosa
44.	montong	hondong	hõndó	jundun	*hondõ	'dormir'

N°	K4	Ko	Mo1	Mo2	Me	PK	Glosa
45.	wãñ	hoag	hoay	hoag	hain	*hwaj	'flecha'

N°	Mo1	Me	PK	Glosa
46.	hoindá	hintá	*hĩ-ta	'madeira'

N°	K1	K2	Ko	Mo1	PK	Glosa
47.	hi	hi-yé-ie	hie hie	eühiähiä	*hie-hie	'muito'

N°	K1	K2	Ma	PK	Glosa
48.	koa	enkoho-uadia	koho aija	*kohoaja	'carne'

Quadro dos sons consonantais do Proto-Kamakã

		Labial	Dental	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivos	su		t		k	
	so		d			
Nasais		m	n			
Africados			ts	tʃ		
Aproximantes		w	r	j		h

Quadro dos sons vocálicos do Proto-Kamakã

	Anteriores	Centrais	Posteriores Arredondados
Altos	*i *ĩ	*ɨ	*u *ũ
Médios	*e		*o *õ
Baixos		*a *ã	

ANEXO L

Lista de palavras reconstruídas para o Proto-Purí, proposta por Silva Neto (2007).

P – dados normalizados da língua Purí

C – dados normalizados da língua Coroadó

K – dados normalizados da língua Koropó

PP – Proto-Purí

Nº	Purí	Coroadó	Koropó	Proto-Purí	Glosa
1.	P yaman	C yaman	K -	PP *yaman	'água'
2.	P	C	K gá	PP *gá	'você'
3.	P penán	C painan	K -	PP *painan	'anta'
4.	P	C kará	K kra	PP *kara	'aqui'
5.	P mpo	C ãmpo	K -	PP *mpó	'árvore'
6.	P mpa	C pa	K -	PP *mpa	'beber'
7.	P čore	C čore	K šore čore	PP *čore	'boca'
8.	P ke	C gué	K ke iče	PP *ké	'cabelo'
9.	P kwe	C ke	K -	PP *kwe	'cabeça'
10.	P paše	C maše	K maše	PP *maše	'comer'
11.	P šabrera	C šapere	K -	PP *šapere	'dedo'
12.	P ope	C ope	K -	PP *opé	'dia'
13.	P uče	C če	K -	PP *če	'dente'
14.	P šuri	C yuri	K dzuri	PP *yuri	'estrela'

			yuri		
15.	P apon	C apon	K -	PP *apon	'flecha'
16.	P poté	C poté	K -	PP *poté	'fogo'
17.	P -	C šapi	K šapé	PP *šapé	'gato'
18.	P šatā	C čatay	K šatā čatay	PP *čatay	'irmão'
19.	P šampe-mpayma	C šāpe	K boema	PP *šampe	'filha'
20.	P dzoplé	C čope	K čupe	PP *čope	'folha'
21.	P kuayma hakorema	C kwayman	K kwayman	PP *kwayman	'homem'
22.	P petara	C petara	K -	PP *petara	'lua'
23.	P ayan	C ayan	K ayan	PP *ayan	'mãe'
24.	P maki	C maki	K -	PP *maki	'milho'
25.	P kore šapeprera	C šapore kokore	K -	PP *šapore	'mão'
26.	P pré	C pre	K pré	PP *pré	'monte'
27.	P pré deka	C pré-heroyma	K pré-heroyma	PP *pré-heroyma	'monte grande'
28.	P prika	C purika	K -	PP *purika	'muito'
29.	P mpayma	C poyman	K boeman	PP *poyman	'mulher'
30.	P ni	C yê	K -	PP *ni	'nariz'
31.	P	C šapona	K šapoma	PP *šapoma	'menino'
32.	P miriponan	C maripoyan	K meřīdan	PP *miriponan	'noite'
33.	P miri	C meřī	K šwarī	PP *meřī	'olho'
34.	P bipina	C pepéna	K -	PP *pepéna	'orelha'
35.	P are	C uaré	K -	PP *are	'pai'
36.	P šipu	C šapu	K -	PP *šipu	'pássaro'
37.	P	C	K	PP	'pé'

	šaprera	čapere	čamprĩ	*čapere	
38.	P šipupé	C pe	K -	PP *pé	'pluma'
39.	P sotanšira	C šorã	K -	PP *šorã	'porco'
40.	P mñama róra	C yamã rora	K kwã	PP *rorá	'rio'
41.	P opé	C ope	K -	PP *opé	'sol'
42.	P tošora tušahi	C šare	K -	PP *tušahi	'tarde'
43.	P guašé ušó	C oše	K -	PP *oše	'terra'
44.	P pon-réna	C põ pranü	K -	PP *pranü	'tronco'
45.	P džota	C nan dota	K narã dzota	PP *džota	'vento'
46.	P tikĩ	C tekĩ	K ičĩ	PP *tikĩ	'ventre, barriga'
47.	P šapúko spangué	C šapuko	K šapuka	PP *šapuko	'erva, planta, campim'

Do estudo comparativo de Silva Neto (2007), doze consoantes puderam ser reconstruídas, além de seis vogais com suas respectivas contrapartes nasais.

Quadro de proto-consoantes

*p		*t	*č	*k	
*mp					
*m	*n		*ñ		
			*š		*h
		*r	*y		

Quadro de proto-vogais

*i	*ĩ	*u
*e		*o
	*a	

ANEXO M

Vocabulário comparativo de Martins (2008), envolvendo dados do Proto-Kamakã, Proto-Purí e Proto-Jê.

Nº	Proto-Kamakã	Proto-Purí	Proto-Jê	Glosa
1.	Ka *ka	Pu *-kõ	PJ *-kõm	'beber'
2.	Ka *eriko	Pu *tjfore (ik > tj)	PJ *zaz-kwa	'boca'
3.	Ka *ke	Pu *ke	PJ *ki	'cabelo'
4.	Ka *jukwa	Pu *maʃe	PJ *kre ⁿ *kre ⁿ r *ku *kur	'comer'
5.	Ka *tʃo	Pu *tʃe	PJ *tʃwa	'dente'
6.	Ka *hondõ	Pu *ñot	PJ *j-õt	'dormir'
7.	Ka *krani	Pu *ʃampe	PJ *kra (criança)	'filho, filha'
8.	Ka *tʃaki	Pu *pote	PJ *ku-zi	'fogo'
9.	Ka *kaji	Pu -	PJ *kwir	'mandioca'
10.	Ka *ker	Pu *ʃapore	PJ *ɲ-ĩkra	'mão'
11.	Ka *niniko	Pu *ni	PJ *ñĩ-ñã-krɛ *j-ĩja	'nariz'
12.	Ka *keto	Pu *merĩn	PJ *no	'olho'
13.	Ka -	Pu *ga	PJ *ka	'você'

ANEXO N

Ampliação da lista de possíveis cognatos entre membros do tronco Macro-Jê por Cabral et. al. (2010).

Nº	VI	VII	IX	XII	Glosa
1.	Ki <i>dí</i>	Ya <i>li</i>	Of <i>yiʔ</i>	Rb <i>-di</i> <i>hara-zi</i>	'cabelo ₂ '

Nº	I	III	IV	VII	VIII	IX	XII	Glosa
2.	Ib Ti <i>ɾõ</i> Ic Xa <i>tsõ</i> Id Kg <i>nim</i>	Mx <i>hõm</i>	Kr <i>-ũp, hum</i>	Ya <i>ko</i>	Kj <i>õ</i>	Of <i>no</i>	Rb <i>nyny</i>	'dar'

Nº	I	II	III	V	VI	VIII	IX	XII	Glosa
3.	Id Kg <i>jã</i>	Ka <i>tfo</i> Me <i>jo</i>	Mx <i>tfoj</i>	Pu <i>dze</i>	Ki <i>dza</i>	Kj <i>dzu</i>	Of <i>fɛʔ</i>	Rb <i>tša-pu</i>	'dente'

Nº	I	II	III	V	VI	VIII	X	XII	Glosa
4.	Ic Xa <i>pɔ</i> Id Kg <i>puŋ</i>	Ka <i>wãj</i>	Mx <i>poj</i>	Co <i>pohoj</i> Ko <i>pan</i>	Ki <i>buj-ku</i>	Kj <i>w#íí</i>	Bo <i>bëiga</i>	Rb <i>oro-bei-k</i>	'flecha'

Nº	I	II	VI	X	XII	Glosa
5.	Ia Ja <i>arã-tiʃe</i>	Ka <i>ere</i>	Ki <i>ærã</i>	Bo <i>arí, aro</i> (<i>folhas miúdas</i>)	Rb <i>saro</i>	'folha'

Nº	I	III	IV	V	XII	Glosa
6.	Ib Ti <i>krã-mẽŋ</i> Id Kg <i>mɛŋ</i>	Ma <i>kí-pík</i>	Kr <i>kra-pok</i>	Pu <i>kra-maŋ</i>	Rb <i>wywyk</i>	'machado'

Nº	I	II	III	XII	Glosa
7.	Id Kg <i>krĩ</i>	Ka <i>heri</i> Me <i>kere</i> Ko <i>kri</i>	Mx <i>ñĩ-ktij</i>	Rb <i>hara</i>	'morro'

Nº	I	II	V	IX	XII	Glosa
8.	Ic Xa <i>bāra</i>	Ka <i>hwera</i>	Pu <i>meri</i>	Of <i>we.r</i>	Rb <i>wororobara</i>	'noite'

Nº	X	XII	Glosa
9.	Bo <i>tʃe</i>	Rk <i>spi</i>	'nós (excl.)'

Nº	I	IV	IX	X	XII	Glosa
10.	Ib Ti <i>ma</i> Ic Xa <i>wa-pa</i> Id Kg <i>mẽ</i>	Kr <i>paw</i>	Of <i>paj</i>	Bo <i>meã-ridi</i>	Rb <i>waby</i>	'ouvir'

Nº	I	VII	VIII	X	XII	Glosa
11.	Ib Ti <i>mã</i> Ic Xa <i>bã</i> Id Kg <i>mẽ</i>	Ya <i>ma</i>	Kj <i>bẽ</i>	Bo <i>wo</i>	Rb <i>bo</i>	'para'

Nº	I	VI	XII	Glosa
12.	Ib Ti <i>rẽ</i>	Ki <i>ræ</i>	Rb <i>rikdo</i>	'pênis/macho'

Nº	I	VI	VII	X	XII	Glosa
13.	Ib Ti <i>mĩt</i> Ic Xa <i>bæð</i>	Ki <i>bati</i> (estrela)	Ya <i>fetfa</i>	Bo <i>meri</i>	Rk <i>hara-mwe</i>	'sol'

Nº	I	II	III	IV	VI	VII	XII	Glosa
14.	Ib Ti <i>tẽ</i> Ic Xa <i>dẽ</i> Id Kg <i>tĩ (ir)</i>	Ka <i>ni</i>	Mx <i>ñm</i>	Kr <i>ne</i>	Ki <i>te</i>	Ya <i>tʃi</i>	Rk <i>rik-ny</i>	'vir'

Nº	X	XII	Glosa
15	Bo <i>bubutu</i> (<i>chuva</i>)	Rb <i>buburu</i>	' <i>rio</i> '

Nº	I	X	XII	Glosa
16.	Id Kg <i>ba</i>	Bo <i>baraedu</i>	Rb <i>baraza</i>	' <i>não-índio</i> '

Nº	X	XII	Glosa
17.	Bo <i>boreu</i>	Rb <i>bauri</i>	' <i>besouro</i> '

Nº	I	X	Glosa
18.	Id Kg <i>huri</i>	Bo <i>kurije</i>	' <i>já</i> '

Nº	X	XII	Glosa
19.	Bo <i>kaiba</i>	Rb <i>hãta</i>	' <i>onde</i> '

Nº	I	X	XII	Glosa
20.	Id Kg <i>jěnky</i> <i>jã</i> (<i>bico</i>)	Bo <i>já,</i> <i>okwa</i>	Rb <i>saki</i>	' <i>boca</i> '

Nº	I	X	XII	Glosa
21.	Id Kg <i>jěnky</i> (<i>boca</i>) <i>jã</i> (<i>bico</i>)	Bo <i>jekodu</i>	Rb <i>sayrik</i>	' <i>bochecha</i> '

N°	I	XII	Glosa
22.	Id Kg <i>jěňky far</i>	Rb <i>sak</i>	' <i>lábios</i> '

N°	I	XII	Glosa
23.	Id Kg <i>jã pěn</i>	Rb <i>iharisapek</i>	' <i>queixo</i> '

N°	I	X	XII	Glosa
24.	Id Kg <i>kre</i>	Bo <i>pogora</i>	Rk <i>ihyru</i>	' <i>coxa</i> '

N°	I	XII	Glosa
25.	Id Kg <i>kyv</i>	Rk <i>hwi</i>	' <i>pau</i> '

N°	X	XII	Glosa
26.	Bo <i>rotu,</i> <i>rotuguru</i>	Rk <i>tsahõrõ</i>	' <i>lama</i> '

N°	I	X	XII	Glosa
27.	Id Kg <i>pũn, kuprũn</i>	Bo <i>kowu</i>	Rk <i>koro</i>	' <i>queimar</i> '

N°	I	X	Glosa
28.	Id Kg <i>iakri</i>	X Bo <i>ekara</i>	' <i>joelho</i> '

N°	I	XII	Glosa
29.	Id Kg <i>tý ke</i>	Rb <i>pyk</i>	' <i>parar</i> '

Nº	X	XII	Glosa
30.	Bo <i>o, oto</i>	Rb <i>ok</i>	' <i>rosto</i> '

Nº	I	X	XII	Glosa
31.	Id Kg <i>jog</i>	Bo <i>orjo</i>	Rb <i>zo</i>	' <i>pai</i> '

Nº	I	XII	Glosa
32.	Id kg <i>jě, ný, nýtí, nãtí, nýgfí,</i>	Rb <i>rě, rĩ, ě, ě</i>	' <i>ser</i> '

Nº	I	XII	Glosa
33.	Id Kg <i>ny, jý</i>	Rb <i>jetsy</i>	' <i>irmã da mãe</i> '

Nº	I	X	Glosa
34	Id Kg <i>nĩgnĩ ni</i>	Bo <i>dyhy</i>	' <i>sentar</i> '

Nº	I	X	XII	Glosa
35.	Id Kg <i>ũ-týta, ũ-tata, ũ-tãta,</i>	Bo <i>uwire</i> (<i>esposa</i>)	Rb <i>wytyk</i>	' <i>mulher</i> '

ANEXO O

Lista de palavras reconstruídas para o Proto-Jê-Meridional, proposta por Jolkesky (2010).

PJM – Proto-Jê Meridional

Xo – Xokleng

Ka – Kaingang

Kp – Kaingang Paulista

In – Ingain

Nº	PJM	Xokleng	Kaingang	Kaingang Paulista	Ingain	Glosa
0.	*rãjɯr	Xo -	Ka rãjɯr	Kp rẽjɯr	In -	'abacaxi'
1.	*wɛd ke	Xo vɛd ke	Ka wɛd hie	Kp -	In -	'abandar' (SG), 'sacudir' (SG)
1b.	*wɛdwɛd ke	Xo vɛdvɛd ke	Ka wɛdwɛd hie	Kp -	In -	'abandar' (PL), 'sacudir' (SG)
2.	*rɛ (-j, -g, -ã(g))	Xo lɛj (-g)	Ka rɛ (-j, ã(g))	Kp -	In brẽ	'abandonar, deixar para traz'
3.	*(ja)grɔ	Xo jɔglũ	Ka grɔ	Kp -	In -	'abdômen'
4.	*(ka-)gra(j)	Xo kaglõ	Ka -	Kp -	In graj	'abelha'
5.	*(ku)cɛ	Xo kucɛ	Ka kufɛ	Kp -	In cɛ	'abelha irapuã'
6.	*kãgjã	Xo kajɔ	Ka kãgjã	Kp -	In -	'abelha-guarupu' 'abelha suor' (Xo)
7.	*dɔr	Xo tɔl	Ka dɔr	Kp -	In -	'abelha-irai'
8.	*{i}jɣ	Xo -	Ka jɣ	Kp -	In {i}jɣ	'abelha-iratim'
9.	*ẽgpɛj	Xo ãgpɛj	Ka ẽgpɛj	Kp -	In -	'abelha-jataí'

10.	*(ku-)krɛ	Xo klɛ	Ka -	Kp -	In {ku}krɛ	'abelha- mandaçaia'
11.	*prɣ(-a)	Xo ply	Ka pra	Kp -	In prɣ	'abelha-manduri'
12.	*cug{be}	Xo cug	Ka ʃug{be}	Kp -	In cubẽ{cu}	'abelha-mirim'
13.	*pɛɦo	Xo pɛɦo{v}	Ka pɛɦo	Kp pɛɦo	In pɛɦo	'abóbora'
14.	*rɔ̃j	Xo lɔj	Ka rɔj	Kp -	In -	'abrir' 'desfazer' (Ka)
15.	*kure (-ɛg)	Xo kule (-ɛg)	Ka kure (-ɛg)	Kp -	In -	'abrir caminho'
16.	*brid(+ke)	Xo blid	Ka brid ke	Kp brid ke	In -	'abrir, rasgar, despertar'
17.	*kyg	Xo kyg	Ka kyg	Kp -	In -	'acabar (liquido), tomar turdo'
18.	*tũ(-g)	Xo tũ(-g)	Ka tũ(-g)	Kp -	In -	'acabar, não ter mais, terminar (algo)'
19.	*(ki+)krɔb	Xo (ki) klub	Ka (ki) krɔb	Kp -	In -	'acertar, atingir, agir corretamente'
20.	*jɣwẽd	Xo jɣvãd	Ka juwẽd	Kp -	In -	'aconselhar'
21.	*rĩd(rĩd)	Xo lẽd	Ka rĩd(rĩd)	Kp rĩdrĩd	In -	'acordar'
22.	*jagtã{j}	Xo jagta{j}	Ka jagtã	Kp -	In -	ADESIVO 'junto de'
23.	*kɔb	Xo -	Ka kɔb	Kp kɔb	In -	ADESIVO 'junto de'
24.	*{jẽg}ra	Xo {jãg}lɔ	Ka ra	Kp -	In -	ADVERSATIVO, CONCESSIVO
25.	*raɟ + ke	Xo lɔj ke	Ka raɟ ke	Kp -	In -	'afastar'
26.	*(ju-, sẽ-)kɛd	Xo θãkɛd	Ka jukɛd	Kp -	In -	'afiar (faca, instrumento cortante)
27.	*pãju	Xo paju	Ka pãju	Kp -	In -	'afundar, imergir (na água)'
27b.	*ki (ɔd)ɔr	Xo ki (ɦud) ɦul	Ka ki (ɔd)ɔr	Kp -	In -	'afundar, imergir (na lama)'
28.	*kã-g-bĩ (-g)	Xo kagbẽ (-g)	Ka kãgbĩ (-g)	Kp -	In abẽd	'agarrar (SG)'
28b.	*ku-g-bĩ (-g)	Xo kugbẽ (-g)	Ka kugbĩ (-g)	Kp kɔgbĩ	In -	'agarrar (PL)'
29.	*(ki+)pɔb+ke	Xo (ki)pub ke	Ka (ki) pɔb ke	Kp -	In ki bõb ke	'agarrar com força' 'castigar' (In)
30.		Xo	Ka	Kp	In	'agora, neste momento'

	*fia	fiɔ	fiɑ	-	fiɑ	
31.	*goj	Xo goj	Ka goj	Kp goj	In -	'água'
32.	*prɛj	Xo plɛj	Ka prɛj	Kp -	In prɛj	'agulha'
33.	*wer	Xo vel	Ka wer	Kp -	In -	'ainda, por enquanto'
34.	*to	Xo to	Ka to	Kp -	In -	ALATIVO
35.	*jvd	Xo jvd	Ka jvd	Kp -	In jvd	'alça' 'linha' (In)
36.	*(jã-, sẽ-) (-g-) jvd	Xo θã(g) jvɫ	Ka jã(g) jvr	Kp -	In -	'alçado, pendurado'
37.	*rã	Xo la	Ka rã	Kp -	In -	'alcançar, aproximar-se'
38.	*(jã-, sẽ-) (-g)jvd	Xo θã(g) jvd; jajvd	Ka jã(g) jvd	Kp jẽjvd	In -	'alçar, pendurar'
39.	*jabã	Xo jɔba	Ka jabã	Kp jabẽ	In gajbã{tãd}	'aldeia' 'habitação' (In)
40.	*(se+)brid+ke	Xo (θe) blid ke	Ka (φe)brid ke	Kp -	In -	'alegrar-se, estar alegre'
41.	*ũd	Xo ũd	Ka ũd	Kp ũd	In -	'alguém'
42.	*katu	Xo kɔtu	Ka katỹ	Kp -	In -	'alhures, em outra parte'
43.	*jẽ (-d, -g)	Xo jã (-d)	Ka jẽ (-d, -g)	Kp -	In -	'alimentar-se, comer'
44.	*kabɛd	Xo kɔbɛd	Ka kabɛd	Kp -	In -	'alisar, esfregar'
45.	*-rẽ	Xo -	Ka {jag}rẽ	Kp -	In {jê}rɛ	'alma'
46.	*jusɛj	Xo juθɛj	Ka juφɛj	Kp juwɛj	In -	'alongamento, felpudo, franja'
47.	*guj	Xo guj	Ka kuj	Kp -	In vj	'alto'
48.	*pɛsãb	Xo pɛθãb	Ka pɛφãb	Kp pɛφẽb	In -	'amamentar'
49.	*kurã (-g)	Xo kula (-g)	Ka kurã (-g)	Kp -	In -	'amanhecer'
50.	*waj	Xo vɔj	Ka waj	Kp wɛj{pɔg}	In g ^w ɔj	'amanhecer, clarear o dia' 'cedo'
51.	*sãg	Xo θag	Ka φãg	Kp -	In -	'amargar'
52.		Xo	Ka	Kp	In	'amargo'

	*sa	θo	φα	φα	-	
53.	*togsĩ (-d, -g)	Xo tugθẽ (-d)	Ka tɔgφĩ (-d, -g)	Kp -	In -	'amarrar junto (SG)'
53b.	*tugsĩ (-d, -g)	Xo tugθẽ (-d)	Ka tugφĩ (-d, -g)	Kp -	In -	'amarrar junto (PL)'
54.	*kvbĩ (-g)	Xo kvbẽ (-g)	Ka kuvbĩ	Kp -	In -	'amassar, espremer'
55.	*{rɛg}rɛ	Xo lɛgle	Ka rɛgre	Kp rẽgre ~ rẽgri	In ri	'amigo, irmão, dois'
56.	*{tã}dãj	Xo tadaɟ	Ka tãdãj	Kp -	In daɟ	'amolecer' 'abrandar' (In)
57.	*tu	Xo tu	Ka tu	Kp -	In dɣ	'amortecido, morto' 'morrer' (In)
58.	*kajid	Xo kɔjid	Ka kajid	Kp -	In -	'andar ligeiro, correndo' 'brincar' (Ka)
59.	*bẽg	Xo bãg	Ka bẽg	Kp bẽg ~ bẽd	In -	'animal de criação'
60.	*prõg	Xo plõg	Ka prỹg	Kp -	In -	'ano'
61.	*{k}ɔjor	Xo ujol	Ka ɔjor	Kp {k}ɔjor	In -	'anta'
62.	*dĩgdo	Xo dẽgdu	Ka dĩgdo	Kp -	In -	'antebraço'
63.	*kakãb	Xo kɔkab	Ka kakãb	Kp -	In -	ANTESSIVO 'além de, do outro lado de, na margem oposta, deparar-se com'
64.	*jo	Xo jo	Ka jo	Kp -	In -	ANTESSIVO 'na frente de'; PRIVATIVO 'sem'; SUBSTITUTIVO 'no lugar de'
65.	*wãcõ	Xo vãcõ ~ vãcỹ	Ka wãjỹ	Kp -	In -	'antigamente'
66.	*sa{w}	Xo -	Ka φα	Kp -	In la{w}	'ânus' 'tripas' (In)
67.	*brĩj	Xo -	Ka brĩj	Kp -	In brẽj	'amarrar, dar nó' 'anzol' (In)
68.	*hẽ + ra	Xo hã lo	Ka hẽ ra	Kp -	In -	'aonde?'
69.	*juur	Xo juul	Ka juur	Kp -	In -	'apagado, apagar-se'

70.	*jʉud(jʉud)	Xo jʉud, cuɔdjʉud	Ka jʉud(jʉud)	Kp jʉud	In -	'apagar'
71.	*(j-, s-)ẽbĩ(-g)	Xo (j-, θ-)ãbẽ(-g)	Ka (j-)ẽbĩ(-g)	Kp -	In -	'apalpar'
72.	*wẽjwed	Xo vãjved	Ka wẽjwed	Kp -	In -	'aparecer'
73.	*(s-, t-, k-)ã'gũ(-g)	Xo (θ-)agũ(-g)	Ka (k-)ã'gũ(-g)	Kp -	In (t-)ãgõ	'apertar'
74.	*hã+{jẽg}ra	Xo hã{jãg}lɔ	Ka hã ra	Kp -	In -	'apesar disso'
75.	*kɔkrãj	Xo kuklaj	Ka kɔkrãj	Kp -	In -	'apodrecer'
76.	*tyg+ke	Xo tyg ke	Ka ty ke	Kp -	In -	'apoiar(-se) 'sentar-se' (Xo)
77.	*(j-, s-)u(-g-)rɔd	Xo (θ-)ulỹd	Ka (j-)u(g)rỹd	Kp -	In -	'apontar, aguçar (a ponta)'
78.	*ki+wẽjra(-ãg)	Xo ki vãjlag	Ka ki wẽjra	Kp -	In -	'aprender'
79.	*ce (-ε, -εg)	Xo ce, cεg	Ka ʃe, ʃεg	Kp -	In -	'aprisionar, prender (alguém)'
80.	*rã	Xo la	Ka rã	Kp -	In -	APUDESSIVO 'perto de'
81.	*{ka-}kɔ	Xo ku	Ka *{ka}kɔ	Kp kakɔ	In -	APUDESSIVO 'próximo, perto de, estar próximo'
82.	*kriɔkriɔ	Xo klijkli	Ka kriɔkriɔ	Kp kriɔkriɔ	In -	'araguaí'
83.	*cukriɔg	Xo cuklɛg	Ka ʃukriɔg	Kp tʃukriɔg	In -	'aranha'
84.	*{ta}grad{da}	Xo taglad	Ka -	Kp -	In krã{d}da	'arara'
85.	*syg	Xo θyg	Ka φyg	Kp -	In -	'araucária'
86.	*wuj	Xo vuj	Ka wuj	Kp wuj	In g ^w u, aguj	'arco'
87.	*sũdsũd(+ke)	Xo θũθũd	Ka φũφũd ke	Kp -	In -	'arder'
87b.	*sũdsũr	Xo θũθũl	Ka φũφũr	Kp -	In -	'ardido' 'latejar' (Ka)
88.	*rõj rõj	Xo lõj lõj	Ka rỹj rỹj	Kp -	In wuurɔj	'areia'
89.	*gɔɔr	Xo kuol ~ kuɔol	Ka goor	Kp -	In -	'argila'
90.		Xo	Ka	Kp	In	'arrastar'

	*tarɣj+ke	talɣj ke	-	-	tarur ke	
90b.	*rarad	Xo -	Ka rarad	Kp rarad	In -	'arrastar'
91.	*(tɣg)taj	Xo (tɣg)tɣj	Ka (tuɣ)tuj	Kp -	In -	'arrebentado no meio'
92.	*(tɣg)taj	Xo (tɣg)tɔj	Ka (tuɣ)tuj	Kp -	In -	'arrebentar (algo) no meio'
93.	*pēg	Xo pāg	Ka pēg	Kp -	In -	'arremessar, atirar'
94.	*pɛdkra	Xo pɛdklɔ	Ka pɛdkra	Kp -	In -	'arrotar'
95.	*ag	Xo ɔg	Ka ag	Kp ag	In -	'artigo DEFINIDO (PL); pluralizador'
96.	*tī	Xo te ~ tē	Ka ti	Kp -	In -	'artigo DEFINIDO (SG)'
97.	*ū	Xo ū	Ka ū	Kp ū	In -	'artigo INDEFINIDO'
98.	*ka	Xo kɔ	Ka ka	Kp ka	In ka	'árvore, madeira'
99.	*'kejē{d}	Xo 'kejā	Ka 'kejē{d}	Kp -	In -	'às vezes, um dia, caso'
100.	*sēr	Xo θāl	Ka φēr	Kp φēr ~ wēr	In lēř	'asa'
101.	*tī	Xo tē	Ka tī	Kp tī	In -	'aspecto DINÂMICO. IMPERFEITO (SG)'
102.	*bū	Xo bū	Ka bū	Kp bū	In bā	'aspecto DINÂMICO. IMPERFEITO (PL)'
102b.	*bū	Xo bū	Ka bū	Kp bū	In -	'aspecto DINÂMICO. PERFEITO'
103.	*dī	Xo dē	Ka dī	Kp dī	In de	'aspecto ESTÁTICO. Curto (SG)'
104.	*dō	Xo dō	Ka dŷ	Kp dŷ	In -	'aspecto ESTÁTICO. Longo. Horizontal (SG)'
105.	*jē	Xo jā	Ka jē	Kp jē	In -	'aspecto ESTÁTICO. longo. Vertical (SG)'
106.	*dōtī	Xo dōdē ~ dŷ	Ka dŷtī	Kp dŷtī	In -	'aspecto ESTÁTICO (PL)'
107.	*ca	Xo cɔ	Ka ʃa	Kp tʃa	In -	'aspecto ESTÁTICO. Suspense (SG)'
108.	*tī{g}tī	Xo -	Ka tī{g}tī	Kp tītī	In -	'aspecto HABITUAL, sempre'
109.	*ja	Xo jɔ	Ka ja	Kp ja	In ja	'aspecto PERFECTIVO'

110.	*ke	Xo ke	Ka ke	Kp ke	In -	'aspecto PROSPECTIVO'
111.	*(dīd-, jēd̃-)gv (-d)	Xo -	Ka jēd̃gv	Kp -	In dē{d}gvd	'assar dentro da terra'
112.	*grã(-g)	Xo gla (-g)	Ka grã(-g)	Kp -	In gra (-ãd, -ãg)	'assar na brasa, no forno'
113.	*kãpu(-g)	Xo kapu	Ka kãpug	Kp -	In -	'assar na taquara'
114.	*pẽ	Xo pã	Ka pẽ	Kp -	In -	ASSERTIVO 'verdadeiro, de verdade'
115.	*fia+kõ	Xo fia kũ	Ka fã kỹ	Kp -	In -	'assim, por isso'
116.	*fuj+ke	Xo fuj ke	Ka fuj ke	Kp -	In -	'assobiar'
117.	*kãu(-g)	Xo kaug	Ka kãu(-g)	Kp -	In -	'assustar'
118.	*pid(+ke)	Xo pid	Ka pid ke	Kp -	In -	'atirar (PL)'
119.	*pɛdũ	Xo pɛdũ	Ka pɛdũ	Kp pɛdũ	In -	'atirar (SG)'
120.	*sīd	Xo θēd	Ka φīd	Kp -	In -	'através'
121.	*fã+tõ	Xo fã tõ	Ka fã tỹ	Kp -	In -	'através disso, por meio disso'
122.	*rab+ke	Xo lob ke	Ka rãb ke	Kp -	In -	'atravessar, passar através'
123.	*jãgja(-ã, -ãg)	Xo jagjo (-a, -ag)	Ka jãgja(-ã, -ãg)	Kp -	In -	'aumentar, crescer (em volume, intensidade, etc.)'
124.	*jêrẽ	Xo jãlã	Ka jêrẽ	Kp -	In -	'axila'
124b.	*kajãg	Xo -	Ka kajãg	Kp kajẽg	In -	'azedar'
125.	*rud	Xo -	Ka rud	Kp -	In rvd	'bagre'
126.	*kujãg	Xo kujag	Ka kujãg	Kp kujẽg	In -	'baitaca'
127.	*kẽj	Xo kãj	Ka kẽj	Kp -	In -	'balaio'
128.	*tuqtug	Xo tuqtug{ve}	Ka tuq	Kp -	In -	'banana'
129.	*dī{g}ja	Xo dējjo	Ka dī{g}ja	Kp -	In -	'banco'
130.	*(j-, s-)uwã	Xo (j-, θ-)uva	Ka (j-)uwã	Kp -	In -	'barba'
131.		Xo	Ka	Kp	In	'barba-de-velho'

	*kajej	kəjej	kajej	-	-	
132.	*dug	Xo dug	Ka dug	Kp dug	In dɔ	'barriga'
133.	*{g}ɔrɛ	Xo ulɛ	Ka ɔrɛ	Kp ɔrɛ ~ {g}ɔrɛ	In -	'barro' 'lagoa' (Xo)
134.	*krog	Xo klog	Ka krog	Kp -	In -	'barulho (de fogo, de água)'
135.	*pɛdɔ	Xo -	Ka pɛdɔ	Kp pɛdɔ	In -	'batata'
136.	*kadid	Xo kɔdɪd{ve}	Ka kadid	Kp -	In -	'batata doce' 'batata' (Ka)
137.	*tãj	Xo taj	Ka tãj	Kp tẽj	In {dãj}dãj	'bater, matar'
137b.	*tɔ(pɔg)pɔg(+ke)	Xo -	Ka tʃ pɔgpɔg ke	Kp tẽ pag	In -	'bater em, dar uma batida'
137c.	*tag(+ke)	Xo -	Ka tag ke	Kp tag {kug}	In -	'bater em, dar uma batida'
138.	*{kã}krãd	Xo {kã}klãd	Ka (krod)krod	Kp (krod)krod	In krad	'beber'
139.	*jud ke	Xo jud ke	Ka jud ke	Kp -	In -	'beijar, abraçar'
140.	*sur	Xo θul	Ka φul	Kp -	In -	'beira, margem'
141.	*kuce(-ɛ, -ɛg)	Xo kuce(-ɛ, -ɛg)	Ka kufe(-ɛ, -ɛg)	Kp -	In -	'beliscar (SG)'
141b.	*kugje (-ɛ, -ɛg)	Xo kugje (-ɛ, -ɛg)	Ka kugje (-ɛ, -ɛg)	Kp -	In -	'beliscar (PL)'
142.	*bɛ	Xo -	Ka bɛ	Kp -	In bɛ	'bem' 'direito' (In)
143.	*bõ	Xo bõ	Ka bʃ	Kp bʃ	In bã	BENEFACTIVO, DIRECIONAL
144.	*wãtɔ	Xo vãdɔ	Ka wãtɔ	Kp -	In -	'bengala'
145.	*kitud	Xo kitud	Ka kitud	Kp -	In -	'berner'
146.	*{ku}kudɛd	Xo {ku}kudɛl	Ka -	Kp -	In kudɛd	'besouro'
147.	*jɔjdɛ{d}	Xo jɔjdɛ{d}	Ka jɔjdɛ	Kp -	In -	'bexiga'
148.	*cab	Xo cɔb	Ka ʃab	Kp -	In -	'bicar, picar, cutucar' 'fisar' (Ka)
149.		Xo	Ka	Kp	In	'bico, dente'

	*jã	ja	jã	jẽ	jõ	
150.	*tõbẽjuuj	Xo tõbãjuuj	Ka tõbẽjuuj	Kp -	In -	'bilis'
151.	*jẽdku(w)	Xo jãdku	Ka jẽdku	Kp jẽdku	In jẽdko	'boca'
152.	*(ja-)bẽ	Xo jõbã	Ka jabẽ	Kp jabẽ	In bε	'bochecha'
153.	*dãr	Xo dal	Ka dãr	Kp -	In kudãd	'boiando, flutuando'
153b.	*(kyg-)dãd	Xo (kyg)dad	Ka dãd	Kp -	In -	'boiar, flutuar'
154.	*hɣ	Xo hɣ	Ka hɣ	Kp hɣ	In -	'bom'
155.	*(ku-)cĩ	Xo -	Ka jĩ	Kp -	In kuci	'bonito'
156.	*toto{d}	Xo toto{d}	Ka toto	Kp -	In -	'borboleta'
157.	*	Xo	Ka	Kp	In	
158.	*ka	Xo -	Ka ka	Kp -	In ka	'borrachudo'
159.	*(jã-)k ^w u	Xo (jã)k ^w u	Ka -	Kp -	In g ^w ɣ	'braço'
160.	*(jõ)pẽ	Xo pã	Ka pẽ	Kp jõpẽ	In ba ~ bẽ	'braço, galho' 'mão' (Kp)
161.	*kupri	Xo kupli	Ka kupri	Kp kupri	In kupri	'branco'
162.	*jũ	Xo jũ	Ka jũ	Kp jũ	In -	'bravo, selvagem'
163.	*{ji-}kro{j}	Xo klo	Ka -	Kp -	In {ji}kraɟ	'brincar'
164.	*dĩgreĩ +to+ca	Xo dẽglãg to {dɛd} cɔ	Ka dĩgreĩ +to+ɟa	Kp -	In dẽgrẽd ca	'brinco'
165.	*kajir	Xo -	Ka kajir	Kp kajir	In -	'brinquedo'
166.	*gɔg	Xo gug	Ka gɔg	Kp gɔ	In gɔ	'bugio preto'
167.	*pɛdwɛr	Xo pɛdvɛl	Ka pɛdwɛr	Kp pɛdwɛr	In -	'trazendo de volta, trazido de volta'
168.	*gɛ + tĩg	Xo -	Ka gɛ tĩg	Kp -	In gitẽd	'buscar'
169.	*pɛdwã(-d)	Xo pɛda(-d)	Ka pɛdwã(-d)	Kp pɛdwɛr	In -	'buscar, trazer de volta'
170.	*krĩ{j}	Xo klẽ	Ka krĩ	Kp krĩ ~ krĩ{j}	In krẽ{j}	'cabeça'
171.	*gãj	Xo gaj	Ka gãj	Kp	In kãj ~ gãj	'cabelo, pelo comprido'

				gēj ~ gēg		'crina' (Xo)
172.	*kyki	Xo kyki	Ka kuuki	Kp kuuki	In kyki	'cabelo, pelo, pena'
173.	*kātvgār	Xo kātvgal	Ka kātvgār	Kp -	In -	'cabriúva'
174.	*ēkre (-εg, -εj)	Xo ākleg, ākle	Ka ēkrej	Kp -	In -	'caçar'
175.	*ca{d}	Xo {goj tō} cō	Ka ʃa	Kp -	In ca{d}	'cachoeira'
176.	*fiogfiog	Xo fiogfiog	Ka fiogfiog	Kp fiogfiog	In -	'cachorro-do- mato'
177.	*tu{ʃ}	Xo tu	Ka tu	Kp tu{ʃ}	In -	'caeté'
178.	*wyr	Xo vyl	Ka wyr	Kp -	In -	'cair' (PL)
179.	*kutē ~ *kuta	Xo kutã	Ka kutē	Kp kutē ~ kuta	In kudε	'cair' (SG)
180.	*ogcã	Xo ugca	Ka ogʃã	Kp ogtʃã	In ca{krad}	'caítitu'
181.	*dε	Xo -	Ka dε	Kp -	In dε	'caixa'
182.	*kājurad	Xo -	Ka kājurad	Kp -	In kādvrar	'cajado'
183.	*pēd+to+rō	Xo -	Ka pēd to rō	Kp pēd to ra	In -	'calçado'
184.	*pēd ra	Xo pād lo	Ka pēd ra	Kp -	In -	'calcanhar'
185.	*(ja-, ē-)bīd	Xo (jō-, ā-)bēd	Ka (ja-, ē-)bīd	Kp jabī(d)	In jebēd, abēd	'caminho'
185b.	*(ja-, ē-)prã	Xo -	Ka (ja-, ē-)prã	Kp japruu	In -	'caminho'
186.	*ru{r}	Xo -	Ka ru{r}	Kp -	In ru	'camisa' 'roupa' (In)
187.	*{ku}kradēdī{d}	Xo {ku}kladēdē	Ka kradēdī{d}	Kp -	In dē(dī)	'camisa'
188.	*{ku-, fia-}bã	Xo {fia}ba	Ka -	Kp -	In {ku}ba	'campo'
189.	*jaka{to}	Xo jōkō{to}	Ka jaka	Kp -	In -	'canela (parte do corpo)' 'perna comprida' (Ka)
189b.	*{ja-, wa-}to	Xo to	Ka {ja}to	Kp -	In {g ^w a}tod	'canela (parte do corpo)' 'pé' (In)
190.	*kātād	Xo katad	Ka kātād	Kp -	In -	'canela-branca'

191.	*sukɔ{g}	Xo θuku	Ka φukɔ{g}	Kp -	In -	'canela-fétida'
192.	*sɔca	Xo θucɔ	Ka φɔʃa	Kp -	In -	'canjerana'
193.	*kākɛj	Xo kakej	Ka kākɛj	Kp kēkɛj ~ kēkaj	In kakɔ	'canao'
194.	*tuu	Xo tuu	Ka tuu	Kp -	In -	'cansado'
195.	*jād	Xo jad	Ka jād	Kp -	In jād	'cantar'
196.	*krugduug	Xo klugduug	Ka krugduug	Kp krugru	In krɔdɔd ~ krɔdɔ̃d	'capivara'
197.	*wāj	Xo vaj	Ka wāj	Kp wēj	In g ^w ābro	'capoeira, mato' 'brejo' (In)
198.	*dud	Xo dud	Ka dud	Kp -	In -	'caramujo' 'lagarta' (Xo)
199.	*{jɔ}gɛ	Xo gɛ	Ka {jɔ}gɛ	Kp -	In -	'caranguejo'
199b.	*kator	Xo -	Ka kator	Kp kator	In -	'careca'
200.	*dī	Xo dē	Ka dī	Kp dī	In dē	'carne'
201.	*dɔd(-r)	Xo dɔd(-l)	Ka dɔd	Kp -	In dɔ	'caroço, protuberância' 'fruta' (In)
202.	*tir	Xo til	Ka tir	Kp -	In dir	'carrapato'
203.	*	Xo	Ka	Kp	In	
204.	*ba{r}	Xo bɔ{l}	Ka ba	Kp -	In ba	'carregando (SG), segurando (SG) (objeto curto)'
205.	*wa{r}	Xo vɔl	Ka wa	Kp wa	In -	'carregando (SG), segurando (SG) (objeto longo)'
206.	*tu	Xo tu	Ka tu	Kp -	In -	'carregar nas costas'
207.	*(ka-, kɔ-)se	Xo -	Ka kaφe	Kp -	In kuile	'carregar no colo'
208.	*ge (-ɛ, -ɛg)	Xo ge (-ɛ, -ɛg)	Ka gɛ (-g)	Kp -	In g ^w i	'carregar (PL), segurar (PL) (objeto curto)'
209.	*pāgtu	Xo pagtū	Ka pāgtu	Kp -	In -	'carregar (PL), segurar (PL) (objeto longo)'
210.	*ba (-ã, -ãd, -ãg)	Xo bɔ (-a, -ad, -ag)	Ka ba (-ã, -ãd, -ãg)	Kp bēd	In bã	'carregar (SG), segurar (SG) (objeto curto)'
211.		Xo	Ka	Kp	In	'carregar (SG),

	*wa(-ã, -ãd, -ãg)	vɔ(-a, -ad, -ag)	wa (-ã, -ãd, -ãg)	wa	-	<i>segurar (SG)</i> <i>(objeto longo)'</i>
212.	*wuud	Xo vud	Ka wuud	Kp wuud	In -	<i>'carregar (SG),</i> <i>segurar (SG)</i> <i>(objeto longo)'</i>
213.	*kɔgãd	Xo kugad	Ka kɔgãd	Kp -	In -	<i>'carunchar, ter</i> <i>carunchos'</i>
214.	*prɤj	Xo plyj	Ka prɤj	Kp praj	In -	<i>'carvão, brasa'</i>
215.	*ĩd	Xo ẽd	Ka ĩd	Kp ĩd	In ẽd	<i>'casa'</i>
216.	*kɤprũg	Xo kɤplũg	Ka kuɤprũg	Kp -	In -	<i>'casar com</i> <i>mulher (PL)'</i>
217.	*prũg	Xo plũg	Ka prũg	Kp -	In -	<i>'casar com</i> <i>mulher (SG)'</i>
218.	*prẽ{j}	Xo plã	Ka prẽ{j}	Kp -	In bra	<i>'casca do imbé'</i>
219.	*cãcã	Xo caca	Ka ʃãʃã	Kp -	In -	<i>'cascavel'</i>
220.	*wo-	Xo vo{lɤ}	Ka wo{d}	Kp -	In -	<i>'cascudo'</i>
221.	*(jã-, se~)kru (-d, -j, -g)	Xo (θã-)klu(d)	Ka (jã-)kru (-j, -g)	Kp -	In -	<i>'catar (PL),</i> <i>juntar (PL) do</i> <i>chão (objetos</i> <i>miúdos, curtos)'</i>
222.	*togrĩd	Xo togdẽd	Ka tugdĩd	Kp -	In -	CAUSATIVO
223.	*krɛj-	Xo klɛj{kad}	Ka -	Kp krɛj-{kũ}	In -	<i>'cavar (uma</i> <i>armadilha)'</i>
224.	*kũb	Xo kũb	Ka kũb	Kp -	In -	<i>'cavar, fazer um</i> <i>buraco'</i>
225.	*dor	Xo dol	Ka dor	Kp dor	In -	<i>'cavidade</i> <i>cumprida, tubo'</i>
225b.	*gra	Xo glɔ	Ka gra	Kp -	In -	<i>'cavidade</i> <i>redonda, saco'</i>
226.	*sɔ	Xo θu	Ka φɔ	Kp -	In -	<i>'cedro'</i>
227.	*(dɤg)dɤ	Xo -	Ka (dɤg)dɤ	Kp -	In dɤdɤ	<i>'cego'</i>
228.	*kadẽ+tũ	Xo kɔda tũ	Ka -	Kp -	In kada tu	<i>'cego'</i>
229.	*jɔkuɤ dĩge	Xo jɔkuɤ	Ka jɔkuɤ dĩage	Kp -	In -	<i>'centopeia'</i> <i>'cobra' (Xo)</i>
230.	*dũda	Xo dũda	Ka dũda	Kp -	In -	<i>'cepo'</i>
231.	*dɛj	Xo dɛj	Ka dɛj	Kp -	In dɛj	<i>'cera'</i>
232.	*kãjẽg	Xo kãjãg	Ka kãjẽg	Kp -	In -	<i>'cerca, muro,</i> <i>parede'</i>

233.	*krīkujo	Xo klēkujo	Ka krīkujo	Kp -	In kujo	'cérebro'
234.	*kujo	Xo kujo	Ka kujo	Kp -	In -	'carne, miolo'
235.	*kěj	Xo kāj	Ka kěj	Kp kěj	In -	'cesto'
236.	*kāgtu	Xo kagtu	Ka kāgtu	Kp -	In -	'cesto grande'
237.	*kre	Xo kle	Ka kre	Kp kre	In -	'cesto pequeno (com tampa), balaio'
238.	*kajkā	Xo kəjka	Ka kajkā	Kp kajkě ~ kajka	In -	'céu'
239.	*gru	Xo glu	Ka gru	Kp -	In pě grɔ	'chama' 'aceso' (Xo)
240.	*(ě-)prā	Xo (ā-)pla	Ka (ě-)prā	Kp (ě-)pru	In -	'chão, caminho'
241.	*pāi	Xo pai	Ka pāi	Kp -	In palɣ	'chefe'
242.	*jur	Xo jul	Ka jur	Kp -	In -	'chegado, chegando'
243.	*(jud)jud	Xo (jud)jud	Ka (jud)jud	Kp (jud)jud	In -	'chegar'
244.	*sɔɾ	Xo θul	Ka φɔɾ	Kp φɔɾ ~ φɔg	In -	'cheio'
245.	*kāĩ(-g)	Xo kāě(-g)	Ka kāĩ(-g)	Kp kěĩ(-g)	In -	'cheirar (algo)'
246.	*ger	Xo gel	Ka ger	Kp -	In ge	'cheiro'
247.	*dīka {d}	Xo dēkɔ	Ka dīka	Kp dīka	In dēka (-d)	'chifre'
248.	*cu {g}	Xo cu	Ka ɟu {g}	Kp -	In -	'chocalho'
249.	*tug+he	Xo tug ge	Ka tug he	Kp -	In -	'chocar-se' 'cair do alto' (Xo)
250.	*(kɣg)sō	Xo (kɣg)θō	Ka (kɣg)φō	Kp φō	In lō	'chorar'
251.	*kāñud	Xo kañud	Ka kāñud	Kp kěñud	In -	'chupar'
251b.	*ki ũj ũj {he}	Xo -	Ka ki ũj ũj {he}	Kp ki ũj ũj	In -	'chupar'
252.	*ta	Xo tɔ	Ka ta	Kp ta	In da	'chuva' 'trovão' (Kp)
253.	*katir	Xo kɔtil	Ka katir	Kp -	In -	'cigarra'
254.		Xo	Ka	Kp	In	'cinco'

	*pɛdkar	-	pɛdkar	pɛdkar	{c}ekar{ipa}	
255.	*brẽ (-j, -w, -g)	Xo blã(-g)	Ka brẽ{j}	Kp brẽ{j}	In brẽ{-w}	'cinzas'
256.	*{rɔ}rɔr	Xo lul	Ka {rɔ}rɔr	Kp -	In rɔrɔ	'cinzento' 'luz da lua' (In)
257.	*brũr	Xo blũl	Ka brũr	Kp brũr	In brɔr	'cipó'
258.	*brũrger	Xo blũlgel	Ka brũrger	Kp -	In -	'cipó mil-homens'
259.	*juu	Xo juu	Ka juu	Kp -	In -	CIRCUM- ESSIVO 'em volta, ao redor' APUDESSIVO 'perto de'
259b.	*juu	Xo juu	Ka juu	Kp -	In -	'ficar em volta, rodear'
260.	*(j-, s-)uu	Xo (j-, θ-)uu	Ka {j-}uu	Kp -	In -	CIRCUNSTANCI AL 'antes de'
261.	*kar kũ	Xo kɔl kũ	Ka kar kũ	Kp -	In -	CIRCUNSTANCI AL 'depois de, após'
262.	*kɔb	Xo kub	Ka kɔb	Kp -	In -	CIRCUNSTANCI AL 'simultaneamente, no mesmo instante, paralelo a'
262b.	*kɔb	Xo kub	Ka kɔb	Kp -	In -	'acontecer'
263.	*(j-, s-)oo	Xo (j-, θ-)oo	Ka {j-}oo	Kp -	In -	CIRCUNSTANCI AL 'antes de, sem'
264.	*sũ- (-b, -g)	Xo θũb	Ka φũg	Kp -	In -	'ciscar'
265.	*jãkuu	Xo jakva	Ka jãkuu	Kp jẽkuu	In -	'clã, metade tribal'
266.	*{i}jagãpĩ	Xo gapẽ	Ka jagãpĩ	Kp ijẽgẽpi	In -	'clã, metade tribal'
267.	*wãkre kuwar	Xo kuvul	Ka wãkre kuwar	Kp wẽdkrikowar	In -	'clã, metade tribal'
268.	*wɔkrũ{d}	Xo -	Ka wɔkrũ	Kp wɔkrũ{d}	In -	'clã, metade tribal'
269.	*wotor	Xo -	Ka wotor	Kp wotor	In -	'clã, metade tribal (círculo)'
270.	*kajru	Xo kɔj	Ka kajru	Kp kaj{e}ru	In -	'clã, metade tribal (redondo)'
271.	*pẽsĩ	Xo pãθẽ	Ka pẽwĩ	Kp pẽwĩ	In -	'clã, metade tribal (redondo)'
272.	*wãrej	Xo -	Ka wãrej	Kp wẽrej	In -	'clã, metade tribal (reto)'
273.	*wɔ{g}prɔg	Xo -	Ka wɔ{g}prɔg	Kp wɔpreg	In -	'clã, metade tribal (reto)'

274.	*{j-, s-}ēdgrēg	Xo (θ-)ādglāg	Ka jēdgrēg	Kp -	In -	'clarear, iluminar'
275.	*{j-, s-}ēdgrē	Xo θādglā	Ka jēdgrē	Kp jēggrē	In -	'claro, iluminado'
276.	*bi{r}	Xo bil; bid	Ka bi	Kp -	In -	'coado' 'pequeno' (minúsculo)
277.	*pōd	Xo pōd	Ka pōd	Kp pōd	In -	'cobra'
278.	*pōdtɔj	Xo pōdtɔj	Ka pōdtɔj	Kp pōdtɔj	In -	'cobra verde'
279.	*pukrī (-d, -g)	Xo -	Ka pugrī (-d, -g)	Kp pukri	In -	'cobrir (algo)'
280.	*wējdīdōd	Xo vājdedud	Ka wējdīdōd	Kp -	In -	'cobrir-se'
280b.	*jidcu	Xo -	Ka jidju	Kp dēdtju	In -	'coelho'
281.	*dēd	Xo dēd	Ka dēd	Kp -	In -	'coisa'
282.	*bore{g}{sw}	Xo -	Ka bore{g}	Kp -	In bōro{lu}	'colar'
283.	*{j-, s-}ādka{j}	Xo *(j-,θ-)adkō	Ka jādka	Kp jē{d}ka	In (c-j-)ādka{j}	'colar'
284.	*pesud	Xo peθud	Ka peφud	Kp -	In -	'coletar mel, furar'
285.	*sa (-ã, ãd, -ãg)	Xo -	Ka φa (-ã, ãd, -ãg)	Kp -	In la	'colher, coletar (objetos pensos; ex.: frutos, sementes das árvores)'
286.	*{ta}kre (-ε, -εg)	Xo kle (-ε, -εg)	Ka kre (-ε, -εg)	Kp -	In {ta}kri	'colher, cortar pela base, ceifar (objetos verticais; ex.: plantas, árvores, etc.)'
287.	*ro	Xo lo	Ka ro	Kp -	In wōrō	'colmeia'
288.	*wid	Xo vid	Ka wid	Kp wid	In -	'colocar, dar, pegar, guardar (PL)'
289.	*{j-, s-}i (-g)	Xo (j-, θ-)i (-g)	Ka φi (-g)	Kp -	In -	'colocar, dar, pegar, guardar (SG) horizontalmente (objetos longos)'
290.	*(ka-g-){j-, s-}ēg	Xo (kō-(g-)){j-,θ-}āg	Ka (ka-(g-))φēg	Kp -	In -	'colocar, dar, pegar, guardar (SG) verticalmente (objetos longos)'
291.	*dīb	Xo dēb	Ka dīb	Kp dīb	In dēb	'colocar, dar, pegar, guardar (SG) (objetos curtos)'
292.		Xo	Ka	Kp	In	'começar a'

	*we	ve	we	-	-	
293.	*ko(-ɔ)	Xo ko(-u)	Ka ko(-ɔ)	Kp ko(-u)	In ko(-u)	'comer'
294.	*-gra (-ã, ãg)	Xo -	Ka {ka} gra (-ã, ãg)	Kp -	In {jẽd} grɔ	'comer tudo, devorar'
295.	*jẽd	Xo jãd	Ka jẽd	Kp jẽd	In cãd	'comida, comer'
296.	*brɛ	Xo blɛ	Ka brɛ	Kp brɛ	In bra	COMITATIVO
297.	*ri + ke	Xo li ke	Ka ri ke	Kp ri ke	In -	COMPARATIVO 'igual (a)'
298.	*(hã)+we	Xo *(hã) ve	Ka *(hã) we	Kp -	In -	COMPARATIVO 'parecido com, semelhante a'
299.	*hã+ri	Xo hã li	Ka hã ri	Kp -	In -	COMPARATIVO 'igual (a)'
300.	*ge	Xo ge	Ka ge	Kp ge	In -	COMPARATIVO 'parecido'
301.	*kugsã{d}	Xo -	Ka kugφã{d}	Kp -	In kugla	'compor'
302.	*kajɔɟ	Xo kɔɟɟ	Ka kajɔɟ	Kp -	In -	'comprar'
303.	*tɛj	Xo tɛj	Ka tɛj	Kp tɛj	In -	'comprido'
304.	*ge	Xo ge	Ka ge	Kp -	In -	CONFORMATIV O, '(exprime concordância, aceitação)'
305.	*kijra	Xo -	Ka kijra	Kp kijrɔ	In -	'conhecer, saber'
306.	*kabẽ	Xo kɔbã	Ka kabẽ	Kp kabẽ	In -	'constante, constantemente'
307.	*tɔ	Xo tu	Ka tɔ	Kp tɔ	In dɔ	'contar (histórias, notícias)'
307b.	*dĩkre (-d, -g)	Xo -	Ka dĩkre (-d, -g)	Kp dĩkre	In -	'contar (quantidades)'
308.	*jãwo	Xo jãvo	Ka jãwo	Kp -	In -	CONTRASTIVO
309.	*wẽɟwĩ	Xo vãɟvẽ	Ka wẽɟwĩ	Kp -	In -	'conversar'
310.	*kɔgsud	Xo kugθud	Ka kɔgφud	Kp -	In -	'convidar'
311.	*se	Xo θe	Ka φe	Kp φe ~ φi	In le	'coração'
312.	*sẽdɟu	Xo θẽdɟu	Ka φẽɟɟu	Kp -	In -	'coró da palmeira'
313.	*wãdga	Xo wadɟɔ	Ka wãdga	Kp -	In {j} òga	'coró da taquara'

	~ *wuga	~ vugɔ	~ wuga			
314.	*hɣ	Xo -	Ka hɣ	Kp hɣ	In -	'corpo'
315.	*wẽjwɔ (-ã, ãg)	Xo vãjvag	Ka wẽjwɔ (-ã, ãg)	Kp wẽjwɔ	In -	'correr'
315b.	*ã ~ *ẽ	Xo ẽ	Ka ã	Kp -	In -	CORREFERENT E
316.	*rãb ke, rãbrãb ke	Xo lɣlɣ	Ka rãb ke, rãbrãb ke	Kp -	In -	'correr rápido'
317.	*(rug)ru	Xo (lug)lu	Ka (rug)ru	Kp -	In -	'cortado, rachado em pedaços curtos, esquartejado'
318.	*kuw	Xo kuv	Ka kuw	Kp kuw	In -	'cortado, rachado em pedaços longos, decepado'
319.	*(po)pow	Xo (po)pov	Ka pow	Kp -	In -	'cortado, rachado no meio'
320.	*(rug)rug	Xo (lug)lug	Ka (rug)rug	Kp -	In -	'cortar, rachar em pedaços curtos, esquartejar'
321.	*(ku)kub	Xo (ku)kub	Ka (ku)kub	Kp kub	In -	'cortar, rachar em pedaços longos, decepar'
322.	*{jãd-, kã-}kej	Xo {ka}kej	Ka ({jãd})kej	Kp -	In -	'cortar, rachar no meio (longitudinalment e)'
323.	*(pu{g})pɔb	Xo (pu)pub	Ka (pu{g})pɔb	Kp pɔb	In -	'cortar,
324.	*kãkɔ	Xo kaku	Ka kãkɔ	Kp -	In -	'corujão'
325.	*kujju	Xo kujju	Ka kujju	Kp -	In -	'corujinha'
326.	*{rĩ}pãdĩ	Xo lẽpadẽ	Ka pãdĩ	Kp -	In -	'costas'
327.	*kãwu	Xo kawu	Ka kãwu	Kp k ^(w) ẽwu	In -	'costela'
328.	*ku{g}rɔd	Xo kulɔd	Ka ku{g}rɔd	Kp -	In {t}ugrɔj	'costurar' 'tecer' (In)
329.	*pẽd kadud	Xo pãd kɔdu	Ka pẽd kadud	Kp -	In dud	'cotovelo'
330.	*kre	Xo kle	Ka kre	Kp kre	In kre	'coxa' 'quadril' (In)
331.	*dej	Xo dej	Ka dej	Kp dej	In -	'cozido'
332.	*dɛj(-w)	Xo dɛj	Ka dɛj	Kp dɛj	In dɔj, dɔ	'cozinhar' 'esquentar' (In)
333.		Xo	Ka	Kp	In	'cozinhar mal'

	*cud	cud	ʃud	-	-	
334.	*dīdo	Xo dēdo	Ka dīdo	Kp -	In -	'crânio, cocuruto'
335.	*caj	Xo cəj	Ka ʃaj	Kp -	In -	'crescer'
336.	*gĩr	Xo gēl ~ jēl	Ka gĩr	Kp -	In -	'criança'
337.	*jẽõd	Xo jãhõd	Ka jẽv̄d	Kp -	In -	'criar (alguém)'
338.	*sob	Xo θub	Ka φob	Kp -	In -	'criar pus'
339.	*tyj	Xo tɤj	Ka tɤj	Kp -	In -	'cru'
340.	*jẽdbād (-j)	Xo -	Ka jẽdbād	Kp -	In jabaj	'cuidar de, atender (alguém)'
341.	*jabrɛ	Xo jablɛ ~ jobla	Ka jabrɛ	Kp jẽbrɛ	In -	'cunhado' 'sogro' (Xo) 'genro, primo' (Ka)
342.	*ruḡdīd	Xo lugdēd	Ka ruḡdīd	Kp -	In -	'cupim'
343.	*kɤgtāḡ	Xo kɤgtag	Ka kuḡtāḡ	Kp -	In -	'curar'
344.	*{wa}rur	Xo -	Ka rur	Kp -	In {wa}rur	'curto'
345.	*jor	Xo jol	Ka jor	Kp -	In -	'curva'
346.	*grĩj+ke	Xo glēj ke	Ka grĩj ke	Kp -	In -	'curvar-se, encurvar-se, abaixar-se'
347.	*(cug)cug	Xo θugθug	Ka (ʃug)ʃug	Kp {wẽ}ʃug	In {le}cɔ	'cuspir' 'saliva' (Kp) 'vomitar' (In)
348.	*kɤcɔḡ	Xo kɤcug	Ka kuɤcɔḡ	Kp -	In cɔ	'cutia'
349.	*wẽjḡred	Xo vãjglɛd	Ka wẽjḡred	Kp wẽjḡred	In {je}kra{j}	'dançar, festejar'
350.	*da	Xo dɔ	Ka da	Kp da	In -	'dardo'
351.	*hẽ+tr	Xo hã tr	Ka hẽ tr	Kp hẽ tr	In -	'de onde?'
352.	*wẽcikã	Xo vãcika	Ka wẽʃika	Kp -	In -	'de volta'
353.	*(puj)puj+ke	Xo puj ke	Ka puj ke	Kp -	In puj puj ke	'debandar, sair'
354.	*(rũ)rũ{w}	Xo lũ	Ka rũrũ{w}	Kp -	In -	'débil, debilitado'
355.	*grã (-j, -g)	Xo glaj	Ka grã (-j, -g)	Kp -	In graj	'debulhar'
356.		Xo	Ka	Kp	In	'dedo'

	*{dĕ} juja	*{dĕ}jujɔ	juja	jujĕ	juju, juja	
357.	*pĕd+jusej	Xo -	Ka pĕdjuɸej	Kp pĕd juwej	In -	'dedos do pé'
358.	*gyg	Xo -	Ka gyg	Kp -	In gyg	'defumar' 'assar na brasa' (In)
359.	*dõ	Xo dõ	Ka dÿ	Kp dÿ	In dÿ	'deitar, estar deitado'
360.	*ty	Xo ty	Ka ty	Kp ty	In -	'dêitico DISTAL invisível disperso (naquelas bandas, naquelas redondezas)'
361.	*tã(ki)	Xo ta	Ka tã(ki)	Kp -	In -	'dêitico DISTAL invisível localizado'
362.	*ĕd	Xo ãd	Ka ĕd	Kp ĕd	In -	'dêitico DISTAL. Visível'
363.	*hũ	Xo hũ	Ka hũ	Kp -	In -	'dêitico PROXIMAL invisível (pelas proximidades, nas redondezas), perto de'
364.	*ta (ki)	Xo tɔ ki	Ka ta ki	Kp ta ki	In -	'dêitico PROXIMAL visível'
364b.	*tag	Xo tɔg	Ka tag	Kp -	In -	'dêitico PROXIMAL visível'
365.	*pãtɛ (-d)	Xo patɛ	Ka pãtɛd	Kp -	In -	'deixar para trás, ultrapassar'
365b.	*kãdĩb	Xo -	Ka kãdĩb	Kp kĕdĕb	In -	'deixar parado, esperando, demorar'
366.	*kutud	Xo kutud	Ka kutud	Kp -	In -	'deixar surdo'
367.	*ty	Xo ty	Ka ty	Kp ty	In -	DELATIVO
368.	*jagu	Xo jɔgu	Ka jagu	Kp -	In -	'demais, exagerado (conceito negativo)'
369.	*bãra	Xo -	Ka bãra	Kp -	In bãrã	'depois de, para além'
370.	*	Xo cuɸ	Ka -	Kp -	In cud ke	'derramar'
371.	*gõr	Xo gõl	Ka gÿr	Kp -	In -	'derrubado'
372.	*(gõd)gõd	Xo (gõd)gõd	Ka gÿd, (gÿd) gÿd	Kp -	In -	'derrubar'
373.	*katĩr	Xo kɔtĕl	Ka katĩr	Kp -	In -	'desbastado (campo, roça, etc.)'
374.		Xo	Ka	Kp	In	'desbotado,

	*prɔj	-	prɔj	prɔj	-	<i>pálido</i> 'lavado' (Ka)
375.	*wɛjkɾd	Xo vājkrɾd	Ka wɛjkɾd	Kp -	In -	'descansar'
376.	*kɣgsād	Xo kɣgθad	Ka kuɣgφād	Kp -	In -	'descascar (PL) (milho)'
376b.	*kasād	Xo kɔθad	Ka kaφād	Kp -	In -	'descascar (SG) milho'
377.	*krẽ	Xo klā	Ka krẽ	Kp krẽ	In kra	'descendentes, filhos'
378.	*(kã)re	Xo (ka)le	Ka (kã)re	Kp re	In -	'descer (PL)'
379.	*(kã)tɛre	Xo (ka)tɛle	Ka (kã)tɛre	Kp tɛre	In -	'descer (SG)'
380.	*tɔd	Xo tud	Ka tɔd	Kp -	In -	'desenfrear, despencar, precipitar'
381.	*kãgrɣ{r}	Xo kaglv{l}	Ka kãgrɣ	Kp -	In -	'desenhar, desenho'
382.	*-j	Xo -j	Ka -j	Kp -	In -j	DESIDERATIVO
383.	*{pruj}pruj{+ke}	Xo plujpluj	Ka pruj ke	Kp (pruj) pruj	In -	'deslizar, resvalar' 'liso' (Kp)
384.	*rɣj	Xo lvj	Ka rɣj	Kp -	In -	'desmoronar, desmanchar-se'
385.	*dɔd	Xo dud	Ka dɔd	Kp dɔd	In -	'desobstruir'
386.	*kuprã	Xo kupla	Ka kuprã	Kp -	In -	'desocupado, disponível'
387.	*kurã	Xo kula	Ka kurã	Kp kurẽ(g)	In kurãd	'dia, luz'
388.	*(sa-, ja-)gu	Xo (θɔ-)gu	Ka (ja-)gu	Kp -	In -	'difícil'
389.	*kukãb	Xo kukab	Ka kukãb	Kp -	In -	DIRECIONAL 'para perto de, ao encontro de'
390.	*ra	Xo lɔ	Ka ra	Kp ra	In ra	DIRECIONAL 'para'
391.	*pẽgja	Xo pãgjo	Ka pẽgja	Kp -	In -	'direto'
392.	*ke (-ɛ)	Xo ke (-ɛ)	Ka ke (-ɛ)	Kp ge, ke	In -	'dizer'
393.	*jɔj+ke	Xo jɔj ke	Ka jɔj ke	Kp -	In -	'dobrar'
394.	*grẽ	Xo glã	Ka grẽ	Kp grẽ	In k ^w ɛ	'doce'
395.	*-bã	Xo -	Ka (wɛj-)bã	Kp -	In {ejo}bã	'doença'

396.	*kaga (P. *kʷga)	Xo kɔgɔ, kʷgɔ	Ka kaga	Kp kaga ~ kẽga	In -	'doente, doer'
397.	*dūr	Xo dūl	Ka dūr	Kp dūr	In dōr	'dormir'
398.	*tar	Xo tɔl	Ka tar	Kp tar	In tar	'duro, forte'
399.	*wɛkɛ	Xo -	Ka wɛkɛ	Kp wɛkɛ	In -	'em vão, à toa, sem motivo'
400.	*kɔbɔg	Xo kubug	Ka kɔbɔg	Kp -	In -	'embolorado, mofado'
401.	*kʷsɛ	Xo -	Ka kʷfɛ	Kp -	In kʷla	'embriagar-se, bebida fermentada'
402.	*pãg	Xo pag	Ka pãg	Kp pẽg	In bãd	'embrulhar'
403.	*pã	Xo pa	Ka pã	Kp pẽ	In -	'embrulho'
404.	*kasãd	Xo kɔθad	Ka kaθãd	Kp -	In -	'emparelhar, por do lado'
405.	*kugɔ{d}	Xo -	Ka kugɔ	Kp -	In ku{d}	'empurrar'
406.	*war	Xo vɔl	Ka war	Kp -	In -	'enchente'
407.	*kato + tĩ{g}	Xo kɔto tẽ{g}	Ka Kato tĩ	Kp -	In -	'encontrar-se'
408.	*grẽd + ke	Xo glãd ke	Ka grẽd ke	Kp -	In -	'encostar-se'
409.	*kurʷj	Xo kulʷj	Ka kurʷj	Kp -	In -	'endireitar'
410.	*hã	Xo fia	Ka hã	Kp -	In -	ENFÁTICO 'é mesmo, evidentemente'
411.	*dītẽ	Xo dētã	Ka dītẽ	Kp -	In -	'enfiar'
412.	*ku{g}ju (-g)	Xo ku(g)ju (-g)	Ka kugju (-g)	Kp -	In -	'enganchar'
413.	*dĩgtẽ	Xo dẽgtɛ	Ka dĩgtẽ	Kp -	In -	'engatilhar'
414.	*(rug)rɔg	Xo lug	Ka rugrɔg	Kp -	In -	'engolir'
415.	*kugrĩ (-d)	Xo kuglẽ (-d)	Ka kugrĩ (-d)	Kp -	In -	'enrolar (PL), dobrar (PL)'
416.	*grĩ	Xo glẽ	Ka grĩ	Kp -	In -	'enrolar (SG), dobrar (SG)'
417.	*(wãj-, kaj-)rã (- d, -g)	Xo	Ka	Kp	In	'ensinar'

		(vãj-)la(g)	(kaj-)rã(d)	-	-	
418.	*ge	Xo -	Ka ge	Kp -	In -	'então'
419.	*de (-ε, -εg)	Xo de (-εg)	Ka de (-ε, -εg)	Kp -	In dej	'enterrar, sepultar' 'sepultura' (In)
420.	*dūb (-w) + ke	Xo dūb ke	Ka dūb, dūw	Kp -	In -	'entortar, contundir, torcer'
421.	*(kã)ge	Xo *(ka)ge	Ka *(kã)ge	Kp -	In -	'entrar (PL)'
422.	*rã	Xo la	Ka rã	Kp -	In -	'entrar (SG)'
423.	*kɔsãd	Xo -	Ka kɔφãd	Kp kɔφẽd	In	'envelhecer'
424.	*cid	Xo cid	Ka jid	Kp -	In -	'envelhecer'
425.	*(jɣ-, ẽ-)wãj	Xo (jɣ-, ã-)vaj	Ka (ẽ)wãj	Kp -	In -	'enxergar, ver bem'
426.	*jẽ	Xo jã	Ka jẽ	Kp jẽ	In -	'ereto, em pé'
427.	*kuɣdẽ(-g)	Xo kɣgdã(-g)	Ka kuɣdẽ(-g)	Kp -	In -	'errar'
428.	*kɔgũj	Xo kɔgũj	Ka kɔgũj	Kp kɔgũj, kɔgũj	In (kõ)gõj	'erva-mate'
429.	*kawɣ(-ag)	Xo -	Ka kawag, kawɣ	Kp -	In kɔpɣ	'esburacar' 'destruir' (In)
430.	*kred	Xo kled	Ka kred	Kp -	In -	'escapar'
431.	*jã{g}sa kudid	Xo jaɣθɔ kudid	Ka jãφa kudid	Kp -	In -	'escaravelho'
432.	*wẽjɣju	Xo vãjbɣju	Ka wẽjɣju	Kp -	In pɣju	'esconder-se'
433.	*{tõ} jub ke	Xo tõ jub ke	Ka jub ke	Kp -	In tajɣb ke	'escorrer, deslizar'
434.	*(wẽj)ɣɔd(ɣɔd)	Xo (vãj)ɣɔd(ɣɔd)	Ka (wẽj)ɣɔd(ɣɔd)	Kp ɣɔd	In -	'escrever, riscar'
435.	*kutug	Xo kutug	Ka kutug	Kp kutug	In -	'escurecer'
436.	*(s-, j-)ẽbẽ(-g)	Xo (θ-)ãbã(-g)	Ka (j-)ẽbẽ(-g)	Kp -	In -	'escutar'
436b.	*ẽbẽ(-g)	Xo ãbã(-g)	Ka ẽbẽ(-g)	Kp -	In ẽbad	'escutar bem'
437.	*(pɣj)pɣj	Xo *(pluj)pluj	Ka (pɣj)pɣj	Kp -	In -	'esfolado, sem pele'
438.	*kucãg	Xo kucag	Ka *kufãg	Kp -	In -	'esfriar'
439.		Xo	Ka	Kp	In	'esmagar,

	*(kāj-, kuj-)grād	kujglad	kājgrōr	-	-	<i>amassar</i>
440.	*wāco	Xo vāco	Ka wāfo	Kp -	In -	<i>'espaço, vão'</i>
441.	*dʏ (fie)	Xo -	Ka dʏ fie	Kp -	In -	<i>'espalhar (massa, comida)'</i>
441b.	*pāb	Xo pab	Ka pāb	Kp -	In -	<i>'espancar'</i>
442.	*kāgtɣj	Xo kagɣj	Ka kāgtɣj	Kp -	In -	<i>'espécie de árvore'</i>
443.	*cɛ	Xo cɛ	Ka -	Kp -	In cɛ, cɛgɛ	<i>'espécie de roedor de grande porte'</i>
444.	*jāwāj	Xo javaj	Ka jāwāj	Kp -	In jɣpād	<i>'esperar'</i>
445.	*ki rīr	Xo ki lēl	Ka ki rīr	Kp -	In -	<i>'espisar, prestar atenção em'</i>
446.	*bɔ	Xo bu	Ka bɔ	Kp bɔ	In bɔ	<i>'espiga'</i>
447.	*jagsu	Xo jāgθu	Ka jagφu	Kp -	In -	<i>'espinha'</i>
448.	*jid	Xo jid	Ka jid	Kp jid	In jid{puru}	<i>'espinha dorsal, coluna'</i> <i>'nuca' (In)</i>
449.	*cɔj	Xo cuj	Ka ɔj	Kp tɔj	In -	<i>'espinho'</i>
450.	*(weɣ̃)kuprīg	Xo kuplēg	Ka (weɣ̃)kuprīg	Kp weɣ̃kuprīg	In -	<i>'espírito'</i>
451.	*prū	Xo plū	Ka prū	Kp prū	In pru	<i>'esposa'</i> <i>'marido' (In)</i>
452.	*(s-, j-)ēg bī (-g)	Xo (θ-)āgbē	Ka (j-)ēgbī (-g)	Kp -	In -	<i>'espremer para expelir (berne, espinha, etc.)'</i>
453.	*(s-, j-)ēgū(-g)	Xo (θ-)āhū(-g)	Ka (j-)ēgū (-g)	Kp -	In -	<i>'espremer, apertar'</i>
454.	*(s-, j-)ēdgɛj (-ɣ)	Xo (θ-)ādgɛ(ɣ)	Ka (j-)ēdgɛ(j)	Kp -	In -	<i>'espuma'</i>
455.	*(rāg)rāb	Xo {lag}lab	Ka (rɔg)rāb	Kp -	In gid-{brēd}	<i>'esquartejar, despedaçar'</i> <i>'espuma' (In)</i>
456.	*(kɣg)rōg	Xo (kɣg)lōg	Ka (kuɣ)rōg	Kp lɣg	In lɔlɔg ke	<i>'esquentar, ficar bravo, provocar'</i> <i>'ferver' (In)</i>
457.	*(s-, j-)akāj	Xo (θ-, j-)ɔkaj	Ka jakāj	Kp jakɛj	In -	<i>'esquerdo'</i>
458.	*kujed	Xo kujad	Ka kujed	Kp -	In -	<i>'estender (SG) (pano)'</i>
458b.	*(kɣ-, ku-)gjed	Xo kɣgjad	Ka kugjed	Kp -	In -	<i>'estender (PL) (pano)'</i>
459.	*gɣb ke	Xo gɣb ke	Ka gɣb ke	Kp -	In -	<i>'estiar'</i>
460.		Xo	Ka	Kp	In	<i>'esticar para fora'</i>

	*jɔd ke	jud ke	jɔd ke	-	-	
461.	*tɔsɔr	Xo -	Ka tʰɔsɔr	Kp -	In tʰlɔr	'estômago'
462.	*(tog)toʷ	Xo (tog)toʷ	Ka (tug)toʷ	Kp -	In -	'estourado, estouro'
463.	*(tug)tɔb	Xo (tug)tub	Ka (tug)tɔb	Kp -	In -	'estourar'
464.	*kɔkɛ (-d, -g)	Xo kuked (-g)	Ka kɔkɛ (-d, -g)	Kp -	In -	'estragar, destruir'
465.	*wɛjɔ̃	Xo vãjɔ̃	Ka wɛjɔ̃	Kp -	In -	'estranho, esquisito, diferente'
466.	*krīg	Xo krēg{θāl}	Ka krīg	Kp krīg ~ krīj	In -	'estrela'
467.	*kuprāg	Xo kuplag	Ka kuprāg	Kp -	In -	'esvaziar (lugar, cesto, etc.)'
468.	*gub ke	Xo gub ke	Ka gub ke	Kp -	In -	'esvaziar, baixar (rio)'
469.	*we	Xo ve	Ka we	Kp -	In -	EVIDENCIAL (visual)
470.	*wɛjwir	Xo vãjvil	Ka wɛjwir	Kp -	In -	EVIDENCIAL INFERENCIAL, 'ter a impressãode, parece que'
471.	*wẽ	Xo vã	Ka wẽ	Kp wẽ	In -	EXIST. (tópico de pergunta), EVENTIVO
472.	*-b	Xo -b	Ka -b	Kp -	In -	EXORTATIVO
473.	*kãbẽ(-g)	Xo kabãg	Ka kãbẽ(-g)	Kp -	In -	'experimentar'
474.	*kãbed	Xo kabed	Ka kãbed	Kp pɛd{kar}	In {hɪv-}jabe	'explicar, avisar'
475.	*pãdsɔd	Xo paθud	Ka pãdθɔd	Kp -	In -	'expulsar (alguém)'
476.	*judud	Xo judud	Ka judud	Kp -	In -	'extremidade'
477.	*kuisɛ	Xo -	Ka kuφɛ	Kp -	In kuuca, kuicɛ	'faca'
478.	*krēg	Xo klāg{ja}	Ka krēg{φa}	Kp -	In krād	'facão, instrumento cortante'
479.	*wĩ	Xo vẽ	Ka wĩ	Kp wẽ	In g ^w ɛ	'falar'
480.	*(sɛ)sɛ ke	Xo θɛ ke	Ka φɛφɛ hie	Kp wɛwɛ	In -	'falar em segredo, tramar'
481.	*kajkã	Xo kɔjka	Ka kajkã	Kp -	In -	'família, parente'
482.		Xo	Ka	Kp	In	'farinha torrada'

	*ĕgbĕdsu	ãgbaθu	bĕdϕu	bĕdϕu ~ pĕdϕu	ĕblu	
483.	*(ja-,ku)gwud(g)	Xo (ku-)gw(g)	Ka (ja-)gw(d)	Kp -	In -	'fazer cócegas'
484.	*(kã)reb	Xo (kã)leb	Ka (kã)reb	Kp -	In -	'fazer descer (PL), por no chão (PL)'
485.	*(kã)tĕreb	Xo (ka)tĕleb	Ka (kã)tĕreb	Kp -	In -	'fazer descer (SG), por no chão (SG)'
486.	*kɔrãb	Xo kulab	Ka kɔrãb	Kp -	In -	'fazer mingau, misturar farinha na sopa'
487.	*brãj ke	Xo blaj ke	Ka brãj ke	Kp -	In brã (-ar)	'fazer rapidamente, com destreza'
488.	*grogrog ke	Xo -	Ka grogrog ĩe	Kp -	In grogro ke	'fazer ruído'
489.	*kɔħud	Xo kuħud	Ka kɔħud	Kp kuħud ~ kɔħud	In -	'fazer ventania'
490.	*(ħvd)ħad	Xo (ħvd)ħad	Ka (ħud)ħad	Kp ħad	In -	'fazer, construir'
491.	*ke (-ε)	Xo ke (-ε)	Ka ke (-ε)	Kp -	In -	'fazer, realizar'
492.	*dĩsej	Xo dĕθĕj	Ka dĩϕĕj	Kp -	In -	'fechar'
493.	*ku	Xo ku	Ka ku	Kp -	In -	'ferido'
494.	*rãgrɔ{w}	Xo laglu	Ka rãgrɔ	Kp lĕgrɔ	In {ã}grɔ	'feijão'
495.	*cãĩ	Xo -	Ka jãĩ	Kp -	In cai	'feijão-de-vara'
496.	*sej	Xo θĕj	Ka ϕĕj	Kp -	In -	'feitiço'
497.	*(tug)toj	Xo (tug)toj	Ka (tug)toj	Kp -	In -	'fenda, fissura'
498.	*(tug)tɔj	Xo (tug)tuj	Ka (tug)tɔj	Kp -	In {ku}toj	'fender'
499.	*(ki-)uj	Xo (ki-)uj	Ka kiuj	Kp -	In -	'ferida'
500.	*(s-,j)ɔjku{J}	Xo θujku{J}	Ka jɔjku	Kp -	In -	'fermentado'
501.	*jã{g}sa	Xo ja{g}θɔ	Ka jã{g}ϕa	Kp -	In -	'fezes, defecar'
502.	*(wã-,kɔg)sed	Xo (vã-,kɔg)θĕd	Ka (wã-,kuɔg)ϕĕd	Kp -	In kuɔgle	'fiar'
503.	*jeĕ	Xo jãg	Ka jĕg	Kp -	In jĕd- {dĕpa}	'ficar em pé'

504.	*pāte	Xo pate	Ka pāte	Kp -	In -	'ficar para trás (de); POSTELATIVO (para trás de, no sentido contrário do referente)'
505.	*fud ke	Xo fud ke	Ka fud ke	Kp -	In -	'ficar quieto, estar parado, parar de'
506.	*tōbē	Xo tōbā	Ka tỹbē	Kp tabē	In tỹpēd	'figado'
507.	*ji	Xo ji	Ka -	Kp -	In jɣ	'filho, filha' 'menino' (In)
508.	*dīhōd (-g)	Xo dēhē(d)	Ka dīhỹ(g)	Kp -	In -	'fim, final'
509.	*(s-, j-)ε	Xo (θ-, j-)ε	Ka (j-)ε	Kp (j-)ε	In -	FINAL 'conjunção: oração subordinada adverbial'
510.	*wāhā	Xo vaha	Ka wāhā	Kp -	In -	'finalmente, agora'
511.	*(guɣ)guɣ	Xo (guɣ)guɣ	Ka (guɣ)guɣ	Kp -	In -	'fincar, enfiar'
512.	*gũɣ	Xo gỹj	Ka gỹj	Kp -	In -	'fino'
513.	*wāse	Xo vāθe	Ka wāφe	Kp -	In wale	'fio, linha, corda'
514.	*kōkɣ	Xo -	Ka kōkɣ	Kp -	In ɔɣ	'flauta'
515.	*do	Xo do	Ka do	Kp do	In do	'flecha'
516.	*dorēɾ	Xo dolāl	Ka dorēɾ	Kp -	In -	'flecha com ponta cerrilhada'
517.	*sej	Xo θej	Ka φej	Kp φej	In le	'flor, florescer'
518.	*dēd	Xo -	Ka dēd	Kp -	In jēd	'floresta'
519.	*(s-, j-)urūd	Xo (θ-)ulūd	Ka (j-)urūd	Kp -	In -	'focinho'
520.	*pĩ{j}	Xo pē	Ka pĩ	Kp pĩ ~ pĩj	In pēj ~ pēd	'fogo, lenha'
521.	*sεj	Xo θεj	Ka φεj	Kp φεj	In pεɾ, kɣpɾε{d}, kɣpɾε{w}	'folha'
521b.	*pedkri{g}	Xo -	Ka pedkri{g}	Kp pedkri	In -	'formiga tocandira'
522.	*εrig	Xo -	Ka εrig ~ arig	Kp εrig	In -	'formiga-ruiva'

523.	*rɔprɔg	Xo lɔ	Ka rɔprɔg	Kp -	In -	'formiga-saúva'
524.	*ĕkɔr	Xo -	Ka ĕkɔr	Kp -	In krɔ	'forte (gosto) 'azedo' (Ka) 'salgado' (In)
525.	*krɔj	Xo klɔj	Ka krɔj	Kp krɔj	In -	'fraco'
526.	*(s-, j-)o	Xo (θ-, j-)o	Ka jo ~ ju	Kp -	In -	'frente'
527.	*{t̃} j̃ {ke}	Xo {t̃} j̃ {ke}	Ka j̃j̃	Kp -	In -	'friccionar, esfregar'
528.	*kuca	Xo kucɔ	Ka kufɔ	Kp kutʃɔ	In kuca	'frio'
529.	*kadẽd	Xo -	Ka kadẽd	Kp -	In kadẽ	'frutificar'
530.	*kadẽ	Xo kɔdã	Ka kadẽ	Kp kadɛ, kadẽ	In kada, kōda	'fruto, olho'
531.	*rid	Xo lẽd	Ka rid{ɸig}	Kp -	In ruj{ɦu}	'fugir'
532.	*dĩja	Xo dẽjɔ	Ka dĩja	Kp -	In dẽja	'fumaça'
533.	*pɛtɔr	Xo pɛtul	Ka pɛtɔr	Kp -	In pɛtv{bajẽ}	'fumeiro-bravo'
534.	*{t̃}dig	Xo {t̃}dig	Ka dig	Kp -	In -	'fundo'
535.	*(rog)row	Xo (log)lov	Ka (rug)row	Kp -	In -	'furado, furo, buraco'
536.	*(rog)rɔb	Xo (log)lub	Ka (rug)rɔb	Kp -	In -	'furar, espetar'
537.	*	Xo	Ka	Kp	In	'furar-se'
538.	*ɔpã	Xo upa	Ka ɔpã	Kp -	In -	'gafanhoto'
539.	*ej{do}	Xo ej{bvg}	Ka -	Kp -	In ej{do}	'garça'
540.	*du (-g)	Xo du (-g)	Ka du (-g)	Kp -	In gv g	'gargalhar, rir de alguém'
541.	*tɔwãd gro	Xo tɔvãd glo	Ka tɔwãd gro	Kp -	In waj	'garganta'
542.	*ɦũg	Xo ɦũg	Ka ɦũg	Kp -	In -	'gavião acauã'
543.	*kakɔ	Xo kɔkɔ	Ka kakɔ	Kp -	In -	'gavião de penacho'
544.	*jɔgɔg	Xo jugug	Ka jɔgɔg	Kp -	In -	'gaviãozinho'
545.	*kukruɔ (-ij)	Xo kukluɔl	Ka kukruɔ	Kp kukruɔ ~	In -	'geada, neve'

				kukrij		
546.	*{ku}cɔg	Xo {ku}cug	Ka ɟɔg	Kp -	In -	'gema'
547.	*kajɣɣg	Xo kɔɟɣɣg	Ka kajɣɣg	Kp kajɣɣg	In ẽgɣ̃j	'gente, índio'
548.	*kror	Xo klol	Ka kror	Kp -	In -	'girino'
549.	*tãg	Xo tag	Ka tãg	Kp tẽg	In dã(d)	'gordo, gordura'
550.	*cɛɾ	Xo -	Ka ɟɛɾ	Kp tɟɛɾ	In -	'gostar, estar feliz'
551.	*{kɔ}dig	Xo dig	Ka {kɔ}dig	Kp -	In -	'gota'
552.	*dãdã ke	Xo -	Ka dãdã ke	Kp -	In da	'gotejar' 'gota' (In)
553.	*cãgɔ{ɾ}	Xo cagɔ{l}	Ka ɟãgɟɔ	Kp -	In -	'gralha-branca'
554.	*kãgĩj	Xo kagẽj	Ka kãgĩj	Kp -	In -	'gralha-preta'
555.	*re	Xo le	Ka re	Kp le	In -	'grama'
556.	*byg	Xo byg	Ka byg	Kp byg ~ buwg	In -	'grande'
557.	*dãsu	Xo dɛθu	Ka dãφu	Kp -	In -	'granizo'
558.	*rãj	Xo -	Ka rãj	Kp lẽj	In ra, {g}rãj	'gravatá'
559.	*prẽɾ	Xo plãl	Ka prẽɾ	Kp prɛɾ{ɛɾ}	In {pag}prad	'gritar'
560.	*kãgdĩ	Xo kagdẽ	Ka kãgdĩ	Kp -	In -	'grosso'
561.	*pẽdwa	Xo pãdvɔ	Ka pẽdwa	Kp -	In -	'guabiroba'
562.	*rãg	Xo -	Ka rãg	Kp -	In {kri}lɔ{ke}	'guardar'
563.	*sij	Xo θij	Ka φuj	Kp -	In -	'guiné'
564.	*kãbe{ɾ}	Xo kabe{l}	Ka kãbe	Kp -	In -	'história, explicação, dito'
565.	*ũ{d}ri	Xo ũ{tɔg}li	Ka ũ{d}ri	Kp uri	In ĩgrɾ	'hoje'
566.	*sɔg	Xo θug	Ka φɔg	Kp φɔg	In -	'homem branco'
567.	*{ũd}grɛ	Xo -	Ka grɛ	Kp {ũd}grɛ	In grɛ	'homem, macho'
568.		Xo	Ka	Kp	In	'idoso, de idade'

	*kɔsa	kuθɔ	kɔφα	kɔφα ~ koφα	kola	
569.	*kãra	Xo kalɔ	Ka kãra	Kp -	In -	ILATIVO 'para dentro de'
570.	*wẽjwe	Xo vãjve	Ka wẽjwe	Kp -	In -	'imagem, reflexo de si'
571.	*kɔ	Xo ku	Ka kɔ	Kp ko	In -	'imbé'
572.	*=ra	Xo lɔ	Ka ra	Kp ra	In -	IMPERATIVO
573.	*kej	Xo kej	Ka kej	Kp -	In -	'inacessível'
574.	*kãjpar	Xo kãjɔl	Ka kãjpar	Kp kẽjpar	In -	'inxado'
575.	*pãjke	Xo pãjke	Ka pãjke	Kp -	In -	'inclinar-se'
576.	*diju	Xo dẽju	Ka diju	Kp -	In -	'indicar, apontar'
577.	*{kã}kã, kãki, kãtr	Xo ka	Ka {kã}kã, kãki, kãtr	Kp {kẽ}kẽ, kẽki, kẽtr	In -	INESSIVO
578.	*rujruj	Xo kuklɔj	Ka rujruj	Kp -	In -	'ingua'
579.	*de	Xo de	Ka de	Kp de	In -	'inhambu'
580.	*(kuɔ)puɔ	Xo (kuɔ)puɔ	Ka puɔ	Kp -	In -	'inserir na ponta (de cabo, flecha, etc.)'
581.	*cu	Xo cu	Ka ju	Kp -	In -	'inseto' 'abelha' (Ka)
582.	*tɔ	Xo tɔ	Ka tɔ	Kp tɔ	In -	INSTRUMENTAL '(indexador de SN, papéis temáticos, MATERIAL)'
583.	*ker{a}	Xo kel{ɔ}	Ka ker	Kp ker	In -	INTERJEIÇÃO 'advertência, proibição (pare!, cuidado!, não faça!)'
584.	*fi ?	Xo fi	Ka fi	Kp -	In -	INTERJEIÇÃO 'afirmação (sim!)'
585.	*hẽ	Xo hã	Ka hẽ	Kp -	In -	INTERJEIÇÃO 'chamamento (ei!), surpresa (nossa!)'
586.	*hõ	Xo õ ~ hõ	Ka hõ	Kp hõ	In -	INTERJEIÇÃO 'concordância, aprovação (claro!, concordo!)'
587.	*deje	Xo deje	Ka deje	Kp -	In -	INTERJEIÇÃO 'discordância, reprovação (discordo!, para

						<i>que!)</i> '
588.	*'bũjẽg	Xo 'bũjãg	Ka 'bũjẽg	Kp -	In -	INTERJEIÇÃO 'estímulo, exortação (vamos!)'
589.	*'kuri	Xo kɔl	Ka 'kuri	Kp kur	In -	INTERJEIÇÃO 'impaciência (rápido!)'
590.	*bẽ	Xo bã	Ka bẽ	Kp -	In -	INTERJEIÇÃO 'indagação, admiração (é mesmo?, certo?)'
591.	*{fã-, i-}wɔ	Xo (fã-, i-)vo	Ka wɔ	Kp -	In -	INTERJEIÇÃO 'negação (não!)'
592.	*tɛ	Xo tɛ	Ka tɛ	Kp -	In -	INTERJEIÇÃO 'oferecimento (toma!, pega!)'
593.	*dẽ	Xo dã	Ka dẽ	Kp -	In -	INTERROGATIV O (eventivo)
594.	*bõ	Xo bõ	Ka bĩ	Kp bĩ	In -	INTERROGATIV O (tópico)
595.	*gɔɟ	Xo gõɟ	Ka kɔɟ	Kp -	In go	'intestinal' 'nádegas' (In)
596.	*dɔ{d}	Xo du	Ka dɔ{d}	Kp -	In -	'ir atrás (de);POSTALATI VO (por trás de, atrás de, depois de, no mesmo sentido do referente)'
597.	*kɔdẽtĩ {-g}	Xo kɔdãtẽ{g}	Ka kudẽtĩ	Kp -	In -	'ir e vir, vagar'
598.	*bũ	Xo bũ	Ka bũ	Kp bũ	In bã	'ir'. PL. IMPERF.
599.	*kãgɔw{ke}	Xo gɔb{ke}	Ka kagɔw	Kp kẽgɔw	In -	'ir'. PL. PERF. 'estar longe' (PL)
600.	*tĩ(-g)	Xo tẽ(-g)	Ka tĩ(-g)	Kp tĩ	In ti, dẽ	'ir'. SG. IMPERF.
601.	*wɔɟ	Xo vɔɟ	Ka wɔɟ	Kp wɔɟ	In -	'ir'. SG. PERF. 'estar longe' (SG)
602.	*kãgɔɟ	Xo kaglãɟ	Ka kãgɔɟ	Kp kẽg rẽd	In rẽd{la}	'irara'
603.	*we	Xo -	Ka we	Kp we	In g ^w i	'irmã de homem'
604.	*{dũg}jĩ{d}	Xo {dũg}jẽ{d}	Ka -	Kp -	In jẽ	'irmão'
605.	*jãwɔ	Xo javɔ	Ka jãwɔ	Kp jẽwɔ	In -	'irmão mais novo; filho do irmão da mãe'
606.	*kãke	Xo kake	Ka kãke	Kp kẽke	In -	'irmão mais velho'
607.	*rõg(-ɟ)	Xo -	Ka rĩg	Kp -	In rɔɟ	'irritar-se, inimizar'
608.		Xo	Ka	Kp	In	'já'

	*'furi	'fiuli	fiur ~ 'furi	-	-	
609.	*bã	Xo ba	Ka bã	Kp bũ	In -	'jabuticaba'
609b.	*hãpã	Xo -	Ka hãpã	Kp hĩbẽ	In -	'jacaré de papo-amarelo'
610.	*kɔw	Xo guw	Ka kɔw	Kp kɔw	In kor ~ kolɔ	'jacu'
611.	*peɟ	Xo peɟ	Ka peɟ	Kp peɟ	In -	'jacutinga'
612.	*grud	Xo glud	Ka grud	Kp {pẽɟ}grud	In -	'jaguatirica'
613.	*bĩɟ	Xo bẽɟ	Ka bĩɟ	Kp -	In -	'japim'
614.	*kãco {tog}	Xo kato {tog}	Ka kãfo	Kp -	In -	'jaracatiá'
615.	*rudja	Xo ludɟɔ	Ka rudja	Kp -	In dudja	'jarra'
616.	*wãkre (-ɛd, -ɛg)	Xo vakle(-ɛd, -ɛg)	Ka wãkre(-ɛd, -ɛg)	Kp -	In jakri	'jejuar, fazer dieta'
617.	*wãkre	Xo vakle	Ka wãkre	Kp -	In jakri	'jejum, dieta'
618.	*tãɟ	Xo taɟ	Ka tãɟ	Kp tẽɟ	In -	'jerivá'
619.	*kakre	Xo -	Ka kakre	Kp -	In kokre	'jirau'
620.	*jakrĩ {d}	Xo jɔklẽ	Ka jakrĩ	Kp jakrĩ	In ja(d)krẽ(d)	'joelho'
621.	*sɔd	Xo θud	Ka φɔd	Kp wɔd	In -	'jogar fora' (SG)
622.	*bre (-ɛ, -ɛg)	Xo blɛ	Ka bre (-ɛ, -ɛg)	Kp -	In -	'juntar, agrupar (objetos curtos; ex.: frutos, grãos, cascalho, etc.)'
623.	*pãdpid	Xo padpid	Ka pãdpid	Kp -	In -	'juntar, agrupar (objetos longos; ex.: galhos, pessoas, etc.)'
624.	*cɔr	Xo -	Ka ɟɔr	Kp -	In {dẽɟ}cad	'ladeira'
625.	*kãkro sɔr	Xo kaklo θɔl	Ka kãkro φɔr	Kp koφɔr	In -	'lambari'
626.	*ragro	Xo lɔglo	Ka ragro~rɔgro	Kp -	In -	'lança'
627.	*towãɟ	Xo tovaɟ	Ka towãɟ	Kp -	In -	'largar, soltar, deixar de'
628.	*tãper	Xo tapel	Ka tãper	Kp -	In bɛ	'largo, plano'
629.	*{k}rĩrẽ {g}	Xo {k}lẽlã {g}	Ka -	Kp -	In rira	'largura'

630.	*{u}joʝ	Xo {u}joʝ	Ka joʝ	Kp -	In -	'larva'
631.	*jêdjo	Xo -	Ka jêdjo	Kp jêjũ	In -	'látex, resina' 'pus' (Kp)
632.	*sa (-ã, -ãg)	Xo θɔ (-a; -ag)	Ka φa (-ã, -ãg)	Kp φa	In -	'lavar (roupa)'
633.	*kupe (-ε, -εg)	Xo kupe(-ε, -εg)	Ka kupe (-ε, -εg)	Kp kupe ~ kope{j} ~ kopi{j}	In kubε	'lavar (utensílios)'
633b.	*kʏpe (-ε, -εg)	Xo kʏpe (-ε, -εg)	Ka kupe (-ε, -εg)	Kp -	In -	'lavar (pessoas), dar banho'
634.	*wɛ̃j-kʏpe(-ε,εg)	Xo vãj kʏpe(-ε,εg)	Ka wɛ̃j kupe(-ε,-εg)	Kp wɛ̃jkupe{j}	In be	'lavar-se, tomar banho'
635.	*ki êkɾed	Xo ki âklɛd	Ka ki êkɾed	Kp -	In -	'lembrar-se'
636.	*kudbri	Xo -	Ka kudbri	Kp -	In kʏbrɿ	'lenço'
637.	*wuub ke	Xo vuub ke	Ka wuub ke	Kp -	In -	'levantar (algo), erguer (algo)'
638.	*jêgdɛ	Xo jãgdã	Ka jêgdɛ	Kp -	In -	'levantar-se'
639.	*pĩ gɛ tĩ (-g)	Xo -	Ka pĩ gɛ tĩ (-g)	Kp -	In pê-giti	'levar lenha'
640.	*te bũ	Xo te bũ	Ka te bũ	Kp -	In -	'levar nas costas' (PL)
641.	*te tĩ (-g)	Xo te tẽ (-g)	Ka te tĩ (-g)	Kp -	In -	'levar nas costas' (SG)
642.	*pɛɾe tĩ (-g)	Xo pele tẽ (-g)	Ka pɛɾe tĩ (-g)	Kp -	In -	'levar (SG), ir junto (SG)'
643.	*kãjwu	Xo kajvu	Ka kãjwu	Kp -	In -	'leve'
644.	*kɿkũ (-g, -j)	Xo kɿkũ (-g, -j)	Ka kukũ (-g, -j)	Kp kukũj	In -	'limpar'
644b.	*kukũ (-g, -j)	Xo -	Ka kukũ (-g, -j)	Kp kukũj	In -	'limpar'
645.	*jãjkri{d}	Xo -	Ka jãjkri	Kp -	In kri{d}	'limpo' 'branco' (In)
646.	*dũ{b}dẽ	Xo dũdã	Ka dũdẽ	Kp dũdẽ	In dõ{b}da	'língua'
647.	*be	Xo be	Ka be	Kp -	In -	'líquido'
648.	*kadɛɾ	Xo kɔdɛl	Ka kadɛɾ	Kp -	In -	'liso, escorregadio'
649.	*ki	Xo ki	Ka ki	Kp ki	In	LOCATIVO
650.		Xo	Ka	Kp	In	'longe'

	*kuwar	kuvɔl	kuwar	kuwar	war	
651.	*sɔgsej	Xo θugθej	Ka φɔgφej	Kp -	In -	'lontra'
652.	*kɾcã	Xo kɾca	Ka kujã	Kp kujɸẽ ~ kɾɸẽ ~ kɾɸa ~ kujɸa	In -	'lua'
653.	*wɛjgej	Xo vãjgej	Ka wɛjgej	Kp -	In -	'lutar, guerrear'
654.	*{su}pej̃	Xo {θu}pãj	Ka pej̃	Kp -	In -	'luto; viúvo, viúva (?)'
655.	*war war	Xo -	Ka war war	Kp	In rara	'luz da lua'
656.	*kajɛr	Xo kojãl	Ka kajɛr	Kp kajɛr	In jɛr	'macaco'
657.	*beg	Xo beg	Ka beg	Kp beg	In -	'machado'
658.	*wo	Xo vo	Ka wo	Kp wo	In -	'macuco'
659.	*dõ	Xo dõ	Ka dĩ	Kp dĩ	In dĩ	'mãe'
660.	*jõ	Xo jõ	Ka jĩ	Kp jĩ	In jĩ	'mãe (minha)'
661.	*kɾjo	Xo kɾjo	Ka kujo	Kp -	In -	'magro'
662.	*caj	Xo cɔj	Ka ɸaj	Kp -	In -	'mais velho, adulto'
663.	*cur	Xo cul	Ka ɸur	Kp -	In -	'mal cozido'
664.	*dũ(g)je	Xo dũ{g}je	Ka dũ(g)je	Kp du(g)je	In dõjɛ	'mama, ceio'
665.	*kagũd (-j)	Xo kɔgõj	Ka kɔgũd	Kp -	In -	'mamangaba'
666.	*pe(g)sa	Xo pe(g)θɔ	Ka paɸa (SG), piɸa (PL)	Kp paɸa	In -	'mamar'
667.	*kɔgɾr	Xo -	Ka kɔgɾr	Kp kɔgɾr	In -	'manchado, pintado'
668.	*kɔgad	Xo -	Ka kɔgad	Kp kɔga	In -	'manchar'
669.	*(s-,j-)ɛ(g)dɛ(-g)	Xo (θ-,j-)ã(g)dã(g)	Ka (j-)ɛ(g)dɛ(-g)	Kp -	In -	'mandar, enviar'
670.	*kɔbe{d}	Xo kɔbe{d}	Ka -	Kp -	In kɾba	'mandioca' 'batata doce' (Xo)
671.		Xo	Ka	Kp	In	'mandioca'

	*kagre	kəgle	kagre	-	-	
672.	*waj (+kũ, +ke)	Xo vɔjke	Ka wajkɔ̃	Kp -	In g ^w ɔj	'manhã, de manhã' 'madrugada' (In)
673.	*dĩge (-ã)	Xo dēga	Ka dĩge ~ dĩgã	Kp dĩge	In dēgɔ	'mão'
674.	*kra	Xo klɔ	Ka kra	Kp kra	In kra	'mão-de-pilão'
675.	*kẽdkẽr	Xo kãdkãl	Ka kẽdkẽr	Kp -	In kar	'maracanã' 'papagainho' (In)
676.	*(rɔd)rɔ{r}	Xo (lɔd)lɔ(l)	Ka rɔ	Kp {wẽj}rɔ	In -	'marca, risco, sinal'
677.	*bəd	Xo *bəd	Ka *bəd	Kp *bəd	In {dɔ̃}ba	'marido' 'esposa' (In)
678.	*gɔbũ	Xo gɔbũ	Ka gubũ	Kp -	In -	'marimondo' 'abelha' (Ka)
679.	*krekre	Xo klakla	Ka krekre	Kp -	In -	'martin-pescador'
680.	*kã(g)jẽ	Xo kagjã	Ka kajẽ	Kp -	In jɔ	'mastigar'
681.	*kute {-r, -d}	Xo kute	Ka kute	Kp -	In kuce (-r, -d)	'mata, capão'
682.	*(kɔg-, kãg-)ted	Xo (kɔg-)ted	Ka (kug-, kãg-)ted	Kp ted	In -	'matar'
682b.	*(kɔg-)tẽ	Xo {kɔg-}tã	Ka -	Kp tẽ	In rẽd	'matar'
683.	*(kug-, kã)bud	Xo (kug-)bud	Ka (kã-)bud	Kp -	In -	'medir'
684.	*bõg	Xo bõg	Ka bõg	Kp bõg	In bõ{g}	'mel, abelha em geral'
684b.	*ɔd	Xo -	Ka ɔd	Kp ɔd	In -	'mentir'
685.	*pud ke	Xo pud ke	Ka pud ke	Kp -	In ɦud ke	'mergulhar'
686.	*wɔg	Xo vug	Ka wɔg	Kp -	In -	'mexer'
687.	*bru	Xo blu	Ka bru	Kp -	In bru	'migalha' 'triturar' (In)
688.	*gãr	Xo gal	Ka gãr	Kp gẽr ~ jẽr	In jãr	'milho'
689.	*kɔrãw	Xo kulav	Ka kɔrãw	Kp -	In -	'mingau, caldo com farinha'
690.	*{jɔd}jɔd	Xo jud	Ka {jɔd}jɔd	Kp -	In -	'minhoca, lombriga'
691.	*tɔtãg si	Xo tɔtag θi	Ka tutãg φi	Kp -	In -	'moça'
692.	*tudud	Xo tudud	Ka tudud	Kp tudud	In -	'moer, triturar'
693.		Xo	Ka	Kp	In	'moído' 'farinha de

	*tudur	tudul	tudur	-	{kubε}- t̃dxr	<i>mandioca</i> (In)
694.	*tādāj	Xo tadaɟ	Ka tādāj	Kp -	In daɟ {jã}	<i>'mole'</i>
695.	*pāgpe	Xo paɟpe	Ka pāgpe	Kp -	In -	<i>'molhado'</i>
696.	*{b}rād	Xo lad	Ka {b}rād	Kp -	In -	<i>'molhar'</i>
697.	*krī{r}	Xo klē	Ka krī	Kp -	In kri(r)	<i>'montanha'</i>
698.	*(s-, j-)āgcud	Xo θagcūd	Ka jāɟʃud	Kp -	In -	<i>'moquear'</i>
699.	*tād	Xo tad	Ka tād	Kp -	In dad	<i>'morador, dono'</i>
700.	*k{r}ɣgsej	Xo kɣgθej	Ka k{r}uɟʃej	Kp -	In -	<i>'morcego'</i>
701.	*pra (-ã, -ãɟ)	Xo plɔ (-ag)	Ka pra (-ã, -ãɟ)	Kp pra	In prãd	<i>'morder'</i>
702.	*(kãg)ter	Xo tel	Ka (kãg)ter	Kp (ke)ter	In der	<i>'morrer, morto'</i>
703.	*kara	Xo kɔlɔ	Ka -	Kp -	In kara	<i>'mosca'</i>
703b.	*ka tɣj	Xo -	Ka ka tɣj	Kp ka tɣj	In -	<i>'mosca'</i>
704.	*cī	Xo cē	Ka ʃī	Kp ʃī	In -	<i>'mosquito'</i>
705.	*{cī to} ka	Xo {cē to} kɔ	Ka ka	Kp -	In ka	<i>'mosquisto'</i>
706.	*wed	Xo ved	Ka wed	Kp -	In -	<i>'mostrar'</i>
707.	*tāwī	Xo tavē	Ka tāwī	Kp tawī	In -	<i>'muito (qualidade)'</i>
708.	*e	Xo -	Ka e	Kp e	In -	<i>'muito (quantidade)'</i>
709.	*{ūd} tātr	Xo tr	Ka {ūd} tātr ~ t̃tr	Kp tētr	In -	<i>'mulher, fêmea'</i>
710.	*kɔgur	Xo -	Ka kɔgur	Kp kɔgur	In -	<i>'murcho'</i>
711.	*pātu	Xo patu	Ka pātu	Kp -	In padu	<i>'mutuca'</i>
712.	*bro	Xo blo	Ka bro	Kp bro	In bro	<i>'nadar, banhar-se'</i>
713.	*wāj	Xo vaɟ	Ka wāj	Kp -	In -	<i>'não saber, não poder'</i>
714.		Xo	Ka	Kp	In	<i>'nariz'</i>

	*dījē	dēja	dījē	dījē ~ dījū	dēja	
715.	*pur	Xo pɔ	Ka bur	Kp -	In pur	'nascer'
716.	*krūj	Xo klūj	Ka krūj	Kp -	In -	'neblina'
717.	*tū (-g)	Xo tū (-g)	Ka tū (-g)	Kp tū (-g)	In tō	NEGAÇÃO do SV
717b.	*pi	Xo pi	Ka pi	Kp -	In -	NEGAÇÃO do SN (topicalizador)
718.	*jagse	Xo -	Ka jagɸe	Kp jagɸe	In -	'ninho'
719.	*kāce	Xo kace	Ka kāɸe	Kp -	In -	'nó (da árvore)'
720.	*dɔd	Xo -	Ka dɔd	Kp -	In {dɔg}dɔd	'nó (do osso)' 'cotovelo' (In)
721.	*kutuu	Xo kutuu	Ka kutuu	Kp kutuu	In kudɔ	'noite, escuro'
722.	*(s-, j-)ēg ruu	Xo (θ-, j-)āgluu	Ka jēgruu	Kp -	In -	'nojento'
723.	*(s-, j-)i(g)ji	Xo -	Ka ji(g)ji	Kp jiji	In -	'nome'
723b.	*(s-, j-)u(g)juu	Xo (θ-, j-)ujuu	Ka jujuu	Kp jujuu	In -	'nome'
724.	*-ja	Xo -jɔ	Ka -ja	Kp -	In -	NOMINALIZAD OR (de lugar ou instrumento)
725.	*tāg	Xo tag	Ka tāg	Kp tēg	In -	'novo'
726.	*(gu)gɔg	Xo gug	Ka (gu)gɔg	Kp gɔg	In -	'nuvem, nublado'
727.	*de	Xo de	Ka de	Kp de	In -	'o que?'
728.	*ēwāj	Xo āvaj	Ka ēwāj	Kp -	In -	'observar, olhar atentamente'
729.	*huub ke	Xo -	Ka huub ke	Kp -	In huub{ɣ} ke	'ofegar'
730.	*kadē(-g)	Xo kɔdā (-g)	Ka kadē(-g)	Kp -	In -	'olhar, procurar'
731.	*jēd{ī}ba(-j, -g)	Xo jādbɔg	Ka jēd{ī}baɣ	Kp -	In bo ba	'ombro'
732.	*bīg	Xo bēg	Ka bīg	Kp bīg	In -	'onça' 'tigre' (Kp)
733.	*hād{ɔ}	Xo -	Ka hɔd	Kp hēdɔ	In -	'onde?'
734.	*rāketɣ	Xo lakɔd	Ka rāketɣ	Kp rēketɣ	In -	'ontem'
735.		Xo	Ka	Kp	In	OPOSITIVO

	*kato	koto	kato	-	-	'contra'
736.	*kasā	Xo kɔθa	Ka kaφā	Kp kaφē	In -	'oposto, outro (lado, margem)'
737.	*dīgrēg	Xo dēglāg	Ka dīgrēg	Kp dīgrēj}	In dēgrēd ~ dēgrē{d}	'orelha'
738.	*kāgser	Xo kagθel	Ka kāgφer	Kp -	In kuuler	'orvalho'
739.	*kuka	Xo kukɔ	Ka kuka	Kp kuka	In kukwa	'osso'
740.	*ũ tã{d}	Xo ũ ta	Ka ũ	Kp -	In tã{d}	'outro'
741.	*bē(-g)	Xo bā (-g)	Ka bē(-g)	Kp bē	In -	'ouvir'
742.	*gre	Xo glɛ	Ka krɛ	Kp grɛ{φu}	In {ē}gra	'ovo' 'chocar' (In)
743.	*kokabē	Xo -	Ka kokabē	Kp kokabē	In -	'paca'
744.	*krɔrɔ(-ã)	Xo krlō	Ka krurɔ	Kp krurē	In krɔrdɔ, krɔrdɔd	'paca'
745.	*jɔg	Xo jug	Ka jɔg	Kp jɔg	In jɔg	'pai'
746.	*kujɔ	Xo kujɔ	Ka kujɔ	Kp -	In -	'pajé'
747.	*jūd	Xo {ku}jūd	Ka jūd	Kp {te}jūD	In ju(d)	'palmito'
748.	*kukrũ{w}	Xo kuklũ	Ka kukrũ	Kp kukrũ(w)	In kukrɔ(w)	'panela'
749.	*kuru	Xo kul	Ka kur	Kp kur	In kudā, ru	'pano'
750.	*(ja-, ē-)bĩ	Xo (a-)bē	Ka (ja-, ē-)bĩ	Kp (ja-, a-)bĩ	In abē	'pão, bolo' 'chipá' (In)
750b.	*kāto	Xo -	Ka kāto	Kp kēto	In -	'papagaio'
751.	*hã je	Xo hã je	Ka hã je	Kp -	In -	'para isso, com esse propósito'
752.	*hẽ ri ke je	Xo hã li ke je	Ka hẽ ri ke je	Kp -	In -	'para que?'
753.	*tõ{g} ke	Xo tr{g} ke	Ka tĩ ke	Kp -	In tĩ ke	'parar' 'sentar-se' (Xo)
754.	*(ja-, jɔg-)we	Xo (jɔg-)ve	Ka (ja-)we	Kp -	In -	'parente, antepassados'
755.	*bĩ tĩg	Xo bē tēg	Ka bĩ tĩg	Kp -	In -	'passar por'
756.	*tĩd	Xo tēd	Ka tĩd	Kp -	In -	'passar, seguir'
757.		Xo	Ka	Kp	In	'passarinho'

	*cĕcĩ	căcĕ	ġĕġĩ	ġĕġĩ	-	
757b.	*jĕcĩ	Xo -	Ka jĕġĩ	Kp jĕġĩ	In -	'passarinho'
758.	*cikrĕ	Xo cikle	Ka ġikrĕ	Kp -	In -	'pássaro (mandachuva), seriema?'
759.	*kă(ġ)grɔ {r}	Xo kăġglo	Ka kă(ġ)grɔr	Kp kĕrɔr	In -	'pasta, empastado' 'lama' (Xo) 'aguado' (Kp)
760.	*pĕgbĕg (-ġ)	Xo pĕgbĕg	Ka pĕgbĕg	Kp pĕdbĕg	In (pĕġ)beġ	'pato'
761.	*pĕpɔb	Xo pĕpɔb	Ka pĕpɔb	Kp -	In -	'pavão'
762.	*pĕd	Xo păd	Ka pĕd	Kp pĕd	In bad	'pé'
763.	*pɔ	Xo pu	Ka pɔ	Kp pɔ	In -	'pedra' 'pedaço' (Xo)
764.	*păġɔ	Xo -	Ka păġa	Kp pĕġɔ	In -	'pedra de amolar' 'pedra chata' (Kp)
765.	*se părɔ	Xo θe palu	Ka φe parɔ	Kp -	In le	'peito, tórax'
766.	*kur tũ	Xo kul tũ	Ka kur tũ	Kp -	In kɔdă tu	'pelado'
767.	*sɣr	Xo θɣl	Ka φɣr	Kp φɣr	In lɣr	'pele'
768.	*ca	Xo cɔ	Ka ġa	Kp ġa	In -	'pendurado, pousado, sem tocar o chão'
769.	*ca (-ă, -ăġ)	Xo ca (-ġ)	Ka ġa (-ă, -ăġ)	Kp -	In ki căġ	'pendurar, pousar sem tocar o chão'
770.	*grĕd	Xo gled	Ka gred	Kp -	In -	'peneira'
770b.	*gre (-ĕ, -ĕġ)	Xo gle	Ka gre (-ĕ, -ĕġ)	Kp -	In -	'peneirar'
771.	*grĕ	Xo glĕ	Ka grĕ	Kp grĕ	In grĕ	'pênis, masculino'
772.	*ġkkrĕ	Xo ġkkle	Ka ġukkrĕ	Kp -	In ġukkrĕb{-bă}	'pensamento, costume, modo de ser' 'não saber' (In)
773.	*ĕk rĕ (-d, -ġ)	Xo ăkle (-d, -ġ)	Ka ĕk rĕ (-d, -ġ)	Kp -	In cĕkraġ{-bă}	'pensar, lembrar-se de'
774.	*(to) ġkklĕd	Xo (to) ġkklĕd	Ka (to) ġukklĕd	Kp -	In do ġkkrĕ	'pensar, ter ideia, fazer planos' 'lembrar-se'(In)
775.	*kurɯġ {ġa}	Xo kulɯġ {ġɔ}	Ka kurɯġ	Kp ġġureġ	In curɯġ, {wi}kurɯġ{ġ}	'pente'
776.	*reb	Xo -	Ka {wĕġ}reb	Kp -	In reb	'pentear'
777.	*wăġwɔ (-ă)	Xo vagvu	Ka wăġwă	Kp -	In -	'penugem, pelagem'

778.	*cĩ	Xo -	Ka ʃĩ	Kp ʃĩ	In ci ~ cẽ{d}	'pequeno'
779.	*kãcid	Xo kacid	Ka kɔʃid	Kp kɔʃid	In -	'pequeno'
780.	*kred	Xo -	Ka kred	Kp -	In kre{d}-jẽ	'perder algo'
781.	*gõb ke	Xo gõb ke	Ka gõb ke	Kp -	In -	'perder o sentido'
782.	*wã(g)sor	Xo vãθol (SG), vagθol ~ vagθul (PL)	Ka wã(g)φor	Kp -	In -	'perder-se, perdido'
783.	*kri{j}kri	Xo kli{j}kli	Ka krikri	Kp krikri	In -	'periquitão'
784.	*kajɔɔ	Xo kɔjuɔ	Ka kajɔɔ	Kp kojoɔ	In jɔɔ	'periquito'
785.	*(s-, j-)a	Xo (θ-, j-)ɔ	Ka φα	Kp φα	In -	'perna'
786.	*kuge	Xo kuge	Ka kuge	Kp -	In -	'pertences'
787.	*kusɯ	Xo kuθɯ	Ka kuφɯ	Kp -	In kulɣ	'pesado'
788.	*kusɯg	Xo kuθɯg	Ka kuφɯg	Kp -	In kulɣg	'pesar (algo)' 'pesado' (In)
789.	*duɔ	Xo duɔ	Ka duɔ	Kp duɔ ~ dũɔ	In duɔ	'pescoço'
790.	*kadẽ jɔki{g}	Xo kɔdã juki{g}	Ka kadẽ jɔki	Kp -	In deɔkɯɔ	'pestanas'
791.	*krutututu	Xo -	Ka krutututu	Kp utud	In -	'pica-pau do campo'
792.	*cãkrĩɔgɔ	Xo caklẽɔgu	Ka ʃãkrĩɔgɔ	Kp -	In -	'pica-pau rei'
793.	*bru	Xo -	Ka bru	Kp -	In p{a}lɔ	'pica-pauzinho'
794.	*kriɔɔew	Xo kliɔɔev	Ka kruɔɔjew	Kp -	In kriɔɔ	'pica-pauzinho'
795.	*krej	Xo klej	Ka krej	Kp krej	In -	'pilão'
795b.	*ka pẽd	Xo -	Ka ka pẽd	Kp ka pẽd	In -	'pinça'
796.	*dãgdãg fie	Xo dagdag ge	Ka dãgdãg fie	Kp -	In -	'pingar'
797.	*sɣg krĩ	Xo θɣg klẽ	Ka φɣg krĩ	Kp -	In -	'pinha'
798.	*sɣg su	Xo θɣg θɯ	Ka φɣg φɯ	Kp -	In -	'pinhão'
799.		Xo	Ka	Kp	In	'pinhão em conserva'

	*sɣ do	θɣ do	φɣ do	-	-	
800.	*ga	Xo gɔ	Ka ga	Kp ga	In ga	'piolho, caruncho'
801.	*cãd	Xo cad	Ka ɟãd	Kp -	In -	'pisar'
802.	*ju{g}bi	Xo jubɪ	Ka jubɪ	Kp ju{g}bi	In -	'pitanga'
803.	*krɛ{r}	Xo klɛ{l}	Ka krɛ	Kp -	In -	'plantação'
804.	*krãd	Xo klad	Ka krãd	Kp krẽd	In -	'plantar'
805.	*rud	Xo lud	Ka rud	Kp -	In -	'poço'
806.	*kɔkrɛ	Xo kuklɛ	Ka kɔkrɛ	Kp kɔkrɛ ~ kokrɛ	In -	'padre'
806b.	*sudsur	Xo -	Ka ɸudɸur	Kp ɸudɸur	In -	'poeira'
807.	*pẽdkuĩ	Xo pẽdkuĩ	Ka pẽdkuĩ	Kp -	In -	'pomba- gemedeira'
808.	*cɔrãg	Xo culag	Ka ɟɔrãg	Kp -	In -	'pomba-rola'
809.	*jurɣr	Xo juɹɟl	Ka jurɣr	Kp -	In -	'ponta, cume, pico'
809b.	*ka{g}ba	Xo kɔba	Ka kagba	Kp -	In -	'ponte'
810.	*rẽr	Xo lãl	Ka rẽr	Kp -	In -	'pontagudo, pontudo'
811.	*hã togdĩd	Xo hã togdẽd	Ka hã tugdĩd	Kp -	In -	'por causa disso, por culpa disso'
812.	*hã to	Xo hã to	Ka hã to	Kp -	In -	'por isso, em razão disso'
813.	*de to	Xo de to	Ka de to	Kp -	In -	'por que motivo?, por quê?'
814.	*hẽ ri ked kũ	Xo hã li ked kũ	Ka hẽ ri ked kũ	Kp -	In -	'por que?'
815.	*sɔjid	Xo θujid	Ka ɸɔjid	Kp -	In -	'porco-espinho'
816.	*(s-, j-)ãdkã	Xo θãdka	Ka jãdkã	Kp jẽdke	In jadkãd	'porta'
817.	*rĩdja	Xo lẽdɟɔ	Ka rĩdja	Kp -	In -	POSTESSIVO 'de frente, frente a frente'
818.	*ju	Xo ju	Ka ju	Kp -	In -	POSTESSIVO, POSTELATIVO 'atrás, para trás' (papel temático) (para longe do referente)
818b.	*	Xo	Ka pipir	Kp pipir	In	'poucos'

819.	*{j}awε	Xo {j}ɔve	Ka -	Kp -	In aε	'prato'
820.	*cor	Xo col	Ka for	Kp -	In -	'preá'
821.	*wãjpra	Xo vãjplɔ	Ka wãjpra	Kp wẽjpro	In	'preguiçoso, ter preguiça'
822.	*kagje(-ε, -εg)	Xo kɔgje	Ka kagje (-ε, -εg)	Kp -	In -	'prender, atar, dar nó' (SG)
822b.	*kɔgje(-ε, -εg)	Xo kɔgje	Ka kuɔgje(-ε, -εg)	Kp -	In -	'prender, atar, dar nó' (PL)
823.	*kusĩd	Xo kuθẽd	Ka kuφĩd	Kp -	In -	'preparar (corda) para subir, escalar'
824.	*{cɾ}cɾd	Xo cɾd	Ka fɾd	Kp (fɾ)fɾd	In -	'pretejar'
825.	*{cɾ}cɾ	Xo cɾ	Ka fɾ	Kp (fɾ)fɾ	In cuu	'preto'
826.	*wɛd	Xo ved	Ka wɛd	Kp -	In -	'primeiramente'
827.	*we	Xo ve	Ka we	Kp -	In -	'primeiro'
828.	*ũd we	Xo ũd ve	Ka ũd we	Kp -	In -	'primeiro (substantivo)
829.	*ẽg	Xo ãg	Ka ẽg	Kp ẽg	In ãg	'pronome 1. PL.'
830.	*ij	Xo ẽj	Ka ij	Kp ij	In i	'pronome 1.SG.'
831.	*ãjag	Xo -	Ka ãjag	Kp ẽjag	In -	'pronome 2. PL'
832.	*ã	Xo a	Ka ã	Kp ẽ	In a	'pronome 2. SG'
833.	*saɔ	Xo θɔɔ	Ka φaɔ	Kp φaɔ	In -	'pronome 3. PL. F.'
834.	*aɔ	Xo ɔɔ	Ka aɔ	Kp aɔ	In -	'pronome 3. PL; pluralizador'
835.	*ti	Xo ti	Ka ti	Kp ti	In -	'pronome 3. SG'
836.	*si	Xo θi	Ka φi	Kp φi	In -	'pronome 3. SG. F.'
837.	*ũ	Xo ũ	Ka ũ	Kp ũ	In -	'pronome INDEFINIDO'
838.	*dũ	Xo dũ	Ka dɣ	Kp dɣ	In -	'pronome INTERROGATIV O (sujeito)'
839.	*jε	Xo jε	Ka jε	Kp jε	In -	PROPOSITIVO (marcador de sujeito), benefactivo
840.	*tũ	Xo tũ	Ka tũ	Kp tũ	In -	'propriedade, pertences'
841.	*hĩd{õ}	Xo -	Ka hĩd	Kp hĩd{ɣ}	In -	'provavelmente'

842.	*(rĕg)rĕg	Xo (lāg)lāg	Ka (rĕg)rĕg	Kp -	In rĕ	'pular'
843.	*kub ke	Xo kub ke	Ka kub ke	Kp -	In -	'pular sobre, passar sobre'
844.	*se kājwɤ	Xo θe kajvɤ	Ka φe kājwɤ	Kp -	In -	'pulmão'
845.	*so	Xo θo	Ka φo	Kp -	In -	'pus'
846.	*pere	Xo pele	Ka pere	Kp -	In -	'puxar, deslocar de'
847.	*pejkreɟ	Xo -	Ka pejkreɟ	Kp -	In kre	'quadril'
848.	*hĕ	Xo hã	Ka hĕ	Kp hĕ	In -	'qual?'
849.	*ce	Xo ce	Ka ʃe	Kp ʃe	In ce	'quati'
849b.	*wĕjkāgra	Xo -	Ka wĕjkāgra	Kp wĕjkĕgra	In -	'quatro'
850.	*(blɤ)blɤ	Xo (blɤ)blɤ	Ka (brɤ)brɤ	Kp -	In -	'quebrado (no meio, em pedaços)'
851.	*(kɔ-)gāb	Xo (ku-)gab	Ka (kɔ-)gāb	Kp -	In -	'quebrar (em várias partes, em pedaços)'
852.	*(brɤ)braɟ	Xo (blɤ)blɔɟ	Ka (brɔɟ)braɟ	Kp -	In -	'quebrar (uma parte, um pedaço)'
853.	*gāb ke	Xo -	Ka gāb ke	Kp -	In g ^w āb ke	'quebrar-se'
854.	*pūr	Xo pūl	Ka pūr	Kp pūr	In -	'queimado'
855.	*pūd	Xo pūd	Ka pūd	Kp pūd	In -	'queimar' (SG)
856.	*kɤpūd	Xo kɤpūd	Ka kupūd	Kp -	In -	'queimar' (PL)
857.	*krɤg	Xo klɤg	Ka krɤg	Kp krɤg	In krɤg	'queixada'
858.	*ra	Xo lɔ	Ka ra	Kp rĕ	In ra{ra}	'queixo'
859.	*ũ dũ	Xo ũ dũ	Ka ũ dĕ	Kp -	In -	'quem?'
860.	*ũ{d} tō {hĕ}	Xo ũ{d} tō	Ka ũ tĕ {hĕ}	Kp -	In -	'quem?'
861.	*rĕ	Xo lō	Ka rĕ	Kp rĕ	In dɔ; lɔ	'quente'
862.	*bĕkã	Xo bãka	Ka bĕkã	Kp -	In -	'quieto, em silêncio'
863.	*he	Xo ke	Ka he	Kp -	In -	QUOTATIVO
864.	*bu	Xo bu	Ka bu	Kp bu	In bu	'rabo'
865.		Xo	Ka	Kp	In	'raio'

	*{ta} kid kid	-	-	kid kid	{ra}g ^{wid} g ^{wid}	
866.	*jāre	Xo jāle	Ka jāre	Kp jēre ~ jērī	In -	'raiz'
867.	*kxrū	Xo kxlū	Ka kurū	Kp kxrū	In -	'rapaz'
868.	*(s-, j-)ād	Xo θad	Ka jād	Kp -	In -	'rasgar'
869.	*perer	Xo pelel	Ka perer	Kp -	In -	'raso'
870.	*pādke (-d, g)	Xo padked (-g)	Ka pādke (-d, -g)	Kp {ke}ked	In -	'raspar'
871.	*kacīd	Xo kacēd	Ka kaʃīd	Kp kaʃīd	In -	'rato'
872.	*pēdkupe	Xo pādkupe	Ka pēdkupe	Kp -	In -	'rato da água'
873.	*jāgdē{g}	Xo jagdā{g}	Ka jagdē	Kp -	In -	RECÍPROCO
874.	*kajāw	Xo kəjav	Ka kajāw	Kp -	In -	'recompensado, pago'
875.	*(ka-, krg-)jāb	Xo (kə-, krg-)jab	Ka (ka-, kuig-)jāb	Kp -	In -	'recompensar, pagar'
876.	*bād	Xo bad	Ka bād	Kp -	In -	RECURSIVO 'novamente'
877.	*deʃ	Xo deʃ	Ka deʃ	Kp -	In -	'recusar, negar'
878.	*ror	Xo lol	Ka ror	Kp ror	In -	'redondo'
879.	*wēʃ	Xo vāʃ	Ka wēʃ	Kp wē	In -	REFLEXIVO
880.	*kāʃweg (-ʃ)	Xo kaʃveʃ	Ka kāʃweg	Kp -	In -	'reflexo'
881.	*{kəb}kəb ke	Xo kob ke	Ka {kəb}kəb ke	Kp {kəb}kəb	In -	'relâmpago'
882.	*(ta){b}rā{b} rā{b} ke	Xo -	Ka {b}rārād ke	Kp -	In da rabrə ke, rabrab	'relampejar'
883.	*to	Xo to	Ka to	Kp to	In -	RELATIVO
884.	*rūb	Xo lūb	Ka rūb	Kp -	In -	'remar, chacoalhar'
885.	*(wēʃ-)(kakʃ)gta	Xo (vāʃ-)(kə, kʃ)gta	Ka (wēʃ)(ka, ku)gta	Kp kagta	In -	'remédio'
886.	*{ka}tā{pere}	Xo -	Ka {ka}tā{pere}	Kp -	In tā(d)	'remo'
887.	*wēʃkāpo{g} pəw	Xo vāʃkapopov	Ka wēʃkāpu{g}pəw	Kp -	In -	'repartido' (PL), 'distribuído' (PL)
888.	*wēʃkāpəpāb	Xo vāʃkapupub	Ka wēʃ kāpəpāb	Kp -	In -	'repartir' (PL), 'distribuir' (PL)

889.	*{de}ji	Xo ji	Ka (de)ji	Kp -	In -	REPORTATIVO (evidencial) 'dizem que'
890.	*{to} prɔd (-j)	Xo {to} ploj	Ka -	Kp -	In brar	'respeitar'
891.	*{hãb} hãb ke	Xo -	Ka hãbhãb ke	Kp hẽbke{j}	In -	'respirar'
892.	*wɛjra	Xo vãjlo	Ka wɛjra	Kp -	In -	'reto, alinhado'
893.	*kuruj	Xo kuluj	Ka kuruj	Kp kuruj	In kɔruɔr	'reto, correto'
894.	*tuj	Xo tuj	Ka tuj	Kp -	In -	'rígido, sólido, denso'
895.	*kasu	Xo kɔθu	Ka kaθu	Kp -	In -	'rim'
896.	*wɛju (-g)	Xo vãju (-g)	Ka -	Kp wɛju	In -	'rir, sorrir'
897.	*kiki	Xo -	Ka kiki	Kp kiki	In -	'ritual dos mortos'
898.	*{ɛ(gu)-,ja}pɔ	Xo (ã-, jɔ-)pɔ	Ka (ɛ(gu)-,ja-)pɔ	Kp (ja-)pɔ	In -	'roça'
899.	*juɔruɔd	Xo -	Ka juɔruɔd	Kp juɔruɔr	In -	'roda'
900.	*tír	Xo -	Ka tír	Kp tír	In -	'rolar'
901.	*kãru{g}	Xo kalu (-g)	Ka kãru (-g)	Kp -	In -	'romper-se (no meio)'
902.	*jagsã	Xo jɔgθa	Ka jagθã	Kp -	In -	'rosto'
903.	*peju	Xo peju	Ka peju	Kp peju	In peju	'roubar' (SG) 'esconder' (In)
903b.	*pegju	Xo pegju ~ pigju	Ka pigju	Kp -	In -	'roubar' (PL)
904.	*kãr	Xo kal	Ka kãr	Kp -	In -	'roxo'
905.	*kɔreg	Xo kulɛg	Ka kɔreg	Kp kɔreg	In kari{bed}	'ruim, feio'
906.	*kajrɔ(-ã)	Xo -	Ka kajrɔ (-ã)	Kp kaj{a}rɔ	In -	'saber'
906b.	*gɔdwã	Xo -	Ka gɔdwã	Kp godwẽ	In -	'sabiã'
907.	*wɛjpesĩ	Xo vãjbeθẽ	Ka wɛjpeθĩ	Kp pewĩcĩ	In -	'saia' 'tanga' (Kp)
908.	*(kã)pa	Xo (ka)pɔ	Ka (kã)pa	Kp -	In -	'sair' (PL)
909.	*gɔb ke	Xo gɔb ke	Ka gab ke	Kp -	In -	'sair em grupo'
910.	*jãra	Xo jãlɔ	Ka jãra	Kp -	In jãra	'saliva'

911.	*pri	Xo pli	Ka pri	Kp prej	In -	'samambaia preta, cama de samambaia'
912.	*kɾweɣ	Xo kɾveɣ	Ka kuweɣ	Kp kuφeɣ	In g ^w aj	'sangue, sangrar'
913.	*pepo ~ *pupo	Xo pupo	Ka pepo	Kp pepo	In {pug}pə, pod	'sapo'
914.	*ɦɾd	Xo ɦɾd	Ka ɦad	Kp -	In -	'sara'
915.	*təg	Xo tug	Ka təg	Kp təg	In -	'secar (plantas, sementes), seco'
916.	*kãgaã	Xo kagaɣ	Ka kãgaã	Kp kêgêg	In -	'secar (roupas, objetos, etc.)'
917.	*suu	Xo θu	Ka φu	Kp {dê} φɾ ~ φu	In lu	'semente'
918.	*gusã	Xo guθa	Ka guφã	Kp -	In -	'senhor, antepassado, índio da mata'
919.	*(dīg)dī (-g)	Xo dē	Ka (dīg)dī (-g)	Kp (dīg)dī (-g)	In dē	'sentar-se, estar sentado'
920.	*sud	Xo θud	Ka φud	Kp -	In -	'separar em partes'
921.	*pipid	Xo pipid	Ka pipid	Kp -	In -	'separar, dividir em grupo (pessoas, seres, etc.)'
922.	*{b}ud	Xo ud	Ka {b}ud	Kp -	In -	'ser bom, fazer bem'
923.	*kũ	Xo kũ	Ka kĩ	Kp kĩ	In -	SITUACIONAL
924.	*kacaku	Xo kucuku ~ kujukuku	Ka kaɣaku	Kp -	In -	'sobrancelhas'
925.	*kuce	Xo -	Ka kuɣe	Kp -	In kuce ja	'sofrer'
926.	*jag(ãg)tar	Xo jəgagtəl	Ka jag(ãg)tar	Kp -	In -	'sofrimento, pobreza'
927.	*rã{g}	Xo la	Ka rã	Kp rẽ	In ra{g}, rə	'sol'
928.	*juud	Xo juud	Ka juud	Kp -	In -	'soluçar'
929.	*kuur	Xo kuul	Ka kuur	Kp -	In kuu	'som, canto, ronco'
930.	*sêdja	Xo θãdɣə	Ka φêdja	Kp -	In -	'sombra, crepúsculo'
931.	*jãti	Xo -	Ka jãti	Kp -	In jadi	'sonhar'
932.		Xo	Ka	Kp	In	'sonho, sonhar'

	*wějpeti	-	wějpeti	wějpeti	-	(SG)
932b.	*wějpigti	Xo vājbigti	Ka wějpigti	Kp -	In -	'sonho, sonhar' (PL)
933.	*(ki) (s-, j)ākx	Xo (ki) θakx	Ka ki jākx	Kp -	In -	'soprar (fogo)'
933b.	*su fie	Xo -	Ka φu fie	Kp φu fie	In -	
934.	*jātud bō	Xo jatud bō	Ka jatud bō	Kp -	In -	'sossegado'
935.	*pogpog	Xo -	Ka pugpog	Kp pogpog	In -	'sovar'
936.	*pir bō	Xo pil bō	Ka pir bō	Kp pir bō	In -	'sozinho'
937.	*wēcɔ{g}ki	Xo vācuke	Ka wějɔ{g}ki	Kp -	In -	'sozinho'
938.	*kārād	Xo kalad	Ka kārād	Kp -	In -	'suar'
939.	*krēb	Xo klāb	Ka krēb	Kp -	In -	SUBESSIVO 'em baixo'
940.	*(t-, j-)āpru	Xo (t-, j-)aplū	Ka (t-, j-)āpru	Kp (tš-, jē)pru	In -	'subir'
941.	*jakrēb	Xo jəklāb	Ka jakrēb	Kp -	In -	SUBLATIVO 'para baixo'
942.	*tō	Xo tō	Ka tš	Kp tš ~ tū	In -	SUBORDINADO R, DET de SN
943.	*jagsu	Xo -	Ka jagφu	Kp -	In -	SUBSTITUTIVO
944.	*kube	Xo kube	Ka kube	Kp -	In -	'suco, molho, sopa'
945.	*bijuj	Xo vijuɟ	Ka bijuj	Kp -	In duɟ	'sucuri' 'vibora' (In)
946.	*krweɟ	Xo krveɟ	Ka kawɟ	Kp -	In -	'sujar'
947.	*de	Xo -	Ka de	Kp de	In -	'sujeito benefactivo'
948.	*we	Xo ve	Ka we	Kp -	In -	'sujeito malefactivo'
949.	*wū	Xo vū	Ka wš	Kp wš	In -	SUJEITO (marcador de sujeito)
950.	*pud ke	Xo pud ke	Ka pud ke	Kp pud ke	In -	'sumir, desaparecer'
951.	*kri	Xo klē	Ka kri	Kp kri	In kri	SUPERESSIVO 'em cima'
951b.	*kutu	Xo -	Ka kutu	Kp kutu	In -	'surdo'
952.	*(kɔg)rē(-g,d)	Xo (kɔg)lā(-g,d)	Ka (kuɔg)rē(-g, d)	Kp rēd	In rēd	'surrar, espancar, matar a pancadas' 'matar' (In)
953.		Xo	Ka	Kp	In	'tabaco'

	*wāju	vaju	wāju	-	-	
954.	*kujād	Xo kujad	Ka kujād	Kp -	In -	'cerne (de vegetal), corpo (de animal)'
955.	*{kākɾɛ}kid	Xo kid	Ka {kākɾɛ}kid	Kp -	In -	'tamanduá-bandeira'
956.	*kagug	Xo kɔgug	Ka -	Kp -	In kagud	'tamanduá-mirim'
957.	*gɛ	Xo gɛ	Ka gɛ	Kp -	In -	'também'
958.	*pākɾĩ	Xo paklê	Ka pākɾĩ	Kp -	In -	'tampa'
959.	*wād	Xo vad	Ka wād	Kp -	In wād, g ^w ād(d)	'taquara'
960.	*wɣg	Xo vɣg	Ka wɣg	Kp -	In -	'taquara seca'
961.	*wāgwā	Xo vagva	Ka wāgwā	Kp -	In -	'taquaruçu'
962.	*rākāɟ	Xo -	Ka rākāɟ	Kp lêkêɟ	In raka (-ād)	'tarde'
963.	*pɛdĩ	Xo pɛdê	Ka pɛdĩ	Kp -	In -	'tartaruga'
964.	*sā{d}sād	Xo θaθad	Ka φāφād	Kp φi{d}φir	In lād	'tatu'
965.	*hid	Xo hid{vo}	Ka hiɟ	Kp hid{ko}	In -	'tatu-peba'
966.	*(wā)sui	Xo (vā)θui	Ka (wā)φui	Kp -	In -	'tecer, trançar'
967.	*wā'e	Xo vāle	Ka wāre	Kp -	In -	'tenda, acampamento'
968.	*{wêɟ}kāgrad	Xo {vāɟ}kaglɔd	Ka {wêɟ}kāgrad	Kp -	In -	'tentar, imitar, praticar, experimentar'
969.	*jagāgtād	Xo jɔgagtad	Ka jagāgtād	Kp -	In -	'ter compaixão, sofrer' 'fazer sexo' (Xo)
970.	*wācid	Xo vācid	Ka wājɪd	Kp -	In -	'ter cuidado, cuidar, tomar cuidado'
970b.	*kɔkĩr	Xo -	Ka kɔkĩr	Kp kokĩr	In -	'ter fome, com fome'
971.	*(ka-bũ-)bêg{-ɟ}	Xo (kɔ-,bɔ-)bāg	Ka (ka- bũ-)bêg	Kp (bũ-)bê{ɟ}	In kõba	'ter medo'
972.	*(s-, j-)êgruug	Xo (θ-, j-)āgluug	Ka (j-)êgruug	Kp -	In -	'ter nojo'
973.	*bāg	Xo -	Ka bāg	Kp -	In bār	'ter preguiça'
974.	*jêdjêr	Xo jādjāl	Ka jêdjêr	Kp -	In -	'ter preguiça, estar sem vontade de'
975.	*sêdjāg	Xo θādɟag	Ka φêdjāg	Kp -	In -	'ter sombra, entardecer'

976.	*kar	Xo kəl	Ka kar	Kp -	In -	'terminado'
977.	*kãd	Xo kad	Ka kãd	Kp -	In -	'terminar'
977b.	*tūg	Xo tūg	Ka tūg	Kp tūg	In -	'terminar, acabar'
978.	*ga	Xo gɔ	Ka ga	Kp ga	In -	'terra'
979.	*kakã	Xo kɔka	Ka kakã	Kp kuka ~ kakẽ	In kuka, kuku	'testa, rosto'
980.	*grɛsu	Xo glɛθu	Ka grãφu	Kp grɛφu	In -	'testículo'
981.	*bɣ	Xo bɣ	Ka bɣ	Kp bɣ	In wɣ	'tia cruzada, sogra, irmã cruzada'
982.	*jãjka{r} (-ã)	Xo jajkəl	Ka jɔjko (-ã)	Kp -	In -	'tição'
983.	*grɛtuɔg	Xo kletuɔg	Ka grɛtuɔg	Kp -	In -	'tico-tico'
984.	*kakraã	Xo kɔkla	Ka kakraã	Kp kakraẽ	In -	'tio cruzado, sogro'
985.	*(ku)dũ (-j,-g)	Xo (ku)dũ(-j,-g)	Ka (ku)dũ(-j, -g)	Kp -	In -	'tirar, arrancar'
986.	*kre	Xo kle	Ka kre	Kp kre	In kra	'toca'
987.	*kuɔd	Xo kuɔd	Ka kuɔd	Kp -	In -	'tocar (instrumento)'
988.	*kugjẽd	Xo kugjẽd	Ka kugjẽd	Kp -	In -	'torcer, entornar'
989.	*gĩr	Xo -	Ka {jɔj}gĩr	Kp -	In {gẽ}gir	'torcer, entornar'
990.	*	Xo	Ka	Kp	In	'tornozeleto'
991.	*tɔtor	Xo tutol	Ka tɔtor	Kp -	In -	'torrado, frito'
992.	*tɔtɔd	Xo tutud	Ka tɔtɔd	Kp -	In dɔd	'torrar, fritar'
993.	*pãdo	Xo pãdo	Ka pãdo	Kp -	In -	'torto'
994.	*kusur	Xo kuθul	Ka kuɦur	Kp koφur	In -	'tossir'
995.	*rãjrãj (-j)	Xo lajlaj	Ka rãjrãj	Kp -	In -	'trabalhar'
996.	*kãkro	Xo kaklo	Ka kãkro	Kp -	In -	'traíra'
997.	*gɔd ke	Xo gɔd ke	Ka gɔd ke	Kp -	In -	'trancar'
998.	*wã{j}su	Xo vãθu	Ka wãφu	Kp -	In ɦɔjps {ps}	'trançar'

999.	*jagba	Xo jɔgbɔ	Ka jagba	Kp -	In -	TRANSLATIVO 'ao longo de, percorrer, ir ao longo de'
1000.	*wɛ̃jbĩ	Xo vãjbê	Ka wɛ̃jbĩ	Kp -	In -	TRANSLATIVO 'por todas as partes'
1001.	*bĩ	Xo bê	Ka bĩ	Kp -	In -	TRANSLATIVO, distributivo 'por entre, através, pelo meio de'
1002.	*(s-, j-)ãpri	Xo (θ-, j-)apli	Ka (ϕ-, j-)ãpri	Kp -	In -	'transparente, limpido, puro'
1003.	*jãcur	Xo jacul	Ka jãfur	Kp -	In -	'traseiro da coxa'
1004.	*te kãbũ	Xo te kabũ	Ka te kãbũ	Kp -	In -	'trazer nas costas' (PL)
1005.	*te kãtĩ (-g)	Xo te katê (-g)	Ka te kãtĩ (-g)	Kp -	In -	'trazer nas costas' (SG)
1006.	*tãgtũ	Xo tagtũ	Ka tãgtũ	Kp têgtũ	In tuagtãj, tagtɔj	'três' 'porção' (Xo)
1007.	*ta tõtõrõr fie	Xo tɔ tõtõl	Ka ta tõtõrõr fie	Kp -	In da t̃r̃ ge	'trovão'
1008.	*grũ	Xo glũ	Ka grũ	Kp grũ	In grɔ	'tucano'
1009.	*dẽri	Xo dãli	Ka dẽri	Kp -	In -	'tudo'
1010.	*ẽgdo	Xo ãgdo	Ka ẽgdo	Kp -	In -	'último'
1011.	*pir	Xo pil	Ka pir	Kp pir	In bir	'um, pouco'
1012.	*dũgdid	Xo dũgdid	Ka dũgdid	Kp -	In dõdib, d̃b̃di {d}	'umbigo'
1013.	*dĩgru {j}	Xo {kl̃j} glu	Ka dĩgru	Kp dĩgru	In dẽru {j}	'unha'
1014.	*wɛ̃j ko	Xo vãj ko	Ka wɛ̃j ko	Kp -	In -	'unir-se, união'
1015.	*jɣ{j}	Xo jɣj	Ka jɣ	Kp jɣ{j}	In -	'urina'
1015b.	*jɣj	Xo jɣj	Ka jɣj	Kp -	In jɣd	'urinar'
1016.	*puɾse	Xo puɾθe	Ka puɾϕe	Kp -	In buɾ	'urtiga-brava'
1017.	*puɾpuɾ	Xo puɾpuɾ	Ka puɾpuɾ	Kp puɾpuɾ	In -	'uru'
1018.	*jãtã	Xo jata	Ka jãtã	Kp -	In -	'urubu'
1019.	*kɣdĩd	Xo kɣdêd	Ka kuɔdĩd	Kp -	In -	'vaga-lume'

1020.	*su	Xo θu	Ka φu	Kp -	In -	'vagina'
1021.	*kaja	Xo -	Ka kaja	Kp keja	In kaja	'valor, recompensa'
1022.	*jāke	Xo jake	Ka jāke	Kp -	In -	'vão'
1023.	*prud	Xo plud	Ka prud	Kp -	In -	'varrer'
1024.	*prur	Xo plul	Ka prur	Kp prur	In -	'varrido, limpo' 'pelado' (Xo)
1025.	*pɛdku	Xo pɛdku ~ pedku	Ka pɛdku	Kp pɛdku	In bɛ	'vasilha, vaso'
1026.	*katu	Xo kɔtu	Ka katu	Kp -	In -	'vazio'
1027.	*kābe	Xo kabe	Ka kābe	Kp kɛbe	In kɔ̃bi	'veado'
1028.	*(ku(g)-)jej	Xo ku(g)jej	Ka ku(g)jej	Kp -	In {bɛ̃} je	'veia'
1029.	*ci	Xo ci	Ka ʃi	Kp -	In -	'velho, antigo'
1029b.	*kɔ̃hu	Xo kuhu	Ka kɔ̃hu	Kp kɔ̃hu	In -	'ventania'
1030.	*{kã} wuud ke	Xo -	Ka {kã} wuur ke	Kp -	In wuud ke	'ventar'
1031.	*kāka	Xo kāka	Ka kāka	Kp -	In kaka	'vento'
1032.	*we (-ɛ, -ɛg)	Xo ve (-ɛ, -ɛg)	Ka we (-ɛ, -ɛg)	Kp we ~ wi	In -	'ver'
1033.	*tɔ̃j	Xo tɔ̃j	Ka tɔ̃j	Kp tɔ̃j	In dɔ̃j	'verde, azul'
1034.	*(ẽ-)gɔro	Xo -	Ka ẽgɔro ~ ẽgɔfo	Kp -	In gɔr	'verdura, planta' 'campo' (In)
1035.	*kucũg	Xo kucũg	Ka kufũg	Kp kufũg ~ kotfũg	In {ku}cɔ	'vermelho'
1036.	*kɔ̃cɔg	Xo kucug	Ka kɔ̃ɔg	Kp -	In -	'vermelho escuro'
1036b.	*sɛ̃gdu	Xo -	Ka φɛ̃gdu	Kp pɛ̃gdu	In -	'vespa'
1037.	*tu	Xo tu	Ka tu	Kp -	In -	'vestir'
1038.	*ĩd dũda	Xo ẽd dũda	Ka ĩd dũda	Kp -	In ẽd dõda	'viga da casa'
1039.	*kato kãbũ	Xo kɔto kabũ	Ka kato kãbũ	Kp -	In -	'vir de encontro' (PL)

1040.	*kato kâtī (-g)	Xo koto katēg	Ka kato kâtīg	Kp -	In -	'vir de encontro' (SG)
1041.	*kâbũ	Xo kabũ	Ka kâbũ	Kp kabũ	In -	'vir' (PL), 'chegar' (PL), 'voltar' (PL)
1042.	*kâtī (-g, -j)	Xo katē (-g)	Ka kâtīg	Kp kētīg (-j)	In kuti	'vir' (SG), 'chegar' (SG), 'voltar' (SG)
1043.	*(s-, j-)akajēd	Xo (θ-)ɔkɔjād	Ka (j-)akajēd	Kp -	In -	'virar-se (para o outro lado)'
1044.	*kɔj {cej}	Xo ku {cej}	Ka kɔj	Kp -	In -	'víceras'
1045.	*we hɪr	Xo ve hɪr	Ka we hɪr	Kp -	In -	'visível'
1046.	*rĩr	Xo lël	Ka rĩr	Kp -	In -	'viver'
1047.	*tê {d ke}	Xo tã {d ge}	Ka tê	Kp tê	In -	'voar'
1048.	*cɔr	Xo cul	Ka ʃɔr	Kp -	In -	VOLITIVO 'querer'
1049.	*wɔdwɔd ke	Xo vɔdvɔl	Ka wɔdwɔd ke	Kp -	In -	'voltar, dar a volta'
1050.	*tũgtũ {w}	Xo tũgtũ	Ka tũgtũ	Kp tũgtũ {w}	In -	'vomitar'
1051.	*gig	Xo gig	Ka gig	Kp -	In -	'xaxim'

ANEXO P

Vocabulário comparativo de Ribeiro e Van der Voort (2010), envolvendo o Proto-Jabutí e o Proto-Jê.

A) Lista comparativa de prováveis cognatos das formas reconstruídas para o Proto-Jabutí com o Proto-Jê utilizados por Ribeiro e Van der Voort (2010) em seu estudo histórico-comparativo.

Nº	Proto-Jabutí	Proto-Jê	Glosa
1.	*i-	*ĩj-	'1ª pessoa'
2.	*a-	*a-	'2ª pessoa'
3.	*i-	*ĩ-	'3ª pessoa'
4.	*tõ	*tõ	'não'
5.	*tʃu, tʃutʃi	*j-um	'macho, pai'
6.	*ku	*ko	'árvore, madeira'
7.	*hã	*sĩ	'semente'
8.	*kə	*kĩ	'casca'
9.	*kə	*kĩ	'pele'
10.	*nĩ	*j-ĩ	'carne'
11.	*dʒi (ou *i)	*si	'osso'
12.	*(.)ẽ	*jɾɛ	'ovo'
13.	*tʃako	*j-arkua	'boca'
14.	*tʃo	*j-ua	'dente'
15.	*praj	*par	'pé'
16.	*nĩ.u	*j-ĩkra	'mão'
17.	*mə	*ma	'fígado'
18.	*ku	*ku	'comer'
19.	*ku	*ku	'morder'
20.	*mə	*ma	'ouvir'
21.	*mə	*ma	'saber'
22.	*nũtõ	*j-õt	'dormir'
23.	*kra	*kɛn	'pedra'
24.	*mĩ(ka)	*pĩka	'terra'
25.	*pitʃə(mrə)	*mrɔ	'cinza'
26.	*kra(j)	*kra	'filho'
27.	*tʃu	*j-u(r)	'pus'
28.	*tʃapa	*pa	'braço'
29.	*u	*so	'mamar, sugar, chupar'
30.	(*nã)	*j-ã	'sentar'
31.	*dʒi	*j-i	'colocar'

B) Lista comparativa de prováveis cognatos das formas reconstruídas para o Proto-Jabutí com itens lexicais de línguas Jê utilizados por Ribeiro e Van der Voort (2010) em seu estudo histórico-comparativo.

API – Apinajé

XAV – Xavánte

KAI – Kaingáng

SUY – Suyá

PRK – Parkatejê

Nº	Proto-Jabutí	Línguas Jê	Glosa
1.	<i>*māj</i>	API <i>mã</i> XAV <i>mã</i>	' <i>não</i> '
2.	<i>*mu</i>	API <i>mop</i>	' <i>yam</i> '
3.	<i>*nũ</i>	API <i>ɲ-õ</i>	' <i>comida</i> '
4.	<i>*pi</i>	KAI <i>-pe</i>	' <i>lavar</i> '
5.	<i>*tfo</i>	API <i>tʃ-wa</i>	' <i>to bathe</i> '
6.	<i>*tʃuwi</i>	SUY <i>pi</i>	' <i>ir</i> '
7.	<i>*dʒi</i>	PRK <i>tʃe</i>	' <i>mãe</i> '
8.	<i>*ũ</i>	API <i>ɲ-õ</i>	' <i>dar</i> '
9.	<i>*mo</i>	API <i>mər ~ mur</i>	' <i>chorar</i> '
10.	<i>*tōw</i>	API <i>ton</i>	' <i>armadilha</i> '
11.	<i>*nũrõ</i>	XAV <i>ɲ-õrõ</i>	' <i>cord, rope</i> '

C) Lista comparativa de prováveis cognatos de itens lexicais das línguas da família Jabutí com formas reconstruídas para o Proto-Jê.

DJE – Djeoromixí

ARI – Arikapú

Nº	Línguas Jabutí	Proto-Jê	Glosa
1.	DJE <i>mã</i>	* <i>mã</i>	'dativo'
2.	DJE <i>rari</i>	* <i>j-ar</i>	'wing'
3.	ARI <i>rẽ</i>	* <i>prɛ</i>	'ovo'
4.	ARI <i>rẽ</i>	* <i>prɛ</i>	'dançar, cantar'
5.	DJE <i>nũɛ</i>	* <i>j-õtɔ</i>	'língua'
6.	ARI <i>mrə</i>	* <i>mrɔ</i>	'ashes, dust'
7.	DJE <i>wa</i>	* <i>wí</i>	'to catch'
8.	API <i>ɲ-õ</i>	* <i>ũ</i>	'dar'

D) Lista comparativa de prováveis cognatos de itens lexicais das línguas da família Jabutí com línguas da família Jê.

DJE – Djeoromixí

ARI – Arikapú

API – Apinajé

KAI – Kaingáng

PRK - Parkatejê

Nº	Línguas Jabutí	Línguas Jê	Glosa
1.	DJE <i>mɛ</i>	API <i>mɛɲ</i>	'mel'
2.	ARI <i>nĩkra</i>	API <i>krat</i>	'hips'
3.	ARI <i>tʃarĩj</i>	KAI <i>jãra</i>	'saliva'
4.	ARI <i>ta-</i>	PRK <i>ta</i>	'3ª pessoa'

E) Lista comparativa de prováveis cognatos das formas reconstruídas para o Proto-Jabutí com línguas do tronco Macro-Jê.

MXK – Maxakalí

OFY – Ofayé

KRJ – Karajá

KNK – Krenák

RIK – Rikbáktsa

Nº	Proto-Jabutí	MXK	OFY	KRJ	KNK	RIK	Glosa
1.	*i-	ĩk-					'1ª pessoa'
2.	*a-	ã-	ε-	a-			'2ª pessoa'
3.	*i-	ĩ-		i-			'3ª pessoa'
4.	*tõ				nũŋ		'nãõ'
5.	*tʃu, tʃutʃi		fəw	dəbi			'macho, pai'
6.	*ku	kíp		kɔ			'árvore, madeira'
7.	*hã	xap	fa	dĩ	zam	zik	'semente'
8.	*kə	xax			kat		'casca'
9.	*kə	xax			kat		'pele'
10.	*nĩ	yĩn		dε	ɲik		'carne'
11.	*dʒi (ou *i)		hi	dɪ	ʒek		'osso'
12.	*(.)ē						'ovo'
13.	*tʃako		f-er				'boca'
14.	*tʃo	xox	fε	dʒ-u	zun		'dente'
15.	*praʒ	pata	ɸar	wa			'pé'
16.	*nĩ.u						'mão'
17.	*mə		ɸa	ba			'fígado'
18.	*ku						'comer'
19.	*ku						'morder'
20.	*mə	pak	ɸaj				'ouvir'
21.	*mə	pak	ɸaj				'saber'
22.	*nũtõ	yõn	j-õr				'dormir'
23.	*kra						'pedra'
24.	*mĩ(ka)						'terra'
25.	*pitʃə(mrə)						'cinza'
26.	*kra(j)			ra			'filho'
27.	*tʃu						'pus'
28.	*tʃapa		ɸε			-pa	'braço'

29.	*u	ʒɔp		dɔ	ʒɔp		'mamar, sugar, chupar'
30.	(*nã)	yĩm		dɔ			'sentar'
31.	*dzi			l-ɔdl			'colocar'

F) Após o estudo comparativo, Ribeiro e Van der Voort (2010) apresenta as correspondências fonológicas encontradas entre o Proto-Jabutí e o Proto-Jê:

Nº	Proto-Jabutí	Proto-Jê
1.	*p	*p
2.	*t	*t
3.	*k	*k
4.	*m	*m
5.	*n	*n
6.	*∅	*ŋ
7.	*r	*r
8.	*∅	*s
9.	*h	*s
10.	*tʃ	*j
11.	*n	*j
12.	*w	*w

Nº	Proto-Jabutí	Proto-Jê
1.	*i	*i
2.	*a	*i
3.	*u	*u
4.	*i	*e
5.		*ɔ
6.	*u	*o
7.	*ɛ	*ɛ
8.	ARI /i/	*ɜ
9.	DJE /ɛ/	*ɔ
10.	*a	*a
11.		*ẽ
12.	*ũ	*õ
13.	*ĩ	*ĩ
14.	*ã	*ã
15.	*ua	*o